

AGIR
NOW

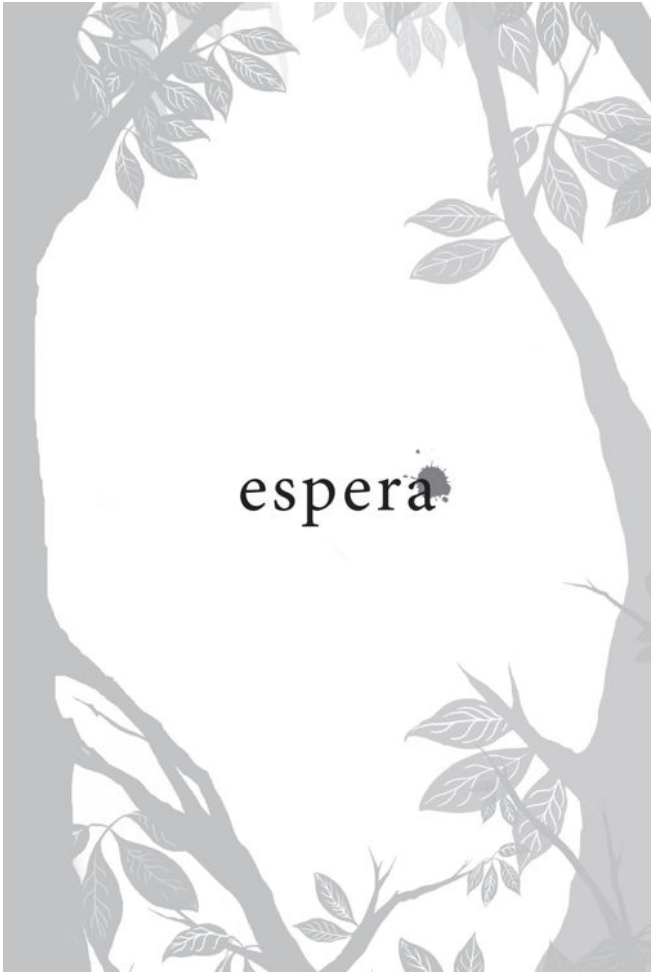
A detailed illustration of a grey and white wolf with striking red eyes, looking directly at the viewer. The wolf is framed by dark, silhouetted tree branches and leaves. The background is a soft, teal-colored forest scene. The overall mood is mysterious and intense.

espera

maggie stiefvater

O segundo volume da série
Os lobos de Mercy Falls





espera

espera

maggie stiefvater

Tradução
Regina Lyra

**AGIR
NOW**

Copyright © 2010 by Maggie Stiefvater

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela AGIR NOW, selo da EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Rua Nova Jerusalém, 345 — CEP 21042-235

Bonsucesso — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 3882-8200 fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
 Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S874e Stiefvater, Maggie, 1981-
Espera / Maggie Stiefvater ; tradução Regina Lyra. - Rio de Janeiro : Agir, 2011.
(Os lobos de Mercy Falls)

Tradução de: Linger
ISBN 978-85-220-1463-7

1. Lobo - Ficção. 2. Relação homem-animal
- Ficção. 3. Metamorfose - Ficção. 4. Sobrenatural
- Ficção. 5. Romance americano. I. Lyra, Regina. II. Título.

III. Série.

CDD: 813

SUMÁRIO

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

Capítulo 53

Capítulo 54

*Para Tess,
em parte pelas dicas inteligentes,
mas, principalmente, pelos fragmentos
entre elas*

AGRADECIMENTOS

Mais uma vez, não me sinto à altura de cumprir a tarefa de agradecer a todos os envolvidos na concepção de *Espera*. Tanta gente participou da criação de *Calafrio* e *Espera* que temo estar fadada a deixar alguém de fora.

Em primeiro lugar, preciso agradecer ao meu editor absolutamente incrível, David Levithan, que me ajudou a rir histericamente ao transformar *Espera* de um gato doméstico em tigre. Apreendi muito escrevendo este livro com você. Além disso, preciso agradecer a toda a equipe da Scholastic, pelo apoio incansável dado a mim e à série. Menções especiais são devidas a Tracy van Straaten (sempre teremos Chicago), Samantha Wolfert, Janelle DeLuise e Rachel Horowitz (o Leste Europeu é como uma massinha em suas mãos), Stephanie Anderson (minha intrépida editora de produção, por seu trabalho incansável nos livros) e Rachel Coun (membro fundador do fã-clube *Calafrio*). Eu faria uma lista de todos aqueles na Scholastic que me fizeram dar risada ou

me ajudaram a tornar os livros um sucesso, mas isso levaria o dia inteiro. Portanto, basta dizer: amo todos vocês.

Tenho de destacar Chris Stengel, o criador das capas. Chris, você é um deus gráfico e decidiu usar seus poderes para o bem. Obrigada por isso.

Minha agente, Laura Rennert, e sua cachorrinha, Lola, foram companheiras e ouvintes incansáveis, e, sem elas, nada teria sido possível.

Obrigada ainda a: Jennifer Laughran, pela NARKOTIKA; Marian, pelo chá com extrato de amêndoa; e Beau Carr, por gritar dos telhados. A todas as Gothic Girls, por restaurarem a minha sanidade. A Vera, pela exatidão acerca da dispersão do acetaminofeno. Aos alemães mortos, por escreverem uma poesia excelente.

Eu não teria escrito este livro sem a ajuda das minhas parceiras críticas, Tessa Gratton e Brenna Yovanoff. Sei que vocês estão em toda página de agradecimentos que escrevo, mas e daí? É verdade. Vocês podem rir maldosamente quando peço uma boia salva-vidas, mas sempre me atiram uma.

A minha família: Kate, você sabe que é minha primeira leitora e minha melhor amiga. Pai, você torna possível a lógica do lobisomem. Mãe, você sempre consegue saber, com exatidão, quando estou no meu limite. A Andrew, por me ajudar a descobrir o que deixava Cole ligado. Obrigada a Jack e a Karen, minha sogra.

E, finalmente, a Ed, sempre Ed. Tudo sempre retorna a você.

PRÓLOGO

GRACE

Esta é a história de um garoto que costumava ser lobo e de uma garota que estava começando a se transformar em um.

Poucos meses antes, era Sam a criatura mítica. Era dele a doença incurável. Era dele o adeus mais significativo. Ele tinha o corpo misterioso, demasiado estranho, maravilhoso e aterrador para ser entendido.

Mas chegou a primavera. Com o calor, os lobos remanescentes logo descartarão suas peles lupinas e voltarão a seus corpos humanos. Sam continua a ser Sam, Cole, a ser Cole; apenas eu não estou firme em minha pele.

No ano passado, era isso que eu queria. Tinha um monte de razões para desejar ser parte da alcateia que vive na floresta atrás da minha casa. Agora, porém, em vez de observar os lobos, esperando que um deles venha até mim, são eles que me observam, esperando que eu vá encontrá-los.

Seus olhos, olhos humanos em cabeças de lobo, me lembram a água: o azul-claro da água refletindo o céu da primavera, o marrom de um córrego agitado pela chuva, o verde do lago no verão, quando as algas começam a florescer, o cinza de um rio coberto de neve. Antes eram apenas os olhos amarelos de Sam que me observavam por entre as bétulas ensopadas de chuva, mas agora sinto o peso do olhar de toda a alcateia. O peso de coisas conhecidas, de coisas não ditas.

Os lobos na floresta são estranhos, agora que conheço o segredo do bando. Bonitos, sedutores, — mas ainda assim estranhos. Um passado humano desconhecido se esconde atrás de cada par de olhos. Sam é o único que um dia conheci de verdade, e o tenho a meu lado agora. É isso que quero, minha mão na mão dele e seu rosto colado ao meu pescoço.

Mas meu corpo me trai. Agora sou eu o desconhecido, a incógnita.

Esta é uma história de amor. Nunca imaginei que houvesse tantos tipos de amor nem que o amor pudesse levar alguém a fazer tantas coisas diferentes.

Nunca imaginei que houvesse tantas formas diferentes de dizer adeus.

CAPÍTULO 1

SAM

Mercy Falls, Minnesota, parecia diferente quando sabíamos que, pelo resto da vida, seríamos humanos. Antes, aquele era um lugar que existia apenas no auge do verão, com as calçadas de cimento e as folhas apontando para o sol, tudo cheirando a asfalto quente e a fumaça dos canos de descarga.

Agora, quando os ramos da primavera partilhavam babadinhos cor-de-rosa tão raramente vistos, Mercy Falls era o lugar ao qual eu pertencia.

Ao longo dos meses seguintes à perda da minha pele lupina, tentei aprender como ser novamente um rapaz. Consegui de volta meu velho emprego na livraria Crooked Shelf, cercado por palavras novas e pelo som de páginas sendo viradas. Troquei meu carro herdado, impregnado do cheiro de Beck e da minha vida com os lobos, por um Volkswagen Golf grande o suficiente para acomodar a mim, Grace e meu violão. Tentava não me encolher quando sentia uma brisa fria entrar por uma porta repentinamente aberta.

Tentava me lembrar de que não estava mais sozinho. À noite, Grace e eu entrávamos furtivamente em seu quarto e eu me enroscava em seu corpo, inspirando o aroma da minha nova vida e combinando as batidas do meu coração com as do dela.

Embora sentisse um aperto no peito ao ouvir o vento trazer o lento uivo dos lobos, eu ao menos tinha o bálsamo dessa vida simples e comum para me confortar. Podia antecipar vários Natais com a minha garota nos braços, assim como o privilégio de envelhecer nessa minha pele pouco conhecida. Eu sabia disso. Eu tinha tudo.

*Dom do tempo em mim guardado,
futuro logo desvendado*

Eu agora levava o violão para a livraria. Os negócios andavam parados, e as horas se passavam sem ninguém para me ouvir cantar para as paredes cheias de livros. O pequeno laptop que Grace comprara para mim se enchia lentamente de palavras. Cada nova data digitada no alto de uma página era uma vitória sobre o inverno que se despedia.

Aquele era um dia muito parecido com os anteriores, com as ruas amanhecendo molhadas de chuva e ainda desertas de consumidores. Pouco depois de abrir a loja, me surpreendi ao ouvir alguém entrar. Encostando o violão na parede atrás do meu banquinho, ergui os olhos.

— Oi, Sam — disse Isabel.

Era estranho vê-la sozinha, sem Grace por perto, e mais estranho ainda vê-la ali, na livraria, cercada pela realidade acolchoada da minha caverna de livros baratos. A perda do irmão no inverno anterior tornara sua voz mais dura, seus olhos mais aguçados do que quando a conheci. Ela me olhou — um olhar sagaz e indiferente, que fez com que eu me sentisse ingênuo.

— Quais são as últimas? — perguntou, sentando-se no banquinho vazio ao meu lado e cruzando as pernas compridas. Grace teria enroscado as pernas sob o tamborete. Isabel viu meu chá e tomou um gole antes de soltar um longo suspiro.

Olhei para o chá violado.

— Nada de interessante. Cortou o cabelo?

Seus cachos louros e perfeitos haviam sumido, substituídos por um estilo curto e severo que a deixou bonita e sofrida.

Isabel ergueu uma sobrancelha.

— Nunca imaginei que você fosse um fã do óbvio, Sam — disse ela.

— E não sou — contestei, empurrando o copinho de papel do chá intocado para que Isabel o bebesse. Era como se beber depois dela escondesse um grande significado. — Se fosse, eu teria dito: “Você não devia estar na escola?”

— *Touché* — disse Isabel, pegando minha bebida como se o tempo todo tivesse sido dela e relaxando com elegância no tamborete. Eu estava encurvado como um abutre no meu. O relógio de parede descartava, um a um, os segundos. Lá fora, pesadas nuvens brancas que ainda lembravam o inverno enchiam o céu. Observei uma gota de chuva escorrer pela vidraça e cair, congelada, na calçada. Minha mente divagou, indo do violão surrado ao meu exemplar de Mandelstam sobre o balcão (*O que farei com este corpo que me deram, tão meu, tão íntimo?*). Finalmente me inclinei e apertei o PLAY do sistema de som acomodado sob o balcão, restabelecendo a música ambiente.

— Tenho visto lobos perto da minha casa — disse Isabel, balançando o líquido no copinho. — Isto tem gosto de aparador de grama.

— Vai lhe fazer bem — falei. Eu adoraria que ela não tivesse tomado o chá. O líquido quente parecia uma rede de proteção

nesse tempo frio. Ainda que eu soubesse que já não precisava disso, tinha a impressão de ser mais consistentemente humano com o copinho na mão. — O quão perto da sua casa?

Ela deu de ombros.

— Do terceiro andar, posso vê-los na floresta. Evidentemente, não têm instinto de preservação, senão evitariam meu pai, que não morre de amores por eles.

Os olhos dela encontraram a cicatriz irregular no meu pescoço.

— Eu me lembro — falei. Isabel também não tinha motivos para gostar de lobos. — Se, por acaso, algum deles cruzar seu caminho como humano, me avise, certo? Antes que seu pai o empalhe e pendure no *foyer*. — Para amenizar o impacto, usei a palavra francesa.

O olhar desmoralizador de Isabel transformaria em pedra um homem menos destemido.

— Por falar em *foyer* — disse ela —, você agora está morando sozinho naquela casa enorme?

Não, não estava. Parte de mim sabia que eu deveria estar na casa de Beck, recebendo os outros membros da alcateia conforme se despedissem do inverno e retornassem à forma humana. Eu também deveria vigiar os quatro novos lobos que provavelmente se encontravam à beira da mudança. Porém, a outra parte odiava a ideia de permanecer por lá sem qualquer esperança de voltar a ver Beck.

De toda maneira, eu não estava em casa. Grace, sim.

— Estou — respondi a Isabel.

— Mentiroso — rebateu ela, com um sorriso insinuante. — Grace mente muito melhor que você. Me diga onde ficam os livros de medicina. Não me olhe com tanto espanto. Vim aqui por um motivo.

— Sei que você veio aqui por algum motivo — falei, apontando para o canto. — Só restava saber qual.

Isabel desceu do banco e tomou a direção que indiquei.

— Vim aqui porque tem coisas que a Wikipédia não resolve.

— Dá para escrever um livro sobre as coisas que não se pode encontrar na internet — confirmei, capaz de respirar novamente agora que ela se levantara. Comecei a dobrar um boleto bancário para transformá-lo num pássaro.

— Você que o diga — completou Isabel —, já que um dia foi uma criatura imaginária.

Fiz uma careta e continuei a dobrar o papel. O código de barras do boleto estampou uma das asas do pássaro com listras monocromáticas, fazendo com que a asa lisa parecesse maior. Peguei uma caneta, prestes a pautar a outra asa e torná-la perfeita, mas mudei de ideia na última hora.

— Afinal, o que você está procurando? Não temos muita coisa de medicina mesmo. É praticamente só autoajuda e coisas holísticas.

Isabel, agachada ao lado da estante, disse:

— Não sei. Vou saber quando vir. Como é o nome daquele... daquele tijoloço? Aquele que tem tudo que uma pessoa pode pegar de ruim?

— *Candide* — respondi. Mas, como não havia mais ninguém na loja para sacar a piada, fiz uma pausa e sugeri: — O *Manual Merck*?

— Esse mesmo.

— Não temos no estoque, mas posso encomendar — disse eu, sem precisar verificar para confirmar que estava certo. — Um novo não é barato, mas provavelmente posso achar para você um exemplar usado. Felizmente, as doenças não costumam mudar.

Passei um fio de linha nas costas do pássaro de papel e subi no balcão para pendurá-lo no teto.

— Um esforço exagerado, não é mesmo? A menos que você esteja pensando em ser médica.

— Ando refletindo a respeito — disse Isabel, num tom tão solene que não me dei conta de que estava me fazendo uma confidência até ouvir o sininho da porta indicar a entrada de outro freguês.

— Já estou indo — falei, ficando na ponta dos pés sobre o balcão a fim de passar a laçada da linha por cima da luminária do teto. — Avise, se precisar de alguma ajuda.

Embora tenha sido mínima a pausa que se seguiu, percebi que Isabel se calara, deixando-me um silêncio gritante. Baixei os braços, hesitante.

— Não pare por minha causa — disse o recém-chegado, num tom neutro e opressivamente profissional. — Eu espero.

Algo no seu tom de voz me levou a perder o gosto pela brincadeira, e então me virei e vi um policial de pé ao lado do balcão erguendo o olhar para mim. Do meu posto privilegiado, pude registrar tudo o que havia em seu cinto: arma, rádio, spray de pimenta, algemas, celular.

Quando se tem segredos, ainda que não sejam segredos de cunho ilegal, ver um policial no próprio ambiente de trabalho produz um efeito pavoroso.

Lentamente, desci por detrás do balcão e disse, com um gesto pouco entusiasmado na direção do meu pássaro:

— Não estava funcionando muito bem, de qualquer forma. Posso... Posso ajudar? — Hesitei ao perguntar, pois logo vi que ele não estava ali atrás de livros. Senti meu pulso, rápido e ruidoso, ecoar no meu pescoço. Isabel desaparecera e, para todos os fins, a loja parecia vazia.

— Na verdade, se você não estiver ocupado, eu gostaria de trocar uma palavrinha — disse o policial, educadamente. — Você é Samuel Roth, correto?

Assenti.

— Sou o oficial Koenig. Estou atuando no caso de Olívia Marx.

Olívia. Senti um aperto no estômago. Olívia, uma das maiores amigas de Grace, fora mordida contra a própria vontade no ano anterior e passara os últimos meses como loba no Bosque da Fronteira. A família achava que ela tinha fugido.

Grace devia estar ali. Se mentira fosse um esporte olímpico, ela ganharia medalha de ouro. Para alguém que odiava escrita ficcional, ela, com certeza, era uma maravilhosa contadora de histórias.

— Ah! — exclamei. — Olívia.

Fiquei nervoso pelo fato de o policial estar ali fazendo perguntas, mas, estranhamente, estava mais nervoso ainda por Isabel, que já sabia de toda a verdade, estar ouvindo. Podia imaginá-la agachada atrás de uma das estantes, erguendo zombeteiramente uma sobrancelha quando uma mentira saísse, transparente, dos meus lábios inexperientes.

— Você a conhece, correto? — O policial exibia uma expressão amistosa, mas quão amistoso podia ser alguém que terminava cada pergunta com *correto*?

— Ligeiramente — respondi. — Estive com ela algumas vezes na cidade, mas não frequentamos a mesma escola.

— Que escola você frequenta? — Mais uma vez, a voz dele soou perfeitamente agradável e natural. Tentei me convencer de que suas perguntas pareciam suspeitas apenas porque eu tinha algo a esconder.

— Fui educado em casa.

— Minha irmã também — disse Koenig. — Deixava a minha mãe doida. Mas, em compensação, você conhece Grace Brisbane, correto?

Outra vez aquele *correto*. Fiquei imaginando se ele estaria começando pelas perguntas cujas respostas já conhecia. Novamente tive a certeza aguda da presença de Isabel, ouvindo em silêncio.

— Conheço. Ela é minha namorada.

Talvez ele não tivesse essa informação e provavelmente não precisasse ter, mas eu queria que Isabel a ouvisse por algum motivo.

Fiquei surpreso ao ver Koenig sorrir.

— Dá para ver — disse ele.

Embora parecesse legítimo, seu sorriso me deixou tenso, pois eu não sabia se estava sendo manipulado.

— Grace e Olívia eram muito amigas — prosseguiu Koenig. — Você pode me dizer quando foi a última vez que viu Olívia? Não preciso de uma data precisa, mas o mais próximo possível já seria de enorme ajuda.

Então ele abriu um caderninho azul e preparou-se para escrever nele com uma caneta.

— Hum... — refleti. Eu vira Olívia, com o pelo branco salpicado de neve, poucas semanas antes. Não achei, porém, que essa informação fosse muito útil para Koenig. — Vi Olívia no centro. Para ser mais exato, aqui mesmo, em frente à loja. Grace e eu estávamos passando tempo, e Olívia apareceu com o irmão. Mas isso deve fazer meses. Novembro? Outubro? Um pouquinho antes de ela sumir.

— Você acha que Grace a viu há menos tempo?

Tentei encarar o olhar dele.

— Tenho certeza de que essa foi a última vez que ela viu Olívia também.

— É um bocado difícil para um adolescente se virar sozinho, seja rapaz ou moça — disse Koenig, e dessa vez tive certeza de que ele

sabia de tudo a meu respeito e de que o significado de suas palavras fora calculado sob medida para mim, à deriva sem Beck. — Um bocado difícil para um fujão. Existem muitos motivos para um adolescente fugir, e a julgar pelo que ouvi dos professores e parentes de Olívia, talvez a depressão tenha influenciado. Muitas vezes, os adolescentes fogem porque precisam se afastar de casa, mas não sabem sobreviver no mundo lá fora. Por isso, às vezes a fuga não os leva além de uma outra casa da vizinhança. Às vezes...

Eu o interrompi antes que ele pudesse ir além.

— Policial... Policial Koenig? Sei o que o senhor está querendo dizer, mas Olívia não está na casa de Grace. Grace não anda fornecendo comida para ela nem a ajudando de outra maneira. Quem dera, para o bem de Olívia, que a resposta fosse simples assim. E para o bem de Grace, também. Eu adoraria dizer ao senhor que sei exatamente onde Olívia está. Mas também nós nos perguntamos quando será que ela vai voltar, exatamente como o senhor.

Perguntei-me se era assim que Grace compunha suas mentiras mais úteis: transformando-as em algo em que ela própria acreditasse.

— Eu precisava perguntar, entende?

— Sei disso.

— Bem, obrigado pelo seu tempo e, por favor, me avise se souber de alguma coisa. — Koenig já ia se virando quando parou. — O que você sabe sobre a floresta?

Congelei. Eu era um lobo imóvel escondido entre as árvores, rezando para não ser visto.

— Como assim? — perguntei baixinho.

— A família de Olívia disse que ela tirou um monte de fotos dos lobos na floresta e que Grace também se interessa por eles. Você compartilha desse interesse?

Só pude assentir atônito.

— Você acha que existe alguma possibilidade de ela tentar se virar por lá, em vez de fugir para outra cidade?

O pânico agigantou-se em minha mente quando imaginei a polícia e a família de Olívia investigando hectares e mais hectares de floresta, buscando junto às árvores e no abrigo da alcateia indícios de vida humana. E possivelmente encontrando. Tentei manter minha voz tranquila.

— Olívia nunca me deu a impressão de ser do tipo que gosta de ficar ao ar livre. Eu realmente duvido muito.

Koenig assentiu, como se concordasse consigo mesmo.

— Bem, obrigado de novo — agradeceu.

— De nada — respondi. — Boa sorte.

A porta *tilintou* às suas costas. Assim que vi o carro de polícia se afastar, descansei os cotovelos no balcão e pus o rosto entre as mãos. *Meu Deus!*

— Belo trabalho, menino maravilha — disse Isabel, surgindo do meio dos livros de não ficção e fazendo com os pés um barulho no carpete. — Quase não deu para ver que você é um psicótico.

Não respondi. Todas as perguntas que o policial me fizera fervilhavam em minha cabeça, me deixando mais nervoso do que na sua presença. Ele podia ter me perguntado sobre o paradeiro de Beck. Ou se eu ouvira falar de três jovens desaparecidos no Canadá. Ou se eu sabia de algo sobre a morte do irmão de Isabel Culpeper.

— Qual é o seu problema? — perguntou Isabel, bem mais próxima dessa vez. Pousou uma pilha de livros sobre o balcão com o cartão de crédito por cima. — Você agiu perfeitamente bem. Isso aí é investigação de rotina. Ele não está desconfiado de verdade. Nossa, sua mão está tremendo!

— Eu daria um péssimo criminoso — respondi. Porém, não era por isso que minhas mãos tremiam. Se Grace estivesse ali, eu teria

lhe dito a verdade: eu não falava com um policial desde que meus pais haviam sido presos por cortarem meus pulsos. À mera visão de Koenig, mil coisas nas quais eu não pensava havia anos foram desenterradas.

A voz de Isabel destilava desdém:

— Ainda bem, porque você não está cometendo nenhum crime. Chega de histeria. Faça seu trabalho de balconista. Preciso do recibo.

Registrei no caixa os livros e os pus numa sacola, olhando para a rua vazia de vez em quando. Minha cabeça era uma mistura confusa de uniformes policiais, lobos na floresta e vozes que eu não ouvia há décadas.

Quando entreguei a sacola a Isabel, as antigas cicatrizes nos meus pulsos latejavam com lembranças sepultadas.

Durante um instante, tive a impressão de que Isabel ia dizer algo mais, mas ela apenas balançou a cabeça e concluiu:

— Tem gente que não nasceu para enganar. A gente se vê, Sam.

CAPÍTULO 2

COLE

Eu não pensava em outra coisa a não ser nisto: permanecer vivo. E não pensar em nada além disso, diariamente, era uma bênção. Nós, lobos, corríamos por entre os pinheiros esparsos, nossas patas leves sobre o solo úmido saudoso da neve. Andávamos tão próximos — nossos corpos se roçando, saltando uns sobre os outros como peixes num rio —, que não dava para dizer onde começava um lobo e terminava outro.

O limo grudado na terra nua e os sinais nas árvores nos orientavam na floresta. Eu podia sentir o crescente cheiro de podre emanar do lago antes de ouvir o ruído da água. Um dos outros lobos enviou um flash de imagem: patos deslizando suavemente na fria superfície azul do lago. E, de um segundo lobo, veio mais uma: uma corça e seu filhote, sobre pernas trêmulas, a caminho da água para matar a sede.

Para mim, nada havia além desse momento, dessas imagens trocadas e desse vínculo silencioso, potente.

Então, pela primeira vez em vários meses, me lembrei de repente de que, um dia, tivera dedos.

Vacilei, me afastando da alcateia, meu corpo corcoveando e se contorcendo. Os lobos se viraram, alguns dando meia-volta para me encorajar a permanecer no bando, mas não pude fazê-lo. Contorci-me no solo, as folhas viscosas da primavera grudadas ao meu pelo, e o calor do dia coagulado em minhas narinas.

Meus dedos reviraram a terra negra e fresca, que se incrustou debaixo de unhas repentinamente curtas demais para me defender e que sujou os olhos que agora enxergavam cores brilhantes.

Eu era novamente Cole, e a primavera chegara cedo demais.

CAPÍTULO 3

ISABEL

O dia em que o policial visitou a livraria foi a primeira vez que ouvi Grace reclamar de dor de cabeça, o que provavelmente não soaria tão digno de nota se, desde que a conheci, eu jamais a tivesse ouvido mencionar incômodo algum além de um resfriado. Ao mesmo tempo, eu era uma espécie de especialista em dores de cabeça. Para mim, tratava-se de um hobby.

Depois de observar Sam em seu *pas de deux* desajeitado com o tira, voltei para a escola, que a essa altura da minha vida se tornara meio redundante. Os professores não sabiam direito o que fazer comigo, divididos entre minhas notas altas e minha lamentável assiduidade, razão pela qual eu costumava me dar bem. Nosso acordo incômodo consistia basicamente no seguinte: eu frequentava as aulas, e eles me deixavam fazer o que bem entendesse, desde que eu não corrompesse os demais alunos.

Por isso, a primeira coisa que fiz quando cheguei para a aula de Arte Digital foi ligar obedientemente o meu computador e,

desobedientemente, tirar da sacola os livros que comprara de manhã. Um deles era uma enciclopédia de doenças ilustrada — grossa, cheirando a pó e publicada em 1986. O troço devia ser um dos primeiros livros adquiridos pela Crooked Shelf. Enquanto o sr. Grant explicava o que esperava de nós, folheeí aquele tijolão atrás das imagens mais grotescas. Havia uma de alguém com porfíria, outra de um paciente com dermatite seborreica, além da foto de nematoides em ação que, para minha surpresa, me revirou o estômago.

Então, passei para a letra M. Meus dedos deslizaram página abaixo até *meningite bacteriana*. Meu nariz ardia enquanto eu lia o item inteiro. Causas. Sintomas. Diagnóstico. Tratamento. Prognósticos. Taxa de mortalidade na meningite bacteriana não tratada: 100%. Taxa de mortalidade na meningite bacteriana tratada: 10% a 30%.

Eu não precisava consultar, já conhecia as estatísticas. Podia ter recitado de cor o verbete todo. Sabia mais do que essa enciclopédia publicada em 1986, pois também lera todos os trabalhos existentes na internet que falavam dos mais novos tratamentos e de casos incomuns.

A cadeira ao meu lado rangeu quando alguém se sentou. Não precisei me dar o trabalho de fechar o livro quando ela se acomodou. Grace usava sempre o mesmo perfume. Ou, conhecendo Grace, o mesmo xampu.

— Isabel — disse ela numa voz relativamente baixa. Os outros alunos conversavam agora sobre o projeto em andamento. — Isso é definitivamente mórbido, até para você.

— Corta essa — respondi.

— Você precisa de terapia — emendou ela, mas num tom leve.

— Já estou fazendo. — Ergui os olhos para Grace. — Só quero saber como funciona a meningite. Não acho que seja mórbido.

Você não quer saber como o probleminha de Sam foi resolvido?

Grace deu de ombros e se remexeu na cadeira giratória, o cabelo louro-escuro emoldurando as bochechas coradas, o olhar fixo no chão. Parecia sem graça.

— Já acabou.

— Claro — disse eu.

— Se você está a fim de destilar mau humor, não vou sentar ao seu lado — avisou Grace. — Aliás, não estou me sentindo bem. Devia ter ficado em casa.

— Eu acabei de dizer “claro”. Isso não é mau humor, Grace. Acredite, se você quiser que eu ponha pra fora...

— Mocinhas? — O sr. Grant surgiu ao meu lado e olhou para a minha tela em branco e para a tela desligada de Grace. — Pelo que sei, isto aqui é uma aula de Arte Digital, e não uma confraternização.

Grace ergueu os olhos para ele com seriedade:

— Será que posso ir até a enfermaria? Minha cabeça... Acho que estou com sinusite ou algo do gênero.

O sr. Grant olhou para as bochechas rosadas e para a expressão melancólica de Grace e concordou com a cabeça.

— Me traga um bilhete da enfermaria — acrescentou ele, depois de Grace lhe agradecer e se levantar. A mim ela não disse nada ao sair; apenas deu uma batidinha nas costas da minha cadeira com as juntas dos dedos.

— E você... — começou o sr. Grant, baixando o olhar para a enciclopédia e a página ainda aberta e interrompendo o que ia dizer. Apenas assentiu, como se para si mesmo, e se afastou.

Voltei para o meu estudo extracurricular sobre morte e doenças, pois, independentemente do que pudesse pensar Grace, eu sabia que, em Mercy Falls, isso não termina jamais.

CAPÍTULO 4

GRACE

Quando Sam voltou da livraria no final do dia, eu fazia resoluções de Ano-novo na mesa da cozinha.

Eu estivera fazendo isso desde os nove anos. Todo Natal, eu me sentava à mesa da cozinha, sob a luz amarela mortiça, curvada num suéter de gola rulê por causa da corrente de ar que passava pela porta de vidro que dava para a varanda. Então, redigia minhas metas para o ano num caderno preto que me dei de presente. E todo ano, na véspera de Natal, eu me sentava no mesmo lugar e abria exatamente o mesmo caderno numa nova página, anotando as minhas realizações nos 12 meses anteriores. Todo ano, as duas listas eram idênticas.

No último Natal, porém, eu não tomara resolução alguma. Passara o mês tentando não olhar para a floresta do outro lado da porta de vidro, tentando não pensar nos lobos e em Sam. Sentar à mesa da cozinha e planejar o futuro tinha soado, mais que qualquer outra coisa, como um engodo cruel.

Mas agora que eu tinha Sam e um novo ano, o caderninho preto, acomodado na prateleira ao lado dos meus livros e trabalhos da escola, me assombrava. Eu sonhava em me sentar à mesa da cozinha envergando um suéter de gola rulê, sonhos nos quais eu anotava incessantemente minhas resoluções sem jamais encher a página.

Hoje, enquanto eu esperava pela chegada de Sam, não consegui suportar. Peguei o caderno na prateleira e rumei para a cozinha. Antes de me sentar, tomei mais dois analgésicos. Os dois que a enfermeira da escola me dera mais cedo haviam acabado com a dor de cabeça, mas eu queria garantir que ela não voltasse. Tinha acabado de acender a luminária em forma de flor acima da mesa e de apontar meu lápis quando o telefone tocou. Me levantei e estiquei o braço sobre a bancada para atender.

— Alô?

— Oi, Grace.

Levei um instante para me dar conta de que era a voz do meu pai. Não estava habituada a ouvi-la, comprimida e imprecisa, do outro lado da linha.

— Aconteceu alguma coisa? — indaguei.

— O quê? Não, está tudo bem. Só liguei para avisar que sua mãe e eu vamos chegar por volta das 21h, depois de ir à casa de Pat e Tina.

— *Falou* — respondi. Eu já sabia. Mamãe havia me dito de manhã, quando nos despedimos, eu de saída para a escola, ela, para o estúdio.

Uma pausa.

— Você está sozinha?

Então *esse* era o motivo do telefonema. Por alguma razão, a pergunta me causou um aperto na garganta.

— Não, o Elvis está aqui. Quer falar com ele?

Papai reagiu como se eu não tivesse respondido.

— O Sam está aí?

Me deu vontade de dizer que sim, só para ver o que ele diria, mas acabei dizendo a verdade, com uma voz estranha e defendida.

— Não. Estou fazendo meu dever de casa.

Embora mamãe e papai soubessem que Sam era meu namorado — Sam e eu não escondíamos nosso relacionamento —, eles ainda desconheciam o que estava realmente acontecendo. Achavam que eu dormia sozinha todas as noites que Sam passava comigo. Não faziam ideia das minhas expectativas quanto ao futuro. Pensavam que se tratava de um mero relacionamento adolescente, inofensivo e fadado a acabar. Não que eu quisesse esconder deles, mas, no momento, esse desconhecimento tinha algumas vantagens.

— Muito bem — disse papai. Uma aprovação muda coloriu sua resposta, aprovação por eu estar sozinha com o dever de casa. Era isso que as Graces faziam à noite, e Deus me livre de quebrar tal impressão. — Programando uma noite calma?

Ouvi a porta da frente se abrir e os passos de Sam no corredor.

— É — assenti, enquanto ele entrava na sala, segurando o violão.

— Ótimo. A gente se vê mais tarde, então. Bom estudo.

Desligamos ao mesmo tempo. Observei enquanto Sam silenciosamente despia o casaco e se dirigia direto para o escritório.

— Oi, maior! — saudei, quando ele voltou com o violão sem a caixa. Sorriu para mim, mas a pele ao redor dos seus olhos estava rígida. — Você parece tenso.

Desabou no sofá, meio sentado, e pôs os dedos nas cordas do violão. Um acorde dissonante se fez ouvir.

— A Isabel esteve na loja hoje — disse ele.

— Sério? Querendo o quê?

— Uns livros, só isso. E me dizer que tem visto lobos perto de casa.

Minha mente na mesma hora focalizou o pai dela e a caça aos lobos que ele liderou atrás da minha casa. Pela expressão preocupada de Sam, vi que seus pensamentos refletiam os meus.

— Isso não é nada bom.

— Não — concordou ele. Seus dedos se moviam, inquietos e sem esforço, sobre as cordas do violão, tirando instintivamente delas um belo acorde. — Nem o tira que apareceu por lá.

Pousei o lápis e me inclinei sobre a mesa para me aproximar de Sam.

— *O quê?* O que um tira poderia querer?

Sam hesitou.

— Olívia. Ele queria saber se, na minha opinião, ela pode estar vivendo na floresta.

— O quê? — indaguei de novo, sentindo um arrepio. Não havia como alguém adivinhar isso, sem chance. — Como é que ele sabia?

— Ele não achou que ela fosse um lobo, é óbvio, mas suponho que imaginou que nós podíamos estar escondendo seu paradeiro, ou que ela estivesse morando por perto e a gente a ajudasse, algo no gênero. Eu disse que ela nunca me pareceu gostar de ficar ao ar livre, então ele agradeceu e foi embora.

— Uau!

Encostei-me na cadeira e pensei. O surpreendente é que não tivessem interrogado Sam antes. Eles já haviam falado comigo logo depois da “fuga” de Olívia e provavelmente só agora tinham feito a ligação entre mim e Sam. Dei de ombros.

— Eles só estão sendo rigorosos. Acho que não há motivo para preocupação, quer dizer, ela aparece quando aparecer, certo? Quando tempo você acha que vai levar até os novos lobos começarem a virar humanos de novo?

Sam não respondeu de imediato.

— No início, eles não vão permanecer humanos. Serão totalmente instáveis. Depende do calor do dia. Varia de pessoa para pessoa, também, às vezes muito. É igual ao que acontece quando, no mesmo dia, tem gente de suéter e de camiseta, todos numa boa. Reações diferentes para a mesma temperatura. Mas eu acho possível que alguns já tenham voltado a ser humanos este ano.

Imaginei Olívia correndo pela floresta em seu novo corpo de loba, antes de me concentrar novamente no que Sam estava dizendo.

— Sério? Já? Quer dizer que ela pode ter sido vista?

Sam fez que não com a cabeça.

— Com este clima, ela será humana apenas durante alguns minutos. Duvido que tenha sido vista. É só... É só um ensaio geral para depois.

Então, ele ficou alheio, os olhos em algum lugar distante. Talvez recordasse o que viveu no passado, quando era um lobo recente. Sem querer, estremeci. Pensar em Sam e em seus pais sempre mexia comigo. Um friozinho desagradável brotou no meu estômago até Sam voltar a dedilhar o violão. Durante vários minutos, ele passeou os dedos para cima e para baixo nas cordas, e, quando ficou claro que não voltaria a falar tão cedo, desviei a atenção para as minhas resoluções. No entanto, minha cabeça não estava de fato ali. Em vez disso, explorava a ideia do pequeno Sam se transformando sem parar enquanto os pais assistiam horrorizados. Rabisquei um retângulo em 3D no canto da folha.

Finalmente, Sam disse:

— Está fazendo o quê? Parece perigosamente criativo.

— Levemente criativo — respondi. Olhei para ele, com a sobrelance erguida, até receber de volta um sorriso. Dedilhando um acorde, ele cantou:

— *Será que Grace se livrou dos números para se dedicar às letras?*

— Isso aí nem rima.

— *Abandonou a álgebra e resolveu passar aos verbos?* — concluiu Sam.
Fiz uma careta.

— *Letras e verbos não rimam. Estou anotando minhas resoluções de Ano-novo.*

— Rimam, *sim* — insistiu ele.

Sem largar o violão, Sam sentou-se à mesa diante de mim — o violão fez um barulho grave e musical ao bater de leve na quina da mesa — e acrescentou:

— Vou assistir. Nunca na vida listei resoluções. Gostaria de ver como se dá o processo de organização.

Virando para si o caderno e abrindo-o em cima da mesa, ele franziu as sobrancelhas.

— O que é isto? — perguntou. — “Resolução número três: *escolher uma faculdade.*” Você já escolheu uma *faculdade*?

Puxei o caderno de volta para mim e virei rapidamente a página.

— Não escolhi, não. Perdi a concentração por causa desse gato que virava lobo. Este foi o primeiro ano em que não realizei todas as minhas resoluções, e a culpa é toda sua. Preciso entrar na linha de novo.

Com o sorriso levemente desvanecido, Sam empurrou a cadeira ruidosamente para trás e apoiou o violão contra a parede. Na bancada, ao lado do telefone, pegou uma caneta e uma ficha pautada.

— Muito bem, então. Anotemos novas resoluções.

Escrevi *Arrumar um emprego*. Ele escreveu *Continuar adorando o meu*. Escrevi *Permanecer apaixonada*. Ele, *Permanecer humano*.

— Porque eu sempre estarei apaixonado — disse ele, olhando para a ficha em vez de olhar para mim.

Continuei a encará-lo, os olhos dele escondidos atrás dos cílios até que tornasse a erguê-los para mim.

— Então você vai escrever novamente *Escolher uma faculdade*? — indagou.

— E você? — perguntei de volta, mantendo um tom despreocupado.

A pergunta soou carregada — pela primeira vez, tangenciávamos uma conversa que realmente abordava a questão de como seria a vida do lado de cá do inverno, agora que Sam podia viver uma existência real. A faculdade mais próxima de Mercy Falls ficava em Duluth, a uma hora de distância, e todas as minhas outras opções, pré-Sam, eram ainda mais distantes.

— Perguntei primeiro.

— Claro — respondi, parecendo sôfrega em vez de despreocupada. Rabisquei *Escolher uma faculdade* numa caligrafia totalmente diferente da que aparecia no restante da lista. — E você?

Meu coração começou, inesperadamente, a bater forte, quase em pânico.

Em lugar de responder, porém, Sam se levantou e foi até a cozinha. Me virei para observá-lo pôr uma chaleira no fogo e, em seguida, pegar duas canecas no armário em cima do fogão. Por algum motivo, a familiaridade com esse movimento natural me encheu de afeto. Lutei contra o impulso de me levantar e abraçá-lo por trás.

— Beck queria que eu estudasse Direito — disse Sam, acariciando a beirada da minha caneca favorita. — Ele não me disse isso diretamente, mas ouvi quando disse a Ulrik.

— É difícil imaginar você como advogado — comentei.

Sam deu um sorriso autodepreciativo e balançou a cabeça:

— Também não me imagino como advogado. Não me imagino como coisa alguma por enquanto, para falar a verdade. Sei que parece... Parece horrível, falta de ambição. — Mais uma vez, ele

franziu as sobrancelhas, pensativo. — Mas a ideia de um futuro é realmente nova para mim. Até este mês, nunca pensei que pudesse fazer faculdade. Não quero apressar as coisas.

Provavelmente continuei a encará-lo, pois ele acrescentou, apressadamente:

— Mas não quero que você fique esperando, Grace. Não quero impedir que você siga adiante porque não consigo me decidir.

Sentindo-me infantil, disse:

— Podemos ir para o mesmo lugar.

A chaleira no fogo apitou. Sam apagou o fogo enquanto dizia:

— Algo me diz que vai ser difícil encontrar uma faculdade ideal para um gênio promissor da matemática e para um rapaz apaixonado por poesia melancólica. Mas suponho que seja possível. — Ele olhou pela janela da cozinha para a floresta cinzenta e gelada. — Só não sei se vou mesmo poder partir. Independente do dia. Quem vai tomar conta do bando?

— Achei que fosse para isso que servissem os novos lobos — interrompi. As palavras soaram estranhas na minha boca. Insensíveis. Como se a dinâmica do bando fosse algo artificial, engendrado, o que, naturalmente, não correspondia à verdade. Ninguém sabia como eram os novatos. Exceto Beck, é claro, mas ele não podia falar.

Sam esfregou a testa e apertou a palma da mão contra os olhos. Ele fazia isso um bocado desde que voltara.

— É, sei disso. Sei que é para isso que eles servem.

— Ele gostaria que você fosse — insisti. — E continuo achando que podemos ir para a mesma faculdade.

Sam olhou para mim, os dedos ainda apertando as têmporas como se tivesse se esquecido de onde eles estavam.

— Seria ótimo. — Fez uma pausa. — Eu realmente gostaria... Gostaria de conhecer os novos lobos e de ver que tipo de gente eles

são. Vou me sentir melhor depois. Talvez, então, eu possa partir. Depois de me certificar de que tudo está sob controle.

Risquei com uma linha tremida *Escolher uma faculdade*.

— Vou esperar por você.

— Não para sempre — disse Sam.

— Não. Se você se tornar inútil, vou sem você. — Bati com o lápis nos dentes. — Acho que devíamos dar uma procurada pelos novos lobos amanhã. E pela Olívia. Vou ligar para Isabel e perguntar sobre os lobos que ela viu na floresta perto da casa dela.

— Ótima ideia — concordou Sam.

Voltando à própria lista, ele acrescentou alguma coisa. Em seguida, sorriu para mim e virou a ficha para que eu pudesse ler.

Ouvir o que Grace diz.

SAM

Mais tarde, pensei nas coisas que podia ter acrescentado à lista de resoluções, coisas que eu queria antes de me dar conta do que significava, em termos de futuro, ser um lobo. Coisas do tipo *Escrever um romance*, *Descobrir uma banda*, *Conseguir um diploma em tradução de poesia obscura* e *Dar a volta ao mundo*. Parecia indulgente e fantasioso considerar essas coisas agora, depois de dizer a mim mesmo durante tanto tempo que elas eram impossíveis.

Tentei me imaginar preenchendo o formulário de admissão de uma universidade. Redigindo uma sinopse. Grudando um aviso de PROCURA-SE BATERISTA no quadro de cortiça em frente à caixa de correio de Beck. As palavras dançaram na minha cabeça, estonteantes em sua repentina proximidade. Eu queria adicioná-las à minha lista de resoluções, mas... eu simplesmente não podia.

Naquela noite, enquanto Grace tomava banho, peguei a ficha e olhei novamente para ela. Então escrevi:

Acreditar na minha cura.

CAPÍTULO 5

COLE

Eu era humano.

Meus olhos lacrimejavam, eu me sentia exausto e confuso. Não sabia onde estava. Sabia que havia perdido mais tempo desde a última vez em que estivera acordado. Devia ter voltado a virar lobo. Gemendo, virei de barriga para cima e abri e fechei os punhos, testando minha força.

A floresta de manhã cedinho era absolutamente gélida, a bruma pairando no ar, colorindo tudo de ouro claro. Perto de mim, os troncos úmidos dos pinheiros se destacavam na névoa, negros e solenes. Alguns passos adiante, tornavam-se azul pastel e depois sumiam por completo na névoa branca.

Eu estava deitado na maldita lama. Sentia meus ombros empapados por ela, já seca. Quando ergui a mão para limpar a pele, meus dedos também se achavam envoltos naquilo — uma argila fina, anêmica, parecida com cocô de bebê. Minhas mãos fediam como o lago, e, sem dúvida, era possível ouvir a água

quebrando lentamente muito próxima ao meu lado esquerdo. Estendi a mão, encontrei mais lama e depois senti a água molhar a ponta dos meus dedos.

Como eu chegara ali? Me lembrava de ter corrido com o bando e de ter me transformado em humano, mas não conseguia me lembrar de ter vindo parar na margem do lago. Devia ter me transformado de novo. Em lobo, e depois em humano. A lógica disse — ou melhor, a falta de lógica — era de enlouquecer. Beck havia me dito que as transformações acabariam ficando mais controladas. Mas onde estava o controle?

Fiquei ali deitado, os músculos começando a tremer, o frio me pinicando a pele, e percebi que logo me transformaria novamente num lobo. Meu Deus, eu estava cansado. Esticando as mãos trêmulas acima da cabeça, fiquei maravilhado com a pele macia e sem marcas dos meus braços, a maioria das cicatrizes da minha vida anterior ausente. Eu estava renascendo a intervalos de cinco minutos.

Ouvi, próximo a mim, um movimento na floresta, e então virei o rosto, com a bochecha encostada à terra, para verificar se havia alguma ameaça à vista. Bem pertinho, um lobo branco me observava meio escondido atrás de uma árvore, seu pelo tingido de dourado e de cor-de-rosa sob o sol nascente. Os olhos verdes, estranhamente pensativos, encontraram os meus durante um longo momento. Alguma coisa sobre o jeito como ele me olhava me soou estranha. Olhos humanos que não julgavam nem mostravam inveja, pena ou raiva, apenas uma ponderação silenciosa.

Eu não soube dizer como isso me afetava.

— Está olhando o quê? — rosnei.

Sem um único som, o lobo deslizou para dentro da bruma.

Meu corpo deu um salto involuntário, e minha pele se contorceu para tomar uma nova forma.

EU NÃO SABIA QUANTO TEMPO passara como lobo nesse carrossel. Teriam sido minutos? Horas? Dias? A manhã já estava terminando. Não me sentia humano, mas também não me sentia lobo. Eu me encontrava suspenso em algum lugar a meio caminho, minha cabeça alternando das lembranças para o presente e de volta para as lembranças, o passado e o presente igualmente vívidos.

De alguma forma, meu cérebro saltou do meu décimo sétimo aniversário para a noite em que meu coração parou de bater no Club Josephine. E foi ali que ele ficou. Não era uma noite que eu escolheria para reviver.

Este era eu antes de virar lobo: Cole St. Clair, a NARKOTIKA em pessoa.

Do lado de fora, a noite de Toronto estava fria o bastante para congelar poças e sufocar alguém com seu próprio hálito frígido, mas dentro do depósito que era o Club Josephine fazia tanto calor quanto no inferno, e lá em cima estaria ainda mais quente devido à multidão.

E que multidão!

O dinheiro era bom, mas se tratava de um show que eu nem queria fazer. Naquela época não havia, na verdade, nada de outro tipo. Todos se embaralhavam até que tudo de que eu me lembrava era de shows em que eu estava doidão, shows em que eu não estava doidão e shows em que eu precisava fazer xixi o tempo todo. Mesmo enquanto estava no palco, eu perseguia alguma coisa — uma noção de vida e de fama que imaginara para mim aos 17 anos —, mas estava perdendo o interesse em efetivamente encontrá-la.

Eu ia entrando com o meu teclado quando uma garota que chamava a si mesma de Jackie nos deu umas pílulas que eu nunca vira antes.

— Cole — sussurrou ela no meu ouvido, como se me conhecesse, em vez de apenas saber meu nome. — Cole, isto vai levá-lo a lugares em que você nunca esteve.

— Benzinho — respondi, mudando o equipamento de posição para não bater com ele no labirinto de paredes sob a pista de dança —, é preciso muito para isso acontecer hoje em dia.

Ela sorriu, os dentes tingidos de amarelo sob a luz opaca, como se soubesse de algum segredo. Cheirava a limão.

— Não se preocupe. Sei do que você precisa.

Quase caí na gargalhada, mas, em vez disso, me afastei, abrindo caminho com os ombros para passar por uma porta entreaberta. Olhei por cima do cabelo mechado de Jackie e gritei:

— Vic, vamos! — Então baixei os olhos para ela. — *Você tomou isso?*

JACKIE CORREU UM DEDO PELO meu braço, subindo até a manga apertada da camiseta.

— Eu estaria fazendo mais do que sorrir para você se tivesse tomado.

Estendi a mão e toquei a dela, batendo de leve até que ela entendesse o que eu queria e abrisse a mão. Estava vazia, mas ela tirou do bolso da calça jeans uma bola de papel embrulhada em plástico. Dentro, vi uma coleção de pílulas verde-limão, cada uma com dois *Ts* carimbados. Tirariam dez em aparência, mas quem saberia dizer que diabos era aquilo?

No meu bolso, o celular apitou. Normalmente eu deixaria cair na caixa postal, mas Jackie, a dois milímetros de mim, respirando o meu ar, me incentivou a interromper a conversa. Pesquei o celular no bolso e o grudei no ouvido.

— Fala.

— Cole, ainda bem que peguei você. — Era Berlin, o meu agente. Sua voz soava rascante e rápida como sempre. — Ouça isto: “NARKOTIKA toma a cena à força com seu último disco, *13all*. Cole St. Clair, o líder brilhante mas frenético que muitos julgam estar perdendo a mão”, desculpe, cara, é o que diz aqui, “volta mais forte que nunca nesse novo lançamento, provando que o seu primeiro, aos 16 anos, não foi um acaso. Os três...” Está me ouvindo, Cole?

— Não — respondi.

— Mas devia. Quem escreveu foi Elliot Fry — disse Berlin. Quando não respondi, ele continuou: — Lembra do Elliot Fry, que chamou você de garotinho emburrado e hiperativo com um teclado? *Esse* Elliot Fry. Agora vocês são de ouro. Uma virada total. Você conseguiu, cara.

— Brilhante — falei, desligando na cara dele. Virei-me para Jackie. — Vou ficar com o pacote inteiro. Avise ao Victor, ele é meu caixa.

Assim, Victor pagou os comprimidos. Mas fui eu que pedi, por isso acho que a culpa continua sendo minha.

Ou talvez de Jackie, por não nos dizer do que se tratava. Mas o Club Josephine era assim. Era o lugar para conseguir um novo barato antes que alguém soubesse em que tipo de viagem se embarcava com ele. Pílulas sem nome, pós zerinho, néctares misteriosos e cristalinos em pequenos frascos. Não foi a pior coisa que mandei Victor fazer.

De volta ao lounge mal-iluminado, esperando para subir ao palco, Victor engoliu uma das pílulas verdes com cerveja enquanto Jeremy-meu-corpo-é-um-templo observava e bebia chá-verde. Tomei algumas com uma Pepsi. Não sei quantas. Eu estava bastante decepcionado com a compra quando chegou a hora de subir ao palco. O bagulho de Jackie me desapontou — eu não

sentia absolutamente nada. Começamos nosso número, e a multidão enlouqueceu, se amontoando na frente do palco, com os braços estendidos, gritando o nome da banda.

Atrás da bateria, Victor gritava de volta. Estava para lá de doidão, o que significava que qualquer que fosse o troço que Jackie nos vendera, para ele tinha funcionado. No entanto, ele nunca precisou de muita coisa para ficar doidão. As luzes estroboscópicas iluminavam pedaços da plateia — um pescoço aqui, um vislumbre de lábios, uma coxa enroscada em outro dançarino. Minha cabeça latejava ao ritmo produzido por Victor, meu coração batia disparado. Ergui a mão para passar os fones do pescoço para os ouvidos e rocei com os dedos a pele quente, enquanto as garotas começavam a gritar meu nome.

Havia uma garota que meus olhos, por alguma razão, volta e meia encontravam. Tinha uma pele alva que contrastava com o bustiê preto. Ela uivou meu nome como se isso lhe doesse fisicamente, as pupilas de tal maneira dilatadas que seus olhos pareciam negros e abissais. Inexplicavelmente, ela me lembrou a irmã de Victor, algo na curvatura do nariz ou no jeito como o cós do jeans era tão baixo, sustentado apenas pela mera sugestão de quadris — embora não houvesse chance de Angie sequer passar pela porta de um lugar como esse.

De repente, eu não parecia estar lá. Eu já não ficava eufórico ao ouvir gritarem meu nome, e a música não soava tão alta quanto as batidas do meu coração, razão pela qual não parecia ter tanta importância.

Essa era a hora em que eu devia entrar, cantando para cortar o padrão incessante da batida de Victor. Porém, eu não tive vontade, e Victor estava viajando demais para reparar. Dançava ali mesmo, preso ao chão apenas pelas baquetas em suas mãos.

Bem à minha frente, no meio da multidão de barrigas de fora e braços suados erguidos no ar, havia um sujeito que não se mexia.

Iluminado esporadicamente pela luz estroboscópica e a laser, ele me fascinou pela imobilidade, apesar da pressão dos corpos à sua volta. Conservou seu lugar e me observava com as pálpebras semicerradas.

Quando voltei a olhar para ele, novamente me lembrei do cheiro da minha casa, muito distante de Toronto.

Perguntei a mim mesmo se ele seria real. Perguntei a mim mesmo se alguma coisa nesse maldito lugar era real.

O sujeito cruzou os braços sobre o peito, me observando enquanto meu coração saltava tentando escapar.

Eu devia me esforçar para mantê-lo no peito. Meu pulso se acelerou e meu ouvido se libertou numa explosão de calor. Meu rosto bateu de encontro ao teclado, que soltou um gemido em forma de nota. Tentei alcançar as teclas com a mão, mas ela não mais me pertencia.

Deitado no palco, meu rosto incendiando o chão, vi Victor me lançar um olhar intimidador, como se finalmente tivesse percebido que eu perdera minha deixa.

Então fechei os olhos no palco do Club Josephine.

Deixei de ser a NARKOTIKA. Deixei de ser Cole St. Clair.

CAPÍTULO 6

GRACE

— Quer saber? — disse Isabel. — Quando falei para você me ligar no fim de semana, não era para me chamar para sair vagando no meio das árvores num frio abaixo de zero.

Ela franziu a testa para mim, parecendo pálida e estranhamente à vontade naquela floresta, sob o frio da primavera, vestindo uma parca branca com seu capuz forrado de pele que lhe emoldurava o rosto fino e os olhos gelados: uma espécie de princesa nórdica.

— A temperatura não está abaixo de zero — contestei, tirando um bolo de neve macia grudado na sola da minha bota. — Apesar dos pesares, não está tão ruim assim. E você queria sair de casa, não queria?

Realmente não estava tão ruim. A temperatura subira o suficiente para derreter o grosso da neve nos lugares alcançados pelo sol, e só embaixo das árvores sobrara um pouco. Os poucos graus extras de calor emprestavam uma aparência mais suave à paisagem, colorindo os tons cinzentos do inverno. Embora o frio

ainda deixasse insensível a ponta do meu nariz, meus dedos estavam quentinhos nas luvas.

— Para ser franca, você devia estar me mostrando o caminho — falei. — Foi você que viu os lobos aqui.

A floresta que existia nos fundos da casa dos pais de Isabel não me era familiar, com um monte de pinheiros e com umas árvores de casco cinzento que eu desconhecia. Com certeza, Sam saberia identificá-las.

— Bom, não é como se eu tivesse me embrenhado na floresta atrás deles — respondeu Isabel, que, no entanto, apressou o passo até me alcançar e começar a caminhar a meu lado, distante um ou dois metros, pisando em troncos caídos e na vegetação rasteira. — Só sei que eles sempre aparecem daquele lado, e já ouvi seus uivos lá perto do lago.

— O lago Two Island? — indaguei. — Fica longe daqui?

— Parece — queixou-se Isabel. — Afinal, o que estamos fazendo? Tentando afugentar os lobos? Procurando Olívia? Se eu soubesse que Sam ia choramingar com você sobre isso que nem uma garotinha, não teria dito nada.

— Todas as opções acima — respondi. — Menos a parte do chororô. Sam só está preocupado. Não acho que seja sem razão.

— Certo. Que seja. Você acha que há mesmo alguma chance de Olívia já ter se transformado? Porque, se não houver, talvez a gente possa fazer uma caminhada matinal até meu carro e ir tomar um café em outro lugar.

Empurrei um galho para tirá-lo do caminho e olhei de soslaio. Achei que dava para ver o cintilar da água por entre as árvores.

— Sam disse que não é cedo demais para um lobo novato se transformar, pelo menos por um curto período. Quando esquentar, como hoje, quem sabe?

— Está bem, mas vamos tomar um café depois de não achar Olívia, Ok? — disse Isabel, que apontou à frente. — Olha o lago

ali. Satisfeita?

— Aham.

Franzi a testa, reparando de repente que as árvores ali eram diferentes, mais afastadas umas das outras e obedecendo a intervalos regulares, com tufo de vegetação macia e emaranhada relativamente recentes.

Parei abruptamente ao ver algo colorido espreitando em meio ao mato queimado sob nossos pés. Açafrão — um dedinho de roxo, com uma listrinha amarela quase escondida. Alguns centímetros à frente, vislumbrei mais brotos verdes brilhantes surgindo entre as folhas velhas, assim como mais dois botões de flor. Sinais de primavera — mais que isso, sinais de presença humana — no meio da floresta. Me deu vontade de ajoelhar e tocar as pétalas do açafrão, para confirmar que eram de verdade. Os olhos vigilantes de Isabel, porém, me mantiveram de pé.

— Que lugar é este?

Isabel pulou por cima de um galho para se pôr a meu lado e baixou os olhos para o canteiro de florezinhas destemidas.

— Ah, isto. Na época gloriosa da nossa casa, antes de nos mudarmos para cá, acho que os proprietários tinham um passadiço até o lago e um jardimzinho aqui. Perto da água há bancos e uma estátua.

— Dá para ver? — perguntei, fascinada pela ideia de um mundo exuberante escondido.

— É aqui. Olha um dos bancos.

Isabel me levou para mais perto do lago e chutou com a bota um banco de concreto que ostentava listras de musgo verde e um outro botão achatado de líquen alaranjado. Eu talvez não reparasse nele se Isabel não estivesse comigo. Uma vez orientada, porém, foi fácil ver como havia sido aquela área de repouso — havia mais um banco, um pouco adiante, e a pequena estátua de uma mulher com as mãos sobre a boca, expressando encantamento, com o rosto

voltado para o lago. Mais botõezinhos de flor, com brotinhos de um verde brilhante e emborrachado, se insinuavam ao redor da base da estátua e dos bancos, e vi alguns outros açafrões na neve irregular. A meu lado, Isabel mexia nas folhas com o pé.

— E olha! Aqui em baixo tem uma pedra, tipo um pátio ou algo do gênero, acho eu. Descobri ano passado.

Chutei as folhas, como ela, e é claro que meu dedão esbarrou numa pedra. Esquecendo temporariamente o nosso real objetivo, remexi nas folhas, revelando um pedaço sujo e úmido de solo.

— Isabel, não é só pedra. Olha! É um... um... — Não me ocorreu que nome dar às pedras que formavam desenhos intrincados.

— Mosaico — terminou Isabel, baixando os olhos para os rebuscados círculos sob seus pés.

Me pus de joelhos e limpei com um graveto algumas pastilhas de pedra. A maioria tinha cor natural, mas havia alguns fragmentos em azul brilhante, bem como umas poucas pastilhas vermelhas. Desnudei mais um pedaço do mosaico, revelando, no centro, o desenho de um sol sorridente e aparentemente arcaico. Foi uma sensação esquisita essa de descobrir uma face brilhante escondida sob folhas apodrecidas.

— Sam adoraria isto aqui — falei.

— Cadê ele? — indagou Isabel.

— Foi verificar a floresta nos fundos da casa de Beck. Devia ter vindo conosco.

Eu já estava imaginando suas sobrancelhas se franzindo sobre os olhos ao ver o mosaico e a estátua pela primeira vez. Era o tipo de coisa para a qual ele vivia.

Um objeto sob o banco à minha frente chamou, contudo, minha atenção, me trazendo de volta para o mundo real. Um objeto fino, opaco, branco... um osso. Estendi o braço e o apanhei, olhando para as marcas de dente ali. Então me dei conta de que havia outros espalhados em volta do banco, meio enterrados entre as

folhas. Parcialmente sob o banco estava uma tigela de vidro, manchada e trincada, mas que obviamente não era um objeto antigo. Levei apenas meio segundo para me dar conta do que via.

Fiquei de pé e encarei Isabel:

— Você vem dando de comer a eles, não é?

Isabel me lançou um olhar ameaçador e não respondeu.

Puxei a tigela e a sacudi para deixar cair as duas folhas que haviam se enroscado no fundo.

— O que tem dado a eles para comer?

— Criancinhas — respondeu Isabel.

Fulminei-a com os olhos.

— Carne. Não sou nenhuma idiota. E só quando estava realmente frio. Pelo que me consta, os guaxinins idiotas podem estar comendo tudo.

O tom de Isabel foi desafiador, quase zangado. Eu pretendia fazer piada dessa generosidade escondida, mas a aspereza em sua voz me levou a desistir.

Em vez disso, falei:

— Ou cervos carnívoros, querendo incluir um pouco de proteína à própria dieta.

Isabel deu um sorrisinho débil. Seu sorriso sempre parecia meio afetado.

— Vai ver foi o bicho-papão — disse ela.

Nós duas demos um pulo quando um grito estridente, que lembrava uma gargalhada sobrenatural, veio do lago, seguido pelo ruído de algo caindo na água.

— Meu Deus! — exclamou Isabel, com a mão no estômago.

Respirei fundo.

— Um pássaro. Nós o assustamos.

— A vida silvestre anda superestimada. De qualquer forma, acho que a Olívia não deve estar por aqui, já que o pássaro levou um

susto *conosco*. Uma loba virando gente provavelmente faria um pouco mais de barulho que nós.

Fui obrigada a admitir que essa teoria fazia sentido. Além disso, a verdade é que eu ainda não sabia como iríamos lidar com o repentino regresso de Olívia a Mercy Falls. Então uma parte de mim sentiu alívio.

— Podemos tomar aquele café agora?

— Podemos — respondi, mas me afastei do pátio oculto e me encaminhei para o lago. Depois de saber que o mosaico estava sob nossos pés, era fácil perceber como a superfície era implacável, diferente do solo natural da floresta. Caminhei até a estátua da mulher e pus a mão na boca quando contemplei a vista. Só depois de absorver a visão do lago tranquilo emoldurado pelas árvores nuas e do mergulhão de cabeça negra flutuando na superfície, me dei conta de estar imitando inconscientemente a expressão de eterno deslumbramento da estátua.

— Você viu isso?

Isabel se juntou a mim.

— A natureza — comentou, indiferente. — Compre o cartão-postal. Vamos.

Mas meu olhar havia se desviado, indo pousar no solo da floresta. Meu coração disparou.

— Isabel... — sussurrei, paralisada.

Do outro lado da estátua, um lobo jazia entre as folhas, seu pelo cinzento quase da mesma cor da folhagem morta. Dava para ver o contorno do focinho preto e a curva de uma das orelhas se destacando entre as folhas.

— Está morto — disse Isabel, sem se preocupar em sussurrar. — Tem uma folha em cima dele. Já está lá faz tempo.

Meu coração continuava a bater forte. Precisei recordar a mim mesma que Olívia se tornara uma loba branca, e não cinzenta. E

que Sam era um rapaz, seguramente encarcerado em seu corpo humano. Esse lobo não podia ser nenhum dos dois.

Mas podia ser Beck. Olívia e Sam eram os únicos com quem eu me importava, mas Beck era importante para Sam. E era um lobo cinzento.

Por favor, não seja Beck.

Engolindo em seco, me ajoelhei junto ao animal, enquanto Isabel se punha de pé ao meu lado e remexia as folhas. Retirando cuidadosamente a folha que cobria parcialmente a cara do lobo, senti o pelo áspero roçar a lateral da minha mão, mesmo através da luva. Observei o pelo listrado cinza, preto e branco continuar a balançar um segundo depois que retirei o braço. Então, delicadamente, abri o olho entrefechado no lado mais próximo de mim. Um olho cinza, opaco e sem vida, em nada parecido com o de um lobo, fixou algum ponto muito além de mim. Não era o olho de Beck. Aliviada e ainda agachada, me afastei e olhei para Isabel.

Ao mesmo tempo em que eu disse “Gostaria de saber quem era”, Isabel disse “Gostaria de saber a causa da morte”.

Passei as mãos ao longo daquele corpo — o lobo estava deitado de lado, as patas dianteiras cruzadas, o rabo estendido para trás, como uma bandeira a meio mastro. Mordi o lábio.

— Não estou vendo sangue algum — observei.

— Vire o corpo — sugeriu Isabel.

Cuidadosamente, segurei as pernas do lobo e o virei para o outro lado. O corpo não estava inteiramente duro — apesar da folha que caíra em sua cara, o lobo não morrera há muito tempo. Pisquei, antecipando uma descoberta horripilante, mas também não havia qualquer ferimento visível do outro lado.

— Talvez tenha morrido de velhice — falei. Minha amiga Rachel tinha um cachorro quando a conheci, um Golden Retriever velho e

acinzentado cujo focinho ficara branco como a neve por causa da idade.

— O lobo não parece velho — disse Isabel.

— Sam disse que os lobos morrem cerca de 15 anos após pararem de se transformar — expliquei. — Talvez tenha acontecido isso.

Levantei o focinho do animal para ver se conseguia detectar pelos grisalhos ou brancos. Ouvi o som enojado de Isabel antes de descobrir o porquê. O sangue seco manchava o focinho do lobo — talvez pertencente a uma vítima mordida por ele antes de morrer, pensei. Foi quando reparei que a lateral da mandíbula pousada no solo também estava empapada de sangue. O sangue era do lobo.

Tornei a engolir em seco, meio enjoada. Não queria, porém, que Isabel me considerasse uma fresca, por isso disse:

— Será que foi atropelado e chegou até aqui?

Isabel fez um ruído que vinha do fundo da garganta, e eu não soube dizer se traduzia nojo ou desprezo.

— Não. Olha o nariz.

Ela tinha razão. Havia dois rastros idênticos de sangue escorrendo das narinas e se juntando à mancha velha que atravessava os lábios do lobo.

Eu não conseguia parar de olhar. Se Isabel não estivesse comigo, não sei quanto tempo eu teria ficado agachada ali, segurando aquele focinho, encarando o animal — a pessoa —, que morrera com o próprio sangue emplastado na cara.

Mas Isabel estava comigo. Por isso, tornei a deitar com cuidado a cabeça do lobo. Com o dedo enluvado, afaguei o pelo macio na lateral de sua cara. Morbidamente, eu queria examinar mais uma vez o outro lado, o lado ensanguentado.

— Você acha que havia algo de errado com ele? — perguntei.

— Você acha? — devolveu Isabel, antes de dar de ombros. — Vai ver foi só uma hemorragia nasal. Será que os lobos têm isso? Elas

podem fazer você vomitar se olhar para cima enquanto está tendo uma.

Senti no estômago um aperto de medo.

— Grace. Já chega. Um traumatismo cerebral também pode ter sido a causa. Ou outros animais remexendo nele depois de morto. Ou um monte de coisas nojentas para se pensar antes do almoço. O fato é que ele está morto. Ponto final.

Voltei-me para o olho cinza sem vida:

— Talvez devêssemos enterrá-lo.

— *Talvez* pudéssemos primeiro tomar um café — disse Isabel.

Me pus de pé, limpando as folhas grudadas nos meus joelhos. Tive a inquietante sensação de estar deixando algo inacabado, uma incômoda ansiedade. Talvez Sam soubesse o que fazer. Mantendo um tom sereno, respondi:

— *Está bem*. Vamos nos aquecer, e depois eu ligo para o Sam. Ele pode vir dar uma olhada.

— Espere — atalhou Isabel. Pegando o celular, ela mirou o lobo e tirou uma foto. — Vamos tentar usar a cabeça. Bem-vinda à tecnologia, Grace.

Olhei para a tela do celular. A cara do lobo, coberta de sangue na vida real, parecia normal e incólume na imagem. Se não o tivesse visto em carne e osso, eu jamais saberia que havia algo de errado com ele.

CAPÍTULO 7

SAM

Eu estava sentado na lanchonete Kenny há uns 15 minutos, observando a garçonete atender os fregueses nas outras mesas como se fosse uma abelha visitando e revisitando flores. Então Grace bateu no outro lado do vidro canelado. Ela não passava de uma silhueta recortada contra a claridade brilhante do céu azul, e pude apenas ver o contorno do seu sorriso e o beijo soprado para mim antes que ela e Isabel entrassem na lanchonete.

Um instante depois, Grace, com o nariz e as bochechas corados de frio, sentou-se ao meu lado no sofá vermelho, a calça jeans rangendo no assento eternamente engordurado. Ela já ia tocando meu rosto antes de me beijar, quando me encolhi.

— O que foi? Estou fedendo? — indagou ela, não parecendo especialmente incomodada. Pôs o celular e as chaves do carro sobre a mesa e estendeu o braço por cima de mim para pegar os cardápios próximos à parede.

Desviando-me dela, apontei para as luvas:

— Na verdade, está, sim. Suas luvas estão com o cheiro daquele lobo. Isso não é um elogio.

— Obrigada pelo apoio, homem-lobo — disse Isabel. Quando Grace lhe ofereceu um cardápio, ela sacudiu enfaticamente a cabeça e acrescentou. — O carro todo ficou cheirando a cachorro molhado.

Não saquei direito a história do cachorro molhado, mas senti, sim, nas luvas de Grace, o odor natural e almiscarado de lobo, embora houvesse algo mais ali — uma subcorrente desagradável que incomodava o meu olfato ainda aguçado.

Grace disse:

— Chega. Vou deixar as luvas no carro. Não precisa me lançar esse olhar cortante. Se a garçonete aparecer, peça para mim um café e qualquer coisa que tenha bacon, certo?

Durante a sua ausência, Isabel e eu ficamos ali num silêncio meio constrangido, preenchido por uma música ambiente e pelo tilintar da louça na cozinha. Estudei a forma da sombra distorcida do saleiro projetada no potinho de envelopes de açúcar. Isabel examinou o punho elaborado do próprio suéter e a maneira como ele pousava na mesa. Finalmente, ela disse:

— Você fez um outro pássaro daqueles.

Peguei a garça que fizera com o guardanapo enquanto esperava. Estava encaroçada e imperfeita porque o papel não era propriamente quadrado.

— Fiz.

— Por quê?

Esfreguei o nariz, tentando me livrar do cheiro do lobo.

— Sei lá. Tem uma lenda japonesa que diz que, se você fizer mil garças destas de papel, um desejo seu se realiza.

A sobrancelha eternamente erguida de Isabel fez seu sorriso parecer involuntariamente cruel.

— Você tem algum desejo?

— Não — respondi, enquanto Grace voltava a se sentar ao meu lado. — Todos os meus desejos já foram atendidos.

— O que você estava desejando? — interrompeu Grace.

— Um beijo seu — respondi. Ela se inclinou, me oferecendo o pescoço, e o beijei logo abaixo da orelha, fingindo não mais sentir o odor almiscarado do lobo na sua pele. Os olhos de Isabel se cerraram, embora seus lábios continuassem a esboçar um sorriso. Constatei que, de alguma forma, ela notara a minha reação.

Desviei o olhar quando a garçonete se aproximou e anotou nosso pedido. Grace optou por um café e um sanduíche de bacon, tomate e alface. Pedi a sopa do dia e um chá. Isabel quis apenas café, tirando da sua bolsinha de couro um saquinho de granola depois que a garçonete se foi.

— Alergia alimentar? — indaguei.

— Alergia a breguice — respondeu Isabel. — Alergia a gordura. Onde eu morava, tínhamos cafeterias de verdade. Quando digo panini aqui, todo mundo responde *Saúde*.

Grace riu e pegou minha garça de papel, fazendo com que o pássaro abanasse as asas.

— Vamos comer panini em Duluth um dia desses, Isabel. Até lá, bacon vai lhe fazer bem.

Isabel fez uma careta como se não estivesse muito de acordo.

— Se o seu *bem* for sinônimo de *celulite e estrias*, você tem razão. E aí, Sam, qual é a desse cadáver, afinal? Grace disse qualquer coisa sobre os lobos terem mais 15 anos de vida depois que as transformações acabam.

— Legal, Isabel — murmurou Grace, me olhando de soslaio para ver minha expressão diante da palavra *cadáver*. Ela já havia me dito ao telefone, porém, que o lobo não era Beck, Paul ou Ulrik, portanto não reagi.

Isabel deu de ombros, impenitente, e abriu o flip do celular. Empurrou-o para mim em cima da mesa.

— Recurso visual número um.

O celular roçou em migalhas invisíveis quando o virei de cabeça para cima. Senti um aperto no estômago quando vi o lobo, nitidamente morto na tela, mas meu luto não foi intenso. Nunca havia visto aquele animal em forma humana.

— Acho que você tem razão — falei. — Porque só conheci este lobo como lobo. Deve ter morrido de velhice.

— Acho que ele não teve uma morte natural — disse Grace. — Além disso, não havia pelos brancos no focinho.

Corrigi minha postura.

— Só sei o que Beck me falou. Que nós temos... tínhamos... — Lutei com o tempo verbal, já que não era mais um lobo. — ...dez ou quinze anos depois que as transformações cessam. O tempo de vida de um lobo normal.

— Tinha sangue escorrendo das narinas dele — insistiu Grace, quase zangada, como se lhe aborrecesse dizer isso.

Movimentei a tela para frente e para trás, observando atentamente o focinho. Não vi nada na imagem meio desfocada que sugerisse uma morte violenta.

— Não era uma sangueira — disse Grace, em resposta à minha testa franzida. — Algum dos outros lobos que morreram tinha sangue na cara?

Fiz um esforço para me lembrar dos vários lobos que haviam morrido enquanto eu morava na casa de Beck. As lembranças eram um borrão — Beck e Paul com lonas e pás, Ulrik cantando “Ele é um bom companheiro” a plenos pulmões...

— Na verdade, não me lembro de nenhum com muita clareza. Talvez esse lobo tenha levado uma paulada na cabeça.

Propositadamente, não me permiti pensar na pessoa por trás da pele do lobo.

Grace nada disse enquanto a garçonete nos servia as bebidas e a comida. Durante um longo intervalo, ficamos todos em silêncio, eu mexendo meu chá e Isabel fazendo o mesmo com o café. Grace contemplou, pensativa, o sanduíche de bacon.

Isabel disse:

— Para uma lanchonete caipira, até que o café é muito bom.

Uma parte de mim agradeceu por ela sequer *olhar* para ver se a garçonete seria capaz de ouvir. De alguma forma, era gratificante ver essa absoluta falta de sensibilidade. A maior parte de mim, porém, ficou feliz de estar ao lado de Grace, que lançou para a amiga um olhar que dizia: *Às vezes não sei por que saio com você*.

— Ô-ôh! — exclamei, com um olho na porta que se abria. — Aí vem...

Era John Marx, o irmão mais velho de Olívia.

Eu não estava propriamente ansioso para falar com ele e, a princípio, me pareceu que eu não precisaria fazer isso, porque John aparentemente não nos viu. Ele foi direto para o balcão e puxou um banco, sentando-se e curvando o corpo alto ao descansá-lo sobre os cotovelos. Antes, sequer, de fazer seu pedido, a garçonete lhe trouxe um café.

— John é um gato — comentou Isabel, numa voz que fazia aquilo soar como um defeito.

— Isabel — sibilou Grace. — Dá para desacelerar um pouquinho seu marcador de insensibilidade?

Isabel fez um muxoxo.

— O quê? Olívia não morreu.

— Vou chamá-lo para sentar conosco — disse Grace.

— Ah, não, por favor! — pedi. — Vai ser preciso mentir, e não sou bom nisso.

— Mas eu sou — atalhou Grace. — Ele está de dar pena. Já volto.

E voltou, um minuto depois, acompanhada de John, sentando-se novamente ao meu lado. John ficou em pé ao lado da mesa, parecendo levemente desconcertado quando Isabel demorou para abrir espaço para ele no sofá.

— E aí, como vamos? — perguntou Grace, solidária, apoiando os cotovelos na mesa. Talvez eu estivesse imaginando um tom paternalista em sua voz, mas achei que não. Eu já ouvira esse som antes, toda vez que ela fazia uma pergunta cuja resposta já conhecia e lhe agradava.

John lançou um olhar para Isabel, que se mantinha afastada dele, de um jeito bastante ostensivo, com o braço pousado no peitoril da janela. Depois, inclinou-se para mim e para Grace:

— Recebi um e-mail da Olívia.

— Um e-mail? — repetiu Grace. Sua voz misturava, na dose certa, esperança, descrença e fragilidade. Exatamente o que se espera de uma garota enlutada que reza para que a amiga ainda esteja viva. Só que Grace sabia que Olívia *estava* viva.

Disparei-lhe um olhar.

Grace me ignorou, continuando a encarar John com uma expressão inocente e interessada.

— O que dizia?

— Que ela estava em Duluth. Que voltaria em breve para casa!
— John ergueu as mãos no ar. — Não sei se devia me borrar inteiro ou gritar na frente do computador. Como ela pode fazer uma coisa dessas com a mamãe e o papai? Como se tivesse apenas ido visitar uma amiga e pronto. Quer dizer, estou superfeliz, mas, Grace, que *raiva* estou sentindo dela!

Ele relaxou no sofá, aparentemente surpreso por ter se aberto tanto. Cruzei os braços e os apoiei na mesa, tentando superar a pontinha de ciúme que inesperadamente brotou em mim quando

John disse o nome de Grace com tanta intimidade. É estranho como o amor nos familiariza com nossos defeitos.

— Mas quando? — insistiu Grace. — Quando ela disse que vai voltar?

John deu de ombros.

— Claro que ela não disse nada além de “em breve”.

Os olhos de Grace brilharam.

— Mas ela está *viva*!

— É — disse John, e agora eu via que os olhos dele também brilhavam. — A polícia nos disse que... Bem, vocês sabem, que a gente não devia ter muita esperança. Enfim, o pior era mesmo não saber se ela estava viva.

— Por falar em polícia — interveio Isabel. — Você mostrou a ela o e-mail?

Grace deu uma olhada rápida e nada amistosa para Isabel, mas seu rosto recuperou a expressão delicadamente interessada quando se voltou para John.

Ele parecia culpado.

— Eu não queria que eles me dissessem que o e-mail podia ser falso. Acho que... Acho que vou mostrar. Porque eles podem rastrear o endereço, não é?

— É — respondeu Isabel, olhando para Grace em vez de John. — Ouvi dizer que a polícia pode rastrear o IP, ou seja lá que nome dão a isso. Pode descobrir de que área veio o e-mail. Quem sabe até mesmo *daqui, de Mercy Falls*.

Num tom duro, Grace interrompeu:

— Mas se tiver sido de uma lan house numa cidade grande como Duluth ou Minneapolis, não vai adiantar muito.

— Não sei se quero realmente que Olívia seja arrastada até aqui contra a própria vontade — atalhou John. — Ela tem quase 18

anos e não é burra. Sinto saudades, mas alguma coisa a fez ir embora.

Todos o encaramos — por motivos diversos, creio eu. No meu caso, pensei apenas que se tratava de uma coisa incrivelmente sensata e altruísta para se dizer, ainda que meio boboca. O olhar de Isabel parecia mais indagar: *será que você é um completo idiota?* O de Grace transbordava admiração.

— Você é um irmão maravilhoso — disse ela.

John baixou os olhos para a xícara de café.

— Bom, ora... Isso eu não sei. De qualquer maneira, preciso ir andando. Tenho aula.

— No sábado?

— É tipo uma oficina — respondeu John. — Créditos extras. Me tira de casa — justificou, levantando do sofá e tirando alguns trocados do bolso para pagar o café. — Você entrega à garçone?

— Claro — respondeu Grace. — A gente se vê por aí?

John assentiu com a cabeça e se afastou. Nem bem saíra da lanchonete, Isabel deslizou para o meio do sofá para ficar de frente para Grace.

— Nossa, Grace, você nunca me contou que tinha nascido sem cérebro — disse ela. — Porque só assim consigo explicar por que você faria uma coisa tão idiota.

Eu não teria me expressado nesses termos, mas estava pensando o mesmo.

Grace não deu bola.

— *Shh*. Mande o e-mail da última vez que estive em Duluth. Queria dar a eles alguma esperança. E, para ser franca, achei que isso pudesse evitar que a polícia se esforçasse tanto para encontrá-la, já que imaginariam ser mais uma fuga de uma garota chata e quase maior de idade, não um possível sequestro com morte. Viu? Eu *usei* meu cérebro.

Isabel despejou um pouquinho de granola na palma da mão.

— Acho que você deve ficar fora disso. Sam, diga a ela para ficar fora disso.

Tudo aquilo me deixava desconfortável, mas falei:

— Grace é muito esperta.

— Grace é muito esperta — repetiu Grace para Isabel.

— Em geral — acrescentei.

— Talvez a gente deva contar a ele — disse Grace.

Isabel e eu a encaramos ao mesmo tempo.

— O quê? Ele é irmão dela. Adora Olívia e quer que ela seja feliz. Além do mais, não entendo todo esse segredo, se é uma coisa científica. Tudo bem, o mundo em geral talvez interprete de um jeito errado, mas a família? Provavelmente vão se sentir melhor se for algo lógico em vez de monstruoso.

Com efeito, não me ocorreram palavras para descrever o horror que tal ideia provocou em mim. Nem mesmo tive certeza do *porquê* de uma reação tão veemente.

— Sam — disse Isabel, e me dei conta de estar simplesmente sentado ali, passando um dedo nas cicatrizes em meus pulsos. Isabel olhou para Grace. — Grace, essa é a ideia mais idiota que já ouvi, a menos que seu objetivo seja ver Olívia carregada para o microscópio mais próximo, a fim de ser virada do avesso. Além disso, dá para ver que John está tenso demais para lidar com essa ideia.

Isso, ao menos, fazia sentido para mim.

— Não acho certo contar a ele, Grace.

— Você contou a Isabel!

— Tivemos de contar — justifiquei, antes que Isabel desfizesse a expressão de superioridade. — Ela já adivinhara um bocado. Acho que devemos dizer apenas o que for preciso. — Grace começava a ostentar sua expressão vazia, o que significava que estava

chateada. Por isso eu disse: — Mas continuo achando você muito esperta. Em geral.

— Em geral — repetiu Isabel. — Agora, vou dar o fora. Estou quase ficando grudada neste sofá.

— Isabel — falei, quando ela se levantou, fazendo-a parar à beira da mesa e me lançar um olhar estranho, como se eu jamais a tivesse chamado pelo nome. — Vou enterrá-lo. O lobo. Talvez hoje, se o solo não estiver congelado.

— Não tenha pressa — disse Isabel. — Ele não vai fugir.

Quando Grace se inclinou para mim, senti novamente aquele cheiro de podre. Queria ter olhado com mais atenção a foto no celular de Isabel. Queria que a causa da morte do lobo fosse mais clara. Eu já tinha mistérios suficientes para encher uma vida inteira.

CAPÍTULO 8

SAM

Eu era humano.

O dia seguinte ao que enterrei o lobo foi gélido, com todo o esplendor volátil dos meses de março em Minnesota: um dia a temperatura subia até 0°C, no outro, mal chegava a -10°C. Era incrível como podia ser amena a 0°C, depois de dois meses inteiros com temperaturas negativas. Eu nunca precisara encarar tanto frio com meu corpo humano. Aquele era um dia terrivelmente gelado, o mais distante possível da primavera. Salvo pelas frutinhas vermelhas brilhosas grudadas à beirada dos ramos das árvores, não restara qualquer vestígio de cor no mundo. Meu bafo congelava diante de mim e meus olhos estavam secos por causa do frio. Meu olfato absorvia o ar como o de um lobo, mas eu não era um lobo.

Essa consciência ao mesmo tempo me maravilhava e fazia sofrer.

Apenas dois fregueses haviam aparecido na livraria ao longo de todo o dia. Pensei no que faria depois do meu turno. Na maioria das vezes em que ele terminava antes que as aulas de Grace

acabassem, eu ficava no sótão da loja em vez de voltar para a casa vazia dos Brisbanes. Na ausência de Grace, ela não passava de um lugar onde esperá-la, uma dor surda dentro de mim.

Naquele dia, a dor me acompanhara ao trabalho. Eu já havia escrito uma canção — um pedaço de canção — *Continua a ser segredo se ninguém ligar/se o fato de saber coisa alguma mudar/em sua existência — e sentimentos — no seu jeito de levar a vida/mesmo sabendo o que agora sabe de mim*. Mais que tudo, era uma expectativa de canção. Agora, empoleirado atrás do balcão, lendo um exemplar de Roethke, meu turno prestes a terminar e Grace ocupada na escola até tarde, meus olhos foram atraídos pelos minúsculos flocos de neve que caíam lá fora e se desviaram das palavras de Roethke: *“Escura, escura é minha luz, mais escuro ainda o meu desejo. Minha alma, como uma mosca de verão enlouquecida pelo calor, não para de zumbir no peitoril. Quem sou eu?”* Baixei os olhos para meus dedos na página do livro, tão maravilhosos, tão preciosos, e me senti culpado pelo desejo sem nome que me assolava.

O relógio marcou cinco horas, horário em que eu costumava trancar a porta da frente, virar a placa para o lado onde se lia FECHADO — VOLTO LOGO, e sair pela porta dos fundos para pegar meu carro.

Dessa vez, porém, não foi o que fiz. Dessa vez, tranquei a porta dos fundos, peguei meu violão e saí pela frente, escorregando de leve na camada de gelo no vão de entrada. Pus o gorro que Grace comprara para mim numa tentativa fracassada de me deixar sexy e, ao mesmo tempo, proteger minha cabeça do frio. Chegando ao meio da calçada, observei minúsculos flocos de neve flutuarem sobre a rua abandonada. Até onde a minha vista alcançava, havia montes de neve velha transformados em esculturas encardidas. Sincelos faziam sorrisos cheios de dentes nas fachadas das lojas.

Meus olhos doíam com o frio. Estendi minha mão livre com a palma para cima e observei a neve se derreter sobre a minha pele.

Isso não era a vida real. Era uma vida vista através de uma janela. Vida assistida na televisão. Não pude me lembrar de uma época em que não estivesse escondido isso.

Eu estava com frio, segurava um punhado de neve e era humano.

O futuro se estendia à minha frente, infinito, cada vez maior e meu, como nada jamais o fora.

Uma euforia repentina brotou em mim, um sorriso se abriu no meu rosto ante essa loteria cômica em que eu ganhara. Eu tinha arriscado tudo e ganhado tudo, e ali estava, do mundo e no mundo. Ri alto, sem ninguém para me ouvir, exceto a plateia de flocos de neve. Saltei da calçada para dentro do monte de neve encardida, inebriado com a realidade de meu corpo humano. Uma vida inteira de invernos, de gorros, de golas erguidas contra o frio, de narizes vermelhos, de ficar acordado até tarde na noite de Ano-novo. Deslizando nas marcas escorregadias de pneus no asfalto, atravessei a rua valsando, balançando em círculo a caixa do violão, com a neve caindo ao meu redor, até um carro buzinar para mim.

Acenei para o motorista e subi na calçada oposta, dando petelecos na neve fresca amontoada sobre cada parquímetro de que me aproximava. Minha calça congelara com a neve que me enchia os sapatos, meus dedos estavam vermelhos e dormentes, e eu continuava a ser eu. Sempre eu.

Contornei o quarteirão até que o frio perdesse o ar de novidade e depois retornei ao carro e consultei o relógio. Grace ainda estaria dando sua aula particular, e não quis correr o risco de chegar à casa dela e encontrar, em seu lugar, o pai ou a mãe. O adjetivo “incômodo” era pouco para descrever as conversas entre nós. Quanto mais óbvio se tornava o relacionamento entre mim e Grace, menos coisas seus pais encontravam para me dizer. E vice-versa. Por isso, optei por ir até a casa de Beck. Ainda que não

tivesse a esperança de que algum outro lobo houvesse se transformado, eu poderia pegar alguns dos meus livros. As histórias de mistério que enchiam as estantes de Grace não me agradavam.

Assim, segui pela autoestrada sob a claridade cinzenta do final do dia, sentindo a pressão do Bosque da Fronteira às margens do asfalto. Até que me vi na rua deserta que ia dar na casa de Beck.

Parando na entrada vazia, desci do carro e respirei fundo. A floresta aqui tinha um cheiro diferente daquele que sentíamos na casa de Grace — aqui, o ar exalava o aroma forte e invernal das bétulas, assim como o odor complexo da terra úmida próximo ao lago. Dava para identificar o cheiro da alcateia também, almiscarado e pungente.

O hábito me levou à porta dos fundos, a neve fresca rangendo sob as minhas botas e se grudando à barra da calça jeans. Passei os dedos pela neve em cima das trepadeiras que subiam de encontro à casa, enquanto dava a volta por trás e esperava novamente o ataque de náusea que sinalizava a transformação iminente. Mas ele não veio.

Ao lado da porta dos fundos, hesitei, olhando em direção ao bosque, para além do quintal coberto de neve. Eu tinha mil lembranças que habitavam aquela região entre a porta e a mata.

Tornei a me virar para a porta e me dei conta de que, embora não estivesse escancarada, também não se encontrava realmente fechada, mas apenas encostada o suficiente para não ser aberta pelo vento intermitente. Baixei os olhos para a maçaneta e notei uma mancha vermelha. Um dos outros lobos transformando-se muito, muito cedo. Só podia ser isso. Apenas um dos lobos poderia se tornar humano com tanta antecedência, e ainda assim sem esperanças concretas de manter essa forma enquanto a neve congelada continuasse a revestir o solo.

Abrindo a porta, proferi um “Olá?”. Ouvi um movimento na cozinha. Alguma coisa sobre aquele som, que raspava e arranhava o ladrilho, me incomodou. Tentei pensar em algo tranquilizador para dizer a um lobo, mas que não parecesse insano para um ser humano.

— Quem quer que você seja, eu moro aqui.

Dobrei no corredor e entrei na cozinha mal-iluminada. Então, parei próximo à ilha central, ao sentir o mau cheiro da água do lago. Estendendo a mão sobre a bancada para acender a luz, indaguei:

— Quem está aí?

Vi um pé — humano, descalço, sujo — projetando-se de trás da bancada central, e, quando ele se contraiu, eu também o fiz, assustado. Contornando a bancada, vi um sujeito em posição fetal, tremendo muito. Seu cabelo castanho-escuro estava duro com a lama seca, e, nos braços estendidos, notei uma dezena de pequenas feridas, prova de uma jornada desprotegida pela floresta. Ele fedia a lobo.

Eu soube logo que tinha de ser um dos novatos de Beck, do ano anterior. Porém, senti um arrepio esquisito quando pensei em Beck escolhendo-o a dedo, ao me dar conta de que esse era um membro novinho em folha da alcateia, o primeiro em muito tempo.

Ele voltou o rosto para mim, e, embora obviamente sentisse dor — eu me lembrava muito bem dela —, sua expressão permanecia composta. E me era familiar. Alguma coisa na linha rude das maçãs do rosto, descendo até a mandíbula, e no formato estreito daqueles olhos verdes brilhantes era irritantemente familiar, associada a um nome que estava na ponta da minha língua. Em circunstâncias mais normais, eu me lembraria dele, pensei, mas naquele momento era apenas um cutucão escondido em minha memória.

— Vou me transformar de novo, não vou? — perguntou, e fiquei meio desconcertado com a sua voz. Não apenas com o timbre, que era bastante grave e sugeria mais idade do que eu esperava, mas também com o tom. Totalmente equilibrado, apesar do tremor nos ombros e do escurecimento de suas unhas.

Ajoelhei-me junto à sua cabeça, experimentando as palavras em minha boca, me sentindo uma criança vestida no terno do pai. Em qualquer outro ano teria sido Beck, e não eu, a explicar tudo isso a um lobo novato.

— É, vai sim. Ainda está muito frio. Olhe... Da próxima vez que você se transformar, procure o abrigo na floresta...

— Já encontrei — emendou ele, numa voz que soava mais como um rosnado.

— Lá tem aquecimento central, um pouco de comida e algumas roupas. Tente a caixa com “SAM” ou a com “ULRIK” escritos. Deve haver algo nelas que sirva em você. — Na verdade, porém, não tive tanta certeza disso. O sujeito tinha ombros largos e ostentava músculos de gladiador. — Não é tão bom quanto aqui, mas ao menos vai evitar que você se arranhe na mata.

Ele fixou o olhar brilhante em mim, e a expressão sardônica que vi ali me fez perceber que ele jamais me dera motivos para crer que as feridas o incomodassem.

— Obrigado pela dica — agradeceu, e as minhas palavras restantes azedaram na boca.

Beck me dissera que os três novos lobos que ele criara haviam sido recrutados — que sabiam no que estavam se metendo. Não ponderei, na época, que tipo de pessoa escolheria esse tipo de vida. Alguém que voluntariamente se disporia a perder um período cada vez maior do ano até chegar a hora de dizer adeus a tudo. Era uma espécie de suicídio, pensando bem, e, assim que a palavra me ocorreu, fui levado a encarar o sujeito de uma forma totalmente

diferente. Enquanto o corpo do recém-chegado se contorcia no chão, com a expressão em seu rosto ainda controlada — no máximo, ansiosa —, tive tempo apenas de ver as velhas marcas de agulha em seus braços antes que ele se transformasse em lobo.

Corri para abrir a porta dos fundos para que ele, castanho e escuro à penumbra, pudesse escapar para a neve e se afastar do ambiente demasiado humano da cozinha. Esse lobo, porém, não disparou porta afora, como outros teriam feito. Como *eu* teria feito, se transformado em um. Em vez disso, passou por mim devagar, de cabeça baixa, detendo-se para fixar seus olhos verdes diretamente nos meus olhos. Não desviei o olhar, e finalmente ele transpôs a porta, parando mais uma vez no quintal para me lançar um olhar avaliador.

Bem depois da partida do novato, sua imagem ainda me assombrava: as feridas de picadas nas dobras do antebraço, a arrogância no olhar, a sensação familiar de seu rosto.

Voltando à cozinha para limpar o sangue e a terra do piso azulejado, vi a chave sobressalente caída no chão. Devolvi-a ao seu esconderijo, junto à porta dos fundos.

Ao fazê-lo, me senti observado e me virei, esperando ver o lobo novato nos limites do bosque. Em vez disso, ali estava um lobo grande, cinzento, de olhos fixos em mim, familiar de um jeito totalmente diverso.

— Beck — sussurrei. Ele não se mexeu, mas suas narinas, sim, sentindo o mesmo cheiro que eu sentira: o cheiro do lobo novato. — Beck, o que foi que você trouxe para casa?

CAPÍTULO 9

ISABEL

Fiquei na escola depois das aulas para uma reunião do grêmio estudantil. A reunião foi chata de doer — eu não estava nem um pouco interessada na forma como a Escola Estadual de Mercy Falls decidiu se organizar —, mas cumpriu a dupla função de me manter longe de casa e de me permitir sentar no fundo da plateia, com meu sorriso malicioso, meus olhos tingidos de negro, inatingível. À minha volta meu grupo habitual de meninas, com os olhos pintados como os meus, posava de inatingível — o que não é o mesmo que *ser* inatingível.

Tornar-se popular numa cidade do tamanho de Mercy Falls é ridiculamente fácil. Basta acreditar que se é o máximo. Nada parecido com San Diego, onde ser popular era uma espécie de carreira em tempo integral. Os efeitos do comparecimento à reunião — um comercial de uma hora de duração para a marca de Isabel Culpeper — durariam uma semana.

Finalmente, porém, precisei ir para casa. Para meu deleite, os carros dos meus pais estavam lá. Quase morri de alegria. Fiquei sentada na minha caminhonete na entrada da casa, abri o Shakespeare que supostamente estava lendo e aumentei o volume do som o bastante para que o espelho retrovisor vibrasse com as notas do baixo. Passados mais ou menos dez minutos, a silhueta de mamãe surgiu numa das janelas, com um aceno exagerado para eu entrar.

E assim começou a noite.

Na nossa cozinha de aço inoxidável, estava tendo início o Culpeper Show em toda a sua glória.

Mamãe:

— Garanto que os vizinhos adoram essa sua música de pobre. Obrigada por tocá-la aos berros para eles ouvirem.

Papai:

— Onde você estava, afinal?

Mamãe:

— Reunião do grêmio.

Papai:

— Não perguntei a você. Perguntei à sua filha.

Mamãe:

— Francamente, Thomas, faz diferença quem respondeu?

Papai:

— Tenho a sensação de que preciso apontar uma arma para a cabeça dela para fazê-la falar comigo.

Eu:

— Existe essa opção?

Agora os dois me encaravam. Não que eu precisasse acrescentar minhas falas ao Culpeper Show. Ele se sustentava sem mim e era reprisado durante toda a noite.

— Eu disse a você que ela não devia estudar numa escola pública
— disse meu pai a mamãe. Eu sabia no que isso iria dar.

A fala seguinte de mamãe seria: “Eu disse a você que não devíamos nos mudar para Mercy Falls”, e então meu pai começaria a atirar coisas e, no final, os dois acabariam dormindo em quartos separados, saboreando tipos diferentes de bebida alcoólica.

— Tenho dever para fazer — interrompi. — Vou subir. A gente se vê na semana que vem.

Quando me virei para ir embora, meu pai disse:

— Espere, Isabel.

Esperei.

— Jerry me disse que você anda saindo com a filha de Lewis Brisbane. É verdade?

Então me virei, a fim de descobrir qual era a expressão dele. De braços cruzados, meu pai estava encostado na bancada incolor, a camisa e a gravata ainda impecáveis, uma sobrancelha erguida no rosto estreito. Ergui a minha para combinar.

— E daí?

— Não use esse tom comigo — disse meu pai. — Só fiz uma pergunta.

— Então tá. É verdade. Sou amiga da Grace.

Pude ver uma veia saltar num de seus braços quando ele fechou as mãos em punho e tornou a abri-las, várias vezes.

— Ouvi dizer que ela tem um bocado de familiaridade com os lobos.

Fiz um gesto no ar, do tipo: *Do que é que você está falando?*

— Correm boatos de que ela dá de comer a eles. Tenho visto com frequência vários lobos por aqui — disse ele. — Parecem estranhamente bem-tratados. Acho que chegou a hora de enxugar mais um pouco esse bando.

Por um momento nós apenas nos entreolhamos, eu tentando descobrir se ele sabia que era eu quem alimentava os lobos,

usando um joguinho passivo-agressivo para arrancar algo de mim, e ele tentando me obrigar a baixar o olhar.

— Isso mesmo, pai — falei, afinal. — Você deveria matar alguns animais. Isso vai trazer Jack de volta. Ótima ideia. Quer que eu peça a Grace para atraí-los para mais perto de casa?

Minha mãe me encarou, uma peça de arte congelada: *Retrato duma mulher com chardonnay*. Meu pai parecia querer me bater.

— Terminamos? — indaguei.

— Ah, estou quase — respondeu ele. Virou-se e lançou um olhar significativo para mamãe, olhar que ela não viu por estar demasiado ocupada em encher os olhos de lágrimas ainda não derramadas.

Achei que meu papel nesse episódio específico estava definitivamente encerrado e deixei os dois na cozinha. Ouvi meu pai dizer “Vou matar todos eles” e minha mãe responder, com a voz embargada: “Faça o que quiser, Tom.”

Fim. Provavelmente estava na hora de eu parar de dar de comer aos lobos.

Quanto mais perto eles chegassem, mais perigoso seria para todos nós.

CAPÍTULO 10

GRACE

Quando Sam chegou em casa, Rachel e eu estávamos há meia hora tentando preparar um frango à *parmegiana*. Rachel não tinha concentração o suficiente para empanar os pedaços de frango, razão pela qual eu a incumbi de mexer o molho de tomate enquanto eu passava um número interminável de bifes no ovo e, depois, na farinha de rosca. Fingi estar chateada, mas na verdade a ação repetitiva proporcionava uma espécie de efeito relaxante, e havia um prazer sutil em manusear os elementos tácteis: o redemoinho viscoso da gema de ovo brilhante sobre o frango e depois o suave roçar da farinha de rosca esfarelando em torno dele.

Se ao menos eu não estivesse com aquela dor de cabeça persistente. Ainda assim, os preparativos do jantar e a presença de Rachel vinham desempenhando muito bem a tarefa de me fazer esquecer tanto a dor de cabeça quanto o fato de ter escurecido e esfriado lá fora — com o frio pedindo passagem através da janela

sobre a pia — e de Sam não ter ainda chegado. *Ele não vai se transformar. Ele está curado. Acabou.*

Rachel bateu o quadril contra o meu e percebi, de repente, que ela havia aumentado insanamente o volume da música. Ela tornou a bater o quadril, no compasso da canção, e depois rodopiou até o meio da cozinha, balançando os braços acima da cabeça numa espécie de dança maluca do Snoopy. Sua roupa, um vestido preto sobre uma leggings listrada, combinava com as duas marias-chiquinhas, basicamente realçando o efeito ridículo.

— Rachel — chamei. Ela olhou para mim, mas continuou a dançar. — É por isso que você não tem namorado.

— Não há homem que saiba lidar com isto — me garantiu Rachel, apontando com o queixo na própria direção. Mais um rodopio e ficou cara a cara com Sam, parado na porta do corredor. O baixo grave deve ter abafado o som da porta da frente. Ao vê-lo, meu estômago despencou para o pé, numa estranha mistura de alívio, nervosismo e expectativa, sensação que jamais parecia me deixar.

Ainda encarando Sam, Rachel fez um estranho movimento de dança com os dedos indicadores esticados, algo provavelmente inventado nos anos 1950, quando não se permitia que homens e mulheres se tocassem.

— Oi, Rapaz! — gritou Rachel acima da música. — Estamos fazendo comida italiana!

Ainda segurando um pedaço de frango, eu me virei e fiz um barulho de protesto. Rachel disse:

— Minha colega aqui está me dizendo que fui muito incisiva. Estou vendo Grace fazer comida italiana!

Sam sorriu para mim, com o eterno sorriso tristonho talvez um pouco mais tenso que de hábito, e disse:

—

Esforcei-me para baixar o volume do rádio com a mão que não estava suja de ovo e farinha.

— O quê?

— Perguntei o que vocês estão fazendo — repetiu Sam. — Em seguida, disse: “Oi, Rachel” e “Posso entrar na cozinha, Rachel?”

Rachel abriu caminho com um movimento exagerado, e Sam foi se apoiar no balcão a meu lado. Seus olhos amarelos de lobo estavam cerrados, e aparentemente ele se esquecera de tirar o casaco.

— Frango à *parmegiana* — anunciei.

Ele piscou:

— Como?

— É o que estou fazendo. O que você andou aprontando?

— Eu... estava... Eu estava na loja. Lendo. — Com um rápido olhar para Rachel, ele semicerrou os lábios e acrescentou: — Não posso falar. Meus lábios ainda estão congelados pelo frio de lá fora. Quando será que vai chegar a primavera?

— Esqueça a primavera — interveio Rachel. — Quando vai sair o jantar?

Acenei com um peito de frango por empanar, e Sam olhou para a bancada atrás dele.

— Posso ajudar? — indagou.

— Basicamente, preciso terminar de empanar estes oito milhões de peitos de frango — respondi. Minha cabeça latejava, e eu estava começando a odiar a mera visão do frango cru. — Nunca reparei no que acontece com um quilo de peito de frango quando é cortado em filés.

Sam delicadamente passou se esgueirando por mim para chegar à pia e lavar as mãos, encostando o rosto no meu ao pegar o pano de prato às minhas costas.

— Empano o resto enquanto você fritar. Dá certo assim?

— Eu ferver a água para a massa — ofereceu-se Rachel. — Sou ótima para ferver coisas.

— A panela grande está na despensa — avisei.

Quando Rachel sumiu na pequena despensa e começou a remexer nas panelas e tampas, Sam se inclinou, de modo a roçar os lábios na minha orelha, e sussurrou:

— Vi um dos novos lobos de Beck hoje. Transformado.

Levou um instante para o meu cérebro registrar o significado dessas palavras: *novos lobos*. Olívia estaria humana? Sam teria que encontrar os outros lobos? O que aconteceria agora?

Virei-me de repente para ele, que continuava suficientemente perto para que nossos narizes se encostassem. O dele ainda estava gelado por causa do frio lá fora. Vi a preocupação em seus olhos.

— Ei, nada disso enquanto eu estiver aqui — disse Rachel. — Gosto do Rapaz, mas não quero assistir a sessões de beijos entre vocês. Beijar na frente dos sem-amor é um ato de crueldade. Você não devia estar fritando alguma coisa?

Então terminamos os preparativos do jantar. Aquilo levou um tempo dolorosamente enorme, pois eu sabia que Sam precisava dizer algo que não podia ser dito na frente de Rachel. Fora a culpa, que também fazia o tempo se arrastar. Olívia também era amiga de Rachel. Se soubesse que Olívia talvez estivesse prestes a voltar, Rachel ficaria eufórica e exigiria um monte de respostas. Tentei não consultar o relógio. A mãe de Rachel iria apanhá-la às oito.

— Oi, Rachel. Hum! comida! — disse mamãe, borboleteando cozinha adentro e largando o casaco no caminho, sobre uma das cadeiras encostadas à parede.

— Mãe! — exclamei, sem me dar o trabalho de esconder a surpresa. — O que faz em casa tão cedo?

— Tem comida para mim? Comi no estúdio, mas não me satisfiz — disse ela. Não duvidei. Minha mãe era uma excelente

queimadora de alimentos. Mexer-se o tempo todo fazia maravilhas quando se tratava de gastar energia. Ela se virou e viu Sam. Sua voz adquiriu um tom sagaz e não muito agradável.

— Oi, Sam. Por aqui de novo?

Sam corou.

— Você praticamente mora aqui — prosseguiu mamãe. Tornou a virar-se e me encarou. Aquilo nitidamente significava alguma coisa, mas não entendi. Sam, porém, desviou o rosto, como se para ele estivesse bem claro.

Um dia, no passado, minha mãe realmente gostou de Sam, chegando mesmo a flertar com ele do seu jeito maternal e pedir que cantasse e posasse para ela. Mas isso foi no tempo em que Sam era apenas um garoto com quem eu estava saindo. Agora que não havia dúvidas de que ele chegara para ficar, a afabilidade dela se evaporara, e nós duas nos comunicávamos na linguagem do silêncio. A duração das pausas entre as frases provia mais informação do que as palavras pronunciadas.

Trinquei os dentes.

— Coma um pouco de massa, mãe. Você vai continuar a trabalhar?

— Está querendo se livrar de mim? — indagou ela. — Posso subir. — Ela bateu de leve na minha cabeça com seu garfo. — Não precisa me lançar olhares fulminantes, Grace. Já entendi. Vejo você depois, Rachel.

— Meu olhar não foi fulminante — falei, depois que ela saiu, quando fui pendurar seu casaco. Alguma coisa na conversa toda havia me deixado com um gosto amargo na boca.

— Não mesmo — concordou Sam, com a voz meio chateada. — Ela está com a consciência pesada.

Ele fez uma expressão pensativa e encolheu os ombros, como se carregasse um peso que não existia de manhã. Me perguntei, de repente, se ele já tivera dúvidas sobre a decisão que tomara — se

tinha valido o risco. Eu queria que ele soubesse que eu achava que sim. Queria que ele soubesse que eu anunciaria isso ao mundo. Foi quando resolvi confiar em Rachel.

— É melhor você tirar seu carro — pedi a Sam.

Ele lançou um olhar ansioso para o teto, como se mamãe pudesse ler seus pensamentos através do chão de seu estúdio caseiro. Em seguida, olhou para Rachel e, depois, para mim, com a pergunta não formulada refletida em sua expressão: *Vai mesmo contar a ela?* Dei de ombros.

Rachel me encarou confusa. Fiz um gesto para dizer *Calma, eu explico*, e Sam gritou para o alto da escada.

— Nos vemos depois, sra. Brisbane!

Fez-se uma longa pausa. Então mamãe respondeu, sem muita delicadeza:

— Tchau!

Sam voltou à cozinha. Não disse que se sentia culpado, mas nem precisava. Estava escrito em sua cara.

— Se eu não vir você quando voltar, Rach, até — falou, um pouco hesitante.

— Voltar? — exclamou Rachel, surpresa, quando Sam saiu pela porta da frente, fazendo tilintar as chaves do carro. — Como assim, voltar? O que ele foi fazer com o carro? Espere aí... o Rapaz tem dormido *aqui*?

— *Shhh!* — falei apressada, dando uma olhada no corredor. Pegando Rachel pelo braço, empurrei-a para o canto da cozinha e logo a soltei, olhando para os meus dedos. — Nossa, Rachel, como você está fria!

— Não, você é que está quente — corrigiu ela. — E aí, o que está rolando aqui? Vocês dois estão, tipo... *dormindo* juntos?

Senti meu rosto corar, involuntariamente.

— Não desse jeito. É só...

Rachel não esperou que eu descobrisse como terminar a frase.

— Cacete, cacete, cacete... Não consigo nem pensar no que dizer, Grace! É só *o quê?* O que vocês dois *fazem?* Não, não me diga!

— *Shhh!* — repeti, ainda que Rachel não estivesse falando tão alto. — Dormimos, só isso. É, parece estranho, mas eu...

Lutei para encontrar palavras para explicar. Não tinha nada a ver com quase ter perdido Sam e querer mantê-lo por perto. Não tinha nada a ver com sexo. Tinha a ver com adormecer com as costas de encontro ao peito dele, de modo a poder ouvir seu coração desacelerar para bater junto com o meu. Tinha a ver com crescer e perceber que a sensação dos seus braços em volta de mim, o cheiro dele quando dormia, o som da sua respiração — que isso era aconchego e tudo o que eu sempre quis encontrar. Não era a mesma coisa que estar com ele acordada. Só que eu não sabia como explicar isso a Rachel. Me perguntei por que quis lhe contar.

— Não sei se consigo explicar. Dormir é *diferente* quando ele está aqui.

— Não tenho a menor dúvida — disse Rachel, com os olhos esbugalhados.

— Rachel...

— Desculpe, desculpe. Estou tentando ser sensata, mas a minha melhor amiga acabou de me dizer que passa todas as noites com o namorado sem os pais saberem. Quer dizer que ele vai voltar escondido? Você corrompeu o rapaz!

— Acha que estou agindo errado? — perguntei, me encolhendo de leve, porque cogitei realmente *ter* corrompido Sam.

Rachel refletiu.

— Acho incrivelmente romântico.

Ri, um riso meio trêmulo, num misto de brincadeira e alívio.

— Rachel, estou apaixonada por ele.

Porém, aquilo não soou *real* quando falei. Pareceu falso, como um comercial, pois não pude realmente pôr na voz toda a verdade e intensidade do que eu sentia.

— Jura que não conta?

— Seu segredo está bem-guardado comigo. Longe de mim separar os jovens amantes. Nossa! Não acredito que vocês sejam mesmo jovens amantes.

Meu coração batia forte por causa da confissão, mas eu me senti bem — menos um segredo escondido de Rachel. Quando a mãe dela chegou, alguns minutos depois, estávamos ambas muito alegrinhas. Talvez fosse hora de contar alguns outros segredos também.

SAM

Fazia -7°C do lado de fora. À luz brilhante da lua, um disco pálido e chato por trás de um emaranhado de galhos despidos, cruzei os braços no peito e olhei para as minhas meias, esperando que a mãe de Grace saísse da cozinha. Amaldiçoei baixinho as primaveras gélidas de Minnesota, mas as palavras alçaram voo em baforadas brancas na escuridão. Era estranho ficar ali em pé naquele frio, tremendo, incapaz de sentir os dedos das mãos e dos pés, os olhos ardendo, e não estar prestes a virar lobo como antes.

Pela porta rachada de vidro deslizante da varanda mal dava para ouvir a voz de Grace, que falava com a mãe a meu respeito. A mãe, com delicadeza, perguntou se eu voltaria na noite seguinte também. Grace respondeu vagamente que era bem provável, que era assim que se comportavam os namorados. A mãe comentou consigo mesma que algumas pessoas poderiam pensar que estávamos indo rápido demais. Grace perguntou se a mãe queria mais frango à *parmegiana*, antes de guardar a travessa na geladeira. Pude ouvir a impaciência em sua voz, mas a mãe não pareceu notar, me mantendo prisioneiro do lado de fora com sua presença

na cozinha. De pé na madeira gélida da varanda, vestido com uma calça jeans e uma camiseta fina dos Beatles, ponderei a sábia possibilidade de me casar com Grace e levar uma vida de jovens hippies no banco traseiro do meu Volkswagen, sem restrições paternas. Nunca a ideia tinha parecido tão boa como agora, quando eu começava a bater os dentes e meus dedos e orelhas iam ficando dormentes.

Ouvi Grace dizer:

— Você me mostra no que estava trabalhando?

A mãe pareceu levemente desconfiada ao dizer:

— Tudo bem.

— Só vou pegar um suéter — disse Grace. Vindo até a porta de vidro da varanda e destrancando-a silenciosamente enquanto, com a outra mão, pegava o suéter nas costas da cadeira da cozinha, ela formou com a boca a palavra *Desculpe* para mim. Um pouco mais alto, falou:

— Está um gelo aqui.

Contei até vinte depois que as duas saíram da cozinha e entrei. Estava tremendo incontrolavelmente de frio, mas continuava a ser Sam.

Eu tinha todas as provas necessárias de que minha cura era real, mas continuava a esperar pelo fim da piada.

GRACE

Sam continuava a tremer de tal forma quando o encontrei em meu quarto que me esqueci por completo da dor de cabeça constante. Fechei a porta sem acender a luz e me guiei pelo som da sua voz até a cama.

— A-a-acho que a gente deve repensar nosso estilo de vida — sussurrou para mim, com os dentes tilitando, quando deitei na cama e o abracei com força. Meus dedos roçaram os pelinhos

arrepiados em seus braços. Dava para senti-los mesmo por baixo do tecido da camisa.

Puxei o cobertor para cobrir nossas cabeças e coleí o rosto contra a pele gélida do pescoço de Sam. Me senti egoísta ao dizer em voz alta:

— Não quero dormir sem você.

Ele se enroscou como uma bolinha — os pés, mesmo dentro das meias, pareciam congelados de encontro às minhas pernas nuas — e murmurou:

— Nem eu, mas te-temos toda...

As palavras se amontoaram umas sobre as outras. Ele precisou parar de falar para esfregar os lábios com as mãos e aquecê-los.

— Toda a vida pela frente. Para ficarmos juntos.

— Toda a vida, a partir de agora — repeti. Do lado de fora, ouvi a voz de meu pai. Ele devia ter chegado enquanto eu entrava no quarto. Ouvi as vozes dos meus pais se acotovelando, ruidosas, quando eles subiam para se deitar. Por um instante, invejei sua liberdade de ir e vir como quisessem, sem escola, sem pais, sem regras.

— Isto é, você não precisa ficar se não se sentir à vontade, se não quiser — falei. — Não quero parecer tão dependente.

Sam se virou para me encarar. Só dava para ver, no escuro, o brilho dos seus olhos.

— Nunca vou me cansar disto. Só não quero arrumar problema para você. Só não quero que você precise me pedir para ir embora, se a coisa ficar feia demais.

Toquei seu rosto frio com a mão. A sensação contra a minha pele era gostosa.

— De vez em quando, você é um bocado burro para um cara tão inteligente.

Senti o sorriso dele na palma da minha mão quando ele aproximou mais o corpo do meu.

— Ou você está quente à beça — disse Sam —, ou eu estou gelado.

— Estou quente mesmo — sussurrei. — Muuuuito quente.

Sam riu sem fazer barulho — um som breve, estremecido, enquanto soltava a respiração.

Agarrei os dedos dele e os entrelacei nos meus. Ficamos assim, com as mãos atadas como um nó entre nossos corpos, até que os dedos dele se aquecessem.

— Me fale do lobo novato — pedi.

Sam se aquietou ao meu lado.

— Tem alguma coisa errada com ele. Não teve medo de mim.

— Que estranho.

— Me fez pensar em que tipo de pessoa escolheria ser um lobo. Eles devem ser loucos, Grace, cada um dos novos lobos de Beck. Você faria essa escolha?

Foi a minha vez de ficar quieta. Será que ele se lembrava de deitar ao meu lado no ano anterior, exatamente como agora, e me confessar que gostaria que eu também me transformasse para poder partir com ele? Não, não apenas isso. Para sentir como era ser um dos lobos, como era simples, mágico, natural. Pensei novamente em Olívia, agora uma loba branca, correndo entre as árvores com o restante da alcateia, e algo dentro de mim pareceu um pouco cru.

— Talvez eles simplesmente adorem lobos — falei, afinal. — Vai ver, a vida deles não era lá essa maravilha.

O corpo de Sam estava bem junto ao meu, mas sua mão ficou inerte dentro da minha e vi que seus olhos se fecharam. Seus pensamentos estavam longe, muito distantes de mim, intocáveis. Por fim, ele disse:

— Não confio nele, Grace. Tenho a sensação de que nada de positivo virá desses novos lobos. Eu... eu queria que Beck não tivesse feito isso. Queria que ele tivesse sido paciente e esperasse.

— Agora durma — falei, embora soubesse que isso não aconteceria. — Não se preocupe com o que pode vir por aí.

Mas eu sabia que isso também não aconteceria.

CAPÍTULO 11

GRACE

— Por aqui de novo, Grace?

A enfermeira ergueu os olhos quando entrei em sua sala. As três cadeiras do outro lado de sua mesa estavam ocupadas — um dos alunos tinha a cabeça jogada para trás, os olhos fechados e a boca aberta, numa posição constrangedora demais para ser fingida, enquanto os outros dois liam. A sra. Sanders era conhecida por permitir que o pessoal de saco cheio da vida ficasse em sua sala, o que não fazia mal algum, exceto quando alguém com uma dor de cabeça lancinante quisesse apenas se sentar e não encontrasse uma única cadeira vazia.

Me postei diante de sua mesa e cruzei os braços. Tive vontade de cantarolar no ritmo das batidas de minha dor de cabeça. Passando a mão no rosto — gesto que repentina e agudamente me lembrou Sam —, eu disse:

— Desculpe incomodar a senhora de novo com uma bobagem, mas a minha cabeça está me matando.

— É, você parece mesmo mal — concordou ela, que se levantou e indicou a cadeira de rodas atrás de sua mesa. — Por que você não se senta enquanto procuro um termômetro? Você está um pouco corada, também.

— Obrigada — agradei com sinceridade, e me sentei à sua mesa enquanto ela se dirigia à outra sala.

Era estranho estar ali. Não apenas naquela cadeira, com o jogo de paciência ainda aberto no computador e as fotos dos filhos dela me encarando de seus porta-retratos, mas na enfermaria. Essa era a minha segunda visita, e a última tinha apenas alguns dias. Eu já havia esperado na porta por Olívia algumas vezes, mas jamais entrara como paciente, piscando sob as luzes fluorescentes e imaginando se estaria doente.

Na ausência da sra. Sanders, achei que não precisava me fazer de forte e apertei a testa logo acima do nariz, tentando pressionar o núcleo da dor. Essa era igual às outras dores de cabeça que eu vinha tendo ultimamente, uma dor surda, que se irradiava e fazia arder as maçãs do rosto. Essas eram as dores de cabeça que pareciam mais ameaçadoras: eu continuava a esperar um resfriado, uma tosse, *alguma coisa*.

A sra. Sanders voltou com um termômetro, e imediatamente tirei a mão do rosto.

— Abra a boca, meu bem — instruiu ela. Em qualquer outra ocasião, eu teria achado engraçado, já que a sra. Sanders nunca me parecera do tipo “meu bem”. — Desconfio que você pegou alguma virose.

Aceitei o termômetro e o pus debaixo da língua. A capa de plástico que o envolvia parecia afiada e viscosa em minha boca. Eu ia dizer que raramente ficava doente, mas não consegui abrir a boca. A sra. Sanders conversou com os dois alunos acordados nas

cadeiras, enquanto os três minutos levaram séculos para passar. Então, voltou e retirou o termômetro.

— Achei que existissem termômetros mais rápidos hoje em dia — observei.

— Na pediatria. Supõe-se que vocês, alunos do ensino médio, tenham paciência suficiente para usar os mais baratos. — Ela checou o termômetro. — Você está com um pouco de febre, gatinha. Deve ser uma virose. Tem um monte por aí, com essa variação de temperatura. Quer que eu ligue para alguém vir pegar você?

Pensei, por um momento, na felicidade de fugir da escola e me aninhar nos braços de Sam pelo resto da tarde. Mas ele estava trabalhando e eu tinha prova de química, por isso suspirei e admiti a verdade: eu não estava me sentindo suficientemente mal para justificar a dispensa. — Não falta muito para a hora da saída. E tenho prova.

A sra. Sanders fez uma careta.

— Sem frescuras. Eu aprovo. Olhe, eu não devia fazer isso sem avisar seus pais, mas... — Ficando a meu lado, ela abriu uma das gavetas de sua mesa. Havia um punhado de dinheiro trocado, as chaves do carro e um vidro de analgésicos. — Isto vai livrar você da febre e, provavelmente, da dor de cabeça também — disse ela, colocando dois comprimidos na palma da minha mão.

— Obrigada — agradei, devolvendo-lhe a cadeira. — Não se ofenda, mas espero não voltar mais esta semana.

— Esta sala é um ponto de encontro cultural e social! — disse a sra. Sanders, fingindo-se chocada. — Cuide-se.

Engoli os comprimidos e, em seguida, tomei um pouco d'água no bebedouro ao lado da porta, voltando depois para a sala de aula. Mal sentia a dor de cabeça. No final da última aula, o remédio já

tinha surtido efeito. A sra. Sanders devia estar certa. Essa sensação teimosa de haver algo a *mais* não passava de uma virose.

Tentei me convencer de que era só isso.

CAPÍTULO 12

COLE

Não achei que era para eu virar humano agora.

Flocos de neve cortavam minha pele nua, tão frios que chegavam a queimar. As pontas dos meus dedos pareciam tacos de madeira, totalmente insensíveis. Eu não sabia há quanto tempo estava deitado no solo congelado, mas sem dúvida havia sido tempo suficiente para derreter a neve na base da minha coluna.

Eu tremia tanto que mal conseguia ficar de pé, sem equilíbrio sobre as pernas, enquanto tentava entender por que deixara de ser lobo. Até então, minhas transformações em humano haviam acontecido em dias mais quentes e durado, felizmente, pouco tempo. Aquela foi uma noite gelada — seis ou sete horas, a julgar pelo sol cor de laranja visível entre os galhos de árvore sem folhas.

Não tive tempo para ponderar a instabilidade da minha situação. Tremia de frio, mas não sentia sequer vestígios de náusea no estômago nem qualquer contração na pele que indicasse uma iminente transformação em lobo. Sabia, com uma certeza

deprimente, que me achava preso neste corpo, ao menos naquele momento, o que significava que era preciso encontrar abrigo — estava nu em pelo e sem disposição para esperar que a gangrena se instalasse. Havia muitas extremidades que eu preferia não perder.

Abraçando a mim mesmo, examinei o lugar onde estava. Atrás de mim, o lago refletia brilhantes raios de luz. Esforcei-me para enxergar alguma coisa na floresta sombria à frente e pude ver a estátua defronte ao lago, assim como os bancos de concreto atrás dela. Isso queria dizer que dava para chegar a pé à casa enorme que eu vira mais cedo.

Eu tinha um objetivo agora. Torci para que não houvesse ninguém em casa.

Não vi carro algum na entrada, o que me fez crer que a sorte estava ao meu lado.

— Droga, droga, droga — sussurrei, sem fôlego, enquanto caminhava, sobre o cascalho que me feria os pés, até a porta dos fundos. O que restara de nervos em funcionamento nos meus pés bastava para que eu sentisse as pedras rasgando a carne fria. Os ferimentos saravam mais rápido agora do que antes, quando eu era apenas Cole, mas isso não tornava menos dolorosa a primeira incisão da pedra na pele.

Experimentei a porta dos fundos — destrancada. Sem dúvida, o homem lá de cima estava me tratando bem. Registrei mentalmente que deveria lhe mandar um cartão. Abrindo a porta, entrei num pequeno hall entulhado, cheirando a molho de churrasco. Fiquei um instante parado ali, tremendo, paralisado momentaneamente pela lembrança de um churrasco. Meu estômago — bem mais esbelto e musculoso do que da última vez em que eu havia sido humano — roncava, e por um minúsculo instante pensei em achar a cozinha e roubar comida.

A ideia de querer tanto alguma coisa fez meus lábios desenharem um sorriso. Depois, meus pobres pés gelados me recordaram o

motivo de eu estar ali. Em primeiro lugar, roupas; depois, comida. Saí do hall e entrei em um corredor mal-iluminado.

A casa era tão gigantesca por dentro quanto parecia de fora, e dava a impressão de ter saído de uma revista de decoração. Nas paredes, tudo parecia perfeito, em impecável harmonia ou charmosa assimetria. Um tapete imaculadamente limpo de uma cor provavelmente chamada “violeta” se estendia pelo corredor de tábua corrida, que percorri. Olhando para trás para me assegurar de que o caminho continuava livre, por pouco evitei derrubar um vaso que parecia ser caro e que continha um punhado de galhos mortos artisticamente arrumados. Perguntei-me se os moradores seriam gente de verdade.

De forma mais urgente, me perguntei se alguém do meu tamanho moraria ali.

Hesitei no lugar onde o corredor se bifurcava. À minha esquerda, mais corredor na penumbra. À direita uma escada enorme, escura, que lembrava uma cena de assassinato num filme de terror gótico. Conflitei-me por um breve segundo com a lógica e decidi subir. Se eu fosse um cara rico em Minnesota, meu quarto ficaria no andar de cima. Porque o calor sobe.

A escada me levou a um corredor que, de um dos lados, se abria para as escadas abaixo. Meus dedos dos pés ardiam, à medida que recuperavam a sensibilidade, de encontro ao peludo carpete verde. A dor era uma coisa boa. Significava que o sangue continuava a circular.

— Não se mexa.

Uma voz feminina me imobilizou. Não soava amedrontada, apesar de haver um homem nu no meio da casa, o que me fez imaginar que, provavelmente, havia um rifle apontado para as minhas costas. Me dei conta do ritmo normal das batidas do meu coração. Nossa, que falta me fazia essa adrenalina!

Virei-me.

Era uma garota. Sua beleza era de cortar o coração, com enormes olhos azuis parcialmente escondidos atrás de uma franja irregular de cabelo louro. Um meneio em seus ombros sugeria que ela sabia direitinho o efeito que causava. Quando me olhou de alto a baixo, senti que estava sendo avaliado e reprovado.

Tentei sorrir.

— Oi. Desculpe, estou nu.

— Prazer. Meu nome é Isabel. O que está fazendo na minha casa?

Não havia, com efeito, uma resposta correta para essa pergunta.

Abaixo de nós, ouvimos o barulho de uma porta se fechando, e Isabel e eu demos um pulo para olhar de onde vinha. Durante um breve momento, meu coração martelou meu peito, e me surpreendi com a sensação de pavor, com o fato de sentir *alguma coisa* depois de um longo período de vazio.

Não consegui me mexer.

— Meu *Deus!* — exclamou uma mulher ao pé da escada, olhando diretamente para mim sob o corrimão da bancada. Seus olhos se desviaram para Isabel. — Meu Deus! Que diabos...

Eu ia ser morto por duas gerações de mulheres lindas. E ainda por cima pelado.

— Mãe — interrompeu Isabel. — Você se importa de não ficar encarando? Que tara!

Tanto a mãe quanto eu ficamos desarmados.

Isabel se aproximou de mim e se debruçou na balaustrada para falar com a mãe.

— Dá para se ter um pouco de privacidade? — gritou lá para baixo.

Isso devolveu vida à mãe, que gritou de volta, com uma voz ainda mais alta:

— Isabel Rosemary Culpeper, você poderia me dizer o que um rapaz *nu* está fazendo nesta casa?

— O que é que você *acha*? — respondeu Isabel. — O que você acha que estou fazendo com um rapaz nu nesta casa? O dr. Narigudo não avisou que eu talvez aprontasse se vocês continuassem a me ignorar? Bom, é isso, mãe! Estou aprontando! Tudo bem, continue encarando! Espero que goste! Não sei por que você nos obriga a fazer terapia se não quer nem ouvir o que o psiquiatra tem a dizer. Vamos, me castigue pelos seus erros!

— Filhinha — disse a mãe, numa voz mais suave —, é que isso...

— Ao menos não estou rodando bolsinha na esquina, vendendo meu corpo! — gritou Isabel. Virou-se para mim, e a expressão em seu rosto na mesma hora se suavizou. Numa voz milhões de vezes mais leve, disse: — Gato, não quero que você me veja assim. Por que não volta para o quarto?

Eu era um ator, afinal.

Lá embaixo, a mãe esfregava a mão na testa, tentando não olhar na minha direção.

— Por favor, pelo menos peça a ele para vestir alguma coisa antes que seu pai chegue. Nesse meio tempo, vou tomar um drinque. Não quero ver esse rapaz de novo.

Quando a mãe virou as costas, Isabel agarrou meu braço — não sei por que foi um choque sentir suas mãos na minha pele — e me guiou pelo corredor até uma das portas. O cômodo era um banheiro, todo azulejado em preto e branco, com uma banheira gigante que tinha pés de animal ocupando a maior parte do espaço.

Isabel me empurrou para dentro com tamanha força que quase caí na banheira, fechando depois a porta.

— Por que diabos você virou humano tão cedo? — exigiu saber.

— Você sabe o que eu sou? — indaguei. Pergunta idiota.

— Por favor! — disse ela, destilando um desprezo na voz que ameaçou me excitar. Ninguém, *ninguém*, falava comigo nesse tom.

— Ou você é um dos novatos de Sam, ou um tarado nu qualquer com cheiro de cachorro.

— Sam? Beck — respondi.

— Beck, não. Agora é Sam — corrigiu Isabel. — Não importa. O que importa é que você está nu na minha casa, e, na verdade, devia ser um lobo neste momento. Por que raios você não é? Como se chama?

Por um único e enlouquecido instante, quase lhe disse.

ISABEL

Por um instante, o rosto dele viajou para algum outro lugar, um lugar indistinto, e aquela era a primeira expressão genuína que vi em seu rosto desde que o flagrara basicamente posando junto à bancada. Então, o traço de zombaria voltou a seus lábios e ele disse:

— Cole.

Como se fosse um presente.

Devolvi no mesmo tom.

— E por que você não está na pele de um lobo agora, *Cole*?

— Porque senão eu não teria te conhecido — sugeriu ele.

— Bela tentativa — comentei, mas senti um sorriso duro contorcer meu rosto. Por força do hábito, eu sabia o suficiente sobre paquera para reconhecer uma quando a via. E ele também era um safado pretensioso. Em vez de ficar mais constrangido à medida que conversávamos, pegou a haste do chuveiro com ambas as mãos, alongando-se de um jeito bastante atraente, ao mesmo tempo em que me estudava.

— Por que mentiu para sua mãe? — perguntou. — Teria feito isso se eu fosse um corretor de imóveis barrigudo transformado em lobisomem?

— Duvido. Generosidade não é o meu forte. — O meu forte era o jeito como ele esticava os braços acima da cabeça, realçando os

músculos dos ombros e retesando o peito. Tentei manter os olhos no seu sorriso arrogante. — Dito isso, vamos tratar de arrumar umas roupas para você.

O sorriso se ampliou:

— Por que tanta pressa?

Abri um sorriso malcriado para ele.

— É hora de tapar as partes íntimas da aberração.

Ele fez um pequeno muxoxo com os lábios:

— Doeu.

Dei de ombros.

— Fique aqui e comporte-se. Volto já.

Fechando a porta do banheiro, atravessei o corredor a caminho do velho quarto do meu irmão. Hesitei do lado de fora apenas um instante e depois abri a porta.

Ele já havia morrido há tempo suficiente para que entrar no seu quarto não mais parecesse invasão. Além disso, na verdade, aquele quarto não dava mais a impressão de lhe pertencer. Minha mãe tinha embalado em caixas um bocado de suas coisas, conselho de seu ex-terapeuta, e depois largado as caixas no quarto, conselho do atual. Toda a bagulhada esportiva estava empacotada, assim como a enorme aparelhagem de som montada em casa. Uma vez removidas essas duas coisas, não sobrara nada com cara de *Jack*.

Adentrando o cômodo escuro, bati com a canela na quina de uma das caixas terapêuticas a caminho do abajur. Soltei um palavrão baixinho, acendi a luz e, pela primeira vez, pensei no que estava fazendo: remexendo nas coisas do meu irmão na tentativa de encontrar roupas para um lobisomem lindo de morrer, embora meio babaca, que aguardava no meu banheiro, depois de dizer à minha mãe que estava dormindo com ele.

Talvez ela tivesse razão e eu precisasse de terapia.

Contornei as caixas e abri o closet. Uma lufada que cheirava a Jack me atingiu — bastante desagradável, aliás. Camisas de nylon parcialmente lavadas, xampu masculino e sapatos velhos. Mas, durante um segundo, um segundo apenas, isso me imobilizou, e então fixei o olhar nas sombras das roupas penduradas. Depois ouvi minha mãe, no andar de baixo, deixar cair alguma coisa e me lembrei de que precisava tirar Cole de casa antes que meu pai chegasse. Mamãe não contaria a ele. Nisso ela era ótima. Tanto quanto eu, não gostava de ver a merda bater no ventilador.

Encontrei um moletom caindo aos pedaços, uma camiseta e um jeans decente. Satisfeita, dei meia-volta... e trombei com Cole.

Engoli outro palavrão, com o coração aos pulos. Tive que inclinar a cabeça um tantinho para trás a fim de poder ver seu rosto tão próximo, pois ele era um bocado alto. A luz mortiça do abajur realçava seu rosto em relevo, como um quadro de Rembrandt.

— Você estava demorando — disse Cole, recuando um passo por educação. — Resolvi ver se você tinha vindo buscar uma arma.

Atirei a roupa nele.

— Você vai ter que dispensar a cueca.

— Há outra alternativa?

Jogando a camisa, o moletom e a camiseta na cama, ele se virou de lado para enfiar o jeans, que ficou meio folgado. Dava para ver o contorno dos ossos dos quadris fazendo sombra ao desaparecerem na cintura.

Desviei rapidamente o olhar quando ele ficou de frente para mim, mas sabia que Cole me vira observando-o. Quis arrancar à unha aquela expressão presunçosa de seu rosto. Ele pegou a camiseta e, quando ela se desdobrou em suas mãos, vi que se tratava da camiseta dos Vikings favorita de Jack, com a barra do lado direito manchada pela tinta branca com que ele pintara a garagem no ano anterior. Jack costumava usá-la vários dias seguidos, até que ele próprio tinha que admitir que fedia. Eu a odiava.

Cole esticou o braço acima da cabeça para vesti-la, e, de repente, tudo em que pude pensar foi que não dava para aguentar ver alguém que não o meu irmão usando aquela camiseta. Sem pensar, agarrei um pedaço dela e Cole congelou, baixando os olhos para mim com uma expressão vazia. Ou, quem sabe, meio confusa.

Puxei, indicando o que eu queria, e ainda com uma expressão vagamente curiosa, ele soltou, me deixando tirar a camiseta de suas mãos. Tendo recuperado a peça, eu não quis explicar o porquê de ter feito aquilo e por isso beijei Cole. Era mais fácil beijá-lo, pressionando seu corpo contra a parede, saboreando com os lábios o formato de seu riso zombeteiro, do que identificar por que a camiseta de Jack nas mãos de outro me deixou tão sensível e exposta por dentro.

E ele beijava bem. Senti sua barriga musculosa e suas costelas vindo de encontro a mim, ainda que suas mãos não se erguessem para me tocar. Assim pertinho, ele cheirava a Sam na noite em que o conheci, aquele odor almiscarado de lobo e pinheiros. Notei uma certa sofreguidão no jeito como Cole colou sua boca na minha, o que me fez pensar que ele era mais real ali, me beijando, do que quando falava.

Quando me afastei, Cole ficou onde estava, encostado à parede, os dedos enfiados nos bolsos do jeans, cujo zíper ele ainda não puxara, e a cabeça inclinada para um lado, me estudando. Meu coração batia disparado no peito e minhas mãos tremiam com o esforço para não tornar a beijá-lo, mas ele não parecia desconcertado. Pude ver como seu pulso batia lenta e regularmente através da pele do abdome.

O fato de ele não se mostrar tão tenso quanto eu me enfureceu de imediato, e então eu recuei um passo e atirei a camiseta de Jack para ele. Cole esticou o braço para pegá-la um segundo depois que ela ricocheteou em seu peito.

— Ruim assim? — indagou ele.

— Foi — respondi, cruzando os braços para aquietá-los. — Como se você estivesse tentando morder uma maçã.

Suas sobrancelhas se ergueram como se ele soubesse que eu mentia.

— Revanche?

— Acho que não — respondi. Apertei com um dedo uma das minhas sobrancelhas. — Está na hora de você ir embora.

Tive medo de que me perguntasse para onde, mas ele simplesmente enfiou a camiseta e puxou o zíper da calça com um ar de decisão.

— Acho que você tem razão.

Embora eu visse que as solas de seus pés estavam seriamente feridas, ele não me pediu um sapato e eu não ofereci. O peso de não lhe dar explicações sufocava as palavras em minha boca, por isso o acompanhei até o andar de baixo e nos dirigimos até a porta por onde ele entrara.

Vi que ele hesitou por um instante quando passamos pela porta da cozinha e me lembrei das suas costelas contra as minhas. Uma pequena parte de mim sabia que devia lhe oferecer algo para comer, mas a parte maior só queria que ele partisse o mais rápido possível. Por que era tão mais fácil deixar um prato do lado de fora para os lobos?

Provavelmente porque lobos não ostentavam sorrisos zombeteiros.

No hall, parei junto à porta e cruzei novamente os braços.

— Meu pai atira em lobos — disse a Cole. — Só para sua informação. Por isso talvez seja recomendável você ficar longe da floresta atrás da casa.

— Vou me lembrar disso quando estiver no corpo de um animal de mente menos nobre — disse Cole. — Obrigado pela dica.

— Vivo para agradar — respondi, escancarando a porta. A neve, entrando de lado, salpicou meu braço.

Eu esperava a expressão de um vira-lata, ou alguma outra destinada a despertar solidariedade. Cole, porém, simplesmente olhou para mim, com um sorriso estranho e firme nos lábios, antes de sair direto na neve, puxando a porta da minha mão para fechá-la ao passar.

Depois de fechada a porta, fiquei ali de pé um bom tempo, sussurrando impropérios e sem saber por que eu me permitia estar tão abalada. Então, fui até a cozinha, peguei a primeira coisa que vi — um pão de forma embalado — e voltei à porta dos fundos.

Programei mentalmente o que diria — algo do tipo *Não espere mais nada* —, mas, quando abri a porta, Cole já sumira.

Acendi a luz dos fundos. Uma claridade amarela e mortiça espalhou-se pelo pátio gelado, projetando reflexos estranhos na fina camada de neve dura. A cerca de três metros da porta, vi a calça jeans e o moletom surrado jogados no chão formando uma pilha acidental.

Com as orelhas e o nariz ardendo de frio, me aproximei lentamente da roupa, parando para estudar o formato. Uma das mangas do moletom estirada parecia apontar para os pinheiros distantes. Ergui os olhos e, dito e feito, lá estava ele. Um lobo marrom acinzentado parado alguns metros atrás de mim, me encarando com os olhos verdes de Cole.

— Meu irmão morreu — eu lhe disse.

O lobo não fez qualquer movimento. A neve caía sobre seu pelo e nele se grudava.

— Não sou uma pessoa legal — falei.

Ainda imóvel. Minha mente se esforçou na tentativa de compatibilizar os olhos de Cole e a cara daquele lobo.

Abri o saco do pão e o virei para baixo, de modo que as fatias caíssem a meus pés. Ele não recuou — só me encarou sem piscar, olhos humanos na cara de um animal.

— Mas eu não devia ter dito que seu beijo era uma droga — acrescentei, tremendo um pouco de frio. Depois, não soube mais o que dizer sobre o beijo e, por isso, me calei.

Virei-me para a porta de novo. Antes de entrar, dobrei a roupa e emborquei o vaso vazio ao lado da entrada para protegê-lo da neve. Em seguida, abandonei o lobo na noite lá fora.

Eu ainda podia me lembrar dos olhos humanos naquela cara de lobo; eles pareciam tão vazios quanto eu me sentia.

CAPÍTULO 13

SAM

Eu estava com saudade da minha mãe.

Não podia explicar isso a Grace, porque sabia que tudo o que ela via quando pensava em minha mãe eram as cicatrizes brutais deixadas pelos meus pais nos meus pulsos. E era verdade: as lembranças que eu tinha dos dois tentando matar o monstinho em que eu me transformara haviam ficado de tal forma registradas em minha mente que, às vezes, dava a impressão de que partiriam meu crânio. As velhas feridas eram tão profundas que eu sentia a lâmina sempre que me aproximava de uma banheira.

Mas eu também guardara outras lembranças da minha mãe, e elas se insinuavam, de forma totalmente inesperada, entre as lacunas. Como agora, que eu estava curvado sobre o balcão da livraria Crooked Shelf, com os livros a milímetros das minhas mãos vazias, olhando pela janela em direção à noite marrom que espreitava lá fora. As últimas palavras que li jaziam na minha

língua — Mandesltam, que escreveu a meu respeito sem ter sequer como me conhecer:

De sangue, porém, lobo não sou.

Lá fora, a última réstia de sol fazia reluzir a quina dos carros estacionados com um ofuscante brilho âmbar, enchendo também as poças da rua de ouro líquido. Por dentro, a loja já se encontrava fora do alcance do dia moribundo, sombria, vazia e semiadormecida.

Faltavam vinte minutos para a hora de fechar.

Era meu aniversário.

Lembrei da minha mãe fazendo bolinhos individuais nos meus aniversários. Nunca um bolo, já que éramos só nós três e eu comia como um passarinho, escolhendo com cuidado meus desafios culinários. Um bolo acabaria se estragando antes de ser comido.

Por isso, mamãe fazia bolinhos. Eu me lembro do aroma de baunilha do glacê, rapidamente lambuzado sobre o bolo com uma espátula. Por si só, nada haveria de especial, mas esse bolinho específico tinha uma vela enfiada no glacê. Uma minúscula chama brotava do pavio, uma conta de cera derretida tremelizando logo abaixo, transformando aquele bolinho em algo cintilante, bonito e especial.

Eu ainda era capaz de perceber o cheiro de igreja no fósforo apagado com um sopro, de ver o reflexo da chama nos olhos da minha mãe, de sentir a maciez da almofada da cadeira da cozinha sob as minhas pernas magrelas. Ouvi minha mãe pedindo que eu colocasse as mãos no colo e a vi pôr o bolinho diante de mim — ela não me deixava segurar o prato, com medo de que eu deixasse cair a vela em cima de mim.

Meus pais sempre foram muito cuidadosos comigo, até o dia em que decidiram que eu precisava morrer.

Na loja, pus a cabeça entre as mãos e baixei os olhos para me concentrar no cantinho dobrado da capa do livro que estava entre

os meus cotovelos. Dava para ver que a capa não era, na verdade, um único pedaço de papel, que, com efeito, não passava de um pedaço de matéria impressa com uma camada protetora por cima, e que a camada superior havia descascado, permitindo que um canto da capa verdadeira ficasse manchado, amarelado e gasto.

Perguntei a mim mesmo se estaria de fato me lembrando dos bolinhos de mamãe ou se isso não seria algo que o meu cérebro roubara dos milhares de livros que li. A lembrança de outra pessoa, discretamente colada sobre a minha para preencher o vazio.

Sem levantar a cabeça, ergui os olhos, pondo as cicatrizes gêmeas dos meus pulsos diretamente no meu campo de visão. À luz baça do entardecer, minhas veias eram visíveis por baixo da pele translúcida dos meus braços, mas o ziguezaguear azul-claro desaparecia sob o tecido irregularmente cicatrizado. Na minha cabeça, estendia a mão para pegar o bolinho no prato com braços macios, sem marcas e ainda intactos, graças ao amor dos meus pais. Minha mãe sorria para mim.

Parabéns pra você.

Fechei os olhos.

Não sei há quanto tempo estavam fechados quando o sininho da porta me deu um susto. Eu estava pronto para dizer ao recém-chegado que já tínhamos fechado quando Grace se virou, fechando a porta com o ombro. Segurava uma bandeja de papelão com bebidas numa das mãos e um saco do Subway na outra. Era como se uma outra luz tivesse se acendido na loja. Tudo parecia mais iluminado.

Minha surpresa foi demasiado grande para que eu me levantasse para ajudar Grace, e, quando isso finalmente me ocorreu, ela já depositara sua pilhagem no balcão. Contornando-o em seguida, ela me envolveu com os braços e sussurrou no meu ouvido: “Meus parabéns.”

Soltei meus braços daquele abraço para enlaçar-lhe a cintura. Apertei-a contra mim e coleí o rosto em seu pescoço, escondendo a surpresa.

— Como foi que você descobriu?

— Beck me contou antes de se transformar — respondeu Grace.

— *Você* devia ter falado. — Ela se afastou para me olhar. — No que você estava pensando quando entrei?

— Em ser Sam — respondi.

— Que coisa boa para ser — disse Grace. Então ela sorriu, um sorriso que crescia mais e mais até, finalmente, minha expressão refletir a dela, com nossos narizes se tocando. Grace afinal se afastou, apontando para suas oferendas no balcão, arrumadas à volta da minha pilha de livros de um jeito que sugeria grande intimidade. — Sinto muito por não ser mais incrementado. É que não existe lugar algum em Mercy Falls para quem é romântico, e, mesmo se existisse, estou meio dura no momento. Será que podemos comer agora?

Levantei, passei por ela e fui até a porta da frente, trancando-a e virando a placa onde se lia aberto.

— Está na hora de fechar. Quer levar tudo isso para casa ou comer lá em cima?

Grace desviou o olhar para as escadas acarpetadas cor de vinho que levavam ao sótão, e vi que já se decidira.

— Você leva as bebidas com seus braços musculosos — disse ela com uma boa dose de ironia. — Eu levo os sanduíches, já que são inquebráveis.

Apagando as luzes do térreo, eu a segui escada acima, segurando a bandeja de papelão com as bebidas. Nosso pés arranharam o carpete grosso enquanto subíamos para o sótão penumbroso de teto inclinado. A cada passo, parecia que eu transcendia cada vez

mais aquele aniversário recordado, rumo a algo infinitamente mais real.

— O que você trouxe para mim? — perguntei.

— Um sanduíche de aniversário — respondeu Grace. — Dã!

Acendi o abajur antigo que ficava na prateleira inferior da estante. Suas oito lâmpadas pequeninas projetaram um padrão errático de luz rosada sobre nós dois, quando sentei junto a Grace na surrada namoradeira.

Meu sanduíche de aniversário era de rosbife com maionese, assim como o de Grace. Abrimos os invólucros entre nós de modo que as extremidades ficassem superpostas, e Grace cantarolou “Parabéns pra você” numa voz horivelmente desafinada.

— *Muitos anos de vida* — arrematou num tom completamente novo.

— Ora, obrigado — agradei. Toquei seu queixo, e ela sorriu para mim.

Quando acabamos de comer os sanduíches — quer dizer, eu tinha quase acabado o meu, e Grace comera só o pão —, ela apontou para os invólucros e disse:

— Jogue isso fora. Eu vou pegar o seu presente.

Observei-a com as sobrancelhas erguidas enquanto ela pegava a mochila no chão e a punha no colo.

— Você não devia ter comprado um presente para mim. Fico sem graça de ganhar.

— Eu quis — disse Grace. — Não estrague tudo dando uma de tímido. Trate de se livrar do lixo!

Inclinei a cabeça e comecei a dobrar o papel dos sanduíches.

— Você e suas garças! — exclamou ela, rindo, quando viu que eu dobrava o menos amassado dos invólucros para formar um pássaro grande e flexível com o logotipo da Subway. — Que mania é essa?

— Eu costumava fazer os pássaros em ocasiões alegres. Para me lembrar desses momentos. — Acenei com a garça da Subway. Ela bateu as asas frouxas e enrugadas. — Você sabe que nunca vai se esquecer de onde este saiu.

Grace o estudou:

— Acho que é uma afirmação supercorreta.

— Missão cumprida — falei, pondo o pássaro de papel no chão ao lado da namoradeira. Eu sabia que estava adiando o momento de receber o presente. Me dava um estranho aperto no estômago pensar que ela tinha comprado algo para mim. Porém, Grace não ia desistir.

— Agora feche os olhos — comandou.

Sua voz tinha um ligeiro subtom — expectativa. Esperança. Em silêncio, fiz uma oração: *Que eu goste do que quer que ela me dê*. Na minha cabeça, tentei imaginar a cara que combinava com uma satisfação total, para tê-la pronta para usar independente do que ganhasse.

Ouvi Grace fechando novamente a mochila e senti as almofadas se mexerem quando ela se acomodou no sofá.

— Você se lembra da primeira vez que subimos aqui? — indagou enquanto eu permanecia parcialmente sozinho na escuridão dos meus olhos fechados.

Não era uma pergunta que exigisse resposta, por isso apenas sorri.

— Você se lembra de que me mandou fechar os olhos e leu aquele poema do Rilke para mim? — A voz de Grace estava mais próxima. Senti seu joelho encostar no meu. — Como eu te amei naquele momento, Sam Roth.

Minha pele se arrepiou e engoli em seco. Eu sabia que ela me amava, mas quase nunca sua boca dizia isso. Só essa declaração já me bastava como presente de aniversário. Minhas mãos

continuavam abertas no colo. Senti quando ela pôs alguma coisa ali e fechou uma das mãos sobre a outra. Papel.

— Achei que jamais poderia ser tão romântica quanto você — disse ela. — Você sabe que não sou boa nisso, mas... — Ela deu então um risinho engraçado, dirigido a si mesma, tão encantador que quase me esqueci da vida e abri os olhos para ver seu rosto. — Bom, não aguento mais esperar. Abra os olhos.

Eu abri. Havia, em minhas mãos, um pedaço dobrado de papel. Dava para ver a sombra do que estava escrito na parte de dentro, mas não para saber do que se tratava.

Grace mal podia ficar parada. Era difícil suportar sua expectativa, pois eu não sabia se seria capaz de corresponder.

— Abra.

Tentei me lembrar da cara de felicidade. Sobrancelhas levemente erguidas, sorriso largo, olhos semicerrados.

Desdobrei o papel.

Então, me esqueci totalmente da cara que deveria fazer. Simplesmente fiquei ali encarando as palavras, sem acreditar de verdade no que lia. Não era o maior presente do mundo, embora, para Grace, não devesse ter sido fácil comprar. O incrível é que tinha a minha cara. Era uma resolução que eu não havia tido coragem de anotar, alguma coisa que demonstrava que ela me conhecia. Alguma coisa que tornava os eu te amo totalmente genuínos.

Uma nota fiscal pelo pagamento de cinco horas de estúdio.

Ergui os olhos para Grace e vi que a sua expectativa se dissolvera em algo muito diferente. Presunção. Absoluta e total presunção, o que significava que, qualquer que fosse ela, a expressão que meu rosto adotara por conta própria havia me entregado.

— Grace — falei, com uma voz mais baixa do que planejava.

O sorrisinho presunçoso dela ameaçou se abrir num sorriso, e Grace perguntou, desnecessariamente:

— Gostou?

— Eu...

Ela me poupou de construir o restante da frase.

— Fica em Duluth. Marquei hora para um dos dias em que nós dois tiramos folga. Achei que você podia tocar algumas das suas músicas e... Sei lá, fazer com isso o que você achar melhor.

— Uma fita demo — emendei baixinho.

O presente era mais do que ela imaginava — ou talvez ela soubesse direitinho o quanto isso significava. Era mais do que um estímulo a produzir minhas músicas. Era o reconhecimento de que eu podia progredir. De que haveria uma próxima semana, um próximo mês e um próximo ano para mim. Tempo de estúdio queria dizer que, se eu entregasse a alguém a minha fita e eles me dissessem “Ligamos para você no mês que vem”, eu ainda seria humano quando ligassem.

— Nossa, Grace, como eu te amo! — falei. Ainda segurando a nota fiscal, abracei-a, forte, com os braços ao redor de seu pescoço. Colei meus lábios na lateral de sua cabeça e voltei a apertá-la em meus braços. Pus o papel ao lado da garça da Subway.

— Você vai fazer outro pássaro com isso? — indagou Grace, fechando em seguida os olhos para receber outro beijo meu.

Porém, eu não a beijei. Simplesmente afastei seu cabelo do rosto para poder contemplá-la de olhos fechados. Ela me fazia lembrar aqueles anjos que ficam sobre as sepulturas, de olhos fechados, rostos erguidos para o céu e mãos postas.

— Você está quente de novo — observei. — Está se sentindo bem?

Grace não abriu os olhos, apenas permitindo que eu continuasse contornando o seu rosto com os dedos, como se eu ainda estivesse afastando o cabelo da sua pele. Meus dedos pareciam frios de encontro àquela pele quente. Ela disse:

— Hum, hum...

Por isso, continuei a provocar sua pele com meus dedos. Pensei em dizer o que estava pensando, tipo *Você é linda* e *Você é o meu anjo*, mas o estranho com Grace é que palavras desse tipo significavam mais para mim do que para ela. Para Grace, não passavam de frases feitas, coisas que a faziam sorrir por um segundo, mas que... que simplesmente passavam, que eram piegas demais para serem reais. Para ela, o que importava era isso: minhas mãos em seu rosto, meus lábios em sua boca. Os toques sutis que traduziam meu amor por ela.

Quando me inclinei para beijá-la, senti um vestígio breve daquele cheiro doce, de nozes, pertencente ao lobo que ela encontrara, tão ligeiro que bem podia ser imaginação minha. Mas mesmo a mera ideia bastou para me distrair do momento.

— Vamos para casa — sugeri.

— Está é a sua casa — retorquiu Grace com um sorriso brincalhão. — Você não me engana.

Mas me pus de pé, segurando as duas mãos dela para puxá-la, obrigando-a a me seguir.

— Quero chegar em casa antes dos seus pais. Eles andam voltando um bocado cedo.

— Vamos fugir juntos — disse Grace num tom leve, abaixando-se para recolher o resto dos sanduíches e das bebidas. Segurei o saco aberto para que ela pusesse tudo dentro e observei-a pegar a garça de papel antes de descermos a escada.

De mãos dadas, atravessamos a loja agora escura até a saída dos fundos, onde estava estacionado seu Mazda branco. Quando ela se sentou ao volante, levei a mão ao nariz, tentando sentir um vestígio do aroma de antes. Não consegui, mas o lobo em mim não foi capaz de ignorar a lembrança daquele beijo.

Era como uma voz grave sussurrando, numa língua estrangeira, um segredo que eu não entendia.

CAPÍTULO 14

SAM

Alguma coisa me acordou.

Cercado pela escuridão seca e familiar do quarto de Grace, não tive certeza do que era. Não havia som algum do lado de fora, e o restante da casa dormia no silêncio semiconsciente da noite. Grace também dormia serena, afastada de mim. Envolvi-a com os braços, colando meu nariz atrás do pescoço cheirando a sabonete. Os cabelinhos louros ali fizeram cócegas no meu nariz. Afastei o rosto, e Grace suspirou no sono, curvando as costas de encontro ao meu corpo. Eu também devia ter dormido — no dia seguinte, um inventário do estoque me aguardava —, mas algo no meu subconsciente zumbia numa vigilância incômoda. Por isso fiquei ali deitado junto dela, nós dois próximos como colheres numa gaveta, até que o calor excessivo da pele dela se tornou desconfortável.

Afastei-me alguns centímetros, mantendo uma das mãos em seu quadril. Normalmente, quando nada mais surtia efeito, o suave

sobe e desce das costelas de Grace sob a palma da minha mão me embalava o sono. Mas isso não aconteceu.

Naquela noite, não consegui parar de me lembrar de como me sentia diante de uma transformação iminente. O jeito como o frio se entranhava na minha pele, me deixando arrepiado. O revirar do estômago, a náusea dolorosa. O lento irradiar da dor na espinha, à medida que ela se alongava segundo lembranças de um outro formato. Meus pensamentos me escapando, esmagados e remodelados de modo a caber no meu crânio invernal.

O sono me fugiu, escapou a meu alcance. Meus instintos comichavam, sugerindo que eu me mantivesse alerta. A escuridão pressionava meus olhos enquanto o lobo dentro de mim cantarolava: *alguma coisa não está certa*.

Lá fora, os lobos começaram a uivar.

GRACE

Eu estava quente demais. Os lençóis colaram nos meus tornozelos úmidos. Senti gosto de suor no canto da boca. Conforme os lobos uivavam, minha pele ardia de calor, centenas de agulhas pareciam perfurar meu rosto e minhas mãos. Tudo doía: o peso incômodo do cobertor, a mão fria de Sam no meu quadril, os uivos ululantes e agudos dos lobos lá fora, a lembrança dos dedos de Sam comprimidos contra as têmporas, o formato da pele do meu corpo.

Eu dormia. Sonhava. Ou estava acordada, saindo de um sonho. Não sabia dizer.

Vi mentalmente todas as pessoas cuja transformação em lobo eu testemunhara: Sam, pesaroso e agoniado, Beck, forte e controlado, Jack, selvagem e sofrido, Olívia, com rapidez e facilidade. Todos me observavam da floresta, dezenas de olhos me monitorando: a forasteira, a que não se transformava.

Minha língua grudou no céu da boca seca. Quis erguer minha cabeça do travesseiro molhado, mas o esforço pareceu extremado.

Esperei, inquieta, pelo sono, mas meus olhos doíam demais para se fecharem.

Se eu não tivesse sido curada, me perguntei, como seria a minha transformação? Que tipo de lobo eu seria? Olhando minhas mãos, eu as imaginei cinza-escuro, riscadas de branco e preto. Senti o peso de uma coleira de pelos sobre os ombros, a náusea me subindo à garganta.

Durante um único e brilhante momento, nada senti além do ar frio do quarto na minha pele e nada ouvi além da respiração de Sam a meu lado. Em seguida, porém, os lobos recomeçaram a uivar, e meu corpo estremeceu com a sensação de ser, ao mesmo tempo, novo e familiar.

Eu ia me transformar.

Engasguei-me com o lobo que crescia dentro de mim, que pressionava o revestimento do meu estômago, dilareçando a minha pele por dentro, tentando me virar do avesso.

Eu queria aquilo, e meus músculos queimavam e gemiam.

A dor me partiu ao meio

Eu não tinha voz

Eu estava em chamas.

Pulei da cama, descartando a minha pele.

SAM

Acordei de um salto, assustado pelo grito de Grace. Ela estava com uma febre muita alta, próxima o bastante para me queimar, mas, ao mesmo tempo, distante para me impedir de alcançá-la.

— Grace — sussurrei. — Você está acordada?

Os lençóis descobriram meu corpo quando ela se afastou de mim, tornando a gritar. Na penumbra, só podia ver seu ombro, e me estendi para pegá-lo, envolvendo o braço dela com a mão. Ela estava ensopada de suor e sua pele tremeu quando a toquei, um estremecimento instável e desconhecido.

Grace, acorde! Está tudo bem?

Meu coração batia tão forte que achei que não a ouviria se ela respondesse.

Ela se contorceu sob a minha mão e depois sentou-se de um salto na cama, o corpo volátil e trêmulo. Não a conhecia.

— Grace, fale comigo — sussurrei, embora sussurros soassem inúteis à luz do grito anterior.

Grace olhou para as próprias mãos com uma espécie de espanto. Encostei as costas da mão em sua testa. Ela estava absurdamente quente, mais quente do que jamais pensei que alguém pudesse ficar. Encostei as palmas das mãos em seu pescoço, e ela estremeceu como se fossem de gelo.

— Acho que você está doente — falei, com o estômago revirado. — Está com febre.

Ela afastou seus dedos e estudou as mãos trêmulas.

— Sonhei... Sonhei que me transformava. Achei que...

De repente, Grace soltou um grito terrível e se afastou de mim, envolvendo o próprio corpo com os braços.

Eu não sabia o que fazer.

— O que houve? — perguntei, sem esperar uma resposta e sem obtê-la. — Vou pegar um Tylenol para você. No banheiro tem?

Ela apenas choramingou. Fiquei apavorado.

Inclinei-me para ver seu rosto e, então, senti o cheiro.

Ela cheirava a lobo.

Lobo, lobo, lobo.

Grace.

Com odor de lobo.

Não era possível. O cheiro devia ser meu. Rezei para que fosse meu.

Encostei o rosto em meu próprio ombro, cheirei. Levei a mão ao nariz, a mão que acabara de tocar a testa dela.

Lobo.

Meu coração parou.

Então a porta se abriu, e a luz do corredor penetrou no quarto.

— Grace? — A voz do pai dela. A luz do quarto se acendeu, e os olhos dele me encontraram sentado ao lado da filha. — *Sam?*

CAPÍTULO 14

GRACE

Nem vi meu pai entrar no quarto. O primeiro momento em que me dei conta de que ele estava ali foi quando ouvi sua voz distante, como se viesse de dentro d'água.

— O que está acontecendo aqui?

A voz de Sam era uma trilha sonora murmurada para a dor que me queimava. Abracei meu travesseiro e encarei a parede. Pude ver a sombra difusa que Sam projetava e a do meu pai, mais nítida, mais próxima das luzes do corredor. Observei-as se moverem para frente e para trás, formando uma sombra grande e, depois, novamente duas.

— Grace. *Grace Brisbane*. — O volume da voz do meu pai subiu outra vez. — Não finja que não estou aqui.

— Sr. Brisbane... — começou Sam.

— Não ouse, *não ouse*, começar com esse “sr. Brisbane” — retrucou meu pai. — Não acredito que você tenha coragem de me olhar na cara, enquanto pelas nossas costas...

Eu não queria me mexer porque cada movimento fazia o fogo dentro de mim arder mais rápido, mas não podia deixá-lo falar assim. Me aproximei dos dois, me encolhendo por causa dos espinhos de dor que se enterravam em meu estômago.

— Pai. Não. Não fale assim com Sam. Você não sabe.

— Não pense que não estou furioso com você também! — disse meu pai. — Você traiu totalmente a nossa confiança!

— Por favor — disse Sam, e então vi que ele estava de pé ao lado da cama, usando calça de moletom e camiseta, fazendo com os dedos marcas brancas nos próprios braços. — Sei que o senhor está zangado comigo, e pode continuar assim, não o culpo, mas tem alguma coisa errada com Grace.

— O que está havendo aqui? — Agora era a voz de mamãe. Depois, em um tom estranho, decepcionado, que eu sabia ser capaz de matar Sam, ela acrescentou: — Sam? Eu não acredito.

— Por favor, sra. Brisbane — disse Sam, embora minha mãe já tivesse lhe dito antes para chamá-la de Amy, o que normalmente ele fazia. — Grace está realmente quente. Ela...

— Afaste-se dessa cama. Cadê seu carro? — A voz de papai recuou novamente para um lugar distante, e contemplei a forma do ventilador de teto acima de mim, imaginando-o ligado e secando o suor do meu rosto.

O rosto de mamãe surgiu diante de mim, e senti sua mão na minha testa.

— Amor, você deve estar com febre. Ouvimos você gritar.

— Minha barriga — murmurei, tomando cuidado para não abrir demais a boca, a fim de evitar que o que estava dentro de mim saísse.

— Vou pegar o termômetro.

Ela sumiu. Ouvi as vozes do meu pai e de Sam continuarem. Não conseguia imaginar o que os dois tanto tinham para conversar. Mamãe voltou.

— Tente ficar sentada, Grace.

Soltei um grito ao me sentar, com as garras rasgando o interior da minha pele. Minha mãe me entregou um copo d'água enquanto verificava o termômetro.

Sam, de pé junto à porta, deu um salto e se virou para mim quando o copo escorregou da minha mão flácida e caiu no chão, emitindo um barulho surdo e remoto. Mamãe olhou para o copo e depois para mim.

Com os dedos ainda formando um círculo para segurar o copo invisível, sussurrei:

— Mãe, estou me sentindo muito mal.

— Já chega — disse papai. — Sam, pegue o casaco. Vou levar você até seu carro. Amy, tire a temperatura dela. Volto já. Estou com o celular ligado.

Desviei meu olhar para Sam, e sua expressão me cortou o coração. Ele pediu:

— Por favor, não me peçam para deixá-la assim.

Minha respiração ficou mais rápida.

— Não estou pedindo — disse meu pai. — Estou mandando. Se você pretende que *um dia* eu o deixe ver minha filha de novo, saia da minha casa agora mesmo, estou mandando.

Sam passou as mãos no cabelo e depois entrelaçou-as atrás da cabeça, fechando os olhos. Durante um momento, foi como se todos parássemos de respirar, esperando para ver o que ele faria. A tensão em seu corpo era tão evidente que uma explosão parecia iminente.

Ele abriu os olhos. Quando falou, quase não reconheci sua voz.

— Não... Jamais *diga* isso. Não me ameace com isso. Eu vou. Mas não...

E não conseguiu dizer mais nada. Eu o vi engolir em seco, e acho que cheguei a chamar seu nome, mas ele já estava no corredor,

com meu pai atrás.

Um instante depois, achei ter ouvido o motor do carro de papai ser ligado, mas era o do carro de mamãe. Eu estava nele, e tinha a impressão de que a febre me comia viva. Do lado de fora do veículo, as estrelas nadavam no céu da noite fria enquanto seguíamos, e me senti pequena, sozinha e com dor. *Sam, Sam, Sam, Sam, cadê você?*

— Amor — disse mamãe, atrás do volante. — Sam não está aqui. Engoli minhas lágrimas e observei as estrelas desaparecerem.

CAPÍTULO 16

SAM

A noite em que Grace foi para o hospital sem mim foi a noite em que finalmente voltei meu olhar para os lobos.

Foi uma noite cheia de coincidências minúsculas que se juntaram para formar algo maior. Se Grace não adoecesse, se seus pais ficassem fora até tarde como costumavam fazer, se não nos descobrissem, se eu não voltasse à casa de Beck, se Isabel não ouvisse Cole do outro lado da porta dos fundos de sua casa, se não me entregasse Cole, se Cole não fosse igualmente drogado, idiota e genial — como a vida teria se desenrolado?

Rilke diz: *“Verweilung, auch am Vertrautesten nicht, ist uns gegeben”* — “Não nos permitem protelar, nem mesmo com o que é mais íntimo”.

Minha mão já sentia falta do peso da mão de Grace.

Nada foi igual depois daquela noite. Nada.

DEPOIS QUE ENTREI NO CARRO com o pai de Grace, ele me levou até o beco atulhado atrás da livraria onde eu estacionara meu Volkswagen, manobrando com cuidado para não roçar o espelho lateral nas lixeiras de um lado e do outro. Parou logo atrás do meu carro, seu rosto iluminado pela luz bruxuleante do poste que pendia do segundo andar da loja. Estávamos sentados lado a lado, e o limpador de para-brisas raspou de repente o vidro, dando um susto em nós dois. Sem querer, ele ligara o botão de funcionamento intermitente ao sinalizar que entraria no beco. O limpador secou o vidro já seco mais uma vez antes que o motorista se lembrasse de desligá-lo.

Finalmente, sem olhar para mim, ele disse:

— Grace sempre foi perfeita. Em 17 anos, nunca teve problemas na escola. Nunca usou drogas nem bebeu. É uma aluna nota 10. Sempre foi absolutamente perfeita.

Eu não disse nada.

Ele prosseguiu:

— Até agora. Não precisamos que ninguém apareça para corrompê-la. Não conheço você, Samuel, mas conheço minha filha. E sei que isso tudo é obra sua. Não estou tentando fazer ameaças, mas não vou deixar você arruinar minha filha. Acho que você precisa rever seriamente as suas prioridades antes de encontrá-la novamente.

Durante um breve momento, experimentei algumas palavras mentalmente, mas tudo que me ocorreu era demasiado mordaz ou honesto para que eu me imaginasse dizendo. Por isso, simplesmente desci do carro naquela noite gélida com tudo ainda represado dentro de mim.

Depois que ele se foi, esperando apenas o suficiente para se assegurar de que meu carro pegasse antes de dar marcha a ré na rua vazia, sentei no Volkswagen com as mãos entrelaçadas no colo

e encarei a porta dos fundos da livraria. Tive a impressão de que fazia dias que Grace e eu tínhamos passado por ela, eu ainda eufórico com a lembrança da nota fiscal do estúdio e ela ainda eufórica com a minha reação e com o prazer de saber exatamente o que me dar. Não conseguia, agora, imaginar aquele seu rosto presunçoso. A única imagem que me surgia era a dela se contorcendo de dor em cima dos lençóis, com o rosto corado e cheirando a lobo.

É só uma febre.

Era isso o que eu dizia a mim mesmo enquanto me dirigia à casa de Beck, tendo meus faróis como a única claridade a iluminar os troncos das árvores, num e noutro lado da estrada. Várias vezes repeti isso, mesmo quando meu sexto sentido sussurrava que não era assim, e minhas mãos coçavam com o desejo de virar o volante e voltar direto para a casa dos Brisbanes.

A meio caminho da casa de Beck, peguei o celular e digitei o número de Grace. Mesmo enquanto fazia isso, vi que aquela era uma má ideia, mas não consegui desligar.

Houve uma pausa, e então ouvi a voz do pai, e não a dela.

— Atendi apenas para dizer a você que não ligue — disse ele. — Falo sério, Samuel, se você tem algum juízo, esqueça esse assunto por hoje. Não quero falar com você esta noite. Não quero que Grace fale com você. Só...

— Quero saber como ela está. — Pensei em acrescentar *por favor*, mas não consegui me forçar a tanto.

Houve uma pausa, como se ele estivesse escutando outra pessoa. Em seguida, falou:

— É só uma febre. Não ligue de novo. Estou me esforçando ao máximo para não dizer coisas de que venha a me arrepender depois.

Dessa vez ouvi realmente a voz de alguém — da mãe de Grace —, e depois o telefone emudeceu.

Eu era um barco de papel à deriva no imenso oceano noturno.

Não queria ir à casa de Beck, mas não havia outro lugar para ir. Não havia outra pessoa para procurar. Eu era humano e, sem Grace, não tinha nada senão aquele carro, uma livraria e uma casa cheia de inúmeros quartos vazios.

Por isso segui para a casa de Beck — eu precisava parar de pensar na casa como sendo dele — e estacionei o carro na entrada vazia. Vez ou outra, eu havia trabalhado na livraria durante o verão, quando Beck ainda era humano e eu ainda passava meus invernos como lobo. Eu parava ali à noite, quando ainda estava claro, porque no verão nunca anoitecia, e descia do carro de Beck ouvindo risadas e sentindo o cheiro da churrasqueira no quintal. Era estranho descer do carro na noite silenciosa agora, com o frio pinicando minha pele e sabendo que todas aquelas vozes do passado se encontravam encurraladas na floresta. Menos a minha.

Grace.

Dentro da casa, acendi a luz da cozinha, revelando as fotos pregadas aqui e acolá nos armários, e depois acendi a luz do corredor. Na minha cabeça, ouvi Beck dizer ao menino de nove anos que fui um dia:

— Por que precisamos acender todas as luzes da casa? Você está se comunicando com alienígenas?

Por isso atravessei a casa naquela noite e liguei todas as luzes, desnudando uma lembrança em cada um dos cômodos. O banheiro, onde quase me transformei em lobo depois de conhecer Grace. A sala, onde Paul e eu improvisávamos ao violão — seu Fender, velho e surrado, continuava encostado à lareira. O banheiro do térreo, onde Derek ficara com uma namorada da cidade antes de levar uma bronca de Beck. Acendi as luzes da

escada do porão e as da biblioteca lá embaixo e depois subi de novo para acender as do escritório de Beck, que eu tinha esquecido. Na sala, parei apenas para ligar o caro sistema de som estéreo, que Ulrik comprou quando eu tinha dez anos para poder “ouvir Jehtro Tull do jeito que devia ser ouvido”.

Lá em cima, girei o botão do abajur no quarto de Beck, onde ele quase nunca dormia por preferir guardar livros e papéis na cama e adormecer numa cadeira do porão, com algum livro emborcado no peito. O quarto de Shelby voltou à vida sob a luz mortiça do teto, mostrando-se impecável e virgem, sem pertences pessoais senão o velho computador. Fui tentado por um instante a quebrar o monitor, mas só porque tinha vontade de socar alguma coisa. Se alguém merecia isso, esse alguém era Shelby, mas achei que aquilo não me traria qualquer satisfação sem ela ali, me vendo finalmente em ação. O quarto de Ulrik parecia congelado no tempo. Um de seus paletós continuava jogado na cama junto a uma calça jeans dobrada e a uma caneca vazia na mesa de cabeceira. O de Paul vinha em seguida, onde ele guardava um pote de vidro na cômoda com dois dentes dentro — um dele e o outro de um falecido cachorro branco.

Deixei o meu quarto para o fim. As lembranças jorravam em sequencia do teto. Havia livros encostados à parede, empilhados e amontoados de encontro à escrivaninha. O quarto cheirava a mofo e a falta de uso; o menino que ali crescera não ficara por muito tempo.

Eu ficaria ali agora. Uma pessoa para fazer barulho nessa casa, para esperar e para torcer pelo retorno do restante da família.

Porém, quando estendi a mão para alcançar o interruptor na parede, ouvi o ruído do motor de um carro lá fora.

Eu não estava mais sozinho.

— ESTÁ QUERENDO SERVIR DE AEROPORTO? — me perguntou Isabel. Ela não parecia real, de pé no meio da sala, vestindo uma calça de pijama de seda e um casaco branco acolchoado com gola de pele. Eu nunca a vira sem maquiagem, e ela aparentava ser bem mais jovem.

— Dá para ver a casa a um quilômetro de distância. Você deve ter acendido todas as luzes.

Não respondi. Ainda estava tentando descobrir como Isabel fora parar ali às quatro da manhã com o rapaz que eu vira pela última vez se transformando em lobo no chão da cozinha. Ali estava ele, usando um moletom surrado; um jeans que sobrava em seu corpo, dando a impressão de pertencer a outra pessoa; os pés descalços assustadoramente manchados; e os dedos das mãos enfiados nos bolsos, como se o inchaço e a descoloração que havia ali não o incomodasse. A forma como olhava para Isabel e a forma como ela se esforçava para *não* olhar para ele sugeria, absurdamente, que os dois tinham algum tipo de história.

— Você vai gangrenar — eu disse a ele, pois era algo que não exigia grande raciocínio. — Precisa aquecer esses dedos ou vai se arrepender profundamente depois. Isabel, você devia saber disso.

— Não sou idiota — replicou Isabel. — Mas, se meus pais o pegassem lá em casa, ele morreria, o que o deixaria ainda mais infeliz. Decidi que era mais feliz a possibilidade remota de ambos perceberem a ausência do meu carro no meio da noite. — Se Isabel me viu engolir em seco, não se deu o trabalho de interromper seu discurso. — A propósito, este é Sam. O Sam.

Levei um minuto para me dar conta de que agora ela falava com o sujeito arrogante e acometido pelo frio.

O Sam. O que teria ela lhe contado a meu respeito? Olhei para ele. Mais uma vez a sensação de conhecer aquele rosto me cutucou. Não se tratava de conhecer *de verdade*, como no caso de

alguém a quem fui pessoalmente apresentado; era mais como quando encontramos alguém que se parece com um ator de cujo nome não conseguimos nos lembrar.

— Então você é o chefe agora? — indagou ele, com um sorriso que considerei mordaz. — Meu nome é Cole.

O chefe agora. Era assim, não era?

— Você já viu algum dos outros lobos se transformar? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Achei que estava frio demais para que *eu* me transformasse.

Seus dedos grotescamente coloridos me incomodavam tanto que me afastei dele e de Isabel e fui até a cozinha, onde encontrei um vidro de analgésicos. Joguei o vidro para Isabel, que me surpreendeu ao agarrá-lo.

— É que você foi mordido há pouco tempo, quer dizer, no ano passado. A temperatura ainda não tem muito a ver com a sua transformação. Vai ser simplesmente... imprevisível.

— Imprevisível — ecoou Cole.

Sam, por favor. De novo, não, pare.

Pisquei, e a voz da minha mãe se calou, voltando ao passado, que era o seu lugar.

— Para quem é isto? Para ele? — perguntou Isabel, segurando o vidro de analgésico e indicando Cole com o queixo. Mais uma vez, tive a sensação de existir *algo* entre os dois.

— É. Vai doer pra caramba quando ele aquecer os dedos. Isso aí ajuda a aguentar. O banheiro é ali.

ISABEL

Cole pegou o vidro da minha mão, mas vi logo que não usaria o analgésico. Não sabia se era porque se achava um macho durão, se era por motivos religiosos, ou por outro motivo qualquer. Mas, quando entrou no banheiro do térreo, ouvi quando acendeu a luz e

pousou o vidro de comprimidos sem abri-lo. Então, a água começou a correr na banheira. Sam me deu as costas, com uma expressão estranha e desaprovadora no rosto, e percebi que não gostava de Cole.

— Então, Rômulo — falei, e Sam se virou para mim, com os olhos amarelos esbugalhados. — Por que está aqui sozinho? Achei que teriam de amputar Grace de você.

Depois de passar a última hora com Cole, cujo rosto revelava apenas as emoções que ele queria que eu percebesse, era estranho ver um sofrimento indisfarçável no de Sam. As sobrancelhas escuras e bastas, sozinhas, já denunciavam sua infelicidade. Me ocorreu que ele e Grace pudessem ter brigado.

— Os pais dela me expulsaram — disse Sam, que sorriu durante apenas um segundo, como fazem as pessoas quando alguma coisa realmente não é engraçada e não querem contá-la, mas não têm alternativa. — Grace... Grace ficou doente e eles, bem... Eles nos encontraram juntos e me expulsaram.

— *Hoje?*

Ele assentiu, muito abalado e honesto, e não consegui olhar nos seus olhos.

— Foi. Cheguei aqui pouco antes de vocês.

A claridade feroz de cada luminária na casa de repente ganhou um novo significado. Eu não soube ao certo se o admirava por sentir tudo de forma tão dura e intensa ou se o desdenhava por ter tanta emoção, a ponto de precisar extravasá-la por cada janela da casa. Eu não fazia ideia do que era isso.

— Mas, hum... — começou Sam, e com apenas essas duas palavras eu percebi que ele se recompunha, como um cavalo que junta as pernas sob o corpo antes de se pôr de pé. — Deixa pra lá. Me fale de Cole. Como você foi parar ao lado dele?

Olhei para Sam meio danada até que me dei conta de que ele queria dizer *Como você foi parar ao lado dele aqui?*

— Essa é uma longa história, menino-lobo — respondi, desabando no sofá. — Eu não estava conseguindo dormir e ouvi Cole do lado de fora. Não tive dúvidas de que era ele, nem tive dúvidas de que logo iria se transformar. Não quis que meus pais vissem e tivessem um chilique, só isso.

A boca de Sam fez um movimento ilegível.

— Muito bacana da sua parte.

Sorri de leve.

— Isso acontece.

— Será? — indagou Sam. — Acho que a maioria das pessoas deixaria na rua um estranho nu.

— Eu não queria pisar numa pilha de dedos amanhã, quando fosse pegar o carro — falei. Tive a impressão de que Sam desejava que eu dissesse algo mais, como se, de alguma forma, soubesse que essa era a segunda vez que Cole e eu nos encontrávamos, e que na primeira a minha língua passeara pela boca do lobo novato e vice-versa. Usei o tópico dos dedos de Cole para redirecionar a conversa. — Por falar nisso, como será que ele está se saindo lá dentro? — indaguei, dando uma olhada para o banheiro.

Sam hesitou. Por algum motivo, me lembrei de que a luz do banheiro fora a única a permanecer apagada. Finalmente, Sam disse:

— Por que você não bate na porta e descobre? Vou preparar um quarto lá em cima para ele. Só preciso.... Só preciso de um minuto para pensar.

— Tudo bem, como preferir — assenti.

Justo quando Sam estava se virando para subir ao segundo andar, vislumbrei algum tipo de emoção pessoal em seu rosto que me levou a pensar que ele não era o livro aberto que eu imaginava ser.

Tive vontade de chamá-lo e pedir que preenchesse as lacunas da nossa conversa — como Grace adoecera, por que a luz do banheiro não estava acesa, o que ele iria fazer agora... Porém, era tarde demais, e de qualquer forma eu ainda não me tornara esse tipo de garota.

COLE

O pior da dor já havia passado, e eu estava deitado na água, fazendo minhas mãos flutuarem na superfície e me imaginando adormecido ali, quando ouvi uma batida na porta.

A voz de Isabel seguiu-se à batida, cuja força entreabriu a porta destrancada.

— Você se afogou?

— Me afoguei — respondi.

— Posso entrar?

Mas ela não esperou a resposta; simplesmente entrou e se sentou na privada ao lado da banheira. O capuz acolchoado com forro de pele do seu casaco criava a ilusão de uma corcunda. O cabelo caía irregular em seu rosto. Isabel parecia um anúncio de alguma coisa. De privadas. De casacos. De antidepressivos. Qualquer que fosse o produto, eu o compraria sem pestanejar. Ela me olhou.

— Estou nu — falei.

— Eu também — retrucou ela —, por baixo da roupa.

Dei um risinho. Era preciso reconhecer o que merecia ser reconhecido.

— Seus pés vão cair? — indagou ela.

Devido ao tamanho da banheira, precisei levantar e esticar a perna para ver meus dedos do pé. Estavam meio vermelhos, mas consegui mexê-los e sentir todos, salvo o mindinho, que continuava dormente.

— Acho que hoje não — respondi.

— Você vai ficar aí dentro para sempre?

— Provavelmente. — Mergulhei mais os ombros na água para ilustrar minha decisão. Olhei para ela. — Quer entrar aqui comigo?

Isabel ergueu uma sobrancelha, sagaz.

— Essa banheira parece meio pequena.

Fechei os olhos e sorri de novo. *Touché*. De olhos fechados, me senti aquecido, flutuante e invisível. Deviam inventar uma droga que causasse esse efeito.

— Sinto falta do meu Mustang — falei, mais porque era o tipo de frase que a faria reagir.

— Ficar deitado numa banheira fez você se lembrar do carro?

— O aquecimento que eu tinha no carro era maravilhoso! Dava realmente para cozinhar os miolos lá dentro — respondi. Era também muito mais fácil falar com ela de olhos fechados, ficava menos parecido com uma competição para ver quem fica com a última palavra. — Quisera eu que ele estivesse comigo no início da noite de hoje.

— Onde ele está?

— Em casa.

Ouvi quando ela tirou o casaco, que roçou com um ruído na bancada do banheiro. A tampa da privada rangeu quando ela se sentou.

— E essa casa fica onde?

— Nova York.

— A cidade?

— O estado.

Pensei no Mustang. Preto, lustroso e envenenado, estacionado na garagem dos meus pais porque eu jamais estava em casa para dirigi-lo. Ele foi a primeira coisa que comprei ao receber meu primeiro cheque polpudo. Mas, por ironia do destino, eu excursionava demais para poder guiá-lo.

— Achei que você morava no Canadá.

— Eu estava em... — Parei quase a ponto de dizer turnê. Meu anonimato estava sendo bom demais — férias. Abri os olhos e vi, pela expressão dura em seu rosto, que ela identificara a mentira. Eu começava a me dar conta de que Isabel não deixava passar muita coisa.

— E que férias, hein? — disse ela. — Devem ter sido um tremendo saco, para você optar por isto. — Isabel agora olhava as cicatrizes das agulhas nos meus braços, mas não da forma como eu esperaria que olhasse. Ela não julgava. Era como se estivesse faminta. Isso, além do fato de estar usando apenas uma camiseta de cetim sob o casaco, me criou uma baita dificuldade de concentração.

— É — concordei. — E você? Como descobriu sobre os lobos?

Os olhos dela denunciaram alguma coisa durante um único segundo, um tempo tão breve que não consegui dizer o quê. Aquela carinha lavada, jovem e vulnerável fez com eu me sentisse mal por perguntar.

Então, me perguntei por que me sentia assim diante de uma garota que eu mal conhecia.

— Sou amiga da namorada de Sam — respondeu Isabel. Eu já tinha contado muitas mentiras, ou ao menos um bom numero de meias verdades, para saber identificá-las. Ainda assim, como ela deixou passar minha omissão, retribuí o favor.

— Certo. Sam — ecoei. — Me fale mais dele.

— Já contei que ele é como um filho para Beck, e basicamente assumiu as coisas. O que mais você quer saber? Não sou eu a namorada dele.

Sua voz, porém, transmitia admiração; ela gostava dele. Eu ainda não sabia o que pensar de Sam.

Desembuchei aquilo que vinha me incomodando desde que o conheceria:

— Está frio. Ele continua humano.

— E daí?

— Bom, Beck me levou a acreditar que isso era um feito e tanto, se não impossível.

Isabel pareceu refletir sobre alguma coisa — percebi uma pequena e silenciosa batalha sendo travada em seus olhos — e finalmente deu de ombros, dizendo:

— Ele está curado. Provocou em si mesmo uma febre alta, e com isso ficou bom.

Essa era uma pista. Para Isabel. Algo na sua voz soou esquisito ao dizer aquilo, mas não fui capaz de entender isso no contexto geral.

— Achei que Beck quisesse que nós, os novatos, cuidássemos do bando, já que são poucos os que ainda podem se transformar em humanos por tempo suficiente — falei. Na verdade, senti alívio. Eu não queria responsabilidades, queria escorregar para a escuridão do corpo lupino e lá ficar o máximo possível de tempo. — Por que ele não cura todo mundo?

— Ele não sabia que Sam estava curado. Se soubesse, não teria criado mais lobos. E a cura não funciona para todo mundo. — A voz de Isabel era agora ostensivamente dura, e senti que eu, sei lá por quê, já não fazia parte da conversa que comecei.

— Sendo assim, ainda bem que não quero me curar — falei, com leveza.

Ela me olhou, e sua voz era de desprezo.

— Ainda bem.

De repente, me senti meio cansado. Como se, no fim, ela fosse descobrir a verdade a meu respeito independente do que eu dissesse. Porque era assim com ela. Ela veria que sem a NARKOTIKA, só restava Cole St. Clair, dentro de quem não havia absolutamente nada.

Senti a ânsia conhecida brotar em mim, como se minha alma estivesse apodrecendo.

Eu queria uma dose. Precisava encontrar uma agulha para enfiar sob a pele ou uma pílula para dissolver sob a língua.

Não. Eu precisava era me transformar novamente em lobo.

— Você não tem medo? — indagou repentinamente Isabel, e abriu os olhos. Não me dera conta de tê-los fechado. O olhar dela era intenso.

— De quê?

— De se perder de você.

Respondi a verdade:

— É exatamente isso que quero que aconteça.

ISABEL

Não achei o que dizer. Não esperava que ele fosse honesto comigo. Não sabia ao certo para onde iríamos a partir dali, porque eu não estava preparada para retribuir a gentileza.

Ele tirou da água uma das mãos, pingando e com os dedos levemente enrugados.

Algo em meu estômago deu um salto quando peguei sua mão molhada e tracei uma linha da palma até os dedos. Seus olhos estavam semicerrados, e, quando acabei, ele recolheu a mão e se sentou, fazendo a água chacoalhar e ondear à sua volta. Pousou então as mãos na beirada da banheira e pôs o rosto no mesmo nível do meu. Eu sabia que íamos nos beijar novamente e sabia que não devíamos, pois ele já estava no fundo do poço e eu, quase lá. Porém, não consegui me conter. Estava ansiando por ele.

Sua boca tinha gosto de lobo e sal, e, quando ele me puxou para mais perto com a mão na base da minha nuca, a água morna escorreu pelo meu pescoço e por dentro da camiseta, descendo entre meus seios.

— *Ai* — exclamou ele, dentro da minha boca.

Me afastei. Ele, porém, não me pareceu especialmente preocupado em baixar os olhos para o próprio ombro, onde minhas unhas haviam rasgado a pele. Eu continuava a arder por causa do beijo e, ao menos dessa vez, tive a impressão de que ele também sentia o mesmo, porque quando levou a mão ainda levemente úmida ao meu pescoço, descendo depois até parar a um milímetro do decote da camiseta, senti *desejo* na pressão de seus dedos.

— Fazemos o quê, agora? — perguntei.

— Procuramos uma cama — respondeu ele.

— Não vou dormir com você.

A euforia do beijo começava a passar, e voltou a se repetir o que acontecera quando o conheci. Por que deixei que ele me impressionasse? O que havia de errado comigo? Fiquei de pé, peguei o casaco em cima da bancada e tornei a vesti-lo. De repente, tive um medo enorme de que Sam descobrisse sobre o nosso beijo.

— Novamente fico com a impressão de que não sei beijar — queixou-se Cole.

— Preciso voltar para casa. Tenho aula amanhã, quer dizer, hoje. Preciso estar lá antes que meu pai saia para trabalhar.

— Não sei beijar mesmo.

— Agradeça pelos seus dedos das mãos e dos pés — falei, com a mão na maçaneta. — E vamos deixar como está.

Era de se esperar que Cole me olhasse como se eu fosse louca, mas ele simplesmente me olhou. Como se não entendesse que havia sido rejeitado.

— Obrigado pelos meus dedos das mãos e dos pés — agradeceu.

Fechei a porta do banheiro ao sair e fui embora sem procurar por Sam. Só quando já estava na metade do caminho me lembrei que Cole dissera que esperava se perder. Senti-me melhor pensando que ele estava mal.

CAPÍTULO 17

COLE

Acordei humano, embora os lençóis estivessem amarfanhados e cheirando a lobo.

Depois que Isabel se foi na noite anterior, Sam me guiou por uma pilha de lençóis que acabara de ser retirada de uma cama, me acomodando em um quarto do térreo. O cômodo era de tal forma amarelo que dava a impressão de que o sol derrubara as paredes e depois enxugara a boca na cômoda e nas cortinas. No entanto, a cama, situada no centro, havia sido feita há pouco, e era isso que interessava.

— Até amanhã — disse Sam, num tom frio, mas não hostil.

Não respondi. Já entrara debaixo das cobertas, morto para o mundo, sonhando com nada.

Agora, piscando ao sol da manhãzinha, deixei a cama desfeita e fui até a sala, que parecia totalmente diferente à luz do dia. Todos os vermelhos e xadrezes cintilavam ao sol que se derramava pelas

paredes de vidro às minhas costas. Era confortável, em nada parecido com a arrogante perfeição gótica da casa de Isabel.

Na cozinha, havia fotos afixadas de todas as formas nos armários, uma mistura de fita adesiva, tachinhas e rostos sorridentes. Imediatamente, localizei Beck em dezenas delas, assim como Sam, que parecia estar numa animação, à medida que envelhecia em cada das imagens. Não havia fotos de Isabel.

Os rostos, em sua maioria, ostentavam expressões felizes, sorridentes e à vontade, como se estivessem tirando o melhor proveito de uma vida estranha. Vi fotos de churrascos, de canoagem e de rodas de violão, mas era bastante óbvio que todos esses eventos haviam acontecido nessa casa ou nos arredores de Mercy Falls. Era como se existissem duas mensagens transmitidas pelos armários com fotos: *Somos uma família* e *Você é um prisioneiro*.

Foi você quem escolheu, lembrei a mim mesmo. Na verdade, eu não pensara muito nos intervalos entre ser e não ser lobo. De fato, praticamente não pensara em coisa alguma.

— Como vão seus dedos?

Meus músculos ficaram tensos durante um segundo, antes que eu reconhecesse a voz de Sam. Virei-me em sua direção e o vi de pé sob o amplo arco que ia dar na cozinha, com uma xícara de chá na mão e a luz às suas costas formando um halo sobre seus ombros. Tinha um olhar velado que se devia em partes iguais à insônia e à desconfiança a meu respeito.

Era uma sensação estranha e surpreendentemente libertadora a de encontrar alguém que não nos julga à primeira vista.

Em resposta à pergunta de Sam, levantei as mãos ao lado da cabeça e mexi os dedos, um gesto que sugeria indiferença e que, de início, não foi intencional.

Os amedrontados olhos amarelos de Sam — nunca me habituei a eles — continuaram olhando, me encarando, travando uma batalha

interior. Finalmente, ele disse numa voz monocórdia:

— Tem leite, ovos e cereais.

Ergui uma sobrancelha.

Os ombros de Sam já haviam se curvado quando ele se preparou para voltar ao corredor, mas minha sobrancelha erguida o fez parar. Fechando os olhos um instante e tornando a abri-los em seguida, ele disse:

— Muito bem, então.

Pousou a caneca na bancada entre nós e cruzou os braços.

— Muito bem. Por que você está aqui?

O tom beligerante me fez gostar um tantinho mais dele. Compensava seu ridículo cabelo desalinhado e os olhos tristes e artificiais. Vestígios de uma espinha dorsal eram bem-vindos.

— Para ser um lobo — respondi, com petulância. — O que, coincidentemente, *não é* o motivo de sua presença, se os boatos forem verdadeiros.

Os olhos de Sam viajaram até as fotos atrás de mim, das quais muitas continham seu rosto. Em seguida, eles tornaram a me encarar.

— Não importa por que estou aqui. Esta é a minha casa.

— Entendo — respondi. Eu podia tê-lo ajudado, mas não vi sentido nisso.

Sam refletiu. Era possível, efetivamente, vê-lo ponderar quanto esforço pretendia pôr na conversa.

— Olha, eu não costumo ser um babaca. Mas estou achando um bocado difícil entender por que alguém escolheria esta vida. Se puder me explicar isso, chegaríamos bem mais perto de nos entendermos.

Estendi as mãos como se apresentasse alguma coisa. Quando usava esse gesto nos shows, a plateia enlouquecia, porque significava que eu iria cantar algo novo.

VICTOR, ENTENDENDO A REFERÊNCIA, teria rido. Sam não conhecia o contexto, por isso apenas olhou para as minhas mãos até me ouvir dizer:

— Para recomeçar do zero, Ringo. A mesma razão que moveu Beck.

A expressão de Sam passou à neutralidade absoluta.

— Mas você *escolheu* isso. De propósito.

Evidentemente, Beck dera a Sam uma versão diferente da que me dera sobre a própria gênese. Perguntei-me qual seria a verdadeira. Não estava a fim, porém, de entrar numa longa discussão com Sam, que olhava para mim como se esperasse que eu desmitificasse Papai Noel em seguida.

— É, escolhi. Pense o que quiser. Que tal um café da manhã agora, hein?

Sam balançou a cabeça — não como se estivesse zangado, mas como se afugentasse mosquitos da própria mente. Consultou o relógio.

— Sim, tanto faz. Preciso ir trabalhar. — Em seguida, passou por mim sem me olhar nos olhos e depois mudou de ideia. Voltou à cozinha e rabiscou alguma coisa num post-it, que depois grudou na porta da geladeira. — O número do meu celular e do telefone do trabalho. Ligue se precisar de mim.

Ser gentil comigo lhe estava sendo nitidamente mortal para ele, mas, apesar disso, foi o que ele fez. Uma noção arraigada de educação? Um senso de dever? O quê? Eu não era propriamente fã de gente boazinha.

Sam se dispôs novamente a sair, mas tornou a parar na porta, com as chaves do carro tilintando.

— Você, provavelmente, vai se transformar de novo logo. Quando o sol se puser, de todo jeito, ou se ficar lá fora tempo demais. Por

isso, tente ficar por aqui, certo? Para que ninguém assista.

Sorri timidamente.

— Pode deixar.

Sam deu a impressão de ter algo mais a dizer, mas apenas encostou dois dedos na têmpora e fez uma careta. O gesto disse tudo o que Sam calara: problemas não lhe faltavam, e eu era só mais um deles.

Eu estava gostando mais do que imaginara de ser um não famoso.

ISABEL

Quando Grace faltou à aula na segunda-feira, me escondi no banheiro feminino e liguei para ela na hora do almoço. A mãe atendeu. Ou ao menos parecia ser a mãe.

— Alô.

A voz definitivamente não era a de Grace.

— Hã... Alô? — Tentei não soar demasiado intolerante para o caso de ser mesmo a mãe dela. — Eu *liguei* para a Grace.

Tudo bem, não deu para limar toda a arrogância do meu tom. Mas convenhamos...

A outra voz soou amistosa.

— Quem está falando?

— *Quem* está falando?

Ouvi, finalmente, a voz de Grace.

— Mãe, me dá isso aqui! — E depois de alguns ruídos: — Desculpe — disse Grace. — Estou de castigo e, aparentemente, isso significa que podem filtrar meus telefonemas sem o meu conhecimento.

Caraca. Santa Grace de castigo?

— O que foi que você fez?

Ouvi uma porta se fechar do outro lado da linha, não propriamente com força, mas com uma rebeldia maior do que eu

esperaria de Grace.

— Me pegaram dormindo com Sam — respondeu ela.

Meu rosto, no espelho do banheiro à minha frente, demonstrou surpresa, com as sobrancelhas arqueadas e o delineador preto em torno dos meus olhos fazendo com que eles parecessem ainda maiores e mais redondos.

— Essa é a parte boa? Vocês dois estão *transando*?

— Não, não. Ele só estava dormindo na minha cama. Meus pais extrapolaram.

— Com certeza — comentei. — Os pais de qualquer garota achariam normal as filhas partilharem a cama com os namorados. Tenho certeza de que os meus adorariam. Quer dizer que, por causa disso, eles não deixaram você vir à aula? É meio...

— Não, foi porque eu estava no hospital — explicou Grace. — Tive febre, e mais uma vez eles extrapolaram e me levaram para a emergência, em vez de me dar um Tylenol. Acho que estão querendo um motivo para me afastar de Sam. De qualquer forma, levou um tempão, claro, como sempre acontece num hospital, e só cheguei em casa já tarde. Por isso, praticamente acabei de acordar.

Por alguma razão, me lembrei imediatamente de Grace pedindo licença ao sr. Grant para ir cuidar da dor de cabeça.

— O que você tem? O que o médico disse?

— Que é uma virose, ou algo do gênero. Foi só uma febre — respondeu Grace, tão rapidamente que mal tive tempo de terminar as perguntas. Deu a impressão de não acreditar no que dizia.

A porta do toalete se abriu atrás de mim e ouvi:

— Isabel, eu sei que você está aqui — falou a sra. McKay, minha professora de inglês. — Se continuar deixando de almoçar, vou ter que contar a seus pais. Estou avisando. A aula começa daqui a dez minutos.

A porta voltou a se fechar.

Grace disse:

— Você está sem comer de novo?

— Não seria melhor você se preocupar com seus problemas atuais? — retorqui.

COLE

Depois que Sam sumiu para o “trabalho”, fosse este qual fosse, me servi de um copo de leite e voltei até a sala para remexer em algumas gavetas. Por experiência própria, eu sabia que gavetas e mochilas são formas ótimas de se conhecer alguém. As mesinhas da sala nada continham além de controles de TV e de PlayStation, razão pela qual me dirigi ao escritório por onde havia passado a caminho do meu quarto.

Acertei na mosca. A escrivaninha estava abarrotada de papéis, e o computador não tinha senha de proteção. Pelo visto, o cômodo era perfeito para saqueadores, localizado no canto da casa com janelas em duas paredes, das quais um par tinha vista para a rua e permitia que eu fosse alertado caso Sam voltasse. Pousei o copo de leite junto ao mouse pad (alguém havia feito rabiscos nele com uma caneta Pilot e desenhado, inclusive, uma garota peituda de uniforme colegial) e me acomodei confortavelmente na cadeira. O escritório era como o restante da casa: aconchegante, masculino e confortável.

Sobre a escrivaninha havia algumas contas, todas endereçadas a Beck e carimbadas com Débito automático. Contas não eram interessantes. Ao lado do teclado do computador, havia uma agenda de couro marrom. Agendas também não interessavam. Abri, em vez disso, a gaveta. Um punhado de programas de computador, em sua maioria material de consulta, mas também alguns jogos. Nada de interesse, mais uma vez. Passei para a última gaveta e fui recebido por uma nuvem de poeira, que é o que se usa para encobrir os melhores segredos. Vi um envelope com a

etiqueta Sam. Agora, sim, estava esquentando. Puxei a primeira folha. Documentos de adoção.

Aí vamos nós.

Despejei o conteúdo do envelope sobre a escrivaninha, enfiando a mão nele para extrair as folhas menores que se recusavam a sair. Certidão de nascimento: Samuel Kerr Roth. A data escrita ali mostrava que Sam era cerca de um ano mais novo que eu. Uma foto dele, magrela e franzino, mas já com o mesmo cabelo escuro desalinhado e o mesmo olhar que eu havia reparado na noite anterior. A expressão era complexa. Na noite da véspera, o estranho amarelo lupino de seus olhos havia me chamado a atenção; quando aproximei a foto, vi no Sam bebê as mesmas íris amarelas. Por isso, não se tratava de lentes de contato. Sei lá o porquê, mas isso me fez gostar um pouquinho mais dele. Pus a foto na mesa. Debaixo dela havia um maço de recortes amarelados de jornal. Meus olhos passaram em revista as matérias.

Gregory e Annette Roth, um casal de Duluth, foram acusados na última segunda-feira de tentar assassinar seu filho de sete anos. As autoridades entregaram o menino (cujo nome não divulgamos para proteger sua identidade) à custódia do Estado. Seu destino será decidido após o julgamento dos Roth. O casal supostamente imobilizou o filho dentro de uma banheira e lhe cortou os pulsos com uma navalha. Logo após o ato, Annette Roth confessou o que fizera à vizinha, dizendo que o filho demorou demais para morrer. Tanto ela quanto Gregory Roth contaram à polícia que o filho estava possuído pelo demônio.

Senti um bolo na garganta que não descia por mais que eu tentasse engolir. Era difícil para mim não pensar no irmãozinho de Victor, que tinha agora oito anos. Voltei à foto de Sam segurando a mão de Beck e tornei a olhar para o garoto, seus olhos

semicerrados fixos num ponto além da câmera, vazios. A posição da sua mãozinha na de Beck fazia com que o pulso estivesse voltado para a câmera, mostrando nitidamente o recente corte avermelhado atravessado.

Uma vozinha na minha cabeça disse *E você sente pena de si mesmo.*

Enfie os recortes de jornal e a foto de volta no envelope, para não precisar olhar para eles, e me dediquei, em vez disso, a examinar o maço de documentos. Eles se referiam a um fundo, cujo beneficiário era Sam e que incluía a casa, e aos valores depositados numa conta corrente e numa conta poupança, ambas conjuntas, de Beck e de Sam.

Coisa de peso. Me perguntei se Sam estaria ciente de que, basicamente, era proprietário daquela casa. Debaixo dos documentos, havia uma outra agenda preta. Folheando-a, vi várias anotações com a caligrafia típica de um canhoto. Voltando à primeira página, li: *Se você estiver lendo isto, é porque me transformei definitivamente em lobo ou porque você é o Ulrick, é bom você parar de remexer no que é meu.*

Dei um pulo quando o telefone tocou.

Deixei tocar duas vezes e então atendi.

— Hã!

— Cole?

Meu ânimo melhorou inexplicavelmente.

— Depende. É você, mamãe?

A voz de Isabel soou ríspida:

— Eu não estava ciente de que você tinha uma mãe. Sam sabe que é você que atende o telefone agora?

— Você quer falar com ele? — Fez-se uma pausa. — E o número no identificador de chamadas é do seu telefone?

— É — respondeu Isabel. — Mas não ligue para ele. O que você está fazendo? Continua sendo você?

— Por enquanto. Estou remexendo nas coisas de Beck — falei, jogando o envelope etiquetado Sam e seu conteúdo de volta na gaveta.

— Está brincando? — indagou Isabel, respondendo, em seguida, a própria pergunta. — Não, não está. O que foi que encontrou?

— Venha ver.

— Estou na escola.

— Falando ao telefone?

Isabel refletiu:

— Estou no banheiro tentando arrumar ânimo para a minha próxima aula. Conte o que encontrou. Uma informação obtida por meios escusos vai me alegrar.

— Os documentos de adoção do Sam e alguns recortes de jornal sobre a tentativa dos pais de matá-lo. Encontrei, também, um péssimo desenho de uma mulher usando um uniforme de colegial. Vale realmente a pena dar uma olhada.

— Por que você está falando comigo?

Pensei saber o que ela queria dizer, mas respondi:

— Porque você ligou para mim.

— É porque você quer dormir comigo? Porque não vou dormir com você. Não é nada pessoal, mas não vou e pronto. Estou me guardando etc. e tal. Então, se é por isso que você quer falar comigo, pode desligar agora.

Não desliguei. Não sabia ao certo se havia respondido a pergunta.

— Você continua aí?

— Continuo.

— Por acaso vai responder de verdade a minha pergunta?

Empurrei o copo de leite para frente e para trás.

— Eu só quero alguém com quem conversar — falei. — Gosto de conversar com você. Não tenho resposta melhor que essa.

— Conversar não foi o que fizemos nas duas vezes em que nos encontramos — observou ela.

— Conversamos, sim — insisti. — Contei do meu Mustang. Essa foi uma conversa muito profunda e particular sobre uma coisa muito cara ao meu coração.

— Seu carro. — Isabel não pareceu convencida. Fez uma pausa e então disse: — Quer conversar? Ótimo. Converse. Conte para mim algo que jamais contou a outra pessoa.

Pensei por um instante.

— As tartarugas têm o segundo maior cérebro entre todos os animais do planeta.

Isabel levou apenas um segundo para processar a informação.

— Não têm, não.

— Eu sei. Por isso não contei a ninguém antes.

Houve um ruído do outro lado, como se ela estivesse tentando prender o riso ou sofrendo uma crise de asma.

— Conte para mim alguma coisa que você jamais contou a alguém.

— Se eu contar, você faz a mesma coisa?

Ela pareceu cética.

— Faço.

Contornei o desenho da colegial no mouse pad enquanto refletia. Falar no telefone é como falar de olhos fechados. Ficamos mais corajosos e sinceros, porque é como falar sozinho. Por isso eu sempre cantava minhas novas composições de olhos fechados. Não queria ver o que a plateia achava delas até terminar. Finalmente, falei:

— Passei a vida toda tentando não ser como meu pai. Não porque ele seja tão terrível, mas porque é muito bacana. Qualquer coisa que eu faça, *seja ela o que for*, não pode se comparar.

Isabel se calou. Talvez esperando para ver se eu diria algo mais.

— O que o seu pai faz?

— Eu quero ouvir algo que você jamais contou a alguém.

— Não, você primeiro. Você queria conversar. Isso significa você falar, eu responder e você tornar a falar. É uma das conquistas mais fantásticas da raça humana. Chama-se *diálogo*.

Eu já estava ficando arrependido.

— Ele é cientista.

— Cientista espacial?

— Um cientista maluco — respondi. — Muito bom. Mas, sabe, eu não quero falar sobre isso por um bom tempo. Tipo, até depois da minha morte. Posso ouvir a sua história agora?

Isabel respirou fundo, alto o bastante para que eu ouvisse do outro lado da linha.

— Meu irmão morreu.

As palavras soaram conhecidas. Como se eu já as tivesse ouvido na voz dela mesmo, embora não conseguisse imaginar quando. Após ponderar esse fato, falei:

— Você já contou isso a alguém.

— Eu nunca disse a ninguém que a culpa foi minha, porque todos já achavam que ele estava morto quando realmente morreu — disse Isabel.

— Isso não faz sentido algum.

— Nada mais faz sentido. Tipo, por que estou falando com você? Por que estou lhe contando isso, se você não dá a mínima?

Para essa pergunta, ao menos, eu tinha resposta.

— Mas é *por isso* que você está me contando.

Eu sabia que era verdade. Se tivéssemos a oportunidade de fazer nossas confissões a alguém que realmente se importasse com elas, não haveria jeito de abirmos a boca. Partilhar revelações é mais fácil quando elas não têm importância.

Isabel se calou. Pude ouvir outras garotas falando ao fundo, trechos de conversas incompreensíveis em tons estridentes,

seguidas pelo ruído de água correndo e, depois, novamente, pelo silêncio.

— Está bem — disse ela.

— O que está bem?

— Você pode ligar para mim. Um dia. Agora tem o meu telefone. Não tive nem tempo de me despedir antes que ela desligasse.

CAPÍTULO 18

SAM

Eu não sabia do paradeiro da minha namorada, a bateria do meu celular tinha acabado, eu morava numa casa com um novo lobisomem — possivelmente louco que podia ser um suicida ou homicida — e estava a milhas de distância de tudo isso, contando lombadas de livros. Em algum lugar lá fora, meu mundo começava, lentamente, a girar fora de órbita, e ali estava eu, banhado por um lindo e corriqueiro raio de sol, escrevendo *A vida fantástica das abelhas* (3/Edição simples) em um bloquinho amarelo, onde se lia Inventário de estoque.

— Deve chegar mercadoria hoje — observou Karyn, a dona da loja, voltando da sala dos fundos, precedida pela própria voz. — Tome.

Virei-me e descobri que ela segurava um copinho de isopor.

— A que devo isso? — indaguei.

— Bom comportamento. É chá verde. Tudo bem?

Assenti, agradecido. Sempre gostei de Karyn, desde o momento em que a conheci. Cinquentona, tinha cabelo curto e revoltado, totalmente branco, embora o rosto e, sobretudo, os olhos fossem jovens, arrematados por sobrelanceiras ainda escuras. Ela escondia uma essência durona por trás de um sorriso agradável e eficaz, e dava para ver que os melhores atributos que possuía por dentro se encontravam apregoados por fora. Eu gostava de pensar que ela me contratara por eu também ser assim.

— Obrigado — falei, tomando um gole.

O jeito como senti o líquido quente me descer garganta abaixo e chegar ao estômago me lembrou de que eu não comera nada ainda. Havia me habituado aos cereais matutinos com Grace. Inclinei o bloquinho para Karyn, para que ela visse o meu progresso.

— Ótimo. Descobriu algo de bom?

Apontei para a pilha de livros atrás de mim que haviam sido equivocadamente arrumados.

— Maravilha — disse ela, tirando a tampa do seu copo de café, fazendo uma careta e soprando o vapor acima do líquido, antes de olhar para mim. — Está animado para domingo?

Não entendi, e garanto que meu rosto me denunciou. Esperei que meu cérebro fornecesse uma resposta, mas, quando isso não aconteceu, repeti:

— Domingo?

— Estúdio? Com Grace?

— Você está sabendo?

Sem largar primeiro o café, Karyn pegou sem jeito metade da pilha de livros e disse:

— Grace me ligou para ter certeza de que você não iria trabalhar.

Claro. Grace não marcaria um compromisso para mim sem ter certeza de que tudo estivesse certo. Senti um aperto no estômago, o aperto insuportável da saudade.

— Não sei se isso ainda está de pé — comentei, hesitante, observando a sobancelha erguida de Karyn, que esperava que eu acrescentasse algo. Então, contei os detalhes que omiti de Isabel na noite anterior, pois Karyn se importaria e Isabel, não. — Os pais dela me pegaram em seu quarto depois da hora — falei, sentindo o rubor de minhas bochechas. — Ela se sentiu mal e gritou, fazendo com que eles fossem ver o que estava acontecendo. Me botaram na rua. Não sei como ela está. Nem sei se me deixarão vê-la um dia.

Karyn não respondeu de imediato, o que era uma das características que eu mais apreciava nela. Ela não retrucava automaticamente *Vai dar tudo certo*, antes de ter certeza da resposta apropriada.

— Sam, por que não me disse que não podia vir trabalhar hoje? Eu lhe daria o dia de folga.

Respondi, impotente:

— Inventário de estoque.

— Isso podia esperar. Estamos fazendo inventário porque é março, está frio e ninguém vai aparecer para fazer compras — disse Karyn, que pensou mais alguns minutos, tomando goles de café e torcendo o nariz. — Para começar, eles não vão impedir você de vê-la. Vocês são praticamente adultos, e, de qualquer forma, eles devem saber que Grace não poderia ter escolhido namorado melhor. Em segundo lugar, o problema dela deve ser uma virose. Quais os sintomas?

— Febre — respondi, surpreso com o tom calmo da minha voz.

Karyn me olhou com atenção.

— Sei que você está preocupado, mas um monte de gente tem febre, Sam.

— Tive meningite. Meningite bacteriana — falei baixinho.

Não havia dito isso antes em voz alta, e, tendo conseguido, foi quase uma catarse, como se admitir meus temores de que a febre

de Grace pudesse ser algo mais perigoso do que uma gripe comum tornasse mais fácil administrá-los.

— Há quanto tempo?

Recorri ao feriado mais recente.

— Na época do Natal.

— Ora, já não seria mais contagioso agora — disse ela. — Não acho que meningite seja dessas doenças que ficam incubadas. Como ela está hoje?

— O celular dava na caixa postal de manhã — falei, tentando não demonstrar muita pena de mim mesmo. — Eles ficaram realmente zangados ontem à noite. Acho que talvez tenham confiscado o telefone dela.

Karyn fez uma careta.

— Vão acabar superando. Tente ver as coisas do ponto de vista deles.

Karyn continuava trocando os livros de mão para impedi-los de cair, por isso pousei meu copinho de chá verde e os tomei dela.

— Eu entendo o ponto de vista deles. Esse é o problema. — Fui até a seção de biografias para acomodar uma da princesa Diana que havia sido posta na prateleira errada. — No lugar deles, eu estaria furioso. Acham que sou um garoto safado que se deu bem levando a filha deles pra cama e que logo, logo vai sumir da vida dela.

Karyn riu.

— Desculpe, sei que para você não tem graça.

— Um dia vai ser hilariante, quando estivermos casados e só precisarmos vê-los no Natal — respondi, meu tom mais sombrio do que o pretendido.

— Você sabe que a maioria dos rapazes não fala assim — disse Karyn. Pegando a lista do inventário, ela foi para detrás do balcão e pousou o café junto à caixa registradora. — Sabe como consegui fazer com que Drew me pedisse em casamento? Spray de pimenta, algumas doses de bebida e Shoptime.

Ela olhou para mim até ver um sorriso e completou:

— O que Geoffrey pensa disso tudo?

Demorei demais para me dar conta de que ela falava de Beck; nem me lembrava da última vez em que ouvira seu primeiro nome. E a descoberta de que precisaria mentir novamente me atingiu em cheio.

— Ele ainda não sabe. Está viajando.

Minhas palavras saíram demasiado apressadas, pois eu queria acabar logo com a mentira. Virei-me para a prateleira para que ela não visse a expressão em meu rosto.

— Tem razão. Eu tinha me esquecido dos clientes que ele tem na Flórida — disse Karyn, e eu pisquei para a prateleira, surpreso com a astúcia de Beck. — Sam, vou abrir uma livraria na Flórida para o inverno. Geoffrey está certo, Minnesota em março é uma péssima ideia.

Eu não tinha noção de que história Beck contara a Karyn para convencê-la de que ele passava o inverno na Flórida, mas fiquei bem impressionado, já que Karyn não parecia uma boboca. Claro que ele lhe dera alguma explicação — Beck passara muito tempo na livraria, primeiro como freguês e depois, quando consegui emprego lá e antes que eu tirasse carteira de motorista, como meu motorista. Karyn obviamente notara sua ausência durante o inverno. Fiquei ainda mais impressionado com a naturalidade com que ela empregava o seu nome. Devia conhecê-lo suficientemente bem para que *Geoffrey* saísse de seus lábios de forma tão automática, mas não bem o bastante para saber que todos que o amavam o chamavam pelo sobrenome.

Me dei conta de que havia uma longa pausa na conversa e que Karyn continuava a me olhar.

— Ele vinha muito aqui? — indaguei. — Sem mim?

Atrás do balcão, ela assentiu.

— Bastante. Comprava um monte de biografias — disse, calando-se em seguida para refletir.

Ela me dissera certa vez que era completamente possível analisar psicologicamente uma pessoa com base no tipo de livro que ela lê. Me perguntei que significado a preferência de Beck por biografias — havia prateleiras e mais prateleiras delas em casa — teria para Karyn.

— Eu me lembro direitinho da última coisa que ele comprou, porque não foi uma biografia e fiquei surpresa. Foi uma agenda — emendou ela.

Franzi a testa. Não me lembrava de ter visto agenda alguma.

— Dasquelas que têm espaços para escrever comentários e fazer anotações diárias. Ele disse que anotaria ali seus pensamentos para quando não se lembrasse mais de como pensar neles.

Então precisei me virar novamente para as prateleiras, por causa das lágrimas repentinas que marejaram meus olhos. Tentei me concentrar nos títulos à minha frente para impedir que minhas emoções extravasassem. Toquei uma lombada com um dos dedos, enquanto as palavras alternavam entre borradas e nítidas.

— Aconteceu alguma coisa com ele, Sam? — indagou Karyn.

Olhei para o chão, para a forma como as velhas tábuas de madeira se achavam levemente vergadas no ponto em que encontravam a base das estantes. Me senti seriamente fora de controle, como se minhas palavras estivessem crescendo, prestes a entornar. Por isso, nada disse. Não pensei nos quartos vazios e cheios de eco da casa de Beck. Não pensei em como agora era eu quem comprava o leite e a comida enlatada para estocar o abrigo. Não pensei em Beck, prisioneiro num corpo de lobo, me observando por trás das árvores, sem memória, sem pensamentos humanos. Não pensei que, no verão, não haveria nada — ninguém — por quem esperar.

Olhei fixamente para um nó escuro na tábua debaixo do meu pé, uma presença sombria e solitária no meio da madeira clara.

Eu queria Grace.

— Desculpe — disse Karyn. — Não foi minha intenção... Eu não quis xeretar.

Me senti mal por deixá-la constrangida.

— Sei disso. Você não xeretou. É só que... — Apertei a minha testa com os dedos, no epicentro de uma dor de cabeça fantasma. — Ele está doente. É uma doença... Uma doença terminal.

As palavras saíram devagar, uma mistura dolorosa de verdade e mentira.

— Ah, Sam, sinto muito. Ele está em casa?

Sem me virar, balancei a cabeça.

— É por isso que a febre de Grace preocupa tanto você — adivinhou Karyn.

Fechei os olhos. Na escuridão, me senti zozzo, como se não soubesse onde estava o chão. Fiquei dividido entre a vontade de falar e o desejo de guardar meus medos, mantendo controle sobre eles ao escondê-los. As palavras escaparam antes que eu pudesse ponderá-las.

— Não posso perder os dois. Eu sei... Sei quanta força tenho, e não sou... não sou tão forte assim.

Karyn deu um suspiro.

— Vire-se, Sam.

Com relutância, me virei e a vi segurando o bloquinho do inventário. Apontou com um lápis para as letras SR, escritas com a própria caligrafia no final das minhas contas.

— Está vendo as suas iniciais aqui? É porque estou mandando você para casa. Ou para qualquer outro lugar. Vá refrescar as ideias.

Minha voz saiu fraca.

— Obrigado.

Ela despenteou meu cabelo quando fui pegar o violão e o livro que estava sobre o balcão.

— Sam — disse ela, justo quando eu já ia me afastando —, acho que você é mais forte do que pensa.

Obriguei meu rosto a formar um sorriso que não durou até a porta dos fundos.

Ao abri-la, dei de cara com Rachel. Graças a um tremendo golpe de sorte ou de destreza pessoal, não derramei o chá verde em sua echarpe listrada. Rachel afastou-a do meu caminho bem depois de passado o perigo e me lançou um olhar de alerta.

— O Rapaz deve olhar por onde anda — aconselhou.

— Rachel não devia se materializar do outro lado de portas — retruquei.

— Grace me disse para entrar por aqui! — protestou Rachel. Diante do meu olhar confuso, explicou: — Meus talentos naturais não incluem estacionar em vagas perpendiculares, por isso Grace me disse que, se eu parasse nos fundos da loja, era só encostar junto ao meio-fio, e que ninguém se importaria se eu entrasse pela porta de trás. Aparentemente ela errou, porque você tentou me impedir com óleo fervente e...

— Rachel — interrompi. — Quando foi que você falou com Grace?

— Da última vez? Faz dois segundos — respondeu Rachel, recuando a fim de me deixar bastante espaço para sair e fechar a porta.

Meu alívio foi tão imediato que quase gargalhei. De repente, eu podia inspirar o ar frio temperado com cheiro de escapamento de motor, apreciar o verde cansado das lixeiras e sentir o vento gélido tentando penetrar pelo colarinho da minha camisa.

Eu não esperava vê-la de novo.

A ideia parecia melodramática agora que eu descobrira que Grace estava suficientemente bem para falar com Rachel, e eu não sabia por que chegava tão rápido a essa conclusão; porém, isso não a tornava menos verdadeira.

— Está congelando aqui fora — falei, indicando meu Volkswagen.
— Você se importa?

— Imagine! — respondeu Rachel, que esperou enquanto eu destrancava as portas. Liguei o motor e o aquecimento e apertei as mãos de encontro às grades da ventilação, até me sentir menos ansioso com o frio que não podia me fazer mal. Rachel estava conseguindo encher o carro com um aroma muito doce e altamente artificial, que provavelmente deveria ser de morango. Ela precisou dobrar sobre o banco as pernas envoltas em meias a fim de abrir espaço para a bolsa abarrotada.

— Muito bem, agora fale — disse eu. — Me fale da Grace. Ela está bem?

— Está. Ontem à noite foi parar no hospital, mas já voltou para casa. Nem dormiu fora. Estava com febre, por isso a entupiram de Tylenol, e a temperatura melhorou. Ela me disse que melhorou. — Rachel deu de ombros. — Pediu para eu apanhar o dever de casa dela. Daí... — acrescentou, chutando a mochila atopeçada. — Também devo entregar isso a você.

Estendeu para mim, então, um celular cor-de-rosa com o adesivo de uma carinha sorridente grudado atrás.

— Este é o seu celular? — perguntei.

— É. Ela disse que o seu cai direto no correio de voz.

Dessa vez eu ri, um riso de alívio, sem som.

— E o que há com o *dela*?

— O pai confiscou. Não acredito que vocês foram pegos. Onde estavam com a cabeça? Você podia ter morrido de humilhação!

Eu apenas a olhei com a expressão mais sofrida que pude produzir fisicamente. Agora que sabia que Grace estava viva e gozando de boa saúde, eu podia me dar ao luxo de um pouco de humor melancólico.

— Pobre Rapaz — disse Rachel, com um tapinha em meu ombro. — Não se preocupe. Eles não vão passar o resto da vida furiosos com você. Dê um tempo e voltarão a esquecer que têm uma filha. Tome o celular. Ela já tem permissão para receber telefonemas.

Grato, aceitei o telefone, digitei o número de Grace — “o segundo na agenda”, de acordo com Rachel — e um instante depois ouvi:

— Oi, é a Rach.

— Sou eu — esclareci.

GRACE

Não sei que emoção foi aquela que me tomou de assalto quando ouvi a voz de Sam em vez da de Rachel. Só sei que foi forte o bastante para transformar minha respiração num longo e trêmulo suspiro. Passei como um rolo compressor em cima da sensação não identificada.

— Sam.

Ouvi seu suspiro, que me fez desejar ardentemente ver seu rosto. Eu disse:

— Rachel contou que estou bem? Foi só uma febre. Já voltei para casa.

— Posso ir até aí? — A voz de Sam soou estranha.

Puxei o edredom mais para cima, chutando-o quando ele não se esticou do jeito que eu queria e tentando não invocar novamente a raiva que sentira mais cedo, quando falei com papai.

— Estou de castigo. Não vou poder ir ao estúdio no domingo. — Seguiu-se um silêncio fúnebre do outro lado da linha. Fiquei imaginando a cara de Sam, e isso doeu de uma forma meio

dormente, pois eu havia passado tempo demais inquieta, e essa inquietação me exaurira. — Você ainda está aí?

A voz de Sam soou corajosa, o que doeu mais que o seu silêncio.

— Posso remarcar — disse ele.

— Ah, não! — objetei com veemência. E de repente a raiva aflorou. Tentei falar mesmo assim. — Vou com você no domingo, mesmo que precise implorar a eles. Dane-se se eu tiver que sair escondida. Sam, estou tão furiosa que não sei o que fazer. Tenho vontade de sair correndo, agorinha. Não quero ficar em casa com eles. De verdade, me faça desistir. Me diga que não posso ir morar com você. Me diga que você não me quer na sua casa.

— Você sabe que não vou dizer isso — disse Sam com carinho. — Você sabe que eu não te impediria.

Fixei o olhar na porta fechada do quarto. Minha mãe — minha carcereira — estava do outro lado. Dentro de mim, eu ainda sentia uma febre doentia. Eu não queria estar ali.

— Então por que não faço isso? — indaguei num tom agressivo.

Sam ficou calado. Finalmente, em voz baixa, falou:

— Porque você sabe que não é assim que quer encerrar essa história. Você sabe que eu adoraria ter você comigo e que um dia isso vai acontecer. Mas não desse jeito.

Por algum motivo, meus olhos se encheram de lágrimas. Surpresa, enxuguei-as com o punho. Eu não sabia o que dizer. Estava habituada a ser a pragmática e ver Sam como impulsivo. Senti-me solitária em minha fúria.

— Eu me preocupei com você — disse Sam.

Eu também me preocupei comigo, pensei, mas em vez disso falei:

— Estou bem. Realmente quero sair da cidade com você. Quem dera já fosse domingo.

SAM

Foi estranho ouvir Grace daquele jeito. Era estranho estar ali, sentado no carro com sua melhor amiga, enquanto Grace estava em casa, precisando de mim pela primeira vez. Era estranho querer dizer a ela que não precisava ir comigo ao estúdio até a situação se acalmar. Mas eu não podia lhe dizer não. Não podia, fisicamente, dizer não a ela. Ouvi-la assim, diferente de tudo que eu já a vira ser, me fez vislumbrar um futuro perigoso e adorável sussurrando segredos em meu ouvido.

— Eu também queria que já fosse domingo.

— Não quero ficar sozinha esta noite — disse Grace.

Senti uma pontada no coração. Fechei os olhos e tornei a abri-los. Pensei em entrar na casa dela às escondidas; pensei em lhe dizer para sair às escondidas. Me imaginei deitado no meu quarto, sob as garças de papel, com o corpo morno dela colado ao meu, sem precisar pensar em me esconder de manhã, ficando juntos conforme nos apetecesse. Então a saudade doía e doía com a intensidade desse desejo.

— Eu também estou com saudade — ecoei.

— O carregador do seu celular ficou aqui — sussurrou Grace. — Me ligue de noite da casa de Beck, viu?

— Está bem.

Depois que ela desligou, devolvi o telefone a Rachel. Não sabia ao certo o que havia de errado comigo. Faltavam apenas 48 para eu voltar a vê-la. Não era tanto tempo assim. Uma gota no oceano do tempo que seria a nossa vida juntos

Agora tínhamos todo o tempo do mundo. Eu precisava começar a acreditar nisso.

— Sam, você sabia que está com a cara mais triste que já vi? — perguntou Rachel.

CAPÍTULO 19

SAM

Depois que me despedi de Rachel, voltei para a casa de Beck. O dia começara ensolarado, não exatamente quente, mas promissoramente estival. Eu não conseguia me lembrar de um tempo como esse. Fazia tantos anos que essa quase primavera me mantinha prisioneiro de um corpo de lobo que era difícil convencer a mim mesmo de que não seria preciso me agarrar ao abrigo de um carro aquecido.

Eu não teria medo. *Acredite em sua cura.*

Fechei a porta do carro, mas não entrei na casa. Se Cole ainda estivesse ali, eu não estaria preparado para encará-lo. Em vez disso, dei a volta até os fundos da casa, passei pela viscosa grama morta do ano anterior e entrei na floresta. Achei que era meu dever checar o abrigo para ver se havia lobos lá dentro. O prédio, enterrado a alguns metros da entrada da floresta atrás da casa de Beck, era um porto seguro para os novos lobos e suas múltiplas transformações. Ali havia roupas, comida enlatada e lanternas,

além de um aparelho de TV com videocassete e um aquecedor que podia funcionar com a bateria do barco. Tudo que um novo lobo volátil precisaria para se sentir confortável até se assegurar de que a manutenção de sua forma humana estivesse garantida.

Às vezes, porém, um novo membro da alcateia voltava a se transformar em lobo ainda dentro do abrigo, rápido demais até mesmo para abrir a porta. Assim, um animal selvagem, escravo do instinto, acabava encurralado entre quatro paredes que cheiravam a humanos, mudança e incerteza.

Eu me lembrei de uma primavera quando eu tinha nove anos e ainda me sentia relativamente inseguro na pele de um lobo. O dia ameno havia me despido da pele lupina, me deixando nu e envergonhado, enroscado em mim mesmo na floresta como um novo broto de vegetação. Depois de me certificar de que estava sozinho, tomei o rumo do abrigo, como Beck me orientara a fazer. Meu estômago ainda doía, como acontecia entre as transformações nessa época, o que fez com que eu me dobrasse em dois, com as costelas proeminentes grudadas às coxas, enquanto, agachado, mordi meu dedo até o espasmo passar e eu conseguir me pôr de pé para abrir a porta do abrigo.

Levei um susto tremendo ao ouvir uma voz ao entrar. Passado um minuto, meu coração sossegou o suficiente para que eu me desse conta de que a voz cantava. Quem quer que tivesse estado ali por último deixara o rádio portátil ligado. Enquanto Elvis perguntava se eu me sentia solitário, me ocupei em remexer na caixa com o rótulo Sam. Enfieei uma calça jeans, mas não me dei ao trabalho de encontrar uma camisa antes de ir atrás de comida. Abri um saco de salgadinhos, com a barriga roncando, agora que sabia que logo estaria cheia. Sentado ali, com os joelhos ossudos encostados ao queixo, escutei Elvis cantar e concluí que as letras de música não passavam de outro tipo de poesia. No verão anterior, Ulrik me fizera aprender de cor poemas famosos — eu

ainda me lembrava da primeira metade de “Stopping by the Woods on a Snowy Evening”. Tentei me recordar da segunda metade enquanto devorava o pacote inteiro de salgadinhos de milho, na esperança de me livrar da cólica no estômago.

No espaço de tempo que levei para reparar que a mão que segurava o pacote de salgadinhos tremia, a dor na minha barriga evoluiu para o espasmo da transformação. Não deu tempo de alcançar a porta antes que meus dedos se tornassem inúteis e rombudos e as minhas unhas, ineficazes contra a madeira. Meu último pensamento humano foi uma lembrança: meus pais batendo a porta do meu quarto, a tranca se fechando com um ruído metálico, enquanto o lobo escapava de minhas entranhas.

Minhas lembranças lupinas eram mais difíceis de identificar, mas me lembro que levei horas tentando sair do abrigo naquele dia.

Foi Ulrik quem me encontrou.

— Ah, *Junge* — exclamou numa voz triste, passando a mão na cabeça raspada enquanto olhava ao redor. Pisquei sem expressão para ele, meio surpreso por não se tratar da minha mãe ou do meu pai.

— Há quanto tempo está preso aqui?

Eu estava enrolado no canto do abrigo, encarando meus dedos ensanguentados, o cérebro emergindo lentamente dos pensamentos de lobo e identificando fragmentos de ideias humanas. Lixeiras e suas tampas se achavam espalhadas pelo abrigo, o rádio jazia no piso, com o fio arrancado da parede. Havia sangue seco no chão, e, nele, pegadas humanas e de lobo. Os salgadinhos e o revestimento da porta tinham virado uma espécie de confete, cercados de pacotes rasgados de biscoitos e salgados, cujo conteúdo permanecia abandonado e intacto.

Ulrik atravessou o aposento, as botas rangendo de leve sobre a areia fina das batatinhas, e parou a meio caminho quando me

encolhi. Minha visão dançou, me mostrando alternadamente o abrigo revirado e o meu velho quarto, repleto de roupas de cama espalhadas e livros rasgados.

Ulrik estendeu uma das mãos para mim.

— Vamos, levante. Vamos entrar.

Mas não me mexi. Olhei novamente para minhas unhas rombudas, com farpas ensanguentadas. Eu estava perdido no pequeno mundo dos meus dedos, no desenho formado pelas espirais delicadamente destacadas em vermelho, tendo um único fio de pelo lupino preso no meu sangue. Meu olhar desviou-se para as novas cicatrizes empoladas em meus pulsos, manchadas de escarlate.

— Sam — disse Ulrik.

Não ergui os olhos. Eu gastara todas as minhas palavras e toda a minha força tentando sair e agora não conseguia me obrigar a ficar de pé.

— Não sou Beck — acrescentou, num tom impotente. — Não sei o que ele faz para tirar você disto, Ok? Não sei falar a sua língua, *Junge*. No que você está pensando? Olhe para mim.

Ele estava certo. Beck tinha um jeito de me trazer novamente à realidade, mas não estava ali. Ulrik finalmente me pegou no colo, meu corpo inerte como o de um cadáver em seus braços, e me carregou de volta para casa — mesmo então, eu ainda não sabia se haviam se passado horas ou dias.

Beck não veio direto até mim. Em vez disso, foi à cozinha e mexeu em algumas panelas. Quando voltou à sala, onde eu me escondera no canto do sofá, trazia na mão um prato de ovos.

— Preparei algo para você — disse ele.

Os ovos estavam do jeito que eu gostava. Olhei para eles, em vez de fitar Beck, e sussurrei:

— Desculpe.

— Não tem por que se desculpar — disse Beck. — Você não sabia o que estava fazendo. E Ulrik era o único que gostava daquela porcaria de Doritos. Você fez um favor a todos nós.

Ele colocou o prato ao meu lado no sofá e se dirigiu ao seu escritório. Passado um minuto, peguei os ovos e atravessei, silenciosamente, o corredor, atrás dele. Sentado no chão do outro lado da porta aberta do escritório, ouvi, enquanto comia, o errático tamborilar dos dedos de Beck no teclado.

Isso foi na época em que eu ainda estava muito mal. Na época em que eu achava que teria Beck para sempre.

— Oi, Ringo.

A voz de Cole me trouxe de volta à realidade, anos mais tarde, e eu não era mais um menino de nove anos orientado por guardiões benevolentes. Ele estava ao meu lado quando olhei para a porta do abrigo.

— Vejo que você continua humano — falei, mais surpreso do que expressava estar. — O que está fazendo aqui fora?

— Tentando me transformar em lobo.

Um arrepio desagradável percorreu minha pele, à medida que recordava a luta para conter o lobo interior; o bolo no estômago antes da transformação; a sensação doentia no instante em que me perdia. Não respondi. Em vez disso, empurrei a porta do abrigo e procurei o interruptor de luz. O lugar cheirava a mofo, a falta de uso. Lembranças e partículas de pó pairavam no ar viciado. Atrás de mim, um passarinho repetiu várias vezes seu pio cantante, mas, fora isso, não havia som algum.

— Então esta é uma ótima hora para se familiarizar com este lugar — disse eu.

Entrei no abrigo, meus sapatos fazendo o barulho de quando se caminha na poeira sobre o chão de madeira gasta. Tudo continuava em seu devido lugar — os cobertores cuidadosamente dobrados ao

lado da TV no *stand-by*, o bebedouro cheio até a borda, com canecas alinhadas obedientemente atrás, à espera da sua vez. Tudo aguardando lobos prestes a se transformarem em humanos.

Cole entrou atrás de mim, olhando para as caixas e suprimentos ao seu redor com um interesse vago. Tudo nele transmitia desdém e uma energia inquieta. Tive vontade de lhe perguntar: *O que foi que Beck viu em você?* Em vez disso, indaguei:

— Era isto que você esperava?

Cole abriu uma das caixas e examinava o conteúdo. Não desviou o olhar para perguntar:

— O quê?

— Ser um lobo.

— Eu esperava que fosse pior — respondeu ele, olhando agora para mim e sorrindo sorrateiramente como se soubesse o que eu sofrera para deixar de ser um. — Beck me disse que a dor era insuportável.

Peguei do chão uma folha seca que havíamos trazido nos pés.

— Bom, a dor não é a parte difícil.

— Ah, não? — O tom de Cole foi mordaz. Era como se quisesse que eu o odiasse. — Então, qual é a parte difícil?

Virei-lhe as costas. Não era meu desejo responder. Achei que ele não se importaria com a parte difícil.

Beck o escolhera. Eu não iria odiá-lo. *Não* iria. Beck com certeza vira algo ali. Finalmente, falei:

— Teve um ano em que um dos lobos, Ulrik, decidiu que era uma boa ideia plantar ervas italianas em vasos. Ulrik vivia fazendo esse tipo de maluquice.

Eu me lembrei dele cavando buracos na terra do vaso e jogando sementes ali — coisinhas minúsculas, com aparência de mortas, desaparecendo na terra negra. “Isso tem que funcionar, droga”, me disse certa vez, num tom amistoso. Eu passara o tempo todo

grudado nele, observando, atrapalhando, me afastando apenas quando, sem querer, seu cotovelo me cutucava o peito. “Nossa, Sam, você está em cima de mim!”, dizia ele.

— Beck achou que Ulrik tinha enlouquecido. Argumentou que um molho de manjerição custava dois dólares na mercearia — contei a Cole.

Cole ergueu uma das sobrancelhas, deixando claro que estava sendo indulgente comigo.

Ignorei a expressão e disse:

— Vigiei as sementes de Ulrik diariamente durante semanas, esperando ver um pouquinho de verde surgir na terra, qualquer coisa que indicasse que ali havia vida prestes a nascer. Está aí, essa é a parte difícil. Estou aqui no abrigo, esperando para ver se as minhas sementes vão emergir da terra. Não sei se é cedo demais para procurar sinais de vida ou se, desta vez, o inverno terá levado para sempre a minha família.

Cole me encarou. O desprezo sumira do seu rosto, mas ele nada disse. Sua expressão tinha um quê de vazio, algo que me deixou sem reação, e eu também fiquei calado.

Não fazia sentido continuar ali. Dei o último passo, enquanto Cole permanecia no abrigo, checando as caixas de comida para se assegurar de que nenhum inseto entrara nelas. Fiquei um instante parado, os dedos enganchados na beirada da caixa de plástico, ouvindo. Não sabia o que esperava ouvir, pois só havia silêncio, silêncio e mais silêncio. Até o pássaro do lado de fora da porta ainda aberta se calara.

Fingindo que Cole não estava ali, aguicei meus ouvidos como fazia quando era lobo, tentando criar um mapa de todas as criaturas existentes na floresta próxima, bem como dos sons que elas faziam. Mas nada ouvi.

Em algum lugar, havia lobos naquela floresta, mas para mim eles eram invisíveis.

CAPÍTULO 20

COLE

Eu começava a perder o controle sobre meu corpo humano, e isso me deixou feliz.

Sam me incomodou. Eu tinha um punhado de personas diferentes que, bem ou mal, acabavam servindo para todas as pessoas que eu encontrava, mas nenhuma delas parecia correta para Sam. Ele era dolorosa e aborrecidamente honesto. Como eu deveria reagir a isso?

Assim, senti alívio quando voltamos do abrigo e ele avisou que ia sair.

— Eu convidaria você, mas logo você vai se transformar.

Não informou, porém, como chegara a essa conclusão, mas suas narinas estremeceram de leve, como se pudessem me farejar. Alguns instantes depois, o motor a diesel do seu Volkswagen roncou ruidosamente ao passar pelo portão, me deixando sozinho numa casa cujo humor se alterava com o passar do dia. A tarde ficou nublada e fria, e, de repente, a casa já não era um refúgio

confortável, mas um agourento labirinto de quartos sombrios, que pareciam saídos de um delírio febril. Da mesma forma, meu corpo não era consistentemente humano — mas também não era de lobo. Em vez disso, não passava de um território estranho, intermediário: corpo humano, cérebro de lobo. Lembranças humanas vistas pelos olhos de um lobo. A princípio, vaguei pelos corredores, as paredes se fechando sobre mim, sem acreditar por completo no diagnóstico de Sam. Quando finalmente senti um vislumbre de transformação no âmago dos meus nervos, parei diante da porta dos fundos escancarada e esperei que o frio me levasse. Mas ainda não era hora. Por isso, fechei a porta e deitei na minha cama emprestada, sentindo o ataque da náusea e o arrepio em minha pele.

Graças ao desconforto, me vi intensamente aliviado.

Eu tinha começado a achar que não voltaria a me transformar em lobo.

Mas aquele intervalo infernal... Me levantei, caminhei novamente até a porta, fiquei de pé no vento gélido. Passados dez minutos, desisti e voltei para o sofá, me enroscando ao redor do torvelinho do meu estômago. Minha mente disparou através dos corredores cinzentos, embora meu corpo permanecesse imóvel. Atravessei mentalmente o corredor, passando por quartos desconhecidos em tons de preto e branco. Senti a clavícula de Isabel sob a minha mão, vi minha pele perdendo a cor enquanto eu me transformava em lobo, senti o microfone entre meus dedos, ouvi a voz do meu pai e o vi a me encarar do outro lado da mesa de jantar.

Não. Qualquer lugar, menos a minha casa. Eu deixaria que minhas lembranças me levassem a qualquer lugar, menos esse.

AGORA EU ESTAVA NO ESTÚDIO fotográfico com os demais membros da NARKOTIKA. Era a nossa — quer dizer, minha — primeira

grande matéria de revista. O tema: “Histórias de sucesso de menores de idade”. O pôster: eu. O restante da NARKOTIKA não passava de elenco de apoio.

Não estavam nos fotografando no estúdio propriamente dito. O fotógrafo e sua assistente haviam nos levado até uma escada do velho prédio, tentando captar o clima da música da banda ao arrumar o grupo nas sacadas e em diferentes degraus da escada. A escada cheirava ao almoço de outra pessoa — pedaços de bacon falso e um molho de salada que ninguém jamais pediria, além de um tempero misterioso que podia muito bem não passar de chulé.

Eu estava saindo de uma viagem. Não tinha sido a primeira, mas era tudo bastante recente. Essas viagens novinhas em folha me faziam embarcar num voo de euforia que ainda me deixavam meio culpado depois. Acabara de escrever uma das minhas melhores músicas — “Break my Face (and Sell the Pieces)”, que viria a se tornar o single mais vendido — e estava de ótimo humor. Meu humor estaria melhor ainda se eu não precisasse estar ali, pois meu desejo era inspirar o ar lá fora, denso de poluição, de cheiro de comida e de todos os aromas urbanos excitantes que me comprovavam que eu era alguém.

— Cole. Cole. Ei, espertalhão. Dá pra ficar parado? Junto do Jeremy, olhando para cá. Jeremy, você olha pra ele — instruiu o fotógrafo, um sujeito pançudo, de meia-idade e com um cavanhaque irregular, que iria me incomodar o dia todo. A assistente era uma ruiva de vinte e poucos anos que já se declarara para mim e, por isso, tornara-se desinteressante. Aos 17 anos, eu ainda não havia descoberto que um sorriso sarcástico podia fazer as garotas tirarem a roupa.

— Continuo olhando — falou Jeremy. Parecia semiadormecido, como sempre. Victor, do lado oposto, sorria para o chão, exatamente como mandara o fotógrafo.

Eu não estava curtindo a foto. Como é que fotografar a gente olhando de um balcão como em qualquer disquinho dos Beatles iria combinar com o som da NARKOTIKA? Por isso, balancei a cabeça e cuspi lá de cima. Em seguida, o flash do fotógrafo pipocou, e ele e a assistente consultaram o visor da câmera, ficando chateados. Mais um flash. Mais uma cara chateada. O fotógrafo veio até onde estávamos e ficou seis degraus abaixo. Num tom adulator, disse:

— Tudo bem, Cole, que tal alguma coisa mais animada? Que tal um sorriso? Pense numa coisa boa. Um sorriso como o que você daria para a sua mãe.

Ergui uma sobrancelha e me perguntei se ele estava falando sério.

Aparentemente, o fotógrafo teve um insight, pois alteou a voz ao dizer:

— Imagine que está no palco...

— Você quer animação? — perguntei. — Porque não é nada disso. A vida é inesperada. Feita de riscos. A NARKOTIKA é isso aí, e não uma foto da turma de escoteiros. É...

E saltei em sua direção. Voei da escada, com os dois braços estendidos. Vi o pânico se instalar em seu rosto no instante em que a assistente levantou a câmera e o flash me cegou.

Caí sobre um pé só e rolei de encontro à parede de tijolos da escada, às gargalhadas. Ninguém me perguntou se eu estava bem. Jeremy bocejava, Victor me fez um gesto obsceno, e o fotógrafo e a assistente davam gritos diante do visor.

— Um pouco de inspiração — falei para todos, antes de me levantar. — De nada.

Nem dor senti.

Depois disso, deixaram que eu fizesse o que queria durante o resto da sessão. Assoviano e cantando minha música nova, eu os fiz subir e descer a escada, empurrando com os dedos a parede,

como se estivesse prestes a derrubá-la; desci com eles até o lobby, onde subi num vaso de plantas, e depois saí para o beco, onde pulei no teto do carro que nos trouxera do hotel, deixando marcas para que o veículo se lembrasse de mim.

Quando o fotógrafo encerrou o trabalho, a assistente se aproximou de mim e pediu para eu lhe dar a mão. Estendi-a com a palma para cima, e ela a puxou de forma a apontá-la para o céu. Depois anotou seu nome e telefone ali, enquanto Victor assistia a tudo logo atrás dela.

Victor me agarrou pelo ombro assim que a moça voltou para dentro do prédio.

— E a Angie? — perguntou, com um meio sorriso no rosto, como se soubesse que eu lhe daria a resposta certa.

— O que tem ela?

O sorriso desapareceu, e ele segurou com força a mão onde estava anotado o telefone.

— Acho que ela não vai gostar nada disso.

— Cara, isso não é da sua conta.

— Ela é minha irmã. É da minha conta, sim.

A conversa realmente começava a estragar meu bom humor.

— Então, é o seguinte: Angie e eu terminamos. Terminamos há tanto tempo que o fato já faz parte da História. E continua não sendo da sua conta.

— Canalha — disse Victor. — Você vai dar o fora nela assim? Arruína a vida da minha irmã e simplesmente se manda?

Meu bom humor *já era*. Comecei a achar que estava na hora de uma agulha, uma cerveja ou uma gilete.

— Olha aqui, eu perguntei a ela, e ela disse que preferia acabar.

— E você acreditou? Quer saber? Você se acha o máximo. Você e a sua maldita *genialidade*. Acha que vai viver assim para sempre?

Ninguém vai se lembrar da sua cara quando você tiver vinte anos. Ninguém vai se lembrar de você.

Apesar da discussão, Victor estava se acalmando. Já tinha praticamente dado fim à conversa. Se eu tivesse pedido desculpas ou ao menos ficado calado, provavelmente ele daria meia-volta e iria para o hotel.

Esperei um segundo e, então, falei:

— Ao menos as garotas me chamam pelo meu nome, cara. — Observei o rosto dele, com uma expressão de desprezo no meu. — Ao menos não sou sempre o “baterista da NARKOTIKA”.

Victor me deu um soco. Foi um bom soco, mas não o seu melhor. De qualquer forma, continuei de pé, embora achando que meu lábio havia sido cortado. Ainda conseguia sentir meu rosto e me lembrar do que estávamos falando. Olhei para ele.

Jeremy surgiu a seu lado, provavelmente atraído pelo som do punho de Victor encontrando minha cara, o que não fazia parte das nossas discussões habituais.

— Não fique parado aí! — gritou Victor, desferindo um novo soco, agora na mandíbula. Dessa vez, eu perdi o equilíbrio. — Vem pra cima de mim, seu babaca, vem!

— Rapazes... — disse Jeremy, sem se mexer.

Victor investiu sobre o meu peito com o ombro, noventa quilos de raiva reprimida, e dessa vez desabei no chão, a um pedacinho de asfalto pinicando as minhas costas.

— Você é um desperdício de espaço. Você acha que o mundo gira ao seu redor, seu mauricinho.

Ele agora me chutava, e Jeremy assistia de braços cruzados.

— Já chega — falou Jeremy.

— Eu. Quero. Arrancar. Esse. Sorriso. Da. Cara. Dele — insistiu Victor entre os chutes. Ele já estava sem fôlego, e, finalmente, um dos golpes o desequilibrou, derrubando-o no chão ao meu lado.

Levantei os olhos para o retângulo de céu branco acinzentado acima de nós, emoldurado pelos edifícios escuros. Então, senti o sangue escorrer do meu nariz. Pensei em Angie e na sua expressão quando me disse que preferia ficar sozinha, e desejei que ela tivesse visto Victor me dar aquela surra.

Acima de mim, Jeremy apontou a câmera do celular e tirou uma foto de nós dois deitados no asfalto de uma cidade qualquer de cujo nome eu nem conseguia me lembrar.

Três semanas depois, a foto em que eu voava da escada, enquanto Jeremy e Victor me observavam, chegou às bancas e à capa da revista. Meu rosto estava por todo lado. Ninguém iria me esquecer tão cedo. Eu estava em todos os lugares.

MAIS PARA O FINAL DA tarde, deitado no chão da casa de Beck, a transformação tornou-se urgente dentro de mim. Sua insistência era tão grande que me dei conta de que a náusea anterior não passara de um fingimento em nada semelhante à verdadeira, que fisgava e rasgava minhas entranhas. Voltei até a porta dos fundos e a abri, ficando de pé ali contemplando a grama. A temperatura do lado de fora estava surpreendentemente amena, sem muitas nuvens no céu, embora a eventual brisa cortante me lembrasse de que ainda era março. Dessa vez, quando uma lufada gélida de vento soprou, ela transpassou meu corpo humano, chegando ao lobo em seu interior. Minha pele se arrepiou por completo. Saí para a varanda de concreto e hesitei, imaginando se devia ir até o abrigo e deixar minha roupa lá para facilitar a minha vida depois. A lufada seguinte, porém, fez com que eu me dobrasse com tremores. Eu não conseguiria chegar ao abrigo.

Meu estômago roncava e se contraía. Me acocorei e aguardei.

A transformação, porém, não foi imediata, como acontecera antes. Tendo permanecido humano durante quase um dia inteiro,

meu corpo estava mais seguro de sua forma e aparentemente não pretendia abrir mão dela com facilidade.

Vamos, mude, pensei, enquanto o vento me provocava mais uma crise de tremores. Meu estômago se revolveu. Tentei me lembrar se era apenas uma reação ao processo de transformação. Eu não precisava vomitar. Se resistisse ao impulso, daria tudo certo.

Apertei os dedos de encontro ao concreto frio, ansiando para que o vento me transformasse em lobo. Do nada, me lembrei do telefone de Angie e senti um desejo irracional de voltar lá para dentro e ligar para ela, só para ouvi-la dizer alô e depois desligar. Imaginei o que Victor estaria pensando agora, após tudo isso.

Meu peito doía.

Me tire deste corpo. Me livre de Cole, pensei.

Mas essa era apenas mais uma coisa fora do meu controle.

CAPÍTULO 21

GRACE

Naquela noite, não vi nenhuma diferença na minha cama sem Sam. Não vi nada estranho na forma do colchão. Os lençóis não pareciam maiores sem ele. Não me senti menos cansada sem o som regular da sua respiração e, no escuro, não dava para identificar a ausência dos seus ombros espadaúdos a meu lado. O travesseiro ainda conservava seu cheiro, como se ele tivesse se levantado para pegar um livro e se esquecido de voltar.

Mas isso fazia toda a diferença.

Meu estômago doía, um eco da dor da noite anterior. Encostei o rosto no travesseiro de Sam e tentei não me lembrar das noites em que eu pensara que ele havia sumido para sempre. Imaginando-o na casa de Beck, me virei na cama e peguei o celular. Porém, não digitei seu número, porque, estupidamente, só conseguia pensar em nós dois deitados lado a lado e em Sam, trêmulo, dizendo: *Talvez tenhamos que repensar o nosso estilo de vida.* Então, pensei nele me pedindo para ficar em casa, para não correr ao seu encontro.

Talvez Sam se sentisse contente por estar na casa de Beck, por ter uma desculpa para ficar sozinho. Talvez não. Eu não sabia. Me sentia mal, mal, mal, de um jeito novo e terrível, indescritível. Queria chorar e me achava boba por isso.

Botei o celular de volta na mesinha, tornei a deitar no travesseiro dele e finalmente adormeci.

SAM

Eu era uma ferida aberta.

Inquieto, vaguei pelos corredores da casa, querendo ligar novamente para ela, mas com medo de causar problemas, medo de alguma coisa sem nome e monstruosa. Andei para lá e para cá até me sentir demasiado exausto para ficar de pé, e então fui para o meu quarto. Sem acender a luz, caminhei até a cama e me deitei, o braço estendido sobre o colchão, a mão doendo por não estar pousada em Grace.

Meus pensamentos supuravam em mim. Não consegui dormir. Minha mente desviou-se do lugar vazio ao meu lado na cama e transformou meus pensamentos em letras de música, meus dedos imaginando as cordas que precisavam dedilhar para achar a melodia.

Sou uma equação cuja solução só ela sabe/feita de Xs e Ys por outros nomes chamados/Meu talento para dividir está definitivamente comprometido/quando se multiplicam os dias sem que ela esteja comigo.

Com o passar vagaroso daquela noite interminável, enquanto inúmeros minutos se amontoavam sem chegar a lugar algum, os lobos começaram a uivar e minha cabeça a latejar. Essa era uma das dores crônicas que a meningite me deixara de herança. Ali, na casa vazia, fiquei deitado ouvindo os uivos do bando crescerem e diminuírem no ritmo da pressão no meu crânio.

Eu arriscara tudo e, com isso, nada ganhara além de minha mão aberta, estendida e vazia, com a palma voltada para o teto.

CAPÍTULO 22

GRACE

— Vou dar uma volta — disse eu a mamãe.

Nenhum dia da minha vida custara tanto a passar quanto aquele sábado. Vez ou outra, quando eu era mais nova, desfrutar de um dia todinho com a minha mãe em casa me enchia de euforia. Agora isso me deixava inquieta, como se estivesse recebendo um hóspede. Na verdade, ela não me impedia de fazer coisa alguma, mas, por outro lado, eu também não sentia vontade de começar nada com ela por perto.

No momento, mamãe se encontrava adoravelmente enroscada numa ponta do sofá, lendo um dos livros que Sam esquecera lá em casa. Quando ouviu minha voz, sua cabeça virou-se de pronto e o corpo todo enrijeceu.

— Você *o quê*?

— Vou dar uma volta — repeti, tentada a lhe arrancar das mãos o livro de Sam. — Estou de saco cheio e quero falar com Sam, mas vocês dois não deixam. Além disso, preciso fazer algum exercício,

senão vou começar a atirar coisas no meu quarto como um macaco enfurecido.

A verdade é que, sem aulas e sem Sam, eu precisava sair. Sempre havia feito isso nos verões antes dele — escapado para o balanço de pneu no quintal, com um livro em mãos, precisando que som da floresta preenchesse o espaço vazio e revoltado dentro de mim.

— Se você der uma de macaco, não vou arrumar seu quarto — avisou ela. — E você não pode sair. Há dois dias estava no hospital.

— Por causa de uma febre que já passou — observei. Logo atrás dela, dava para ver o céu intensamente azul e cálido, e, sob ele, os ramos prenhes das árvores se erguendo para o azul. Todo o meu ser ansiava por estar do lado de fora, sentindo o aroma da primavera iminente. Em comparação, a sala parecia cinzenta e muda.

— Além disso, vitamina D é ótimo para quem está doente como eu. Não demoro.

Como ela não disse nada, encontrei minhas galochas onde as havia deixado e as calcei. Enquanto isso, o silêncio pairava entre nós duas, abordando de maneira mais intensa o que acontecera do que as poucas palavras que havíamos trocado.

Mamãe parecia profundamente constrangida.

— Grace, acho que precisamos conversar. Sobre... Sobre você e Sam.

— Ah, não.

Minha voz traduziu exatamente o meu entusiasmo com a sugestão.

— Também não quero fazer isso — disse ela, fechando o livro sem marcar a página, o que novamente me fez lembrar de Sam, que sempre checava a paginação ou fechava temporariamente o livro com um dedo, antes de erguer os olhos para falar.

Mamãe prosseguiu:

— Mas preciso conversar com você sobre isso. Além do mais, se você conversar comigo, eu digo a seu pai que você não vai precisar conversar com *ele*.

Não vi por que eu precisava conversar com qualquer um dos dois. Até agora, ambos jamais haviam se importado com o que eu fazia ou aonde ia na ausência deles, e, dali a um ano, eu entraria na universidade ou, no mínimo, deixaria de morar sob o mesmo teto. Pensei em dar no pé; mas, em vez disso, cruzei os braços e a encarei, aguardando.

Mamãe foi direto ao assunto.

— Vocês estão se protegendo? — indagou ela.

Meu rosto corou.

— Mãe!

Mas ela não se intimidou.

— Estão?

— Estamos, mas não se trata disso.

Mamãe ergueu uma sobrancelha.

— Ah, não? Trata-se de quê, então?

— Eu quis dizer que não é só isso. É... — Lutei para encontrar palavras para me explicar, para fazê-la entender por que suas perguntas e seu tom me deixaram instantaneamente enfurecida. — Quer dizer, ele não é só um garoto, mãe. Nós...

Porém, não soube como terminar meu pensamento com ela me olhando fixamente com a sobrancelha erguida, incrédula. Não soube como poderia falar de coisas como *amor* e *para sempre*, e me dei conta, então, de que não queria mesmo falar disso com ela. Esse tipo de verdade é algo que se escuta por merecimento.

— Vocês o quê? Estão apaixonados? — O jeito como ela falou aquilo amesquinhou tudo. — Você tem 17 anos, Grace. Ele tem quantos, 18? Há quanto tempo se conhecem? Meses. Olhe, você

nunca teve namorado. Isso é desejo. Dormir junto não significa estar apaixonado. Significa ter desejo.

— Você dorme com o papai. Vocês não estão apaixonados?

Mamãe revirou os olhos:

— Nós somos *casados*.

Por que eu me dava a esse trabalho?

— Toda essa conversa vai parecer um bocado tola quando Sam e eu visitarmos vocês nas datas festivas — falei com frieza.

— Sinceramente, espero que sim — respondeu mamãe. Em seguida, sorriu de leve, como se a conversa não passasse de um papo banal, como se estivéssemos apenas combinando um programa de mãe e filha. — Mas duvido que algum dia nos lembremos disso. Sam provavelmente será apenas uma foto de formatura. Lembro de como eu era aos 17 anos. Acredite, não era amor o que pairava no ar. Felizmente para mim, tive juízo. Do contrário, talvez você tivesse irmãozinhos. Eu me lembro de que na sua idade...

— Mãe! — gritei, o rosto vermelho. — Não sou você. *Não tenho nada a ver com você. Você não faz ideia* do que se passa na minha cabeça ou de como ela funciona, nem se estou ou não apaixonada por Sam e vice-versa. Por isso, nem tente ter essa conversa comigo. Nem... Argh! Quer saber? Pra mim chega.

Peguei o meu celular proibido em cima da bancada da cozinha, vesti meu casaco e saí. Fechei a porta dos fundos ao passar e fui embora sem olhar para trás. Gritar com mamãe deveria ter me deixado com sensação de culpa, mas eu não sentia um átimo de arrependimento.

Minha saudade de Sam era tão grande que chegava a doer.

CAPÍTULO 23

SAM

Quando encerrei o expediente na livraria, o dia estava estranhamente quente, mais quente ainda do que na véspera. O sol aqueceu minhas bochechas quando voltei para a casa de Beck e abri a porta do carro. Desci e estiquei as mãos o máximo que consegui, fechando os olhos até ter a impressão de estar caindo. Entre lufadas de vento, o ar à minha volta parecia ter a mesma temperatura do meu corpo, e a sensação era de que eu não tinha pele e estava suspenso no ar, um espírito.

Nos arbustos em torno da casa, os pássaros, convencidos de que aquela tarde representava a volta definitiva da primavera, estridulavam animadas canções de amor uns para os outros. Uma canção cresceu também em mim e esbocei a letra silenciosamente com a boca, experimentando seu sabor.

*Seja qual for a estação, ouço os pássaros
cantarem e arrulharem celebrando o amor*

*Quando estou com você parece insensato
invejar qualquer passarinho cantor.*

Lembrei-me dos dias amenos de primavera que antes costumavam me despir da pele de lobo, dias em que eu exultava de alegria por ter meus dedos de volta.

Não parecia certo estar sozinho naquele momento.

Eu iria checar o abrigo de novo. Ainda não tinha visto Cole naquele dia, mas sabia que ele devia estar em algum lugar, humano, por causa daquela temperatura. Aliás, fazia calor suficiente para ao menos um dos novos lobos ter se transformado também. Além disso, tratava-se de algo pragmático a se fazer, em vez de vagar em círculos dentro de casa, esperando pelo dia seguinte, imaginando se eu iria mesmo ao estúdio e se Grace realmente me acompanharia.

Para completar, Grace iria gostar de saber que eu estava de olho em Olívia.

Assim que me aproximei, vi que havia alguém no abrigo. Pela porta escancarada, ouvi o movimento lá dentro. Meu olfato não chegava nem perto do que havia sido quando era lobo, mas meu nariz ainda me dizia que quem quer que estivesse ali era um de nós. O aroma almiscarado do bando era apenas parcialmente disfarçado pelo odor de suor humano. Como lobo, eu seria capaz de dizer exatamente que membro da alcateia se encontrava no abrigo. Agora, como humano, estava cego.

Por isso, fui até a porta e bati três vezes com as juntas dos dedos.

— Cole? Tudo bem aí dentro? — perguntei.

— Sam? — A voz de Cole soou... aliviada? Aquilo era estranho. Ouvi o ruído de garras arranhando alguma coisa e depois um gemido. Senti os pelinhos atrás do meu pescoço se arrepiarem em alerta.

— Está tudo bem? — indaguei, empurrando cautelosamente a porta. No abrigo, o cheiro de lobo dominava o ambiente, como se escorresse pelas paredes. Primeiro vi Cole, vestido, em pé ao lado das caixas, um dos dedos nos lábios em um gesto hesitante. Depois, segui seu olhar até o canto do abrigo e vi um sujeito enroscado, coberto parcialmente por uma colcha de lã azul forte.

— Quem é *aquele*? — sussurrei.

Cole afastou o dedo da boca e desviou o olhar.

— Victor — respondeu com apatia.

Ao som de seu nome, o sujeito virou o rosto para nos olhar. Tinha um cabelo castanho-claro, cacheado e embaraçado emoldurando o rosto. Talvez alguns anos mais velho que eu. Minha cabeça imediatamente retornou à última vez em que o vira: sentado na traseira do Tahoe de Beck, os pulsos amarrados, o olhar fixo em mim e os lábios silenciosamente formando a palavra *socorro*.

— Vocês se conhecem? — indaguei.

Victor fechou os olhos, seus ombros estremeceram e ele disse:

— Eu... Esperem...

Enquanto pisquei, ele se transformou em um lobo cinza-claro com manchas escuras. Aquela era a mudança mais rápida que eu já testemunhara em algum de nós. Não foi propriamente tranquila, mas funcionou naturalmente, como uma cobra descartando sua pele ou uma cigarra saindo da concha frágil que antes a abrigava. Sem vômitos. Sem dor. Sem a agonia de todas as transformações que eu já vira ou vivenciara.

O lobo se sacudiu, afofando o pelo e me olhando belicosamente com os olhos castanhos de Victor. Comecei a me afastar da porta para lhe facilitar a saída, mas Cole interveio, numa voz estranha:

— Não se dê o trabalho.

Então, como se programado, o lobo sentou-se pesadamente sobre as patas, com as orelhas tremendo. Bocejou, choramingando, e todo o seu corpo estremeceu violentamente.

Cole e eu desviamos o rosto ao mesmo tempo, bem no momento em que, ruidosamente, Victor engoliu em seco e voltou a assumir sua forma humana. Simples assim. Eu não conseguia entender. Pelo canto do olho, percebi que ele puxava a colcha. Mais pelo calor do que por constrangimento, supus.

— *Cacete!* — exclamou Victor baixinho.

Olhei para Cole, cujo rosto estampava uma expressão absolutamente vazia. Pelo que eu percebia agora, essa expressão costumava acompanhar qualquer assunto importante.

— Victor? — chamei. — Sou o Sam. Você se lembra de mim?

Ele estava agachado agora, balançando-se para frente e para trás nos calcanhares, como se não soubesse ao certo se sentava ou se ajoelhava. Isso, junto com o formato de sua boca, me indicaram que ele sentia dor.

— Não sei. Acho que não. Talvez — falou.

Lançou um olhar para Cole, que piscou de leve.

— Bom, sou o filho de Beck — expliquei. Razoavelmente próximo da verdade e mais direto ao ponto. — Vou ajudá-lo, se puder.

COLE

Sam estava lidando com Victor bem melhor que eu. Eu só ficava de pé à porta, esperando para deixá-lo sair se ele conseguisse permanecer lobo.

— Isso foi... Como você se transformou tão rápido? — perguntou Sam a ele.

Victor fez uma careta, olhando para Sam, depois para mim e de novo para Sam. Dava para ver que ele fazia um enorme esforço para manter a voz firme.

— É pior quando me transformo em humano. De mim para lobo é fácil. Fácil demais, cara. Fico virando lobo mesmo quando está quente. É isso que provoca, certo?

— Até agora, este é o dia mais quente que tivemos — respondeu Sam. — Não deve continuar assim durante o resto da semana.

— Credo! — exclamou Victor. — Não achei que seria dessa forma.

Sam olhou para mim como se eu tivesse alguma coisa a ver com isso. Pegou uma cadeira dobrável e se sentou diante de Victor. De repente, ele me lembrou Beck. Tudo nele transparecia *interesse*, *preocupação* e *sinceridade*, da curva dos ombros à posição das sobrancelhas acima dos olhos pestanudos. Não me ocorreu se havia sido essa a expressão com que Sam me olhara da primeira vez. Não me ocorreu o que eu lhe dissera em primeiro lugar.

— Essa é a primeira vez que você voltou a ser lobo? — perguntou ele a Victor.

Victor assentiu.

— Ao menos que eu me lembre.

Então ele olhou para mim, e me descobri muito consciente do meu corpo humano. Eu estava meramente ali, sem dor, sem ser lobo, simplesmente ali, de pé.

Sam prosseguiu, como se a coisa toda não passasse de um passeio simples, perfeitamente normal.

— Está com fome?

— Eu... — começou Victor. — Espere, eu...

E voltou a ser um lobo.

Pude ver, pela expressão chocada de Sam e pela forma como ele apertou uma das sobrancelhas com um dedo, que aquilo não era normal. Isso fez com que eu me sentisse ligeiramente melhor quanto a achar que a situação toda estava pra lá de ferrada. Victor,

o lobo, observava a porta, a mim e a Sam, com as orelhas alertas e a postura rija.

Encarei Victor e me lembrei de ter dito, sentado no quarto do hotel depois de conhecer Beck: *Está pronto para o próximo grande passo, Vic?*

— Cole — disse Sam, sem desviar o olhar de Victor. — Quantas vezes foram? Há quanto tempo você está aqui?

Dei de ombros, tentando parecer não me importar muito.

— Meia hora. Ele não parou de se transformar o tempo todo. Isso é normal?

— Não — respondeu Sam, enfaticamente. Ainda observava o lobo, que se agachara e olhava para ele. — Não, não é normal. Se está suficientemente quente para que permaneça humano, ele devia ser capaz de permanecer humano durante mais tempo. Não isso... Quer dizer...

Sua voz desvaneceu quando o lobo ficou novamente de pé.

Sam afastou-se de Victor, para o caso de ele querer fugir, mas, de repente, as orelhas de Victor penderam, e ele começou a tremer de novo. Sam e eu desviamos o rosto, até que ele voltasse a ser humano e tivesse tempo de se enrolar num cobertor.

Victor gemeu, de leve, e apertou a testa contra a mão.

Sam tornou a se virar.

— Dói?

— Não muito. — Depois de uma pausa, ele ergueu os ombros até quase encostá-los nas orelhas e permaneceu assim. — Cristo, passei o dia todo fazendo isso. Só quero saber quando vai parar.

Ele não olhava para mim. Sua sinceridade se dirigia a Sam, que disse:

— Quem dera eu tivesse uma resposta, Victor. Alguma coisa está impedindo que você mantenha uma das formas, e não sei o que é.

— Não melhora? — perguntou Victor. — Quer dizer, estou ferrado, certo? Foi nisso que deu ouvir você, Cole. Há muito tempo eu já devia ter percebido que é sempre isso o que acontece.

Mas ele continuava a não olhar para mim.

Me lembrei daquele dia lá no hotel. Victor tinha voltado mal de uma de suas viagens. Aquelas suas últimas fossas eram tão ruins que até eu, com meu desinteresse calculado, podia ver que um dia não haveria como sair delas. Minha intenção era ajudá-lo quando o convenci a se transformar em lobo comigo. Não era por puro egoísmo, nem porque eu não queria experimentar sozinho a novidade.

Se Sam não estivesse presente, eu teria dito isso a Victor.

Sam bateu no ombro dele com o punho.

— Olha, é diferente quando se é novato. Todo mundo começa de um jeito instável, depois estabiliza. Tudo bem, é uma bosta agora, uma bosta elevada à última potência, mas, quando esquentar de verdade, isso não vai se repetir.

Victor olhou para Sam com uma expressão gelada, a qual eu já vira um milhão de vezes antes, simplesmente porque eu mesmo a tinha criado. Finalmente, ele olhou para mim:

— Devia estar acontecendo com você, safado — disse ele, antes de virar lobo novamente.

Sam ergueu as mãos abertas em súplica e exclamou, no auge da frustração:

— *Como... Como...*

Percebi, então, com que cuidado ele estivera controlando a expressão e a voz. Assistir a Sam passar de uma calma absoluta para um surto completo deu um nó na minha cabeça, o mesmo nó provocado pela visão das transformações de Victor. Isso significava que Sam poderia muito bem ter me mostrado uma máscara

benevolente o tempo todo, mas que *optara* por não fazê-lo. De certa forma, minha opinião sobre ele mudou radicalmente.

Talvez tenha sido isso o que me fez falar.

— Alguma coisa está suplantando a temperatura, é o que acho. O calor o transforma em gente, mas algo diferente manda seu corpo se transformar em lobo.

Sam me encarou. Não com descrença, mas também não totalmente convencido.

— Que outra coisa poderia fazer isso? — indagou.

Olhei para Victor, desprezando-o por complicar a situação. O quão difícil seria me acompanhar nas transformações de homem para lobo e de lobo para homem, como ele deveria fazer? Como eu queria não ter aparecido naquele maldito abrigo.

— Alguma coisa na química do cérebro dele? — perguntei. — Victor tem um problema na hipófise. Talvez isso interfira no seu processo de transformação.

Sam me lançou um olhar estranho, mas, antes que pudesse abrir a boca, as patas claras do lobo começaram a estremecer. Desviei o olhar, e Victor voltou a ser humano. Sem mais nem menos.

SAM

A sensação era de testemunhar a transformação de duas pessoas: a de Victor em lobo e a de Cole em outrem. Eu era o único a continuar o mesmo.

Não consegui me convencer a deixar Victor sozinho daquele jeito, e, por isso, eu fiquei, e Cole também, os minutos virando horas enquanto esperávamos que a situação se estabilizasse.

— Não há como voltar atrás — disse Victor numa voz neutra enquanto o dia começava a decair, o que não era exatamente um problema.

Tentei não ficar tenso quando minha mente voltou ao inverno, antes que eu me reencontrasse com Grace. Deitado no solo da

floresta, os dedos enterrados na terra, a cabeça rachando de dor. De pé, com a neve no tornozelo, vomitando até não poder mais. Sofrendo convulsões por causa da febre, de olhos fechados para evitar a agonia da claridade, rezando para morrer.

— Não — respondi.

Os olhos de Cole estavam fixos em mim, e ele ouvia a minha mentira. Me deu vontade de perguntar: *Se ele é seu amigo, por que sou eu quem está ao lado dele e não você?*

Enquanto aguardávamos a próxima transformação de Victor, uma brisa mais fria e a claridade mortiça penetraram pela porta, provando que a temperatura estava caindo com o pôr do sol.

— Victor, não sei como fazer você permanecer humano — falei.
— Mas acho que está suficientemente frio para que, ficando lá fora, você permaneça lobo. Quer tentar? Quer uma folga dessas transformações, ainda que não seja para continuar você mesmo?

— Deus, quero sim — respondeu ele, com uma emoção tão grande que doía.

— Quem sabe — acrescentei —, quando você se estabilizar...

Mas não vi sentido em terminar a frase, pois Victor já voltara a ser lobo, mexendo o corpo para se distanciar de mim.

— Cole! — gritei depressa, dando um salto.

Cole despertou para a realidade e abriu a porta. Fui recompensado com uma lufada de vento frio que me fez piscar, e o lobo fugiu correndo para a floresta com o rabo encolhido e as orelhas achatadas de encontro à cabeça.

Juntei-me a Cole na entrada do abrigo, observando enquanto Victor corria em meio às árvores, antes de parar a uma distância segura para nos contemplar. Os ramos desnudos acima dele balançavam ao sabor da brisa inclemente que tocava as pontas de suas orelhas, mas seu olhar não despregou de nós. Nós três nos encaramos durante vários e longos minutos.

Ele permaneceu lobo. Acho que, no fundo, senti alívio por ele, mas também um aperto. Eu já começava a pensar no próximo dia ameno e no que aconteceria então.

Me dei conta de que Cole permanecia a meu lado, a cabeça inclinada, de olho em Victor.

Sem pensar, falei:

— Se é assim que você trata seus amigos, nem quero saber o que faz com os inimigos.

Cole não chegou propriamente a sorrir, mas os cantos de sua boca se enrijeceram numa expressão vaga, misto de desdém e desinteresse. Ele não desviou o olhar de Victor, mas não havia compaixão ali.

Lutei contra a vontade de dizer algo mais, *qualquer* coisa que o obrigasse a responder. Queria que ele sofresse por causa de Victor.

— Ele tem razão — disse Cole ao meu lado, os olhos ainda fixos em Victor. — Devia estar acontecendo comigo.

Quase não acreditei que tivesse ouvido direito. Eu o subestimara.

Porém, Cole então acrescentou:

— Sou eu que quero me livrar deste maldito corpo.

De certa forma, Cole jamais deixava de me surpreender.

Encarei-o e disse com frieza:

— E eu que cheguei a pensar que você se importava com Victor. Você só pensa nos *seus* problemas, na *sua* transformação em lobo. Mal pode esperar para deixar de ser você, não é?

— Se você fosse eu, você também quereria — respondeu Cole, dessa vez com um sorriso cruel e torto, que pegava um lado do rosto mais do que o outro. — Não posso ser o único que deseja ser lobo.

E não era.

Shelby também desejava. Pobre Shelby, que mal conseguia ser humana, mesmo quando usava o rosto de uma garota.

— É, sim — falei.

O sorriso de Cole transformou-se num riso silencioso.

— Você é tão ingênuo, Ringo. Quão bem você conhecia Beck?

Olhei para ele, para sua expressão condescendente, e desejei que sumisse, que Beck nunca o tivesse trazido. Ele devia ter deixado Cole e Victor no Canadá ou no lugar de onde haviam saído, seja lá qual fosse.

— O suficiente para saber que ele era um ser humano melhor do que você jamais será — respondi. A expressão de Cole não se alterou. Foi como se as palavras duras não chegassem a seus ouvidos. Trinquei e destrinquei os dentes, furioso por tê-lo deixado me tirar do sério.

— Querer ser lobo não necessariamente faz alguém ser ruim — disse Cole num tom neutro. — E querer ser humano não faz alguém ser bom.

Voltei aos 15 anos, sentado em meu quarto na casa de Beck, os braços envolvendo as pernas, escondido do lobo dentro de mim. O inverno já me roubara Beck na semana anterior, e Ulrik logo desapareceria também. Então, eu, meus livros e meu violão permaneceríamos intocados até a primavera, assim como os livros de Beck. Esquecidos no esquecimento de si mesmo que era próprio do lobo.

Eu não queria ter aquela conversa com Cole.

— Você está prestes a se transformar? — indaguei.

— Sem chance.

— Então, por favor, volte para casa. Vou limpar isto aqui. — Em seguida, para convencer tanto a mim quanto a Cole, acrescentei: — É o que fez a Victor que torna você uma pessoa ruim, não o desejo de ser lobo.

Cole me olhou, com a mesma expressão indiferente no rosto, e depois partiu a caminho de casa. Virei-lhe as costas e tornei a entrar no abrigo.

Como Beck fizera antes de mim, dobrei a colcha que Victor largara ali e varri o pó e os pelos do chão, verifiquei depois o bebedouro e, após examinar as caixas de comida, anotei o que precisava ser comprado. Fui até o bloco que ficava ao lado da bateria de barco — uma lista de nomes rabiscados, às vezes com uma data ao lado, às vezes com uma descrição das árvores, pois elas contavam o tempo quando éramos incapazes disso. Esse era o jeito que Beck encontrara de manter um inventário de quem era humano e quando o era.

A página aberta ainda correspondia aos nomes do ano anterior, terminando com o de Beck. Era uma lista bem menor do que a do ano precedente. Engoli em seco e virei a página. Escrevi o ano no alto e acrescentei o nome de Victor e a data. O nome de Cole decerto deveria figurar ali também, mas duvidei de que Beck tivesse explicado a ele todo esse processo. Não tive vontade de acrescentar o nome de Cole. Equivaleria a admiti-lo oficialmente na alcateia, na minha família, e isso eu não queria.

Durante um bom tempo, fiquei ali olhando para a página em branco, que continha tão somente o nome de Victor. Em seguida, acrescentei o meu.

Sabia que ali não era mais o meu lugar, mas aquela era uma lista de humanos, certo?

E quem podia ser mais humano que eu?

CAPÍTULO 24

GRACE

Tomei a direção das árvores.

A floresta continuava adormecida e desfolhada, mas o ar mais cálido despertou uma cacofonia de cheiros úmidos de primavera até então mascarados pelo frio. Os passarinhos trinavam entre si lá em cima, alternando entre a vegetação rasteira e os galhos mais altos e balançando os ramos em suas investidas.

Senti profundamente: eu estava em casa.

Apenas uns poucos metros bosque adentro, ouvi a vegetação estalar às minhas costas. Meu coração disparou quando hesitei, interrompendo os ruídos da terra fofa sob meus pés. Mais uma vez, ouvi o mesmo farfalhar, nem mais perto, nem mais longe. Não me virei, embora soubesse que devia ser um lobo. Não senti medo, apenas companheirismo.

Ouvi o eventual ruído das folhas quando o lobo passou me seguindo. Ainda não muito perto — apenas me observando a uma distância cautelosa. Parte de mim queria ver que lobo era, mas a

outra estava demasiado excitada pela presença dele para se arriscar a assustá-lo. Assim, caminhamos juntos, eu avançando com constância, o lobo em movimentos intermitentes, a fim de me acompanhar.

O sol que penetrava por entre os galhos ainda nus aquecia meus ombros, e estiquei os braços para os lados enquanto andava, absorvendo o máximo que pude dele, tentando apagar a sensação da febre da véspera. Tive a impressão de que quanto mais descartava a raiva, mais me dava conta de que havia algo de errado dentro de mim.

Em meio à vegetação, lembrei de Sam me levando para a clareira dourada na floresta, e desejei que ele estivesse comigo agora, ouvindo as batidas desconhecidas do meu coração. Não que passássemos o tempo todo juntos ou que eu não soubesse me ocupar sem ele — Sam tinha o trabalho na livraria e eu, a escola e as aulas particulares —, mas, naquele exato momento, eu me sentia pouco à vontade. A febre passara, mas algo me dizia que acabaria voltando. Eu parecia ainda senti-la cantando incansavelmente em meu sangue, esperando para ressurgir quando os lobos a chamassem.

Continuei andando. Naquele ponto, as árvores eram esparsas, brotinhos novos desencorajados pela presença de enormes pinheiros. O cheiro do lago ficou mais forte, e vi a pegada de um lobo no solo macio da floresta. Sob o verde opaco dos pinheiros, abracei meu corpo, sentindo frio na sombra.

À minha esquerda, percebi um movimento brusco: um pelo marrom acinzentado, da mesma cor que o tronco dos pinheiros. Finalmente, vi o lobo que vinha me acompanhando quando ele parou por tempo suficiente para que eu lhe desse uma boa olhada. Não reagiu quando avaliei seus olhos verdes brilhantes e humanos, nem a posição peculiar de suas orelhas. Atrás dele, vi o brilho da água do lago por entre as árvores.

Você é um dos lobos novatos?, indaguei mentalmente, mas não disse nada, por medo de que a minha voz o assustasse. Ele ergueu a cabeça e vi seu focinho farejar na minha direção. Pensei saber o que ele queria: lentamente, estendi uma das mãos, oferecendo-a com a palma aberta. Ele recuou como se reagisse ao odor, e não ao movimento, porque, depois de se afastar, o focinho continuou ativo.

Não precisei levar a mão ao nariz para saber que cheiro ele sentira, porque eu mesma podia senti-lo. O odor doce e podre de amêndoas, preso entre meus dedos e sob as unhas. Parecia ainda mais sinistro que a febre. *Isso é mais que uma simples febre.*

Meu coração trovejava no peito, embora eu continuasse a não temer o lobo marrom. Agachei-me na terra e envolvi os joelhos com as mãos, as pernas repentinamente trêmulas, não sei se devido à febre ou à constatação.

Ouvi uma explosão de som quando vários pássaros alçaram voo. Tanto o lobo marrom quanto eu nos assustamos. Um lobo cinza, responsável pelo susto dos pássaros, se aproximou. Era maior do que o marrom, mas não tão corajoso. Seus olhos mostravam interesse, mas a posição do rabo e das orelhas demonstrava cautela à medida que ele chegava mais perto. Seu focinho também estremecia, farejando o ar.

Imóvel, observei um lobo preto — que reconheci ser Paul — surgir atrás do cinzento, seguido por outro que me pareceu desconhecido. Moviam-se como um cardume de peixes, se tocando e esbarrando constantemente, comunicando-se sem palavras. Em pouco tempo, havia seis lobos, todos mantendo distância, todos me observando, todos farejando o ar.

Dentro de mim, zumbiu o *algo* sem nome que me causara a febre e impregnara meu corpo com esse odor. Não doía, não naquele

momento, mas também não era *bom*. Eu sabia por que precisava tanto de Sam.

Eu estava com medo.

Os lobos me cercaram, receosos da minha forma humana, mas curiosos com o cheiro. Talvez estivessem aguardando a minha transformação.

Mas eu não podia me transformar. Aquele era o meu corpo, quisesse eu ou não, por mais que a *coisa* dentro de mim gemesse, ardesse e implorasse para ser libertada.

Na última vez em que eu havia estado naquela floresta, cercada de lobos, a presa era eu. Estava impotente, presa ao chão pelo peso do meu próprio sangue, contemplando o céu invernal. Eles eram animais e eu, humana. Agora, essa fronteira já não era tão nítida. Não houve ameaça de ataque por parte deles, apenas uma curiosidade alarmada.

Mexi-me com cuidado, a fim de alongar os braços tensos. Então, um dos lobos ganiu, num tom alto e ansioso, como uma cadela para um filhote.

Senti como se a febre acordasse dentro de mim.

Isabel me dissera que a mãe, médica, lhe contara uma vez que é comum os pacientes terminais terem uma noção meio sobrenatural da própria doença, mesmo antes do diagnóstico. Na época, zombei dela, mas agora entendia o que ela quis dizer, porque podia *sentir* isso.

Havia algo profundamente errado acontecendo comigo, algo que para mim os médicos não seriam capazes de curar, e aqueles lobos sabiam disso.

Encolhi-me sob as árvores, os braços em torno das pernas novamente, e observei os lobos me observarem. Passado um bocado de tempo, o lobo cinzento e grandalhão, sem jamais deixar de me fitar nos olhos, sentou-se lentamente sobre as patas, como

se pudesse mudar de ideia a qualquer momento. Era totalmente antinatural. Totalmente antilupino.

Prendi a respiração.

Então o lobo preto olhou para o lobo cinzento e tornou a olhar para mim, deitando-se também e descansando a cabeça sobre as patas. Ela desviou os olhos na minha direção, com as orelhas ainda alertas e vigilantes. Um por um, os lobos todos se deitaram, formando um círculo folgado à minha volta. A floresta permaneceu tão silenciosa quanto os lobos, protetores e pacientes. Esperando comigo alguma coisa que nenhum de nós seria capaz de expressar em palavras.

À distância, um mergulhão piou, lúgubre, lento. Para mim, seu canto sempre soou como um lamento, como se chamasse alguém cuja resposta não esperasse de volta.

O lobo negro — Paul — aproximou de mim o focinho, com suas narinas se movendo ligeiramente, e uivou. O som foi um eco suave do pio do mergulhão, ansioso e hesitante.

Sob a minha pele, algo se esticou e retesou. Meu corpo parecia o campo de batalha de uma guerra invisível.

Cercada de lobos, permaneci sentada na floresta enquanto o sol se punha no céu e as sombras dos pinheiros cresciam. Perguntei a mim mesma quanto tempo eu teria.

CAPÍTULO 25

GRACE

Por fim, os lobos me deixaram sozinha.

Fiquei ali, sentada, tentando sentir cada célula do meu corpo, tentando entender o que acontecia dentro dele. O telefone tocou; era Isabel.

Atendi. Precisava voltar ao mundo real, ainda que ele não fosse tão real quanto eu gostaria.

— Rachel adorou me dizer que você pediu a ela, e não a mim, para pegar seu dever de casa e anotar as aulas para você — disse Isabel, logo após o meu alô.

— As matérias que ela faz são as mesmas...

— Me poupe. Não dou a mínima. Eu não queria mesmo ter o trabalho de pegar suas coisas. Mas achei engraçado o fato de ela pensar que isso era sinal de status. — Isabel realmente parecia estar se divertindo. Me senti meio mal por Rachel. — Enfim, liguei para saber da sua infecção.

Como explicar como eu me sentia? E como explicar a Isabel?

Não dava.

Respondi sinceramente com uma meia verdade.

— Acho que não estou com infecção alguma. Por quê?

— Eu quero que você vá comigo a um certo lugar, mas não quero pegar peste bubônica ficando perto de você.

— Vá até o quintal — sugeri a ela. — Estou na floresta.

A voz de Isabel conseguiu transmitir nojo e descrença na mesma medida:

— Na floresta. Claro. Eu devia ter adivinhado, é para lá que os doentes sempre vão. Pessoalmente, eu preferia distrair a cabeça fazendo uma terapia boa e improdutiva, mas suponho que a floresta seja uma alternativa gratificante e socialmente aceitável. A garotada toda virou adepta. Devo levar esquis? Uma barraca?

— Não, só você.

— Não sei se quero saber o que você estava fazendo na floresta.
— disse ela.

— Estava passeando — falei. Era a verdade, porém não toda.

Não soube como lhe contar o resto.

MAIS TARDE, ISABEL PRECISOU GRITAR por mim algumas vezes e esperar alguns minutos para que eu saísse da mata sombria, mas não me senti culpada por isso — estava desorientada demais por causa da revelação que tivera quando fiquei cercada pelos lobos.

— Não era para você estar morrendo? — perguntou Isabel assim que me viu tomando o caminho de volta para casa. Eu me impusera diante de mamãe; agora era hora de voltar, e achei que ela não tentaria começar uma conversa séria se eu aparecesse acompanhada.

Isabel parou junto ao pote de comida dos pássaros, as mãos enfiadas nos bolsos, o capuz forrado de pele abaixado e lhe aconchegando as orelhas. Quando me aproximei, seus olhos

oscilaram entre mim e uma mancha branca desbotada de cocô de passarinho na beira do pote. Nitidamente isso a incomodava. Seu visual era totalmente Isabel — o cabelo cortado à navalha emoldurando-lhe o rosto de um jeito ao mesmo tempo severo e encantador, os olhos dramaticamente acentuados pelo delineador. De fato, ela planejava ir a algum lugar comigo. Senti um tantinho de culpa, como se tivesse recusado seu convite por motivos fúteis. Sua voz soou alguns graus mais fria que o ar.

— Que parte do seu tratamento envolve você se embrenhar na floresta quando a temperatura é de quase zero grau?

Estava *realmente* ficando um bocado frio. As pontas dos meus dedos ficaram rosa escuro.

— Zero? Não estava tão frio quando saí.

— Bom, agora está — atalhou Isabel. — Encontrei sua mãe quando cheguei e tentei convencê-la a deixar você ir comer um sanduíche comigo em Duluth hoje à noite, mas ela não cedeu. Estou me esforçando para não ficar ofendida.

Ela torceu o nariz quando a alcancei e, juntas, nos dirigimos para casa.

— Eu estou tentando ignorar minha raiva dela neste momento — confessei. Isabel esperou que eu abrisse a porta dos fundos para ela. Não comentou minha raiva, algo que eu não esperava mesmo que fizesse. Isabel vivia zangada com os pais, o que me levava a crer que a minha raiva sequer soava estranha a seus ouvidos. — Posso fazer sanduíches fajutos aqui.

Na verdade, eu não estava nada a fim disso.

— Prefiro esperar para comer o verdadeiro — disse Isabel. — Vamos pedir pizza.

“Pedir pizza” em Mercy Falls significava ligar para a pizzaria local, a Mario’s, e pagar uma taxa de entrega de seis dólares, um preço

demasiado caro depois de eu ter custeado a sessão de Sam no estúdio.

— Estou dura — falei, chateada.

— Eu, não — disse Isabel.

Ela estava dizendo isso quando entramos, e mamãe, que continuava estacionada no sofá com o livro de Sam, ergueu os olhos rispidamente. Ótimo. Torci para que pensasse que falávamos dela.

Olhei para Isabel.

— Vamos para o meu quarto? A gente vai...?

Isabel fez um gesto para que eu me calasse. Já estava no telefone encomendando uma pizza no Mario's, grande, de queijo e champignon. Descalçou as botas de salto grosso no capacho da porta dos fundos e me seguiu até o quarto, flertando com desenvoltura com quem quer que estivesse do outro lado da linha telefônica.

No quarto, fazia bastante calor em comparação ao frio do lado de fora. Comecei a tirar o suéter, enquanto Isabel desligava o celular e desabava na cama.

— Quer apostar como vamos ganhar queijo extra de cortesia? — desafiou.

— Não preciso apostar — respondi. — Isso aí foi praticamente sexo telefônico sobre uma massa ultrafina.

— Minha especialidade — concordou Isabel. — Olhe aqui. Eu não trouxe o meu dever de casa. Praticamente terminei tudo na escola, durante meu tempo livre.

Encarei-a com uma expressão séria.

— Se você levar bomba na escola, não vai conseguir entrar numa boa faculdade e vai ficar presa para sempre em Mercy Falls. — Ao contrário de Rachel e Isabel, tal ideia não me horrorizava, mas eu sabia que nenhuma das duas receava um destino pior que esse.

Isabel fez uma careta:

— Obrigada, mamãe, vou prestar atenção.

Dei de ombros e peguei o livro que Rachel me trouxera mais cedo.

— Bom, *eu* tenho dever para fazer, e quero entrar na faculdade. Preciso ao menos ler o material de História hoje à noite. Tudo bem?

Isabel encostou o rosto no meu edredom e fechou os olhos:

— Você não precisa fazer sala para mim. Já estou satisfeita de ter saído de casa.

Me sentei na cama, junto à cabeceira. O movimento balançou Isabel, mas ela manteve os olhos fechados. Se Sam estivesse ali — e se ele fosse eu —, perguntaria a Isabel se a situação era mesmo feia e como ela vinha se saindo. Não me ocorreria fazer essa pergunta antes de conhecê-lo, mas tantas vezes eu o ouvira perguntar esse tipo de coisa que agora já sabia o que fazer.

— Como vão as coisas? — indaguei. A frase soou esquisita na minha boca, como se não passasse a mesma sinceridade de quando era dita por Sam.

Isabel demonstrou ostensivamente sua chateação e abriu os olhos.

— Essa é a pergunta que a terapeuta da minha mãe faz. — Então, espreguiçou-se de um jeito que traduzia com exatidão o adjetivo *lânguido*, dizendo: — Vou pegar alguma coisa para beber. Tem refrigerante?

Fiquei até certo ponto aliviada por me livrar da saia justa com tamanha facilidade, e me perguntei se deveria repetir a pergunta. Sam faria isso. No entanto, eu não conseguia pensar como ele durante muito tempo, razão pela qual disse apenas:

— Na porta da geladeira e no armário à direita.

— Você vai querer? — indagou Isabel. Um dos meus marcadores de livro caíra no chão e grudara no pé descalço dela. Formando um

triângulo com uma das pernas, ela o desgrudou.

Parei para pensar. Meu estômago estava meio embrulhado.

— Soda, se tiver.

Isabel saiu decidida do quarto e voltou com uma lata de refrigerante e outra de soda, que me entregou. Ligou o rádio-relógio na mesinha de cabeceira e começamos a ouvir a estação alternativa predileta de Sam, com um certo chiado porque ela ficava em Duluth. Suspirei. Não era a minha música favorita, mas me fez lembrar dele, mais ainda do que o livro que ficara na mesinha ou a mochila esquecida no chão, ao lado da minha estante. A saudade parecia maior agora que o sol já havia praticamente se posto.

— Parece que estou num karaokê — disse Isabel, trocando de estação para uma mais popular. Esticou-se de bruços ao meu lado, onde normalmente se deitava Sam, e abriu a lata de refrigerante.

— Está olhando o quê? Leia. Estou só relaxando.

Ela pareceu falar sério, portanto não havia motivo para eu não abrir o livro de História. Só que eu não queria ler. Queria apenas envolver meu corpo com os braços, deitar na cama e sentir falta de Sam.

ISABEL

No início, foi bacana simplesmente ficar ali, deitada na cama sem fazer nada, sem a intromissão de pai, mãe ou lembranças. O rádio tocava baixinho ao meu lado, e Grace lia atentamente seu livro, virando as páginas e, volta e meia, voltando para reler a anterior com a testa franzida. A mãe fazia ruídos em pontos diferentes da casa, e o cheiro de torrada queimada penetrou por baixo da porta. Eu sentia o conforto da vida de outra pessoa. E era legal ter a companhia de uma amiga sem precisar conversar. Quase dava para ignorar a existência da doença de Grace.

Passado um tempo, estendi a mão para a mesinha de cabeceira, onde um livro com as beiradas meio gastas disputava espaço com o rádio-relógio. Jamais imaginei que alguém pudesse ler um livro tantas vezes de modo a deixá-lo naquele estado. Parecia ter sido atropelado por um ônibus escolar depois de ser jogado numa banheira. A capa dizia se tratar de poemas de Rainer Maria Rilke, em edição bilíngue. Não parecia fascinante, e, para mim, poesia era algo pertencente aos círculos inferiores do inferno; porém, na falta de outra coisa para fazer, peguei-o e o abri.

A página em que caí, bastante gasta, continha anotações à mão em azul, além de algumas linhas sublinhadas: *“Ah! A quem recorrer quando sucumbimos? Não aos anjos, nem aos homens, e até o mais sagaz dos animais vê que decerto não estamos à vontade em nosso mundo interpretado”*. Ao lado estava escrito, numa caligrafia ruim que não reconheci: *findigen = sagaz, gedeuteten = interpretado?*, além de outras notas e termos aleatórios em alemão. Aproximei a página dos olhos para ler uma minúscula anotação no canto e me dei conta de que o livro devia ser de Sam, porque cheirava à casa de Beck. O odor me trouxe de volta uma onda de lembranças: Jack deitado numa cama, transformando-se em lobo diante dos meus olhos, morrendo na minha frente.

Meu olhar baixou novamente para a página. *“Oh! E à noite, à noite, quando o vento preenhe de espaços infinitos corrói nosso rosto.”*

Não passei, acho eu, a gostar mais de poesia do que antes de pegar o livro, que coloquei de volta na mesinha. Encostei o rosto na colcha da cama que cobria o travesseiro. Esse devia ser o lado em que Sam dormia, porque reconheci seu cheiro. Que coragem a dele, indo para lá noite após noite apenas para ficar com Grace. Imaginei-o deitado bem ali, com Grace a seu lado. Eu já vira os dois se beijando — o jeito como as mãos de Sam apertavam as costas dela quando achava que ninguém estava olhando, o jeito

como a severidade da expressão de Grace sumia por completo nessas ocasiões. Era fácil imaginar os dois deitados juntos ali, trocando beijos, enroscados, partilhando a respiração, lábios ansiosos grudados no pescoço, nos ombros e dedos um do outro. De repente, me vi faminta por algo que eu não tinha e cujo nome sequer sabia. Me vi pensando na mão de Cole em meu corpo e em como seu hálito era quente na minha boca. De repente, tive certeza de que ligaria para ele ou de que iria procurá-lo no dia seguinte, se isso fosse possível.

Me apoiei nos cotovelos, tentando afastar as imagens de mãos e quadris, bem como o cheiro de Sam no travesseiro.

— O que será que Sam anda fazendo? — falei.

Grace segurava uma página entre dois dedos. Não estava propriamente de testa franzida — minhas palavras haviam substituído essa expressão por outra, mais hesitante. Me arrependi de ter dito o que efetivamente estava pensando.

Grace soltou a página e a alisou. Então apertou com os dedos uma das bochechas coradas e acariciou a pele com um gesto semelhante.

— Ele disse que tentaria me ligar hoje à noite — disse ela, finalmente.

Continuava a me encarar com aquele olhar meio vazio, meio desconfiado, razão pela qual acrescentei:

— Eu só estava pensando se algum dos lobos, além dele, teria virado humano. Eu conheci um.

Tratava-se de algo tão próximo da verdade que nenhum bispo botaria defeito.

O rosto de Grace se desanuviou.

— Eu sei. Sam me contou. Chegou a conhecê-lo bem?

Dane-se. Resolvi contar a ela.

— Eu o levei para a casa de Beck na noite em que você foi parar no hospital.

Os olhos dela se arregalaram, mas antes que abrisse a boca para fazer mais perguntas, a campainha da porta soou — uma campainha estridente, detestável, que parecia um carrilhão.

— Pizza! — gritou a mãe dela, numa voz demasiado animada. Qualquer outra palavra que Grace e eu pudéssemos ter trocado se perdeu.

GRACE

A pizza chegou e Isabel deu um pedaço à mamãe — o que eu não teria feito —, que se recolheu ao estúdio e liberou a sala para nós. A essa altura, o céu estava negro do lado de lá da porta de vidro que se abria para a varanda, e não dava para saber se eram seis da tarde ou meia-noite. Sentei num dos cantos do sofá com um prato no colo e uma única fatia de pizza olhando para mim, e Isabel sentou-se no outro extremo, com duas fatias em seu prato. Com cuidado para não amassar os champignons, ela retirou o excesso de gordura com uma toalha de papel. Ao fundo, ouvia-se a trilha sonora de *Uma linda mulher*, com Julia Roberts fazendo compras em lojas nas quais Isabel se sentiria em casa. A pizza estava em sua caixa na mesinha de centro entre nós duas e a TV. Havia uma quantidade absurda de queijo.

— Coma, Grace — insistiu Isabel, me oferecendo o rolo de papel toalha.

Olhei para a pizza e tentei imaginá-la como comida. Era curioso como uma única fatia de pizza, contendo queijo, champignon e tiras de mussarela pingando gordura, era capaz de provocar o que o meu passeio na floresta não provocara: um enjoo de doer. À visão da comida, meu estômago virou do avesso. Não se tratava apenas de náusea; era a mesma coisa que me consumira antes: a febre que

não era febre. A doença que era mais que uma dor de cabeça, mais que uma dor de estômago. A doença que, sei lá como, era eu.

Isabel continuava me olhando, e vi logo que faria alguma pergunta. Porém, não tive a mínima vontade de abrir a boca. Aquela coisa vaga que eu sentira na floresta me corroía as entranhas agora, e fiquei com medo das palavras que eu poderia dizer.

A pizza estava ali, na minha frente, com a aparência de algo que eu sequer conseguia me imaginar engolindo.

Me senti muito mais vulnerável do que na floresta, com os lobos à minha volta. Não queria a presença de Isabel naquele momento. Nem da minha mãe. Eu queria Sam.

ISABEL

Grace estava verde. Encarava a pizza como se esperasse ser mordida por ela, e finalmente disse, com a mão no estômago:

— Já volto.

Levantou-se do sofá, meio letárgica, e foi até a cozinha. Quando voltou, segurando mais uma soda e trazendo vários comprimidos na palma da mão, perguntei:

— Está se sentindo mal de novo?

Baixei um pouco o volume da TV, ainda que estivesse passando a minha parte favorita do filme.

Grace pôs os comprimidos na boca e os engoliu com um gole rápido e eficaz de soda.

— Um pouco. É comum o mal-estar piorar à noite, não é? Foi o que li.

Encarei-a. Achei que ela provavelmente soubesse. Achei que provavelmente já estava pensando o mesmo que eu, mas não queria admitir em voz alta.

— O que disseram no hospital? — perguntei.

— Que era só uma febre, uma gripe — respondeu Grace, e do jeito como falou, vi logo que estava se lembrando de ter me contado a mesma coisa quando foi mordida pela primeira vez. Que devia ser uma gripe. Nós duas sabíamos que naquela ocasião não havia sido uma virose.

Assim, acabei dizendo o que vinha me incomodando desde a hora em que pisei na casa dela:

— Grace, você está fedendo. Como aquele lobo que a gente encontrou. Você sabe que isso tudo tem a ver com os lobos.

Ela passou um único dedo, para lá e para cá, na borda do prato, como se quisesse apagar o arremate decorativo.

— Eu sei.

Justo então, o telefone tocou, e nós duas soubemos na mesma hora quem era. Grace olhou para mim e seus dedos se imobilizaram por completo.

— Não conte ao Sam — disse ela.

CAPÍTULO 26

SAM

Como não conseguia dormir naquela noite, fiz pão.

O maior motivo da minha insônia era Grace. A ideia de subir para o quarto e me deitar sozinho na cama, esperando pelo sono, me parecia totalmente intolerável. Mas um outro motivo era o fato de Cole continuar na casa. Sua inquietude era tão grande — andando de um lado para o outro, testando o sistema de som, sentando-se no sofá, assistindo à TV, levantando-se de um salto — que acabei contagiado. Era como estar junto de uma estrela em explosão.

Por isso, fui fazer pão, algo que aprendera com Ulrik, que era um tremendo chato com isso. Ele se recusava a comer pão industrial, e eu, por outro lado, quando tinha dez anos, não comia nada além de pão. Isso fez com que muito pão fosse produzido naquele ano. Beck nos achava insuportáveis e não queria se meter com as nossas neuroses. Por isso passamos muitas manhãs juntos, eu sentado no chão com as costas apoiadas no armário da cozinha e o violão que

ganhara de Paul no colo, e Ulrik socando a massa e soltando palavrões de brincadeira, por eu estar atrapalhando.

Um dia, logo no início do ano, Ulrik me botou de pé e me obrigou a fazer a massa. Foi nesse mesmo dia que Beck descobriu a consulta médica dele, uma lembrança que não me saía da cabeça depois que vi as tentativas empregadas por Victor para permanecer humano. Nitidamente furioso, Beck entrou à toda na cozinha. Tinha Paul na sua cola, aparentando menos preocupação do que desejo de assistir a um confronto interessante.

— Me diga que Paul é um mentiroso — começou Beck, enquanto Ulrik me entregava uma lata de fermento. — Me diga que você não foi ao médico.

Paul parecia prestes a ter um acesso de riso, e Ulrik também.

Beck ergueu as mãos como se pretendesse estrangular Ulrik.

— Você foi. Você realmente foi ao médico. Seu louco. Eu avisei que não adiantaria nada.

Paul finalmente começou a rir, enquanto Ulrik sorria.

— Diga a ele o que o médico lhe deu, Ulrik. Diga o que o médico receitou.

Aparentemente, porém, Ulrik percebeu que Beck não acharia graça alguma. Por isso, ainda sorrindo, apontou para a geladeira e disse:

— Leite, Sam.

— Haldol — esclareceu Paul. — Ele vai se consultar por causa de licantria e sai com uma receita de antipsicótico.

— Você acha engraçado? — indagou Beck.

Ulrik finalmente olhou para Beck e fez um gesto com a mão, como se dissesse: *E daí?*

— Ora, Beck. Ele achou que eu estava louco. Conte tudo. Que eu virava lobo no inverno, contei do... o que é aquilo? Enjoo? Náusea? E disse a data em que virei humano este ano. Descrevi todos os

sintomas. Falei a verdade verdadeira, e o cara ouviu, assentiu e me receitou um remédio para doidos.

— Aonde você foi? — indagou Beck. — A que hospital?

— St. Paul. — Ele e Paul fizeram piada com a expressão preocupada de Beck. — O quê? Você achou que eu ia entrar no Hospital de Mercy Falls e dizer que sou um lobisomem?

Beck não viu graça nenhuma.

— Assim, desse jeito? Ele não acreditou? Não colheu sangue, nada?

Ulrik bufou e, esquecendo-se de que era eu quem estava preparando a massa, começou a adicionar farinha de trigo.

— O sujeito só queria me botar para fora, como se loucura fosse uma doença contagiosa.

— Queria estar lá para ver isso — comentou Paul.

Beck balançou a cabeça.

— Vocês são dois idiotas. — Sua voz, porém, tinha um tom afetuoso quando ele passou por Paul, saindo da cozinha. — Quantas vezes preciso repetir que, se vocês quiserem convencer um médico, vão ter que mordê-lo?

Paul e Ulrik trocaram olhares.

— Ele está falando sério? — indagou Paul.

— Acho que não — respondeu Ulrik.

A conversa tomou outro rumo, enquanto Ulrik terminava a massa e a punha para crescer, mas jamais esqueci a lição daquele dia: médicos provavelmente não ajudariam nessa batalha específica.

Minha mente voltou a Victor. Eu não conseguia me livrar da imagem dele se transformando, fácil e incessantemente, de lobo em humano e vice-versa.

Aparentemente Cole também não, porque entrou na cozinha e sentou-se na bancada central com uma expressão aborrecida.

Torceu o nariz para o forte cheiro de fermento que pairava na cozinha e disse:

— Eu devia ficar surpreso ao ver você cozinhando, mas não estou. Por isso, continuo cismado com a injustiça de Victor não conseguir permanecer humano enquanto eu não consigo permanecer lobo. Devia ser o contrário.

Tentei não deixar que minha irritação transparecesse quando respondi:

— Entendo. Você quer ser lobo, não quer ser Cole. Quer ser um lobo. Já deixou isso bem claro. Bom, não tenho uma fórmula mágica para transformar você definitivamente em lobo, lamento. — Percebi que ele estava com uma garrafa de uísque a seu lado. — De onde saiu isso?

— Do armário — respondeu ele, num tom agradável. — Por que incomoda tanto a você?

— Não acho nenhuma maravilha você tomar um porre.

— E eu não acho nenhuma maravilha ficar sóbrio — atalhou Cole. — Quer dizer, você nunca me contou o que há de errado com o fato de eu querer ser lobo.

Dei-lhe as costas e me virei para a pia para lavar as mãos cheias de farinha. Os restos entre os dedos ficaram grudentos com a água. Refleti sobre o que queria dizer enquanto, lentamente, esfregava as mãos.

— Sofri um bocado para permanecer humano. Conheço uma pessoa que morreu durante uma tentativa dessas. Eu daria qualquer coisa para ter o restante da minha família de volta, agora mesmo, mas eles terão que passar o resto do inverno naquela floresta, sem sequer se lembrarem de quem são. Ser humano é um... — Eu ia dizer *privilégio extraordinário*, mas achei que soaria demasiado solene. — Não há sentido em viver como lobo. Você não tem lembranças, é como se nunca tivesse existido. Não pode

deixar nada para trás. Quer dizer... como posso defender a *humanidade*? É só o que importa. Por que você quer jogar isso fora?

Não mencionei Shelby, a única pessoa além de Cole que queria ser lobo. Eu sabia por que ela abandonara a vida humana. O que não significava, porém, que eu concordasse. Torci para que o desejo dela tivesse se realizado e que fosse uma loba para sempre.

Cole tomou uma golada de uísque e piscou ao engolir.

— Você já respondeu à pergunta. Aquela parte de não se lembrar. Fuga é uma terapia maravilhosa.

Virei-me para olhá-lo. Cole parecia irreal naquela cozinha. A maioria das pessoas possuía uma espécie de beleza adquirida — quanto mais conhecíamos e amávamos alguém, mais esse alguém se embelezava. Mas Cole havia trapaceado nesse jogo, chegando direto ao final, todo bonitão, com cara de astro de Hollywood, sem precisar de amor algum para isso.

— Não acho — discordei. — Não acho que esse seja um bom motivo.

— Não? — indagou ele, curioso. Fiquei surpreso ao ver que não havia malícia em sua expressão, mas apenas um interesse vago. — Por que, então, você faz xixi no banheiro de cima?

Olhei para ele.

— Ah, você acha que não notei? Pois sim. Você sempre vai lá em cima para fazer xixi. Quer dizer, podia ser porque o banheiro de baixo é horrível, mas ele me parece ótimo. — Cole desceu da bancada, levemente trôpego. — Por isso, me parece que você está fugindo daquela banheira. Acertei?

Não vi como ele poderia saber da minha história pregressa, mas achei que não se tratava de um segredo. Talvez Beck tivesse contado, embora essa hipótese fizesse com que eu me sentisse meio esquisito.

— Isso é um bocado inofensivo — comentei. — Fugir de uma banheira porque seus pais tentaram matar você não é o mesmo que fugir de uma vida inteira transformando-se em lobo.

Cole abriu um largo sorriso para mim. Graças ao álcool, ele estava se transformando num Cole extremamente animado.

— Vamos fazer um acordo, Ringo. Você para de fugir daquela banheira e eu paro de fugir da minha vida.

— Certo, tudo bem. — A única vez em que eu entrara numa banheira depois da tentativa dos meus pais havia sido para o banho quente preparado por Grace no ano anterior. Porém, naquela ocasião eu já era quase um lobo. Mal sabia onde estava. E confiava em Grace. Em Cole, não.

— Estou falando sério. Sou uma pessoa movida a metas — disse Cole. — Acho que a felicidade deriva do cumprimento de metas, não é mesmo? Nossa, este troço é bom à beça — elogiou ele, pondo o uísque na bancada. — Dá um calorzinho bom e uma zonzeira gostosa. Então, você topa? Você pula naquela banheira e eu me dedico a fazer com que Victor e eu permaneçamos humanos. Aliás, você mesmo disse que a banheira é algo insignificante, certo?

Dei um sorriso tristonho. O tempo todo ele sabia que não havia o menor perigo de eu sequer chegar perto daquela banheira.

— *Touché* — falei, por alguma razão consciente da última vez em que ouvira essa expressão: da boca de Isabel, na livraria, tomando meu chá verde. Parecia fazer anos.

COLE

Dei um amplo sorriso para Sam. Eu estava com aquela agradável sensação de conforto que só se adquire através do consumo de bebidas alcoólicas. Então disse a ele:

— Sabe, nós dois estamos muito ferrados, Ringo. Muito.

Sam apenas olhou para mim. Na verdade, ele não se parecia realmente com Ringo — para ser exato, estava mais para um John Lennon sonolento e de olhos amarelos, mas “John” não tinha a mesma graça como apelido. Senti uma pena repentina dele. O pobrezinho não podia nem mijar no banheiro de baixo porque os pais haviam tentado matá-lo. Que horror!

— Que tal uma ajudinha? — perguntei. — Acho que o momento pede uma ajudinha, cara.

— Obrigado, prefiro lidar com meus problemas sozinho — disse Sam.

— Ora, vamos lá. — Ofereci-lhe a garrafa de uísque, mas ele balançou a cabeça. — Vai fazer você relaxar — informei. — Uma boa quantidade disto aqui e você vai navegar naquela banheira até a China.

A voz de Sam soou ligeiramente menos amistosa.

— Hoje, não.

— Babaca — falei. — Estou tentando criar um vínculo com você, tentando lhe ajudar. Tentando ajudar a mim.

Peguei seu braço num gesto de companheirismo. Sam se desvencilhou, mas não de um jeito indelicado. Empurrei-o na direção da porta da cozinha.

— Cole, você está totalmente bêbado. Chega.

— E garanto a *você* que todo esse processo seria muito mais fácil se você também estivesse. Não está considerando o uísque?

Estávamos no corredor. Sam resistiu novamente:

— Não, Cole. Qual é? Você está falando sério?

Faltava menos de um metro para a porta do banheiro. Sam empacou, e precisei usar ambos os braços para obrigá-lo a continuar andando. Sua força me surpreendeu. Achei que alguém mirrado como ele não seria capaz de lutar assim.

— Eu ajudo você e você me ajuda. Pense só em como vai se sentir melhor depois que encarar seus demônios — falei.

Não estava absolutamente seguro de que aquilo fosse verdade, mas assim *parecia*. Tive de admitir, também, que boa parte de mim morria de curiosidade para ver o que Sam faria ao se defrontar com a toda-poderosa banheira.

Me espremi junto a ele para passar pela porta e usei o cotovelo para acender a luz.

— Cole — disse Sam, numa voz repentinamente mais suave.

Era apenas uma banheira. Apenas uma banheira vazia, do tipo mais comum que existe: revestida de azulejos cor de marfim e com uma cortina branca puxada para a lateral. Uma aranha morta jazia junto ao ralo. De repente, à visão da banheira, Sam lutou contra os meus braços com tanta veemência que precisei usar toda a minha força para prendê-lo. Senti seus músculos tensos sob meus dedos, tentando resistir.

— Por favor — implorou.

— É só uma banheira — insisti, apertando os braços em torno dele. Mas foi desnecessário, pois ele se entregou por completo.

SAM

Por um breve segundo, vi o lugar como ele era de verdade, do jeito como devo tê-lo visto ao longo dos primeiros sete anos da minha vida: apenas um banheiro normal, desbotado e cômodo. Mas meus olhos encontraram a banheira e não pude suportar. Eu estava sentado à mesa de jantar, meu pai a meu lado. Há semanas minha mãe não se sentava perto de mim. Ela disse:

— *Acho que não tenho mais condições de amá-lo. Este aí não é o Sam. É uma coisa que às vezes se parece com ele.*

Havia ervilhas no meu prato. Eu não gostava de ervilhas. Fiquei surpreso, porque minha mãe sabia disso. Eu não conseguia parar de olhar para elas.

Meu pai falou:

— *Sei disso.*

Eu estava sendo sacudido por Cole agora.

— Você não está morrendo — disse ele. — É só impressão.

Então meus pais seguraram meus braços finos. À minha frente, uma banheira, embora não fosse hora do banho e eu estivesse vestido. Eles me pediram para entrar na banheira e eu não quis, e acho que eles gostaram disso, porque a minha recusa era mais fácil de encarar do que a obediência confiante. Meu pai me ergueu e me pôs na água.

— Sam — chamou Cole.

Eu estava sentado na banheira, vestido, a água fazendo a calça jeans mudar de cor, empapando minha camiseta azul favorita, com a listra branca, fazendo-a grudar nas minhas costelas e me levando a pensar, durante um minuto, um único e bem-vindo minuto, que se tratava de uma brincadeira.

— *Sam* — repetiu Cole.

Não entendi na hora, apenas depois.

Não foi enquanto minha mãe evitava me olhar, simplesmente encarando a beirada da banheira e engolindo em seco, sem parar. Ou quando meu pai estendeu o braço e disse o nome dela para obrigá-la a olhar para ele. Nem mesmo quando ela pegou uma das lâminas da mão estendida do marido, com o cuidado de quem escolhe um biscoito delicado num prato de iguarias.

Foi quando ela finalmente olhou para mim.

Nos olhos. Nos meus olhos de lobo.

Vi determinação em seu rosto. O fim da luta.

E foi então que eles precisaram me imobilizar.

COLE

Sam estava longe dali. Essa é a única forma de descrever a cena. Seu olhar... Seu olhar era vazio. Arrastei-o para a sala e o sacudi.

— Acorda! Não estamos mais lá! Olhe em volta, Sam. Saímos do banheiro!

Quando soltei seus braços, Sam desabou no chão, as costas de encontro à parede, a cabeça entre as mãos. De repente, ele era só um amontoado de cotovelos, joelhos e articulações, deixando-o sem rosto.

Não fui capaz de definir meu sentimento ao vê-lo assim, sabendo que o responsável por isso era eu, fosse *aquilo* o que fosse. Comecei a ter raiva dele.

— Sam? — chamei.

Passado um bom tempo, ele respondeu sem levantar a cabeça, numa voz estranha, baixa e fina:

— Me deixe em paz. Me deixe em paz. Que mal eu fiz a você?

Sua respiração tornou-se irregular. Não eram propriamente soluços; parecia mais falta de ar.

Baixei o olhar para ele e, de repente, a raiva me dominou. Ele não devia ter reagido tão mal. Era apenas a droga de um banheiro. Era ele que estava me tornando tão cruel — eu nada tinha feito senão lhe mostrar a droga de uma banheira. Eu não era essa pessoa que ele imaginava.

— Beck fez a mesma escolha — disse, porque ele não iria me contradizer. — Foi o que me contou. Ele me disse que depois de se formar em Direito teve tudo o que quis e era infeliz. Contou que ia se matar, mas um sujeito chamado Paul o convenceu de que havia outra saída.

Sam permaneceu em silêncio, exceto por sua respiração irregular.

— Ele me ofereceu a mesma coisa — falei. — Mas não consigo permanecer lobo. Não me diga que você não quer saber. Você é tão ruim quanto eu. Olhe bem pra você. Não venha me falar de prejuízos.

Ele não se mexeu, e por isso o fiz. Fui até a porta dos fundos e a escancarei. A noite tornara-se inclemente e gélida enquanto eu tomava meu porre, e fui recompensado com um doloroso nó nas entranhas.

Fugi.

CAPÍTULO 27

SAM

Fui adiante com o preparo do pão, socando a massa, moldando a broa e botando-a no forno para assar. Minha cabeça ruminava palavras desconexas demais para se transformarem numa letra de música. Eu estava meio ali, meio em outro lugar, de pé na mesma velha cozinha de Beck, numa noite que podia estar acontecendo agora ou dez anos antes.

Os rostos nas fotos do armário sorriam para mim, dezenas de variações diferentes de Beck e eu, Beck e Ulrik, Paul e Derek, Ulrik e eu. Rostos aguardando para serem revisitados. As fotos pareciam desbotadas e velhas à claridade opaca da cozinha. Lembrei de Beck grudando-as ali quando eram novinhas, provas concretas dos nossos laços.

Pensei na forma como meus pais decidiram tão facilmente não me amar, só porque eu era incapaz de manter meu próprio corpo. E em como eu havia tão rapidamente me esquivado de Beck quando pensei que ele tinha infectado os três lobos novatos contra

a vontade deles. Era como se pudesse sentir o amor imperfeito de meus pais correndo nas minhas veias, julgando tudo tão rápido.

Quando finalmente notei que Cole havia partido, abri a porta dos fundos e recolhi suas roupas no quintal. Fiquei ali, segurando a trouxa fria nas mãos, e deixei o ar noturno penetrar, cortante, para além das camadas de tudo o que me fazia ser Sam e ser humano, chegando até o lobo que eu imaginava continuar à espreita dentro de mim. Mentalmente, passei em revista as palavras de Cole.

Será que ele estava mesmo pedindo a minha ajuda?

Dei um pulo quando o telefone tocou. Ele não se encontrava na cozinha, em sua base, por isso fui até a sala e me sentei no braço do sofá enquanto resgatava o aparelho. *Grace*, torci intensamente. *Que seja Grace*.

— Oi.

Me ocorreu, tarde demais, que para *Grace* ligar tão tarde da noite deveria haver algo de errado.

Mas não foi a voz de *Grace* que respondeu, embora se tratasse de uma mulher.

— Quem está falando?

— Como assim? — retorqui.

— Alguém ligou daí para o meu celular. Duas vezes.

— *Quem* está falando? — perguntei.

— Angie Baranova.

— Ligaram quando?

— Ontem. Mais cedo. Não deixaram recado.

Cole. Tinha que ser ele. *Canalha descuidado*.

— Provavelmente foi engano — falei.

— Provavelmente — repetiu ela. — Porque apenas *quatro* pessoas têm este número.

Revi a minha opinião sobre Cole. *Canalha burro*.

— Como eu disse — insisti —, deve ter sido engano.

— Ou Cole — disse Angie.

— Como assim?

Ela deu um risinho feioso, sem a menor graça.

— Quem quer que você seja, sei que não diria nada, mesmo se ele estivesse aí ao seu lado. Porque Cole é bom à beça nisso, concorda? Em conseguir que você faça o que ele quer. Bom, se ele estiver aí e se foi ele quem me ligou, diga que troquei de celular. O número é 9117-some-da-minha-vida. Obrigada.

E então ela desligou.

Apertei a tecla “talk” novamente para desligar o telefone e me inclinei para devolvê-lo à base. Olhei para a pilha de livros de Beck na mesinha. Ao lado, havia um porta-retratos com uma foto sua tirada por Ulrik logo depois de Paul ter jogado mostarda nele enquanto fazíamos um churrasco. Beck me olhava com os olhos semicerrados, exibindo manchas amarelas irreais nas sobrancelhas e também nos cílios.

— Parece que você escolheu um verdadeiro vencedor — falei para a foto de Beck.

GRACE

Naquela noite, fiquei deitada na cama tentando esquecer o jeito como os lobos haviam me olhado e tentando fingir que Sam estava comigo. Pestanejando no escuro, puxei o travesseiro dele para perto de mim, mas eu já gastara todo o seu cheiro e agora o objeto não passava de um travesseiro comum. Empurrei-o de volta para o seu lugar e levei, em vez disso, a mão ao nariz, tentando descobrir se eu ainda cheirava como os lobos na floresta. Imaginei o rosto de Isabel quando ela disse *Você sabe que isso tem a ver com os lobos* e tentei interpretar sua expressão. Nojo? Como se eu pudesse contagiá-la? Ou seria pena?

Se Sam estivesse comigo, eu teria sussurrado: *Você acha que os moribundos sabem que estão morrendo?*

Fiz uma careta para mim mesma na escuridão. Sabia que estava sendo melodramática.

Queria acreditar que estava apenas sendo melodramática.

Pousando a mão sobre o meu ventre, pensei na dor torturante que morava poucos centímetros abaixo dos meus dedos. Naquele momento, a dor parecia anestesiada, letárgica.

Apertei os dedos contra a pele.

Sei que você está aí.

Era uma pena eu estar sentada na cama acordada, refletindo sozinha sobre a minha mortalidade, quando Sam se encontrava a uma distância pequena e facilmente percorrida de carro. Lancei um olhar inútil na direção do quarto dos meus pais, irritada por eles terem me privado da companhia do meu namorado quando eu mais precisava dele.

Se eu morresse agora, jamais iria para a faculdade. Jamais viveria por conta própria. Jamais compraria minha própria cafeteira (eu queria uma vermelha). Jamais me casaria com Sam. Jamais chegaria a ser a Grace que deveria ser.

Eu tinha sido tão cuidadosa a vida toda.

Pensei no meu próprio enterro. Não dava para imaginar mamãe tendo juízo suficiente para planejá-lo. Papai faria isso em meio a telefonemas para investidores e para os membros do Conselho da Associação de Proprietários de Imóveis. Vovó! Ela talvez assumisse o encargo quando descobrisse que péssimo trabalho o filho fizera na criação da neta. Rachel apareceria, e provavelmente alguns dos meus professores. A sra. Erskine, que queria que eu fosse arquiteta, sem dúvida estaria lá. Isabel também, embora dificilmente chorosa. Me lembrei do enterro do irmão dela — a cidade inteira presente, por causa da idade do garoto. Talvez eu reunisse uma boa plateia, mesmo sem nunca ter sido famosa em Mercy Falls, apenas por ter morrido cedo demais para ter

realmente vivido. Será que costumam levar presentes nos enterros, como nos casamentos e chás de bebê?

Ouvi um ruído do lado de fora do quarto. Em seguida, um estalo repentino, um pé no assoalho de madeira e depois a porta se entreabrindo devagarzinho.

Durante um único e ínfimo momento, pensei que pudesse ser Sam, entrando furtivamente sabe-se lá como. No entanto, do meu ninho de cobertores, vi a silhueta dos ombros e da cabeça do meu pai quando ele entrou. Fiz o possível para fingir que estava dormindo, ao mesmo tempo em que mantinha os olhos levemente entreabertos. Meu pai se aproximou com passos hesitantes e pensei, surpresa: *Ele veio checar se estou passando bem.*

Porém, tudo o que fez foi erguer o queixo um tantinho só, a fim de olhar para algum lugar atrás de mim. Então me dei conta de que não estava ali para se assegurar de que a filha estava bem. Estava ali para se assegurar da ausência de Sam.

CAPÍTULO 28

COLE

Agachado no solo frio da floresta, com espinhos enterrados na palma da mão e os joelhos nus manchados de sangue, eu não conseguia me lembrar há quanto tempo virara humano.

Me encontrava suspenso numa manhã pálida, a bruma tingindo tudo de um tom pastel à medida que se fechava lentamente ao meu redor. O ar fedia a sangue, fezes e água estagnada. Bastou olhar para as minhas mãos para ver de onde vinha o fedor. O lago ficava a alguns metros, e entre mim e a água jazia um cervo morto. Uma dobra de pele se soltara de suas costelas, desnudando-lhe as entranhas como se estas fossem um presente grotesco. Era o sangue dele que manchava meus joelhos e, como agora era possível perceber, também as minhas mãos. Nos ramos lá em cima, invisíveis na bruma, corvos se comunicavam entre si, ansiosos para que eu perdesse o interesse pela minha presa.

Dei uma olhada ao redor, procurando os outros lobos que deviam ter me ajudado a abater o animal, mas eles haviam me

abandonado. Ou, falando mais francamente, eu os abandonara, transformando-me num relutante ser humano.

Um leve movimento chamou minha atenção. Olhei de soslaio em sua direção. Levei um instante para perceber o que se mexera — o cervo. Seu olho. Ele piscou, e ao fazê-lo vi que olhava diretamente para mim. Não estava morto, mas moribundo. Engraçado como duas coisas podem ser ao mesmo tempo tão semelhantes e tão distintas. Algo na expressão daquele olho preto e líquido fez doer o meu peito. Era... paciência. Ou perdão. Ele se conformara com o destino de ser comido vivo.

— Meu Deus — sussurrei, levantando devagar, tentando não assustá-lo mais ainda. Ele sequer estremeceu. Apenas *piscou*. Eu quis recuar, abrir espaço, deixá-lo fugir, mas os ossos expostos e as tripas espalhadas me diziam que a fuga lhe era impossível. Eu já destruíra seu corpo.

Senti um sorriso amargo deformar meus lábios. Lá estava o meu plano brilhante de deixar de ser Cole e mergulhar no esquecimento. Lá estava o plano. Nu e manchado de morte, com o estômago vazio se contorcendo de fome, eu encarava uma refeição destinada a algo que já não era mais.

O cervo piscou novamente, trazendo consigo uma expressão extraordinariamente suave que revirou meu estômago.

Eu não podia deixá-lo daquele jeito. Sabia que não. Me certifiquei de onde estava com um rápido olhar ao redor: a vinte minutos a pé do abrigo, talvez. E, se nada houvesse para matar o animal lá, mais dez até a casa. De quarenta minutos a uma hora deitado ali, com as entranhas expostas.

Eu podia simplesmente ir embora. Ele estava morrendo, mesmo. Era inevitável. Além disso, quanta importância pode ter o sofrimento de um cervo?

Ele piscou novamente, calado e tolerante. Muita — essa era a importância do sofrimento de um cervo.

Procurei com os olhos alguma coisa que pudesse servir como arma. Nenhuma das pedras na beira do lago era suficientemente grande para ter utilidade, e, de qualquer forma, não pude me imaginar golpeando o infeliz até matá-lo. Pensei em tudo que sabia sobre anatomia e sobre acidentes de carro e catástrofes. Depois, olhei de novo para as costelas desnudas.

Engoli em seco.

Levei apenas um instante para encontrar um galho com uma extremidade afiada.

O olho me fitou, negro e vazio, e uma das patas dianteiras estremeceu, lembrando de corridas passadas. Havia alguma coisa terrível naquele terror aprisionado em silêncio, naquelas emoções latentes que não podiam ser expressas.

— Sinto muito — eu disse a ele. — Não pretendo ser cruel.

Transpassei suas costelas com o galho.

Uma vez.

Duas vezes.

Ele gritou, um grito agudo que não era humano nem animal, mas algo terrível entre ambos, o tipo de som que jamais se esquece, não importa quantas coisas bonitas se venha a escutar depois. Então calou-se, porque os pulmões perfurados ficaram vazios.

Ele estava morto, e eu queria estar também. Iria descobrir um jeito de permanecer lobo. Não conseguiria passar por isso de novo.

CAPÍTULO 29

GRACE

Achei que não tinha dormido, mas uma batida na porta do meu quarto me acordou e me indicou que talvez tivesse pego no sono. Abri os olhos. Meu quarto continuava escuro. O relógio dizia que já amanhecera. Quase. Os números piscavam 5:30.

— Grace — disse mamãe, num tom demasiado alto para as 5:30 da manhã. — Precisamos falar com você antes de sair.

— Para ir aonde? — indaguei numa voz rouca, ainda semiadormecida.

— St. Paul — respondeu minha mãe, agora parecendo impaciente, como se eu devesse saber a resposta. — Você está vestida direito?

— Como poderia estar, a esta hora? — resmunguei, mas acenei para que entrasse, já que tinha dormido com uma blusa e uma calça de pijama.

Mamãe acendeu a luz e eu pisquei ante a repentina claridade. Mal tive tempo de ver que ela vestia sua blusa branca plissada antes

que papai surgisse às suas costas. Ambos entraram no quarto. Os lábios dela ostentavam um sorriso profissional e a cara do meu pai parecia esculpida em cera. Achei que jamais vira os dois com uma expressão tão constrangida.

Eles trocaram olhares. Quase dava para ver balõezinhos de diálogo pairando acima de suas cabeças. *Você começa. Não, começa você.*

Por isso comecei eu:

— Como está se sentindo, Grace?

Mamãe fez um gesto com a mão, como se dissesse que era óbvio que eu estava bem, já que podia me dar ao luxo de ser sarcástica.

— Hoje é a exposição dos Artistas Amadores.

Ela fez uma pausa para ver se eu precisava de maiores esclarecimentos. Não. Minha mãe comparecia ao evento todo ano — partindo ainda de madrugada com o carro cheio de obras de arte e voltando por volta da meia-noite, exausta e com o carro bem mais vazio. Papai a acompanhava sempre que podia tirar folga no trabalho. Houve um ano em que fui com os dois. Era um prédio enorme, cheios de mães e de gente comprando quadros como os de mamãe. Não voltei mais.

— Certo — disse. — E daí?

Ela olhou para o papai.

— Daí que você continua de castigo — disse o meu pai. — Mesmo na nossa ausência.

Me sentei um pouco mais ereta na cama, a cabeça protestando contra esse movimento.

— Podemos confiar em você, não é? — prosseguiu mamãe. — Não vai fazer nenhuma besteira, vai?

Minhas palavras saíram devagar e demasiado articuladas devido ao esforço que precisei fazer para não gritar.

— Vocês estão... Vocês estão tentando se vingar? Porque eu... — Minha intenção era completar com *economizei à beça para dar isso a Sam*, mas, por algum motivo, a ideia de terminar a frase travou minha garganta. Fechei os olhos e tornei a abri-los.

— Não — respondeu meu pai. — Você está sendo castigada. Dissemos que ficaria de castigo até segunda-feira, e é isso que vai acontecer. É uma pena que a sessão de Sam seja durante esse período. Quem sabe num outro dia...

Ele não parecia achar a situação digna de pena.

— É preciso marcar hora lá com vários meses de antecedência, pai — argumentei.

Acho que nunca havia visto a boca do meu pai se fechar numa linha tão feia. Ele respondeu:

— Bom, talvez você devesse ter pesado melhor suas ações.

Dava para sentir uma dor de cabeça latejando entre as sobrancelhas. Fiz pressão contra a pele e ergui o olhar.

— Pai, era um presente de aniversário. Foi a única coisa que ele ganhou, mais nada. É importante para ele. — A voz simplesmente me fugiu. Parei de falar. Precisei engolir em seco antes de prosseguir. — Por favor, preciso ir. Me ponha de castigo na segunda-feira. Me obrigue a esfregar o banheiro com a minha escova de dentes. Mas me deixe sair.

Os dois se entreolharam e, por um minuto, um minuto simples e imbecil, achei que refletiam.

Então, mamãe disse:

— Não confiamos em vocês dois sozinhos durante esse tempo todo. Não confiamos mais nele.

Nem em mim. Falem logo.

Mas eles pararam por aí.

— A resposta é não, Grace — concluiu papai. — Você pode se encontrar com ele amanhã, e dê graças a Deus por permitirmos

isso.

— *Permitir* isso? — atalhei. Minhas mãos se fecharam em punho de cada lado do meu corpo. A raiva cresceu dentro de mim. Pus a mão no rosto, quente como o verão, e, de repente, não aguentei mais.

— Vocês têm controlado isso à distância durante a maior parte da minha adolescência, e agora simplesmente surgem aqui dizendo: *Desculpe, Grace, mas este pedacinho de vida que você conseguiu construir, essa pessoa que você escolheu... Dê graças a Deus por não tirarmos isso de você também.*

Mamãe ergueu as mãos, desanimada.

— Francamente, Grace. Chega de tanto teatro. Como se precisássemos de mais provas de que você não é madura o suficiente para passar tanto tempo com Sam. Você tem 17 anos e o resto da vida pela frente. Isso *não* é o fim do mundo. Daqui a cinco anos...

— Não... — intervim.

Para minha surpresa, ela parou.

— Não venha me dizer que daqui a cinco anos terei esquecido o nome dele, ou o quer que fosse dizer. Pare de me tratar como criança. — Me levantei, afastando as cobertas para os pés da cama. — Vocês dois passaram muito tempo longe para fingir que sabem o que se passa na minha cabeça. Por que não saem para jantar ou para passar o dia inteiro na inauguração de alguma galeria ou exposição, torcendo para estar tudo bem comigo quando voltarem? Ah, isso mesmo. Vocês já estão saindo. Escolham: pais ou colegas. Não dá para ser uma coisa e de repente querer ser a outra.

Fez-se uma longa pausa. Mamãe olhava para o canto do quarto, como se houvesse uma música fantástica tocando em sua cabeça. Papai me encarava com a testa franzida. Finalmente, ele balançou a cabeça.

— Vamos ter uma conversa séria quando chegarmos em casa, Grace. Não acho justo da sua parte começar um debate quando sabe que não seremos capazes de ficar até o fim.

Cruzei os braços, as mãos fechadas. Ele não faria com que eu me envergonhasse do que havia dito. Não mesmo. Eu já tinha esperado tempo demais para dizer tudo isso.

Mamãe consultou o relógio, e o encanto se quebrou.

Papai já se encaminhava para a porta quando disse:

— A gente conversa depois, precisamos ir.

Mamãe, parecendo recitar alguma coisa ouvida do meu pai, concluiu:

— Temos certeza de que você respeitará a nossa autoridade.

Mas não era bem assim, porque depois que saíram, fui até a cozinha e descobri que haviam levado a chave do meu carro.

Não me importei. Eu tinha outra, da qual eles não sabiam, na minha mochila. Dentro de mim, havia alguma coisa invisível e perigosa à espreita, e eu já estava farta de ser boazinha.

CHEGUEI À CASA DE BECK logo após o amanhecer.

— Sam? — chamei, mas não houve resposta. Claramente não havia ninguém no andar de baixo, por isso me dirigi ao de cima. Não demorou nadinha para eu encontrar o quarto de Sam. O sol ainda não começara direito sua escalada no céu, e apenas uma claridade anêmica penetrava pela janela do cômodo. Era o suficiente, porém, para que eu visse indícios de vida: os lençóis atirados de lado na cama e uma calça jeans embolada no chão, ao lado de um par de meias escuras, do avesso, e de uma camiseta descartada.

Durante um longo momento, simplesmente permaneci junto à cama, olhando os lençóis emaranhados. Então, me deitei. O travesseiro cheirava ao cabelo de Sam, e depois de dormir mal

várias noites sem ele, aquela cama parecia o paraíso. Eu não sabia do seu paradeiro, mas tinha certeza de que ele voltaria. Já me sentia novamente na sua companhia. Minhas pálpebras ficaram repentinamente pesadas.

Por trás dos olhos fechados, senti uma série de emoções, sentimentos e sensações conflitantes. A dor onipresente no meu estômago. A pontada de inveja quando pensava em Olívia transformada em loba. A crueza da raiva contra os meus pais. A ferocidade avassaladora da saudade de Sam. O toque de lábios na minha testa.

Antes que me desse conta, adormeci — ou melhor, acordei. Parecia que não havia se passado tempo algum, mas quando abri os olhos, eu estava de frente para a parede, com o edredom me cobrindo os ombros.

Em geral, quando eu acordava em algum outro lugar que não a minha cama — na casa da minha avó ou nas poucas vezes em que me hospedei em hotéis, quando era menor —, havia um momento de confusão enquanto meu corpo descobria por que a claridade era diferente e o travesseiro não era o meu. Mas abrir os olhos no quarto de Sam foi... apenas abrir os olhos. Como se meu corpo fosse incapaz de esquecer onde estava mesmo durante o sono.

Por isso, quando me virei para examinar o resto do cômodo e vi os pássaros dançando entre mim e o teto, não fiquei surpresa, mas encantada. Dezenas de pássaros de origami, de todo tipo, tamanho e cor, dançavam lentamente com a brisa que saía das grades do aquecedor: era vida em câmera lenta. A luz agora brilhante que entrava pela janela projetava as sombras dos pássaros dançantes por todo o quarto: no teto, nas paredes, sobre as pilhas e as prateleiras de livros, no edredom, no meu rosto. Era lindo.

Imaginei quanto tempo teria dormido. E também por onde andaria Sam. Ao esticar os braços acima da cabeça, percebi que dava para escutar o barulho monótono do chuveiro através da

porta aberta. Ouvi a voz abafada de Sam se impor sobre o som do chuveiro:

*Aqueles dias perfeitos de vidro
Na prateleira mantidos
Dançando sombras perfeitas, crescentes
Nos dias falhos da gente.*

ELE CANTOU O MESMO VERSO duas vezes, mudando *perfeitas, crescentes* para *mutantes, reluzentes* e, depois, para *mutantes, crescentes*. Sua voz ecoava úmida no banheiro.

Sorri, embora não houvesse ninguém para ver meu sorriso. A briga com meus pais parecia ter acontecido com uma Grace do passado. Chutando as cobertas, fiquei de pé, minha cabeça fazendo um dos pássaros entrar em órbita. Ergui a mão a fim de pará-lo e depois passei entre eles, examinando o material de que eram feitos. O que havia esbarrado na minha cabeça saía de uma página de jornal. Havia outro feito com a capa brilhosa de uma revista. Mais um, de um bonito papel estampado com flores e folhas elaboradas. Um pássaro pequenininho e meio torto consistia de duas notas de um dólar coladas com durex. Um boletim escolar de um curso por correspondência em Maryland. Tantas histórias e lembranças transformadas para serem seguramente eternizadas. Era bem típico de Sam pendurá-los acima da cama onde dormia.

Passei o dedo no que ficava diretamente acima do seu travesseiro. Era um pedaço amassado de um bloco de notas coberto com a caligrafia de Sam, ecoando a voz que eu acabara de ouvir. Uma das estrofes falava de *uma garota deitada na neve*.

Dei um suspiro. Havia, dentro de mim, uma sensação estranha de vazio. Não um vazio desagradável, e sim uma espécie de falta de sensação, como acontece depois que a gente sente dor durante um

bom tempo e, de repente, se dá conta de que a dor passou. A sensação de ter arriscado tudo para estar aqui com um rapaz e perceber, então, que ele era exatamente o que eu queria. De ser um quadro e, de repente, perceber que na verdade sou um quebra-cabeças, depois de encontrar a peça que supostamente se encaixa ao meu lado.

Sorri de novo, e os delicados pássaros dançaram à minha volta.

— Oi — disse Sam da porta do banheiro. Sua voz era cautelosa, incerta por não saber que lugar ele ocupava hoje, depois de tantos dias de separação. O cabelo estava arrepiado por causa do banho, e ele vestia uma camisa social que o deixava estranhamente formal, apesar da calça jeans amarfanhada. Minha mente gritou: *Sam, Sam, finalmente.*

— Oi — respondi, e não consegui conter um sorriso. Mordi o lábio, mas o sorriso continuou ali, crescendo ainda mais quando o rosto de Sam o devolveu para mim. Lá estava eu entre seus pássaros, o formato do meu corpo ainda impresso nos lençóis da cama, o sol me banhando e a ele também. As minhas preocupações da noite anterior pareciam incrivelmente insignificantes comparadas ao imenso brilho daquela manhã.

De repente me vi extasiada diante daquele rapaz incrível de pé à minha frente, e também com o fato de ele ser meu e eu, dele.

— Neste exato momento — disse ele, e vi que segurava a fatura da sessão no estúdio, dobrada para formar um pássaro com asas banhadas de sol —, é difícil imaginar que esteja chovendo em algum lugar do mundo.

CAPÍTULO 30

COLE

Eu não conseguia livrar minhas narinas do cheiro do sangue dele.

Sam já tinha ido embora quando cheguei. Não havia nenhum carro na entrada, e o interior da casa estava cheio de ecos e de vazio. Entrei à toda no banheiro do térreo — o tapetinho continuava embolado depois da luta entre Sam e mim na noite anterior — e abri a torneira de água quente na mais alta temperatura suportável. Depois, fiquei de pé na banheira e vi o sangue escorrer pelo ralo. Parecia negro à luz baça que a cortina do chuveiro filtrava. Esfregando as mãos e arranhando os braços, tentei apagar do meu corpo até o último vestígio do cervo, mas por mais que esfregasse a pele, continuava a sentir seu cheiro. E cada vez que isso acontecia, eu via o animal. Aquele olho escuro e conformado fixo em mim enquanto eu olhava fixamente para suas entranhas.

Então me lembrei de Victor me olhando, deitado no chão do abrigo, amargo, ao mesmo tempo Victor e lobo. Minha culpa.

Me ocorreu então que eu era o oposto do meu pai. Porque era muito, muito bom para destruir coisas.

Me inclinei e girei a torneira para o frio máximo. Por um breve momento, enquanto havia água quente suficiente para igualar a temperatura do meu corpo, me senti invisível. Depois, a água ficou gélida. Soltei palavrões e lutei contra o impulso de pular fora da banheira.

Imediatamente, minha pele se arrepiou. A reação foi tão rápida que chegou a doer, e deixei que a minha cabeça se inclinasse para trás. A água me desceu pelo pescoço.

Transforme-se, transforme-se agora.

Mas a água não estava fria o bastante para obrigar meu corpo a se transformar. Era fria o bastante apenas para me revirar as entranhas e me deixar enjoado. Usei o pé para fechar a torneira.

Por que eu continuava humano?

Não fazia sentido. Se virar lobo era algo científico e não mágico, o processo deveria obedecer a regras e à lógica. E o fato de que os lobos novatos se transformavam em temperaturas distintas e em momentos distintos... Não fazia sentido. Minha cabeça só pensava em Victor se transformando de lobo em gente, de gente em lobo, o lobo branco me observando silenciosamente, seguro em seu corpo lupino, enquanto a mim restava vagar pelos corredores da casa e aguardar a minha transformação. Peguei a toalha de rosto na pia e usei-a para me enxugar, enquanto remexia nos armários do térreo em busca de roupas. Encontrei um moletom azul-marinho com a palavra marinha e uma calça jeans que ficou meio folgada, mas que não me caiu pelas pernas. Durante todo o tempo em que procurei algo para vestir, minha cabeça zumbia, investigando possibilidades para uma lógica nova.

Talvez Beck estivesse errado sobre o frio e o calor causarem as transformações. Talvez não se tratasse, realmente, de causas.

Talvez o frio e o calor fossem apenas catalisadores, talvez existissem outras maneiras de desencadear a transformação.

Eu precisava de papel. Não conseguia pensar sem anotar meus pensamentos.

Peguei algumas folhas no escritório de Beck, juntamente com a sua agenda. Sentei-me à mesa da sala de jantar, caneta em mãos, a calefação soprando suavemente pelas grades do aquecedor e me deixando aconchegado e sonolento. Minha mente, na mesma hora, viajou para a mesa de jantar dos meus pais. Toda manhã, eu me sentava ali com o meu caderninho de ideias — sugestão do meu pai — e fazia meu dever de casa, escrevia letras de música ou comentava alguma coisa que havia visto no noticiário. Isso foi no passado, quando eu tinha certeza de que mudaria o mundo.

Pensei em Victor, de olhos fechados enquanto embarcava em outra viagem. O rosto da minha mãe quando eu lhe disse para ir para o inferno com meu pai. As inúmeras garotas que acordavam e descobriam ter dormido com um fantasma, porque eu já não estava mais lá — ainda que de corpo presente — depois de embarcar numa viagem promovida por uma garrafa ou uma seringa. A forma como Angie apertou o peito quando eu lhe contei que a traíra.

Ah, sem dúvida eu havia mudado o mundo.

Abri a agenda e folheeí suas páginas, sem sequer lê-las, apenas dando uma olhada, procurando pistas. Havia, aqui e acolá, peças soltas que talvez fossem úteis, mas que, sozinhas, não faziam sentido algum: *Achei um dos lobos morto hoje; olhei em seus olhos, mas para mim ele não era ninguém. Paul disse que ele havia parado de se transformar há 14 anos. O rosto estava ensanguentado. O fedor era terrível. Derek transformou-se em lobo durante duas horas em pleno verão; Ulrik e eu passamos a tarde toda tentando entender isso. E: Por que Sam possui um número muito menor de anos que o restante de nós? Ele é o melhor de todos. Por que a vida precisa ser tão injusta?*

Baixei o olhar para a minha mão. Ainda havia um pouquinho de sangue sob a unha do polegar. Não achei que o sangue ficasse na pele depois da transformação; ele mancharia meus pelos, não minha pele. Isso significava que o sangue devia ter entrado ali depois que me tornei humano. Naqueles minutos não cronometrados em que meu corpo humano me foi devolvido, mas antes de eu me tornar novamente Cole.

Descansei a cabeça na mesa. A madeira parecia gelada de encontro à minha pele. Aparentemente, era um esforço demasiado grande destrinchar a lógica do lobisomem. Ainda que eu conseguisse — ainda que eu descobrisse o que realmente ocasionava as transformações e para onde iam nossas mentes quando não acompanhavam os nossos corpos —, por que faria isso? Para me transformar em lobo para sempre? Todo esse trabalho apenas para preservar uma vida da qual eu não me lembraria? Preservar uma vida que não valia a pena preservar?

Eu sabia por experiência própria que havia meios mais fáceis para alguém se livrar do raciocínio consciente. Conhecia um, que até então a minha covardia excessiva me impedira de experimentar, cujo resultado seria permanente.

Eu contara a Angie uma vez. Muito antes que ela passasse a me odiar, creio eu. Eu brincava no teclado, de volta da minha primeira turnê, época em que o mundo todo se jogava a meus pés como se eu fosse ao mesmo tempo rei e conquistador, cheio de possibilidades. Angie ainda não sabia que eu a traíra durante a turnê. Ou talvez soubesse. Quando parei de tocar, com os dedos ainda sobre as notas, eu disse a ela:

— Ando pensando em me matar.

De onde estava, na velha espreguiçadeira que tínhamos na garagem, Angie não ergueu o olhar na minha direção.

— É, foi o que imaginei — disse ela. — E o que está achando da ideia?

— Definitivamente, tem lá suas vantagens — respondi. — Só consigo pensar em uma desvantagem.

Ela não disse nada durante um longo momento, e depois falou:

— Afinal, por que dizer uma coisa dessas? Você quer que eu te faça desistir? A única pessoa capaz disso é você mesmo. Você é o gênio. Sabe disso. O que significa que você só quer chocar.

— Chocar, uma ova! — discordei. — Eu realmente estava querendo um conselho, mas deixa pra lá.

— O que você acha que vou dizer? *“Você é meu namorado, vá em frente, se mate. É um ótimo jeito de escapar.”* Claro que eu diria isso.

Na minha cabeça, eu estava num hotel, deixando minha calça ser tirada por uma garota chamada Rochelle, que eu jamais veria novamente. Era algo automático, sem qualquer significado. Fechei os olhos e deixei o autodesprezo me seduzir suavemente com seu canto de sereia.

— Não sei, Angie, não sei. Eu não pensei, Ok? Só disse o que me passou pela cabeça.

Ela mordeu a articulação de um dedo e olhou para o chão por um instante.

— Certo. Pense nisto: redenção. Essa é a maior desvantagem que consigo imaginar. Você se mata, é o fim. É assim que será lembrado. Isso e o inferno. Você ainda acredita no inferno?

Eu perdera a minha cruz em algum ponto da estrada. A corrente se rompeu e ela agora provavelmente estava no banheiro de algum posto de gasolina, enrolada nos lençóis de um hotel ou cintilando como lembrança na mão de alguém com quem eu não pretendia deixá-la.

— Acredito — respondi, porque ainda acreditava no inferno. Sobre o céu é que eu já não tinha tanta certeza.

Não voltei ao assunto com ela. Afinal, ela tinha razão: a única pessoa capaz de me fazer ir em frente ou desistir era eu mesmo.

CAPÍTULO 31

GRACE

A cada minuto nos distanciávamos mais de Mercy Falls e de tudo o que havia lá.

Pegamos o carro de Sam porque era movido a diesel e consumia menos combustível, mas ele me deixou dirigir porque sabia que eu gostava. O aparelho de CD ainda continha um dos meus CDs de Mozart quando começamos a viagem, mas troquei para a estação de rock preferida de Sam, que piscou, surpreso. Tentei não parecer convencida demais por estar aprendendo a sua linguagem. Mais lentamente, talvez, do que ele estava aprendendo a minha, porém com rapidez suficiente para me deixar impressionada comigo mesma.

O dia estava bonito e ensolarado, os trechos baixos da estrada cobertos com uma bruma fina e pálida que começou a se dissipar assim que o sol se ergueu acima das árvores. Um cantor de voz melosa, acompanhado por um violão persuasivo, soltava a voz pelos alto-falantes. Ele me lembrou Sam. A meu lado, Sam

estendeu o braço por sobre o encosto do meu banco para beliscar carinhosamente uma das vértebras do meu pescoço, ao mesmo tempo em que cantarolava a letra da música numa voz que soava afetuosa e familiar. Apesar das minhas pernas levemente doloridas, foi difícil ignorar a sensação de que o mundo era absolutamente perfeito.

— Você já sabe o que vai cantar? — perguntei.

Sam encostou a bochecha no braço esticado e traçou círculos preguiçosos na parte de trás do meu pescoço.

— Não sei. Você me pegou de surpresa. E fiquei um pouco preocupado com o meu ostracismo dos últimos dias. Acho que vou cantar... alguma coisa. Pode ser um fiasco.

— Não acho. O que você estava cantando no chuveiro?

Ele não demonstrou timidez ao responder, o que era ao mesmo tempo incomum e encantador. Comecei a me dar conta de que a música representava a única pele na qual Sam se sentia realmente à vontade.

— Uma música nova. Talvez eu cante uma música nova. É... talvez.

Entrei na rodovia interestadual. Àquela hora do dia, a pista estava vazia e pertencia exclusivamente a nós.

— Uma cantiga de ninar?

— Uma cantiga de ninar. Mais para uma canção fetal. Acho que ainda não tem nem braços nem pernas. Epa, acho que estou confundindo bebês com girinos.

Lutei para me lembrar de que parte os bebês desenvolviam primeiro e fracassei redondamente em produzir uma resposta rápida. Por isso, falei apenas:

— Sobre mim?

— Todas são sobre você — respondeu Sam.

— Sem pressão.

— Não precisa se sentir pressionada. Basta flutuar pela vida sendo Grace, e eu é que tenho de correr para acompanhar suas mudanças de forma criativa e lírica. Você não é um alvo móvel, sabia?

Franzi a testa. Sempre pensei em mim mesma como frustrantemente imutável.

— Sei no que está pensando. Mas você está bem aqui, não é? — indagou Sam, usando a mão livre para apontar com o dedo o banco estofado do carro. — Você lutou para vir comigo, sem aceitar o castigo de uma semana. É nisso que discos inteiros se baseiam.

Ele não sabia da missa a metade. Eu estava tomada por uma emoção multicolorida, um misto de culpa, autopiedade, incerteza e nervosismo, e não sabia o que era pior: esconder dele que o castigo continuava em vigor e que havia dentro de mim uma doença que só crescia ou me abrir de vez. Sabia, porém, de uma coisa: que não seria capaz de fazer nada daquilo. Além disso, também não queria estragar aquele dia. O aniversário perfeito. Quem sabe à noite, quem sabe amanhã.

Eu era mais complexa do que imaginara. Continuava sem saber como serviria de material para um disco, embora me agradasse a ideia de ter, de fato, feito algo capaz de impressionar Sam, que me conhecia melhor que eu mesma. Mudei, ligeiramente, de assunto.

— Como vai se chamar o seu álbum?

— Bom, não vou gravar um álbum hoje. Vou fazer uma demo.

Dispensei com um gesto o esclarecimento.

— Quando você gravar um álbum, como vai ser o nome?

— Apenas Sam — respondeu Sam.

— Detesto álbuns assim.

— *Brinquedos quebrados*.

— Parece mais o nome de uma banda — comentei, balançando a cabeça.

Ele beliscou um pedacinho da minha pele com força suficiente para me fazer soltar um *ai*.

— *Perseguindo Grace*.

— Nada com o meu nome — falei, séria.

— Ora, você está dificultando demais. *Lembranças de papel*. Que tal?

Refleti.

— Por quê? Ah, os pássaros. Parece estranho eu nunca ter sabido dos pássaros no seu quarto.

— Eu não fiz nenhum depois de te conhecer — esclareceu Sam.
— O último é do verão retrasado. Todos os novos estão na loja ou no seu quarto. Aquele quarto é como um museu.

— Não é mais — falei, olhando para ele. Sam estava pálido e inercial à luz da manhã. Mudei de pista apenas por não ter o que fazer.

— Tem razão — admitiu ele. Afastando-se de mim e retirando a mão da parte de trás da minha cabeça, ele correu os dedos pela grade da calefação à sua frente. Que falta me haviam feito seus dedos. — Que tipo de sujeito seus pais esperam que você escolha como marido? Alguém melhor que eu?

Adotei uma expressão zombeteira.

— Que diferença faz o que eles pensam? — perguntei.

Percebi, tarde demais, o que ele havia dito, e àquela altura não soube o que retrucar. Não consegui concluir se ele pensava mesmo assim ou não. Sam nunca tinha me pedido, realmente, em casamento. Não era a mesma coisa. Eu não soube dizer como me senti.

Sam engoliu em seco e continuou abrindo e fechando a grade da calefação.

— Eu me pergunto o que teria acontecido se você não tivesse me conhecido. Se, depois de formada, arrumaria uma bolsa para se

transformar num gênio da matemática em qualquer que seja a instituição onde estudam os gênios. E acabasse conhecendo um supercérebro extremamente charmoso, bem-sucedido e divertido.

De todas as coisas que me deixavam intrigada em Sam, essa era sempre a mais intrigante: as mudanças de humor súbitas e demeritórias. Mas eu já ouvira muitas vezes meu pai tentando desmistificar os medos da mamãe, que não eram muito diferentes dos de Sam. Será que essa era uma das características das pessoas criativas?

— Não seja bobo — disse a ele. — Não saio por aí imaginando o que aconteceria se você tivesse resgatado outra garota da neve.

— Não? Sinto um certo alívio — disse Sam, aumentando a calefação e descansando os pulsos na grade. O sol que entrava pelo para-brisa já estava nos cozinhando, mas ele parecia um gato, jamais aquecido o suficiente. — É difícil me habituar à ideia de ser um garoto para sempre. Preciso de fato crescer. O que me faz pensar que devo arrumar outro emprego.

— Outro emprego? Em outro lugar que não na livraria?

— Não sei exatamente como funcionam as finanças da casa. Sei que há dinheiro depositado no banco e que ele rende. Sei também que de vez em quando entra dinheiro de algum fundo ou coisa assim, mas desconheço os detalhes. Não quero gastar o dinheiro todo, por isso...

— Por que você não fala com alguém do banco? Garanto que eles, depois de checarem a movimentação, vão poder dar uma orientação.

— Não quero falar com ninguém até ter certeza de que B...

Sam parou. Não fez apenas uma pausa, mas pôs um ponto. O tipo de ponto que é mais definitivo que um ponto final. Olhou, então, pela janela.

Levei um minuto para descobrir o que ele pretendia dizer. Beck. Sam não queria falar com ninguém sobre esse assunto até ter

certeza de que Beck não se transformaria mais. Seus dedos estavam brancos de tanto que ele os pressionava contra a grade da ventilação, e seus ombros denotavam uma enorme tensão.

— Sam — disse, encarando-o tanto quanto possível sem tirar os olhos da estrada. — Está tudo bem?

Sam pôs as mãos fechadas no colo, uma sobre a outra.

— Por que ele teve que arrumar esses lobos novos, Grace? — indagou finalmente. — Isso torna tudo muito mais difícil. A gente estava indo bem.

— Ele não tinha como saber o que aconteceu com você — retorqui, olhando de soslaio para Sam, que traçava com o dedo uma linha que ia da testa à ponta do nariz e voltava à testa. Busquei na estrada uma saída ou algum lugar onde parar o carro. — Ele achou que... — Não consegui terminar a frase da forma como pretendia: *fosse seu último ano*.

— Mas Cole... Não sei o que fazer com Cole — confessou Sam. — Sinto que existe algo nele que eu devia estar sacando e não estou. Se você visse os olhos dele, Grace, nossa, se você visse os olhos dele, saberia que tem algo muito errado ali, algo quebrado. E os outros dois... E Olívia... Eu quero que você vá para a faculdade e preciso... Alguém precisa... Não sei o que se espera de mim, mas parece demais. Não sei o tanto que Beck gostaria que eu fizesse e não sei o tanto que eu mesmo espero de mim. Estou tão...

Ele parou com um suspiro, e eu não soube como consolá-lo.

Percorremos uma boa distância em silêncio, com acordes breves de um violão ao fundo, enquanto listras brancas infindáveis se estendiam à frente. Os dedos de Sam pressionados contra o lábio superior demonstravam seu espanto com a admissão da própria incerteza.

— *Ainda acordando* — falei.

Ele me encarou.

— Seu disco. *Ainda acordando*.

Ele me lançou um olhar intenso. Talvez surpreso, por eu ter chegado tão perto.

— É precisamente isso que eu sinto. Precisamente. Cedo ou tarde acabo me habituando à ideia de que é de manhã e de que vou continuar sendo gente pelo resto do dia. Pelo resto de todos os dias da minha vida. Mas até lá, vou andar aos tropeços.

Olhei na sua direção e nossos olhares se cruzaram.

— Acontece com todo mundo. Todos um dia se dão conta de que não serão crianças para sempre, de que vão crescer. Você só está passando por esse momento um pouco mais tarde do que a maioria de nós. Vai acabar dando um jeito.

O lento sorriso de Sam foi triste, porém sincero.

— Você e Beck são feitos do mesmíssimo material — concluiu.

— Deve ser por isso que você ama a nós dois — observei.

Sam esticou o cinto de segurança como se fosse uma corda de violão e assentiu. Passados alguns momentos, disse, pensativo:

— *Ainda acordando*. Um dia, Grace, vou escrever uma música para você e vou dar a ela esse nome. E vou batizar o disco com o mesmo título.

— Porque sou sábia — disse.

— Isso — disse Sam.

Olhou, então, pela janela, o que me deixou satisfeita, porque tive tempo de remexer em meu bolso para pegar um lenço de papel sem que ele visse. Meu nariz começara a sangrar.

CAPÍTULO 32

ISABEL

A cada passo da minha corrida, minha respiração saía como uma torrente. Um passo para inspirar mais um pouco de ar frio. Outro para expirar. Um passo sem respirar.

Fazia tempo demais que eu não corria, e mais tempo ainda que eu não corria uma distância tão grande. Sempre gostei de correr porque aproveitava para pensar, bem longe de casa e dos meus pais. Mas depois da morte de Jack, eu não quis mais pensar.

Isso estava mudando, agora.

Daí eu ter voltado a correr, embora estivesse frio demais para ser agradável e eu me encontrasse fora de forma. Apesar do tênis novo e deslumbrante, minhas canelas estavam me matando.

Eu corria para Cole.

Mesmo que eu estivesse em ótima forma, a distância entre a minha casa e a de Beck seria grande demais para uma corrida, por isso estacionei a cinco quilômetros de lá, me alonguei sob a bruma transparente e dei a largada.

Cinco quilômetros me dariam tempo suficiente para mudar de ideia, mas ali estava eu, já vendo a casa e ainda correndo. Provavelmente minha aparência era terrível, mas e daí? Se a minha intenção era apenas conversar, a aparência não faria diferença, certo?

A entrada de carros estava vazia. Sam já havia saído. Não soube ao certo se a minha sensação foi de alívio ou de decepção. Isso significava, no mínimo, que era grande a probabilidade de encontrar a casa totalmente vazia, porque Cole devia estar em seu corpo de lobo.

Mais uma vez, não soube dizer se me sentia aliviada ou desapontada.

A alguns metros da casa, diminuí o passo, pressionando o ponto de dor na altura das costelas. Praticamente já recuperara o fôlego ao chegar à porta dos fundos. Experimentei a maçaneta, que girou. A porta se abriu.

Entrei na casa e relutei junto à porta. Já estava prestes a gritar “oi” quando me dei conta de que talvez Cole não fosse o único humano ali. Por isso fiquei no cantinho escuro ao lado da entrada, olhando para a área mais iluminada da cozinha e me lembrando de ter observado ali, naquela casa, meu irmão morrer.

Era fácil para Grace dizer que a culpa não foi minha. Palavras desse tipo não significavam coisa alguma.

Um barulho repentino e trovejante me fez dar um pulo. Fez-se uma longa pausa e, depois, mais ruídos de coisas caindo e batendo, seguidos por algum tipo de comoção em outra parte da casa. Era uma espécie de discussão sem vozes. Durante um bom tempo, fiquei ali parada, tentando resolver se devia ou não simplesmente voltar lá para fora e correr até o meu carro.

Você já ficou de braços cruzados uma vez nesta casa, pensei, pesarosa.

Por isso, avancei para o interior do aposento, passando pela cozinha. Hesitei no corredor, dando uma olhada na sala, sem entender direito o que via à minha frente. Eu via... *água*. Trilhas irregulares de água cintilavam em desenhos finos pelo chão, tão perfeitos que pareciam gelo.

Ergui os olhos para registrar o restante da sala. Destruição total. Um abajur estava caído sobre o sofá, a cúpula torta, e havia retratos espalhados por todo o chão. O tapete da cozinha fora atirado contra a lateral de uma das mesinhas, encharcado de um dos lados, e uma das cadeiras caíra de banda, como um transeunte chocado demais para ficar de pé. Entrei passo a passo na sala de estar, atenta a mais barulhos, mas a casa emudecera.

A destruição, de tão bizarra, só podia ter sido intencional — livros caídos de cabeça para baixo em poças d'água, as páginas arrancadas; latas amassadas de comida encostadas na parede; uma garrafa vazia de vinho fincada ao contrário num vaso de plantas; a pintura arrancada das paredes.

Então voltei a ouvir os sons de passos pesados e encontrões, e, antes que eu pudesse reagir, um lobo se aproximou cambaleando pelo corredor, chocando-se contra a parede à medida que andava. Comecei a entender como a sala ficara em tal estado.

— Caram... — exclamei, recuando para a cozinha. Não parecia, porém, que o lobo estivesse interessado em atacar. Escorria água de seu corpo durante aquele passeio errático pelo corredor. O animal aparentava ser estranhamente pequeno naquele contexto, com o pelo marrom acinzentado empapado e grudado no corpo, não metendo mais medo que um cachorro. O lobo se afastou alguns metros e depois me encarou com olhos verdes e insolentes.

— Cole — exclamei bem baixinho, com o coração na boca. — Seu louco.

Para minha surpresa, ele estremeceu ao ouvir minha voz, lembrando-me de que era apenas um lobo e de que seus instintos deviam estar lhe avisando que minha presença barrava sua saída.

Recuei, mas antes que pudesse decidir se devia tentar abrir a porta para facilitar sua fuga, Cole começou a se contorcer. Quando estava apenas a alguns metros de mim, entrou em convulsão, torcendo-se e vomitando. Dei alguns passos para trás, a fim de poupar meus belos tênis novos, e cruzei os braços para observar sua transformação.

Cole deixou mais algumas marcas de garra na parede — Sam iria *adorar* isso — quando teve uma espécie de convulsão. Então seu corpo fez mágica. A pele se encheu de bolhas e esticou, e vi sua comprida boca de lobo se abrir de dor. Ele rolou no chão, resfolegando.

Recém-transformado em humano, ficou deitado no chão como uma baleia que o mar joga na areia, os braços exibindo lembranças róseas de feridas. Abriu então os olhos e me encarou.

Meu estômago deu um salto. Cole recuperara seu rosto, mas os olhos tinham uma expressão selvagem, perdidos em seus pensamentos lupinos. Por fim, ele piscou e suas sobrancelhas adotaram, por conta própria, um arqueado que me fez perceber que eu estava sendo realmente vista agora.

— Um truque e tanto, não? — disse ele numa voz meio rouca.

— Já vi melhores — respondi com frieza. — O que está fazendo?

Cole não se mexeu, salvo pelo movimento de abrir as mãos e esticar os dedos.

— Experiências científicas. Me usando como cobaia. Existe um histórico grande e respeitável disso.

— Você está bêbado?

— É bem possível — admitiu Cole, com um sorriso indolente. — Não sei ao certo se a transformação metaboliza parte do álcool do

sangue. Mas não me sinto muito mal. Por que você está aqui?

Apertei os lábios.

— Não estou. Quer dizer, já vou embora.

Cole esticou os braços na minha direção.

— Não vá.

— Ah, claro, porque isto aqui parece superdivertido — falei.

— Me ajude a entender — disse ele. — Me ajude a descobrir como permanecer lobo.

Na minha cabeça, eu estava sentada no pé da cama do meu irmão, aquele que arriscara tudo para permanecer humano. E observava enquanto ele perdia a sensibilidade dos dedos dos pés e das mãos e gemia com a dor do próprio cérebro explodindo. Não tive palavras para descrever meu horror diante de Cole naquele instante.

— Descubra sozinho — respondi.

— Não posso — disse ele, ainda deitado de costas, me olhando de baixo para cima. — Posso apenas forçar a minha transformação, mas não consigo torná-la duradoura. O frio é um detonador, mas a adrenalina também é, acho. Tentei um banho gelado, mas não funcionou até eu me cortar, também para produzir adrenalina. Mas não dura. Eu sempre me transformo de volta.

— Sam vai ficar danado quando vir o que você fez com esta casa — disse eu, me virando para sair.

— Isabel, por favor.

A voz de Cole me seguiu, ainda que seu corpo não tenha se mexido.

— Se eu não conseguir ser um lobo, vou me matar.

Parei, mas não me virei.

— Não estou tentando manipular você, viu? É a verdade. — Ele hesitou. — Preciso escapar de algum jeito, é uma coisa ou outra. Não posso... Preciso descobrir como, Isabel. Você sabe mais sobre os lobos. Por favor, me ajude.

Virei-me para ele, que continuava deitado no chão, com uma das mãos no peito e a outra estendida na minha direção.

— O que você está me pedindo é para ajudá-lo a se matar. Não finja que é outra coisa. O que significa, afinal, ser um lobo para sempre?

Cole fechou os olhos:

— Então me ajude a fazer isso.

Soltei uma gargalhada. Ouvi a crueldade em meu riso, mas não a amenizei.

— Vou lhe dizer uma coisa, Cole. Fiquei aqui nesta casa, nesta mesmíssima casa — disse eu, apontando para o chão à medida que seus olhos se arregalavam —, *naquele* quarto, e vi meu irmão morrer. Não fiz nada. Você sabe como ele morreu? Ele havia sido mordido e estava tentando impedir a própria transformação em lobisomem. Consegui injetar nele meningite bacteriana, que provocou uma febre absurda e, basicamente, fundiu seus miolos, destruiu seus dedos e, finalmente, causou sua morte. Não o levei para o hospital porque sabia que ele preferia morrer a ser um lobisomem. E, no fim, ele realizou esse desejo.

Cole ficou me olhando com o mesmo olhar morto que me lançara antes. Eu esperava uma reação sua, mas ela não veio. Seus olhos estavam baços. Vazios.

— Só estou lhe contando isso para que você saiba que desde então já tentei escapar cem mil vezes. Pensei em beber, algo que funciona para a minha mãe; pensei em drogas, que também funciona para a minha mãe; e pensei em pegar uma das armas do meu pai, que tem milhões delas, encostar na minha cabeça e estourar os miolos. Sabe o que é mais triste? Não é o tamanho da saudade que sinto de Jack, não é isso, mas a maldita culpa que sinto quanto à maneira como o matei. *Eu* o matei. E tem dias em

que não consigo conviver com isso. Mas convivo, porque a vida é assim, Cole. Dói. É preciso superar, na medida do possível.

— Não quero — disse ele, simplesmente.

Era como se ele sempre despejasse honestidade sobre mim quando eu menos esperava. Sabia que eu estava me solidarizando com ele, mesmo sem querer, mas não dava para evitar, assim como antes não consegui evitar beijá-lo. Cruzei os braços outra vez. Senti que ele estava tentando extorquir de mim uma confissão. E eu não sabia se havia mais a confessar.

COLE

Eu estava ali deitado, em frangalhos, no chão. Logo hoje, quando eu estivera decidido a ter coragem e acabar de vez com tudo.

Mas não foi assim. Porque, sei lá como, contemplando o rosto dela enquanto a ouvia falar do irmão, simplesmente não senti mais aquela urgência. Era como se eu fosse um balão de ar enchendo, enchendo, esperando para estourar, e ela chegasse antes e estourasse a si mesma. De algum jeito, aquilo fez escapar o ar de nós dois.

Parecia que todos naquela casa tinham motivo para fugir, e que só eu estava tentando. Eu estava extremamente cansado.

— Não percebi que você era humana de verdade — falei. — Com emoções, sabe?

— Infelizmente.

Olhei para o teto. Não sabia como continuar.

Ela disse:

— Você sabe o que *eu* não quero mais fazer? Ficar olhando para você aí deitado, nu. — Voltei o olhar para ela. — Parece que você jamais usa roupa. Está sempre nu quando nos encontramos. Será que está mesmo preso a um corpo humano? — acrescentou.

Assenti. O som do meu crânio roçando o assoalho foi como um grito na minha cabeça.

— Ótimo, quer dizer que não vai me envergonhar quando sairmos. Vista-se e vamos tomar um café.

Lancei um olhar que nitidamente dizia: *Ah, claro, isso vai ajudar muito*. Ela deu seu sorrisinho ardiloso e cruel, e retorquiu:

— Se você ainda estiver com vontade de se matar depois da cafeína, vai ter tempo à beça para isso.

— *Ahhh* — grunhi, me pondo de pé. Fiquei desconcertado ao olhar daquela perspectiva para o corredor e para a sala que eu destruía. Eu não esperava voltar a fazer isso. Minha coluna doía depois de tantas transformações sucessivas. — É melhor que seja um café pra lá de bom.

— Não é nenhuma maravilha — admitiu Isabel. Seu olhar era estranho, agora que me via de pé: alívio? — Mas para esse fim de mundo, é melhor que o esperado. Vista uma roupa confortável. Vamos ter que andar cinco quilômetros até o meu carro.

CAPÍTULO 33

SAM

O estúdio não impressionava por fora. Era um rancho atarracado e de aparência desgastada, em cuja entrada havia uma minivan de aparência também desgastada estacionada. Um labrador imóvel escarrapachado na parte desocupada da entrada obrigou Grace a estacionar do lado de fora. Ela deu uma espiada no ângulo inclinado da rua e puxou o freio de mão.

— Aquele cachorro está morto? — perguntou. — Você acha que estamos no lugar certo?

Apontei para os adesivos no paralamas da minivan, todos de bandas independentes populares em Duluth: Finding the Monkey, The Wentz, Alien LifeForms. Eu nunca ouvira nenhuma delas — eram todas pequenas demais para terem suas músicas tocadas nas rádios —, mas seus nomes frequentavam os anúncios locais com regularidade suficiente para que eu os reconhecesse.

— Acho que sim.

— Se formos sequestrados por hippies esdrúxulos, a culpa é sua — disse ela, abrindo a porta do seu lado. Um gelado bafo de ar matutino penetrou no carro, juntamente com os cheiros urbanos: escapamento de motores, asfalto e o odor indefinível de um monte de gente morando em um monte de prédios.

— Foi você quem escolheu o lugar.

Grace fez um careta de desdém para mim e desceu do carro. Por um instante, pareceu meio instável sobre as pernas, mas recuperou-se rápido, nitidamente sem querer que eu notasse.

— Você está bem? — perguntei.

— Não podia estar melhor — respondeu ela, abrindo o portamalas.

Quando me abaixei para pegar o estojo do violão, senti um aperto no estômago — nervosismo — que me surpreendeu. Não era por estar ali, mas por ter demorado tanto a chegar. Agarrei a alça do estojo e torci para não esquecer o que sabia.

Caminhamos até a porta principal. O cachorro nem levantou a cabeça.

— Acho que está morto — comentou Grace.

— Vai ver é um desses troços sob os quais se escondem chaves — sugeri.

Grace enganchou os dedos no bolso da minha calça jeans. Eu já ia bater à porta quando vi uma minúscula placa de madeira contendo letras indeléveis: ENTRADA DO ESTÚDIO PELOS FUNDOS.

Então demos a volta no rancho, onde os degraus de concreto rachado eram largos o bastante para acomodar nossos pés, e chegamos a um porão aparente e a uma outra placa: ANARQUIA ESTÚDIOS, INC. entrada. Debaixo da placa havia um vaso com alguns amores-perfeitos expostos prematuramente ao ar livre e destruídos pelo gelo.

Virei-me para Grace:

— Anarquia Estúdios. Que ironia.

Grace me lançou um olhar fulminante e bateu à porta. Enxuguei a mão repentinamente suada na calça.

A porta se abriu, revelando mais um labrador, esse vivinho da silva, e uma moça de uns vinte e poucos anos com uma faixa vermelha em volta da cabeça. Tão interessante era a sua falta de beleza que conseguia superar a feiúra e chegar ao outro extremo, quase tão louvável quanto a beleza: um nariz adunco e enorme, olhos castanhos escuros e sonolentos e maçãs do rosto protuberantes. O cabelo preto puxado para trás estava preso em tranças entrelaçadas que se juntavam no alto da cabeça, como uma Princesa Lea mediterrânea.

— Sam e Grace? Vamos entrar.

A voz, de fumante, era fantástica e complicada, embora o odor vindo lá de dentro fosse de café e não de cigarro. Grace, repentinamente animada, entrou no estúdio, seguindo o aroma da cafeína como um rato atrás de queijo.

Uma vez fechada a porta, não se tratava mais do porão de um rancho caindo aos pedaços, mas de um módulo espacial de fuga de algum outro universo. Diante de nós havia uma parede com painéis de mixagem e monitores de computador. O cômodo todo estava escuro e silencioso, graças a um revestimento à prova de som. Uma iluminação embutida iluminava os teclados e um sofá preto chique. Uma das paredes era de vidro e dava para uma sala escura à prova de som equipada com um piano vertical e uma série de microfones.

— Meu nome é Dmitra — disse a moça das tranças, estendendo a mão direita para ser apertada. Olhou para mim sem piscar, enquanto eu erguia o olhar do seu nariz para os olhos. Dessa forma, selamos um pacto tácito: ela não olharia para os meus olhos amarelos e eu não olharia para o seu nariz.

— Você é Sam ou Grace?

Sorri para a abordagem ostensiva e apertei-lhe a mão.

— Sam Roth. Prazer.

Dmitra apertou a mão de Grace, que fazia amizade com o labrador, e disse:

— O que faremos hoje, crianças?

Grace olhou para mim e eu respondi:

— Uma fita demo, acho.

— Você acha? Que tipo de instrumentação temos em mente?

Levantei o estojo do violão alguns centímetros.

— Beleza — disse ela. — Você já fez isso antes?

— Não.

— Virgem. Às vezes é o ideal — comentou Dmitra.

Ela me lembrou um pouco Beck. Embora sorrisse e brincasse, dava para dizer que ela observava, julgava e decidia o que pensar sobre Grace e mim. Beck fazia o mesmo. Passava a impressão de intimidade enquanto, na verdade, decidia se alguém valia ou não o tempo investido.

— Entrem ali, então — prosseguiu ela. — Que tal um café antes de começar?

Grace partiu direto para a quitinete indicada por Dmitra. Enquanto isso, ela me perguntou:

— Que tipo de música você costuma ouvir?

Pousei o estojo no sofá e tirei dele o violão. Tentei não parecer pretensioso demais.

— Um bocado de rock independente: The Shins, Elliott Smith, José González, Damien Rice, Gutter Twins e coisas do gênero.

— Elliott Smith — repetiu Dmitra, como se eu só tivesse dito isso. — Entendi.

Grace reapareceu segurando uma caneca feiosa com um cervo pintado, enquanto Dmitra fazia algo no computador que tanto podia como não podia ser útil como ela tentava aparentar. Finalmente, ela me levou para a outra sala e me entregou uma

plateia de microfones — um para a voz, outro para o violão, ambos me encarando atentamente —, bem como um par de fones de ouvido.

— Para eu me comunicar com você — disse, voltando para a outra sala. Grace ficou, afagando a cabeça do labrador a seu lado.

Meus dedos pareciam enferrujados e impróprios para a tarefa que os aguardava. O cheiro dos fones de ouvido sugeriam que eles já haviam sido usados por um número demasiado grande de cabeças. Do meu lugar, empoleirado na cadeira, olhei melancólico para Grace, linda e doentia sob a estranha iluminação embutida, parecendo uma modelo de revista com expressão distante. Percebi que não lhe perguntara se estava se sentindo bem ou se continuava doente. Lembrei que ela havia se desequilibrado ao descer do carro e feito questão de disfarçar o fato. Engoli em seco, a garganta parecendo um papel. Em vez disso, perguntei:

— A gente pode ter um cachorro?

— Pode — concordou ela, magnânima. — Mas não vou passear com ele de manhã, porque gosto de dormir.

— Não durmo nunca — falei. — Eu passeio.

Dei um pulo ao ouvir a voz de Dmitra no fone de ouvido.

— Dá para você cantar e tocar um pouquinho para eu ajustar os níveis?

Grace se inclinou e beijou o alto da minha cabeça com cuidado para não derramar café no meu colo.

— Boa sorte.

Eu meio que queria que ela ficasse comigo, para me recordar por que estávamos ali. Ao mesmo tempo, porém, não seria a mesma coisa cantar a minha saudade dela olhando para o seu rosto. Por isso, deixei que saísse.

GRACE

Assumi meu lugar no sofá e tentei fingir que Dmitra não me intimidava. Ela não trocou amenidades comigo enquanto mexia no painel de mixagem, e como eu não sabia se falar a atrapalhava, fiquei apenas sentada, quieta, observando-a trabalhar.

Para ser franca, agradei pela interrupção da conversa, pela oportunidade de ficar calada. Minha cabeça começava a dar sinais daquele latejar lento de antes, e aquele calor estranho voltava a se espalhar por todo o meu corpo. Falar com dor de cabeça me dava dor de dente. A sensação da dor surda se refletia na garganta e nas narinas. Tentei assoar o nariz, mas estava seco.

Segura a barra por hoje, exige de mim mesma. Hoje o dia é dele.

Eu não estragaria o dia de Sam. Por isso, sentada no sofá, me esforcei para ignorar meu corpo e ouvir.

Sam virara as costas de tal forma que não dava para ver seu rosto durante a afinação. Seus ombros pareciam aninhar o instrumento.

— Cante para mim agora — pediu Dmitra, e Sam virou a cabeça ao ouvir a voz dela nos fones. Atacou uma música de acordes rápidos que eu jamais ouvira e começou a cantar. Na primeira das notas, sua voz vacilou, sinal de nervosismo, mas depois se estabilizou, intensa e franca. A canção era um de seus nostálgicos lamentos sobre perdas e despedidas — no início achei que a inspiração fosse Beck, ou até mesmo eu, mas depois percebi que se tratava de Sam.

*Mil formas de se afastar
Mil formas de lamentar
Mil formas de preparar sua partida
Digo adeus adeus adeus
Grito alto a me despedir
Pois talvez não saiba mais falar
quando a voz eu voltar a sentir*

Ouvir aquela voz através de alto-falantes, e não vinda da boca de Sam, tornava tudo diferente, como se eu jamais a tivesse escutado. Pela mesma razão, eu só sentia vontade de sorrir sem parar. Parecia errado ter tamanho orgulho de algo que de forma alguma era meu mérito, mas não pude me controlar. Diante do painel de mixagem, Dmitra estava imóvel, os dedos pousados nos deslizadores de equalização. Com a cabeça inclinada, ela ouvia.

— É provável que a gente faça algo muito bom aqui hoje — disse ela, sem se voltar para me encarar.

Eu apenas continuei a sorrir, porque nunca havia duvidado disso.

CAPÍTULO 34

ISABEL

Às três horas da tarde, a lanchonete Kenny era toda nossa. Ainda pairava no ar o cheiro das opções gordurosas do café da manhã: bacon barato, bolinhos de batata solados e um leve odor de cigarro, apesar de não haver área de fumantes.

Cole estava jogado no sofá diante de mim, as pernas compridas volta e meia atingidas pelos meus pés. Ele não parecia mais à vontade naquela lanchonete brega do que eu. Dava a impressão de ser a criação de um designer competente e sofisticado — as feições peculiares eram rudes e decididas, com arestas suficientes para ferir alguém. A cabine em que estávamos ficou, de repente, desbotada à sua volta. Por comparação, era antiquada e provinciana de maneira quase cômica, como se alguém o tivesse despejado ali para uma sessão de fotos estapafúrdias. Eu estava meio fascinada pelas mãos dele — mãos másculas, cheias de ângulos agudos e veias proeminentes nas costas. Observei a

destreza dos dedos se movendo para executar tarefas banais, como adoçar o café.

— Você é músico? — indaguei.

Cole me olhou por baixo das sobrancelhas. Alguma coisa naquela pergunta o incomodou, mas ele era um mestre na arte do disfarce.

— Sou — respondeu.

— E toca o quê?

Ele fez a cara que os músicos de verdade fazem ao ouvirem a mesma pergunta.

— Um pouco de tudo. Teclados, acho — respondeu ele como se não fosse grande coisa.

— Na minha casa tem um piano — observei.

Cole olhou para as próprias mãos.

— Na verdade, não toco mais — acrescentou ele, calando-se em seguida. O silêncio, daqueles pesados, crescentes e venenosos, ficou na mesa entre nós.

Fiz uma careta que ele não viu porque não se deu ao trabalho de erguer os olhos. Eu não era boa em conversas de salão. Pensei em ligar para Grace para perguntar o que dizer a um lobisomem suicida reticente, mas tinha esquecido o celular em algum lugar. No carro, provavelmente.

— Está olhando o quê, afinal? — perguntei, sem esperar resposta.

Para minha surpresa, Cole esticou uma das mãos na minha direção, abrindo os dedos de forma a deixar o polegar mais próximo. Em seguida, contemplou-o com uma expressão de encantamento e repulsa. Sua voz ecoou sua expressão.

— Hoje de manhã, quando voltei a ser eu, vi um cervo morto. Aliás, não propriamente morto. Estava olhando para mim. — *Agora* era ele que me observava, checando a minha reação. — Mas não consegui me levantar, porque antes de me transformar, eu havia

aberto a barriga dele. E acho... Bem, eu acho que comecei a comê-lo vivo. E acho que continuei depois, porque as minhas mãos... As minhas mãos estavam sujas de sangue.

Ele baixou os olhos para o dedão, e então vi que havia um pequeno sulco marrom sob a unha. A extremidade do dedo tremeu, de maneira tão leve que quase não vi. Ele acrescentou:

— Não consigo limpar.

Pousei minha mão na mesa, com a palma para cima. Ao ver que ele não entendera o que eu queria, estiquei um pouco o braço e peguei os dedos dele. Com a outra mão, tirei a tesourinha de unha da bolsa. Abri a lâmina e a passei debaixo da unha, raspando aquele pedacinho marrom.

Soprei a sujeira que caiu na mesa, guardei a tesourinha na bolsa e devolvi a Cole sua mão.

Ele a deixou onde estava, entre nós dois, a palma para baixo e os dedos abertos e apertados contra o tampo da mesa, como se fossem um animal pronto para a fuga.

— Acho que seu irmão não foi culpa sua — disse Cole.

Revirei os olhos.

— Obrigada, Grace.

— Hã?

— Grace, a namorada de Sam. Ela diz a mesma coisa. Mas não estava lá. De qualquer maneira, o cara que ela tentou salvar desse jeito sobreviveu. Ela pode se dar o luxo de ser generosa. Por que estamos falando disso?

— Porque você me obrigou a andar cinco quilômetros para tomar uma xícara de café velho. Me diga o porquê da meningite.

— Porque meningite dá febre. — O olhar sem expressão dele me disse que eu escolhera um mau começo. — Grace foi mordida quando criança. Porém, nunca se transformou, porque o idiota do pai dela a deixou trancada no carro num dia de verão e ela quase

fritou. Concluímos que talvez fosse possível reproduzir esse efeito com uma febre alta, e o melhor que nos ocorreu foi meningite.

— Com uma taxa de sobrevivência de 35% — acrescentou Cole.

— De 10% a 30% — corrigi. — E eu já lhe contei que isso curou Sam. Mas matou Jack.

— Jack era seu irmão?

— Era.

— E você deu a injeção nele?

— Não, foi a Grace, mas eu consegui o sangue contaminado.

Cole deu sinais de impaciência.

— Não preciso nem dizer a você, então, por que sua culpa é autocondescendente.

Uma das minhas sobrancelhas se ergueu de um salto:

— Eu não...

— *Shhh* — fez ele, levando a mão esticada de volta à caneca de café. Encarou, então, os vidrinhos de sal e pimenta:

— Estou pensando. Quer dizer que Sam nunca mais se transformou?

— Não. A febre cozinhou o lobo dentro dele, algo assim.

Cole balançou a cabeça sem erguer os olhos.

— Isso não faz sentido. Não deveria ter funcionado. Seria o mesmo que dizer que no frio se treme e no calor se transpira, e que para parar de tremer pelo resto da vida basta entrar no forno de pizza durante alguns minutos.

— Bom, não sei o que dizer. Este supostamente seria o último ano de Sam, e ele já devia ser um lobo a esta altura. A febre funcionou.

Cole franziu a testa.

— Eu não diria que a febre funcionou, mas que alguma coisa na meningite fez com que ele parasse de se transformar. E diria também que alguma coisa que tem a ver com ficar trancado num

carro fez com que Grace não se transformasse. Isso pode ser verdade. Mas dizer que foi a febre... Não dá para provar.

— Olha só para você, dr. Ciência.

— Meu pai...

— O cientista maluco — intervim.

— É, o cientista maluco. Ele costumava contar uma piada aos alunos. Sobre um sapo. Acho que era um sapo. Talvez fosse um gafanhoto. Suponhamos que seja um sapo. Um cientista tem um sapo e diz: “Pula, sapo.” O sapo pula três metros. O cientista escreve *sapos pulam três metros*. Aí o cientista corta uma das pernas do sapo e diz: “Pula, sapo.” Então o sapo pula um metro e meio. O cientista escreve *Cortada uma perna, um sapo pula um metro e meio*. Então, ele corta mais uma perna e diz “Pula”, e o sapo pula 60 centímetros. O cientista escreve: *Cortadas duas pernas, um sapo pula 60 centímetros*. Então ele corta todas as pernas do sapo e diz “Pula”, e o sapo não se mexe. O cientista anota a conclusão do teste: *Cortar todas as pernas de um sapo produz surdez no mesmo*. — Ele olhou para mim e perguntou: — Sacou?

Fiquei indignada.

— Não sou uma completa idiota. Você acha que tiramos a conclusão errada. Mas funcionou. Que diferença faz?

— Para Sam, acho que nenhuma, já que funcionou — disse Cole.

— Mas acho que Beck estava errado. Ele me falou que o frio nos transformava em lobos e o calor, em humanos. Porém, se fosse verdade, os lobos novatos como eu não seriam instáveis. Não é possível estabelecer regras e depois dizer que elas não contam porque seu corpo ainda não as conhece. A ciência não funciona assim.

— Então você acha que a situação é mais parecida com aquela do sapo?

— Não sei — respondeu ele. — Era nisso que eu estava pensando quando você apareceu. Estava tentando ver se era capaz de provocar a transformação de uma outra maneira que não fosse pelo frio.

— Com adrenalina. E burrice.

— Exatamente. É o que estou pensando, e talvez não seja assim. Acho que não é propriamente o frio que desencadeia a transformação. Acho que é a maneira como o cérebro reage ao frio que induz o corpo a se transformar. Duas coisas bem diferentes. Uma é a temperatura real; a outra, a temperatura medida pelo seu cérebro. — Os dedos de Cole começaram a se dirigir para o guardanapo, mas pararam. — Acho que penso melhor com papel.

— Não tenho papel, mas... — disse eu, entregando-lhe uma caneta que tirei da bolsa.

Seu rosto mudou por completo.

Ele se inclinou sobre o guardanapo e desenhou um pequeno fluxograma.

— Olhe... O frio baixa a sua temperatura e manda seu hipotálamo mantê-la aquecida. É por isso que você treme. O hipotálamo faz outras coisas bem divertidas também... Como dizer para sermos ou não uma pessoa matutina, mandar o nosso corpo fabricar adrenalina e determinar o nosso peso...

— Não é verdade — atalhei. — Você está inventando essa história.

— Não estou, não — disse Cole com uma expressão grave. — Isso era papo de mesa de jantar quando eu era garoto — afirmou, acrescentando mais um quadro ao fluxograma do guardanapo. — Vamos fingir que aqui existe um outro quadro com coisas que o frio manda o hipotálamo fazer.

Ele escreveu *tornar-se lobo* no novo quadro que desenhou. Um pedacinho do guardanapo se rasgou nesse processo.

Virei ao contrário o guardanapo de modo que a caligrafia — letras arestadas, erráticas, trepando umas sobre as outras — ficasse de cabeça para cima.

— E onde a meningite entra nisso? — indaguei.

— Não sei, mas talvez explique por que estou humano neste momento — respondeu ele, balançando a cabeça.

Sem desvirar o guardanapo, Cole escreveu em grandes letras maiúsculas atravessadas sobre o quadro do hipotálamo: META.

Olhei para ele.

Ele não desviou o olhar. Seus olhos estavam muito, muito, verdes à luz da tarde.

— Você já ouviu dizer que as drogas dão um nó no cérebro? Bom, acho que é verdade.

Continuei a olhá-lo e vi que, obviamente, ele esperava que eu fizesse algum comentário sobre seu passado de drogado.

Em vez disso, falei:

— Me fale do seu pai.

COLE

Não sei por que contei a ela sobre meu pai. Aquela não era exatamente a plateia mais receptiva. Por outro lado, talvez tenha sido por isso que lhe contei.

Omiti a primeira parte: era uma vez, antes de ser um lobo novato amarrado na traseira de um Tahoe, antes do Club Josephine, antes da NARKOTIKA, um menino chamado Cole St. Clair, que podia fazer qualquer coisa. E o peso dessa possibilidade, de tão insuportável, acabou por esmagá-lo antes que tivesse a oportunidade de praticá-la.

Em vez disso, contei:

— Era uma vez um menino, eu, filho de um cientista louco, uma lenda, que havia sido uma criança-prodígio, passou a gênio

adolescente e, então, a semideus da ciência. Seu ramo era a genética. Ele tornava os bebês mais bonitos.

Isabel não disse *Não há nada de mau nisso*, apenas franziu a testa.

— Até aí tudo bem — prossegui.

Era verdade. Eu me lembrei de fotos minhas em seu cangote enquanto as ondas do mar lhe molhavam os tornozelos. Me lembrei dos jogos de palavras que fazíamos no carro. Me lembrei de peças de xadrez, das pilhas de peões ao lado do tabuleiro.

— Ele viajava um bocado, mas eu não ligava para isso. Tudo era maravilhoso quando meu pai estava em casa, e meus irmãos e eu tivemos uma ótima infância. Tudo era maravilhoso até começarmos a crescer.

Tive dificuldade para me lembrar da primeira vez em que a minha mãe dissera aquilo, mas tenho certeza de que foi nesse momento que tudo começou a desmoronar.

— Não faça suspense — disse Isabel com sarcasmo. — O que ele fez?

— Ele não — respondi. — Eu. O que *eu* fiz.

O que eu havia feito? Devo ter feito algum comentário inteligente sobre algo no jornal, me saído suficientemente bem na escola para pular um ano, resolvido algum quebra-cabeça que eles não imaginaram que eu fosse capaz de resolver. Um dia, mamãe disse pela primeira vez, com um meio sorriso sem graça em seu rosto que sempre parecia cansado — talvez por ser casada com um gênio durante tanto tempo:

— Adivinhe a quem ele puxou?

Foi o começo do fim.

Dei de ombros.

— Saí da escola onde estudava com meu irmão. Meu pai queria que eu fosse para o laboratório com ele. Queria que eu tivesse aulas na faculdade. Queria que eu fosse ele.

Parei, pensando em todas as vezes em que o desapontei. O silêncio era sempre, *sempre*, pior que os gritos.

— Eu não era ele. Meu pai era um gênio, eu não sou.

— Grande coisa.

— Para mim, não. Mas para ele era. Ele queria saber por que eu nem tentava. Por que eu estava correndo na direção oposta.

— Que direção era essa? — perguntou Isabel.

Encarei-a, calado.

— Não me olhe desse jeito. Não estou tentando descobrir quem você é. Não me interessa. Só quero saber por que você é do jeito que é.

Justo então, a ponta da mesa balançou, e ergui o olhar para o rosto brilhante e cheio de espinhas de três meninas pré-adolescentes, três pares de olhos amendoados ostentando a mesma expressão animada. Os rostos não me eram familiares, mas suas posturas, sim. Imediatamente antecipei, com uma certeza sinistra, o que elas iriam dizer.

Isabel olhou para as três.

— Oi, se vocês são escoteiras e estão vendendo doces, podem desistir. Na verdade, podem desistir independente do que seja.

A pré-adolescente líder, que usava brincos de argolas — tornozeleiras, como chamava Victor —, enfiou um caderninho rosa debaixo do meu nariz.

— Eu *não acredito*. Eu *sabia* que você não tinha morrido. Eu sabia! Pode me dar um autógrafo? Por favor!

As outras duas exclamaram *caramba* baixinho.

Acho que o que eu devia estar sentindo era medo de ser reconhecido. Porém, tudo o que pude pensar olhando as garotas foi que, embora agonizasse num quarto de hotel para compor aquelas canções duras, intensas, a base do meu fã-clubes se resumia a três

garotas de dez anos de voz esganiçada vestindo camisetas do *High School Musical*. Era NARKOTIKA para crianças.

Olhei bem para elas e disse:

— Como?

Os três rostos se entristeceram um pouco, mas a garota com os brincos de argola não recolheu o caderninho.

— Por favor — disse ela. — Pode autografar para mim? Não vou mais incomodar, juro. Morri quando ouvi “Break my Face”. É o toque do meu celular. Amo de paixão. É, tipo, a melhor música de todos os tempos. E botei minha assinatura na lista de todos que acreditam que você ainda está vivo. Meu Deus, nem acredito. Você está *vivo*.

Uma das garotas estava efetivamente chorando, transbordando de emoção ao ter a sorte de me encontrar com o coração ainda batendo.

— Ah, entendi — disse eu, me aprontando para mentir com a maior tranquilidade. — Nossa, isso acontece um bocado comigo. Já faz algum tempo. Mas não, não sou ele.

Senti os olhos de Isabel pousados em mim.

— O quê? — Agora o rosto da dona das argolas empalideceu. — Você é igualzinho a ele. Um gato.

Ela enrubesceu tanto que deve ter doído.

— Obrigado. — *Por favor, vão embora.*

A garota da argola insistiu:

— Você não é mesmo ele?

— Realmente não sou. Você não sabe quantas vezes já ouvi isso desde que a notícia saiu no jornal — emendei dando de ombros, como se estivesse pedindo desculpas.

— Pelo menos posso tirar uma foto com o celular? — pediu ela.
— Pra poder contar às minhas amigas?

— Não é uma boa ideia — falei, constrangido.

— Isso significa *deem o fora* — esclareceu Isabel. — Agora.

As garotas dispararam olhares de fúria para Isabel antes de se virarem e fazerem uma rodinha. Ainda dava para ouvir claramente a voz das três.

— O cara é igualzinho a ele — falou, esperançosa, uma delas.

— Eu acho que *é* ele — emendou a das argolas. — Só não quer ser incomodado. Fugiu para escapar dos tabloides.

Os olhos de Isabel me queimaram como se fossem fogo.

— Pessoa errada — falei.

As meninas haviam voltado para seus lugares. A das argolas olhou por cima do encosto do sofá e disse:

— Amo você mesmo assim, Cole!

As outras duas soltaram gritinhos.

— Cole? — indagou Isabel.

Cole. Eu estava de volta ao início. Cole St. Clair.

Quando saímos, as meninas bateram uma foto minha com o celular, apesar de tudo.

O. Começo. Do. Fim.

CAPÍTULO 35

SAM

Eu nunca me esforçara tanto musicalmente quanto nas primeiras duas horas no estúdio. Depois de concluir que eu não era um postulante a Elliott Smith, Dmitra engrenou a segunda. Repassamos trechos uma, duas, três vezes, algumas delas apenas para experimentar novos arranjos, outras gravando um acompanhamento adicional de violão para acrescentar ao meu solo e, outras, para acrescentar ainda efeitos de percussão. Em algumas faixas, gravei harmonizações em cima da minha voz, às vezes mais de uma vez, até formar meu próprio pacote de Sams cantando num esplendor polifônico.

Foi brilhante, surreal, exaustivo. Comecei a perceber como havia dormido pouco na noite anterior.

— Por que não tira cinco minutos? — sugeriu Dmitra passadas algumas horas. — Vou trabalhar na mixagem do que gravamos até agora e você pode esticar as pernas, fazer xixi, tomar um café. Sua

voz já está ficando meio opaca e sua namorada parece sentir saudades.

Pelos fones, ouvi Grace exclamar, indignada:

— Eu só fiquei sentada aqui!

Sorri e tirei os fones de ouvido. Larguei-os lá, juntamente com o violão, e fui até a sala principal. Grace, parecendo tão exausta quanto eu, estava estirada no sofá com o cão a seu lado. Fiquei de pé junto a ela enquanto Dmitra me mostrava o formato da minha voz na tela do computador. Grace abraçou meus quadris e encostou o rosto em minha perna.

— Sua voz é maravilhosa ouvida daqui.

Dmitra apertou um botão e a minha voz, comprimida, harmonizada e embelezada, escapou dos alto-falantes. Parecia... Não parecia ser eu. Não, nadinha. Era como se eu me ouvisse no rádio. Como se me ouvisse de fora do meu corpo. Enfiei as mãos sob as axilas e escutei. Se era tão fácil fazer um cara parecer um cantor de verdade, todo mundo devia correr para o estúdio.

— É brilhante — elogiei. — O que quer que você tenha feito ficou brilhante.

Dmitra não se virou, continuando a apertar botões e a mexer nos deslizadores.

— É só você, meu bem. Ainda não fiz grande coisa.

Não acreditei nela.

— Certo. Falou. Onde fica o banheiro?

Grace apontou com o queixo na direção do corredor.

— À esquerda, depois da cozinha.

Passei a mão pela cabeça de Grace e torci o lóbulo da sua orelha entre os dedos, até que ela me soltasse. Então, me dirigi para o labirinto de corredores além da quitinete. Agora, no saguão cheio de capas de disco autografadas e emolduradas, senti cheiro de cigarro. Na volta do banheiro, não me apressei para retornar ao estúdio, olhando os discos e as assinaturas. Karyn podia até julgar

possível saber tudo sobre alguém pelo tipo de livros que ela lê, mas eu sabia ser possível saber ainda mais pelo tipo de música que ela ouve. A julgar por aquela parede, o gosto de Dmitra parecia tender para música eletrônica e música dance. Era impressionante a sua coleção. Eu seria capaz de admirá-la ainda que as bandas não fossem as minhas prediletas. Registrei mentalmente que, ao voltar para o estúdio, deveria brincar com ela sobre sua incrível seleção de capas de discos suecos.

Às vezes, os olhos veem algo que o cérebro não registra. Pega-se um jornal, e a cabeça nos sugere uma expressão que, conscientemente, ainda não lemos. Entramos numa sala e percebemos que algo está fora do lugar antes de nos darmos ao trabalho de olhar direito.

Foi o que me aconteceu ali. Vi o rosto de Cole, ou algo que me fez lembrar dele, embora não soubesse onde. Voltei à parede e novamente passei os olhos pelas capas. Mais devagar dessa vez. Examinando a arte, os títulos impressos e os artistas, procurando o que havia feito brotar a imagem.

E lá estava. Maior que as outras, porque não se tratava da capa de um disco, mas da capa brilhosa de uma revista. Nela, um sujeito saltava na direção do visor, com os membros de sua banda atrás, a observá-lo. Me lembrei de reparar no jeito como o sujeito saltava para a câmera, com braços e pernas totalmente estendidos, como se o voo fosse a coisa mais importante e ele não ligasse para a aterrissagem. Lembrei, também, da matéria de capa: — ARREBENTANDO: O LÍDER DA NARKOTIKA FALA SOBRE FAZER SUCESSO ANTES DOS 18 ANOS.

Porém, não me lembrara de que o sujeito tinha a cara de Cole.

Fechei os olhos por um único instante, a capa gravada em meu cérebro. *Por favor, pensei. Por favor, que seja apenas uma semelhança extraordinária. Por favor, que Beck não tenha infectado alguém famoso.*

Abri os olhos, e Cole continuava lá. Atrás dele, porque a câmera só se importava com Cole, estava Victor.

Lentamente, caminhei de volta ao estúdio. As duas ouviam mais uma das minhas faixas, que parecia ainda melhor do que a última. Porém, ela não tinha nada a ver com a minha vida. Minha vida real, aquela ditada pelo aumento e pela diminuição da temperatura, mesmo agora que minha pele era definitivamente humana.

— Dmitra... — chamei, e ela se virou. Grace também ergueu os olhos, franzindo a testa diante do meu tom de voz. — Como se chama o líder da NARKOTIKA?

Eu já tinha a prova de que precisava, mas achei que não acreditaria realmente até alguém pronunciar o nome em voz alta.

O rosto de Dmitra se abriu num sorriso, mais meigo do que em qualquer outro momento de toda a sessão no estúdio.

— Poxa, cara, que show. Ele é doido de pedra, mas a banda era... — Ela balançou a cabeça, parecendo se lembrar de que eu fizera uma pergunta. — Cole St. Clair. Está desaparecido há meses.

Cole.

Cole era Cole St. Clair.

E eu que achava difícil manter meus olhos amarelos no anonimato.

Isso significava que havia milhares de olhos procurando por ele, aguardando para reconhecê-lo.

E quando o encontrassem, encontrariam todos nós.

CAPÍTULO 36

ISABEL

— Onde você quer ficar? Na casa de Beck?

Estávamos sentados no meu carro, estacionado no canto extremo do estacionamento da Kenny's para que nenhum caipira abrisse a porta do carro em cima dele. Tentei não olhar para Cole. Ele parecia enorme no banco dianteiro, e sua mera presença ocupava bem mais espaço que o corpo.

— Não faça isso — pediu.

Desviei meus olhos na sua direção.

— Isso o quê?

— Não finja que nada aconteceu. Faça perguntas.

A claridade da tarde morria rapidamente. Uma nuvem comprida e escura cortava o céu ao oeste. Não era uma nuvem de chuva para nós. Apenas mau tempo em algum outro lugar.

Soltei um suspiro. Não sabia ao certo se queria saber. Me pareceu que saber daria mais trabalho do que *não* saber. Mas não dava para pôr o gênio de volta na garrafa agora, certo?

— Faz diferença?

— Quero que você saiba.

Olhei então para ele, para seu rosto letalmente bonito que mesmo agora clamava, num tom perigoso e melado: *Isabel, me beije, venha se perder em mim*. Era um rosto triste, a partir do momento em que se sabia contemplá-lo.

— Tem certeza? — insisti.

— Preciso saber se alguém mais além de garotas de dez anos sabe quem eu sou. Ou se terei mesmo que me matar.

Lancei-lhe um olhar fulminante.

— Quer que eu adivinhe? — indaguei. Sem esperar a resposta, lembrei-me dos dedos hábeis e pensei naquele rostinho bonito. — Tecladista de uma banda de garotos — falei.

— Líder da NARKOTIKA — disse Cole.

Esperei um bocado, esperei que ele acrescentasse *brincadeirinha*.

Mas isso não aconteceu.

COLE

O rosto dela não se alterou. Talvez meu público-alvo realmente fosse de pré-adolescentes. Foi um grande anticlímax.

— Não me olhe desse jeito — disse ela. — Só porque não reconheci você não quer dizer que nunca ouvi suas músicas. O mundo inteiro já ouviu.

Não falei nada. O que havia para ser dito? Toda a conversa já parecia ter acontecido, soava familiar, como se o tempo todo eu soubesse que íamos tê-la ali, no carro dela, com a tarde esfriando sob o céu nublado.

— O quê? — indagou Isabel, inclinando-se para olhar na minha cara. — *O quê?* Você acha que eu me importo por você ser um astro do rock?

— Não tem nada a ver com a música — respondi.

Isabel pressionou com o dedo a dobra do meu cotovelo, sobre as marcas de picada.

— Deixe-me adivinhar: drogas, garotas, palavrões. O que há de novo em você que você ainda não me disse? Hoje de manhã, deitado nu no chão, você me disse que queria se matar. Está achando que o fato de eu saber que você é o líder da NARKOTIKA, uau, vai mudar alguma coisa?

— Estou. Não.

Eu não sabia. Seria alívio? Decepção? Será que eu queria mudar as coisas?

— O que você quer que eu diga? — perguntou Isabel. — *Você vai me levar para o mau caminho, desça do meu carro?* Tarde demais pra isso. Já estou pra lá de imune à sua influência.

Ouvindo isso, eu ri, embora me sentisse mal porque sabia que ela encararia aquilo como ofensa, mesmo não sendo.

— acredite em mim, não está, não. Existem arapucas minúsculas e imundas que eu já encarei e você não. Já arrastei gente comigo para esses buracos, e essas pessoas não saíram mais deles.

Acertei. Ela estava ofendida. Achou que eu a considerava ingênua.

— Não quero deixar você irritada, só estou lhe dando um aviso sincero. Sou muito mais famoso por isso do que pela música. — O rosto dela ficara gelado e, por isso, achei que estava conseguindo fazê-la entender. — Sou completamente incapaz de tomar uma decisão que não seja exclusivamente em proveito próprio.

Isabel então desatou a rir, um riso cruel e estridente, tão seguro que, de certa forma, me excitou. Ela engatou a marcha a ré.

— Continuo esperando que você me conte alguma coisa que eu ainda não saiba.

ISABEL

Levei Cole para minha casa, totalmente ciente de que essa era uma má ideia — e talvez precisamente *por ser* uma má ideia. Quando chegamos lá, o entardecer se tornara deslumbrante, de uma beleza quase cafona, e o céu parecia todo pintado de um tom de rosa que eu só vira ao norte de Minnesota.

Estávamos de volta ao lugar onde nos conhecêramos, só que agora sabíamos o nome um do outro. Havia um carro estacionado na entrada: a BMW cinza-azulada do meu pai.

— Não se preocupe com isso — falei, quando paramos do outro lado da entrada circular e estacionei o carro. — É o meu pai. Como é final de semana, ele deve estar no porão com uma garrafa de bebida para lhe fazer companhia. Não vai nem reparar que estamos em casa.

Cole não fez qualquer comentário, apenas desceu do carro para o ar gelado. Esfregou os braços e olhou para mim, os olhos sem expressão e escuros na sombra.

— Vamos logo.

Senti o frio penetrante do vento e entendi o que ele quis dizer. Não me interessava vê-lo virar um lobo naquele exato momento, razão pela qual agarrei seu braço e o virei na direção da porta lateral, a que se abria direto para a escada secundária.

— Para lá.

Ele tremia quando fechei a porta, prendendo a nós dois numa escada do tamanho de um armário. Cole precisou se abaixar, com uma das mãos apoiada à parede, durante uns dez segundos, enquanto eu permanecia junto à porta, segurando a maçaneta e esperando para ver se teria de abri-la para deixar passar um lobo.

Finalmente ele se empertigou, cheirando a lobo, mas ainda usando o próprio rosto.

— É a primeira vez que tento *não* virar lobo.

Dito isso, virou-se e subiu a escada sem esperar que eu lhe dissesse aonde ir.

Segui atrás dele pela escada estreita, sem enxergar nada senão o vulto da sua mão se apoiando no corrimão. Tive a sensação de que ele e eu, naquele momento, éramos um carro prestes a bater, e em vez de pisar no freio, eu insistia em pressionar o acelerador.

No alto da escada, Cole hesitou, mas eu não. Peguei sua mão e, passando por ele, puxei-o atrás de mim na direção de uma segunda escada, que levava direto ao meu quarto no sótão. Cole se abaixou para não bater a cabeça nas paredes em ângulo agudo; eu me virei e o agarrei por trás do pescoço sem lhe dar tempo para se esticar.

Seu odor de lobo era incrível, o que a minha mente leu como uma mistura de Sam, Jack, Grace e a casa de Beck. Porém, não me importei com aquilo, porque sua boca foi como uma droga. Ao beijá-lo, tudo o que me ocorreu foi a necessidade de sentir aqueles lábios nos meus e aquelas mãos puxando meu corpo. Tudo em mim vibrava, vivo. Eu não conseguia pensar senão no jeito faminto como ele retribuía o meu beijo.

Lá em baixo, alguma coisa *caiu* e *se partiu*. Papai trabalhando. Mas ali em cima estávamos num planeta distinto, que pertencia a mim e a Cole. Se a boca de Cole me transportava para tão longe da minha vida, a que distância me levaria o restante dele? Estendi a mão para sua calça jeans, meus dedos procuraram o cós e a desabotoaram. Cole fechou os olhos e engoliu em seco.

Descolei meu corpo do dele e recuei até a cama. Meu coração batia a mil por hora, observando-o, imaginando seu peso me imprensando contra o colchão.

Ele não me seguiu.

— Isabel — falou Cole, com as mãos pendendo ao lado do corpo.

— *O quê?* — indaguei. Me vi sem fôlego mais uma vez, e ele sequer parecia estar respirando. Pensei em como eu correria

naquela manhã, em como ainda não retocara a maquiagem nem penteara o cabelo. Seria por isso? Me apoiei nos cotovelos. Meu corpo tremia. Alguma coisa que eu não conseguia identificar marolava dentro de mim. — O que foi, Cole? Desembucha.

Cole continuou ali simplesmente a me olhar, de pé, com a calça jeans desabotoada e as mãos, em punho, pendendo junto ao corpo.

— Não posso fazer isso.

Minha voz saiu desdenhosa enquanto eu o olhava de alto a baixo.

— Não parece.

— Não posso mais fazer isso — esclareceu, enquanto abotoava a calça sem tirar os olhos de mim.

Desejei que não me olhasse. Desviei o rosto para não ver sua expressão. Parecia condescendente, quer fosse ou não essa a intenção. Não havia nada que ele dissesse que não soasse condescendente.

— Isabel — prosseguiu Cole —, não fique emburrada. Eu *quero*. Mesmo.

Fiquei calada. Fixei o olhar numa pluma de um dos meus travesseiros, a qual escapara para pousar na colcha lilás clarinho.

— Nossa, Isabel, não torne as coisas mais difíceis, Ok? Estou tentando me lembrar de como alguém decente age, entende? Estou tentando lembrar de quem eu era antes de não aguentar mais conviver comigo.

— Como assim? Você não trepava naquela época? — rosnei. Uma lágrima grossa escorreu de um dos meus olhos.

Ouvi Cole se mexer. Quando ergui o olhar, ele se virara para observar pela janela, os braços cruzados sobre o peito.

— Achei ter ouvido você dizer que estava se guardando.

— Que diferença isso faz?

— Você não quer dormir comigo. Não quer perder sua virgindade com um cantor fodido. Isso vai fazer você se odiar pelo resto da

vida. O sexo tem esse efeito. É um troço curioso. — Seu tom se tornou amargo, então. — Você simplesmente não quer sentir coisa alguma, e durante mais ou menos uma hora, vai funcionar tranquilo. Depois piora, acredite em mim.

— Bom, o especialista é você — falei. Mais uma lágrima rolou pelo meu rosto. Eu não chorava desde a semana em que Jack morreu. Só queria, agora, que Cole fosse embora. Entre todas as pessoas que eu gostaria que me vissem chorar, Cole St. Clair, o rei do mundo, não se incluía.

Cole apoiou os braços na janela, um de cada lado. O restinho de claridade que passava por entre as nuvens mal iluminava seu rosto. Sem olhar para mim, ele disse:

— Eu traí minha primeira namorada. Um bocado. Durante a turnê. Quando voltei e a gente brigou por alguma outra coisa, eu lhe disse que tinha sido infiel com tantas garotas que nem lembrava seus nomes. Disse a ela que tinha visto o suficiente para saber que ela não era especial. Terminamos o namoro. Acho que eu terminei. Ela era irmã do meu melhor amigo, por isso basicamente forcei os dois a escolherem a mim ou um ao outro. — Ele riu, então. Era um riso terrível, sem graça alguma. — E agora Victor está em algum lugar lá na floresta, preso a um corpo de lobo. Preso a um corpo de gente virando lobo. Sou um ótimo amigo, não sou?

Fiquei calada. Não dava a mínima para a sua crise ética.

— Ela também era virgem, Isabel — falou Cole afinal, olhando novamente para mim. — Ela me odeia. Odeia a si mesma. Não quero fazer isso com você.

Eu o encarei.

— Não pedi sua ajuda, pedi? Por acaso convidei você para vir aqui fazer *terapia*? Não *preciso* que você me salve de mim mesma. Nem de você. Você acha que sou uma pateta? — Durante um breve

momento, não achei que fosse dizer o que disse a seguir, mas foi o que fiz: — Eu devia ter deixado você se matar.

E mais uma vez, vi aquele rosto, sempre aquele rosto. Aquele olhar que devia me encarar cheio de mágoa... Mas não havia nada ali.

As lágrimas queimavam meu rosto, pinicando ao descerem pelo queixo. Eu sequer sabia por que estava chorando.

— Você não é essa garota — disse ele, parecendo cansado. — Acredite. Já vi um número suficiente delas para saber. Olhe aqui. Não chore. Você também não é *essa* garota.

— Ah, é? Que garota eu sou?

— Eu lhe conto assim que descobrir. Mas não chore.

O fato de ouvi-lo mencionar o meu choro tornou repentinamente insuportável deixar que ele me visse chorando. Fechei os olhos.

— Sai daqui. Sai do meu quarto.

Quando tornei a abri-los, ele se fora.

COLE

Ao descer as escadas, depois de deixar o quarto dela, fui tentado a sair e descobrir se o tremor de revirar o estômago que me assaltara quando entrei significava de fato o que eu estava pensando. Porém, permaneci dentro de casa. Senti como se soubesse a meu respeito algo que antes desconhecia, algum tipo de informação tão nova que, se me transformasse em lobo agora, talvez perdesse e não recordasse ao me transformar novamente em Cole.

Desci a escada principal devagar, ciente de que o pai estava em algum lugar nas entranhas da casa, enquanto Isabel permanecia sozinha em sua torre.

Como seria crescer numa casa como aquela? Se eu respirasse forte demais, talvez derrubasse algum enfeite da parede ou fizesse cair algumas pétalas das flores mortas impecavelmente arrumadas. Sem dúvida, a minha família tinha dinheiro — em geral isso

acontece com os cientistas malucos —, mas jamais havia sido assim. A nossa vida parecia... usada.

Fiz uma curva errada a caminho da cozinha e me vi no Museu de História Natural de Minnesota: uma sala imponente, com o pé direito alto, povoada por um exército de animais empalhados. Havia tantos que eu teria desconfiado de que fossem reais se não sentisse aquele cheiro almiscarado de curral que pairava no ar. Será que não havia leis contra a extinção de animais em Minnesota? Alguns daqueles ali expostos pareciam em sério risco de extinção. Ao menos em Nova York, eu nunca os vira. Examinei uma espécie de gato selvagem com um desenho exótico no pelo, que retribuiu meu exame. Me lembrei do trecho de uma conversa anterior com Isabel, logo que a conheci — qualquer coisa sobre a inclinação do pai para a artilharia.

Lógico que havia um lobo, fadado a rastejar para sempre numa das paredes, os olhos de vidro cintilando na sala sombria. Sam devia ter me contagiado, porque, de repente, me deu a impressão de aquele ser um jeito terrível de morrer, afastado do próprio corpo real. Como um astronauta que morre no espaço.

Dei uma olhada nos animais — a linha divisória entre nós parecia muito estreita — e empurrei uma porta no outro lado do cômodo, a qual torci para que me levasse à cozinha.

Me enganei novamente. Aquele era um cômodo elegante, sofisticadamente iluminado pelo sol poente que entrava pelas janelas que compunham metade das paredes curvas. No centro havia um belo piano de cauda — e mais nada. Apenas o piano e as paredes curvas, cor de vinho. Tratava-se de uma sala de música.

Me dei conta de que não me lembrava da última vez em que cantara.

Não me lembrava da última vez em que sentira saudade de cantar.

Toquei a beirada do piano. O acabamento lustroso era frio sob a ponta dos meus dedos. Não sei como, naquele exato momento, com a tardinha gelada tentando entrar pelas janelas, e enquanto eu esperava para mudar de pele, fui humano como há muito tempo não me sentia ser.

ISABEL

Fiquei de cara feia durante algum tempo e depois me obriguei a levantar da cama e a lavar o rosto no meu minúsculo banheiro. Depois de retocar a maquiagem, fui até a janela pela qual Cole havia olhado, me perguntando a quantas milhas de distância estaria ele agora. Para minha surpresa, pude ver a luz de uma lanterna desenhando uma trilha errática no entardecer azul marinho, na direção da floresta e da clareira de mosaico. Seria Cole? Ele não permaneceria humano naquele frio todo, não depois de ter tremido e se aproximado tanto da transformação. Seria meu pai?

Franzi a testa ante a luz enigmática, imaginando se significaria problemas.

Então, ouvi o piano. Soube na hora que não era o meu pai, que jamais ouvia música, nem minha mãe, que há meses não tocava. Além disso, não se tratava do jeito de tocar, delicado e preciso, de mamãe, mas de uma melodia arrepiante, repetida incessantemente nas notas altas, uma espécie de passa tempo de alguém esperando que outros instrumentos preenchessem o restante.

Aquilo parecia tão incompatível com Cole que *tive* de vê-lo tocar. Desci silenciosamente até a sala de música e hesitei antes de entrar, me aproximando apenas o suficiente para ver sem ser vista.

E lá estava ele. Não sentado de maneira apropriada diante do teclado, mas apoiado em um dos joelhos como se não pretendesse se demorar por ali. Os dedos de músico em que eu reparara antes não me eram visíveis, mas eu não precisava mesmo vê-los. Tudo o

que eu queria ver era aquele rosto. Sem a consciência de uma plateia, perdido no ritmo repetitivo dos acordes do piano, iluminado pelo final de tarde, foi como se a armadura de Cole tivesse sido despida. Aquele não era o sujeito agressivamente bonito e arrogante que eu conhecera alguns dias antes, mas um rapaz aprendendo uma melodia. Parecia jovem, inseguro e encantador, e me senti traída por, de alguma forma, constatar que ele conseguira se compor e eu não.

De um jeito ou de outro, ele voltava a ser honesto e partilhava um segredo, enquanto eu não me dispunha a dar nada em troca. Para variar, vi *alguma coisa* em seus olhos. Vi que ele voltara a sentir, e o que quer que fosse que estava sentindo doía.

Eu não estava pronta para a dor.

CAPÍTULO 37

SAM

A volta de Duluth para casa foi uma colagem de faróis traseiros vermelhos, placas de autoestrada surgindo repentinamente na escuridão — e desaparecendo tão rápido quanto haviam aparecido —, minha voz saindo dos autofalantes e da minha boca e flashes de faróis dianteiros.

Os olhos de Grace estavam pesados de sono, mas eu me sentia como se jamais fosse voltar a dormir. Como se aquele fosse o último dia da minha vida e eu precisasse estar acordado para isso. Eu já contara a ela sobre Cole, sobre quem ele era, mas parecia ainda faltar algo a dizer. Provavelmente eu a estava aborrecendo, mas ela se mostrava delicada o bastante para não reclamar. Repeti, mais uma vez:

— *Achei* que a cara dele era conhecida. Só não entendo por que Beck faria uma coisa dessas.

Grace enfiou as mãos nas mangas da blusa e as fechou com os dedos. Sua pele parecia azulada sob a luz do visor do rádio.

— Talvez Beck não soubesse quem ele era. Quer dizer, eu só conhecia a NARKOTIKA de nome. Só conhecia uma única música deles, a que fala de quebrar caras ou algo assim.

— Mas ele *devia* ter alguma ideia. Beck o encontrou no Canadá. Enquanto Cole estava em turnê. *Em turnê*. Quanto tempo vai levar para alguém em Mercy Falls reconhecê-lo? E se vierem resgatá-lo e ele virar lobo? Quando chegar o verão e ele permanecer humano, será que vai se esconder na casa e torcer para que ninguém o reconheça?

— Talvez — disse Grace. Ela enxugou o nariz com um lenço de papel, amassou-o e o enfiou no bolso do casaco. — Vai ver ele quer continuar perdido e não haverá problemas. Acho que você devia perguntar a ele. Ou eu posso perguntar, já que você não gosta do cara.

— É que não confio nele — falei.

Passei os dedos pelo volante, para frente e para trás. De soslaio, vi Grace encostar a cabeça contra a porta do carro e soltar um suspiro. Não parecia ela mesma.

Imediatamente, fui tomado pela culpa. Ela dera duro demais para tornar aquele dia perfeito, e lá estava eu estragando tudo.

— Olha, desculpa. Sou um ingrato. Não vou me preocupar mais com isso, viu? Posso adiar o problema para amanhã.

— Mentiroso.

— Não fique zangada.

— Não estou zangada, só com sono. E quero ver você feliz.

Tirei uma das mãos do volante e toquei a dela, pousada em seu colo. Grace estava pelando.

— Estou feliz — afirmei, embora me sentisse ainda pior do que antes.

Fiquei dividido entre a vontade de levar a mão dela ao nariz para ver se cheirava a lobo e a de deixá-la onde estava, fingindo que não

era esse o caso.

— Esta é a minha preferida — disse ela baixinho. Não me dei conta do que se tratava até ela retornar ao início da música assim que soou o último acorde.

No CD, o outro Sam, agora imutável e para sempre jovem, cantava *Me apaixonei por ela no verão, minha linda namorada solar*, enquanto um outro Sam imutável cantava harmonizações em cima da voz do primeiro.

Meu coração batia forte no peito enquanto os faróis trespassavam o interior do carro, antes de mergulhá-lo novamente na escuridão. Não consegui deixar de me lembrar da última vez em que tinha cantado aquela música. Não no estúdio, mas na ocasião anterior. Sentado num carro escuro como breu, exatamente como aquele em que eu estava, com a minha mão enroscada nos cabelos de Grace enquanto ela dirigia, pouco antes de o para-brisa explodir e transformar a noite num adeus.

Supostamente, era uma música alegre. Parecia errado contaminá-la com aquela lembrança, independentemente do rumo que as coisas tomassem depois.

A meu lado, Grace virou a cabeça para descansar o rosto no banco. Dava a impressão de estar cansada e distante.

— Você vai pegar no sono se eu não te distrair? — indagou, com um sorriso vago.

— Estou ótimo — respondi.

Grace sorriu para mim e aconchegou o casaco à sua volta, como se fosse um cobertor. Beijou o ar na minha direção e fechou os olhos. Ao fundo, minha voz cantava: *Eu me contentaria com este verão se fosse ele tudo o que nos restasse.*

CAPÍTULO 38

SAM

A casa estava um caos. Quando entrei na sala, a primeira coisa que vi foi Cole com uma vassoura e uma pá — uma visão mais absurda do que a dele se transformando em lobo —, e então avistei os cacos de vidro e a mobília quebrada.

Grace exclamou “Oh” atrás de mim, num tom meio ansioso, e ao ouvir a voz dela, Cole se virou. Teve a dignidade de demonstrar surpresa, embora nem tanto para parecer contrito.

Não sabia o que lhe dizer. Toda vez que eu me achava capaz de desenvolver alguma empatia e delicadeza em nosso relacionamento, ele aprontava alguma. Será que o resto da casa também estava daquele jeito? Ou apenas cada milímetro da sala?

Grace, porém, olhou para Cole, mantendo as mãos enfiadas nos bolsos e dizendo de um jeito leve, com um sorriso na voz:

— Problemas?

Para minha profunda surpresa, Cole retribuiu com um sorriso triste, encantador e, *agora*, contrito.

— Uma manada de gatos — respondeu. — Estou cuidando do estrago.

A última frase foi proferida com uma olhadela na minha direção; ela havia sido dita para mim. Grace me lançou um olhar que dizia, claramente, que eu deveria ser mais simpático com ele. Tentei me lembrar se algum dia lhe havia demonstrado alguma simpatia. Muito provavelmente, no começo.

Devolvi o olhar de Grace. À luz mais forte da cozinha, ela parecia pálida e cansada, a pele fina como uma pétala deixando entrever as sombras sob a superfície. Sem dúvida, ela deveria estar na cama. Talvez devesse estar em casa. Me perguntei o que seus pais estariam pensando e a que horas supostamente voltariam.

— Será que é melhor eu pegar o aspirador? — perguntei a ela, querendo dizer: *Tudo bem se eu deixar você sozinha com ele?*

Grace assentiu com veemência:

— Boa ideia.

GRACE

Então aquele era Cole St. Clair. Eu nunca conhecera um astro do rock. Também não fiquei propriamente decepcionada. Mesmo segurando uma vassoura e uma pá, ele *parecia* um astro de rock, irreal, inquieto e *arriscado*. Mas não concordei com Sam quanto aos olhos vazios de Cole. Para mim, eles eram suficientemente expressivos. Não que eu fosse especialista em interpretar pessoas.

Olhei-o nos olhos e disse:

— Então você é o Cole.

— E você, a Grace — emendou ele, embora eu não imaginasse como chegara a essa conclusão.

— É — falei, me encaminhando para uma das poltronas da sala, na qual desabei agradecida. Eu começava a sentir que o meu corpo havia sido apedrejado, de dentro para fora. Olhei novamente para Cole. Quer dizer que esse era o sujeito que, para Beck, deveria

assumir o lugar de Sam. Obviamente, Beck demonstrara bom gosto com Sam, motivo pelo qual eu estava disposta a conceder a Cole o benefício da dúvida. Dei uma olhada para a escada, de modo a me certificar de que Sam ainda não voltara com o aspirador, e perguntei:

— E aí, era isso o que você esperava?

COLE

Gostei da namorada de Sam mesmo antes de ela abrir a boca e mais ainda depois que falou. Grace não era o que eu, por alguma razão, imaginara como a namorada de Sam. Bonita, mas de um jeito despido de dramaticidade, ela tinha uma voz fantástica: muito calma, objetiva e peculiar.

Inicialmente, não entendi a pergunta. Quando não respondi com prontidão, ela esclareceu:

— Esperava que ser lobo fosse isso?

Eu meio que adorei o jeito sem rodeios como ela falou.

— É melhor do que eu esperava — respondi, admitindo a verdade antes de poder censurá-la. Grace não se mostrou horrorizada, como acontecera com Isabel. Por isso, olhei-a nos olhos e contei o restante da verdade. — Eu me transformei em lobo para me perder, e foi exatamente isso o que consegui. Tudo o que penso quando sou lobo é estar com os outros lobos. Não penso no futuro ou no passado, nem em quem fui. Não faz diferença. Tudo o que interessa é o momento, estar com os outros lobos e ser um feixe de sentidos aguçados. Sem compromissos. Sem expectativas. É fantástico, a melhor de todas as drogas.

Grace sorriu para mim, como se eu tivesse lhe dado um presente. Foi um sorriso tão bonito, sagaz e genuíno que achei naquele instante que eu faria qualquer coisa para ser seu amigo e o merecer novamente. Me lembrei do que Isabel dissera sobre Grace

ter sido mordida, mas jamais haver se transformado. Me perguntei se Grace ficava feliz com isso ou se sentia-se trapaceada.

Então a questioneei:

— Você se sente trapaceada por não se transformar?

Ela olhou para a própria mão, pousada cuidadosamente sobre o estômago, e tornou a olhar para mim:

— Sempre imaginei como seria. Sempre me senti deslocada. No meio. Sempre quis... Sei lá. — Fez uma pausa. — Você foi levar o aspirador para passear, Sam?

Então Sam apareceu, arrastando um aspirador industrial. Ele se afastara por apenas dois segundos, mas a sala ficou mais brilhante com os dois juntos, como se fossem, cada um, elementos que a proximidade abrihantava. Diante das estabanadas tentativas de Sam de carregar o aspirador, Grace deu um novo sorriso, que supus somente ele ganhasse. Em seguida, ele lançou-lhe um olhar devastado repleto de um subtexto que só se adquire depois de um monte de conversas sussurradas após o anoitecer.

Aquilo me fez pensar em Isabel, lá na casa dela. Não tínhamos o que havia entre Sam e Grace. Não estávamos nem perto de tê-lo. Achei que o que tínhamos jamais poderia chegar a isso, nem depois de mil anos.

De repente, me alegrei por ter deixado Isabel em sua cama e, depois, sozinha em casa. Doía me deixar levar pela lembrança de que eu era um veneno para todos que tocasse, mas, só daquela vez, foi legal a sensação de saber disso. Eu não era capaz de evitar minhas explosões, mas ao menos podia aprender a impedir as consequências.

GRACE

Eu me sentia mal sentada na poltrona enquanto Sam e Cole faxinavam. Em circunstâncias normais, teria me posto de pé num salto para ajudar. Limpar um lugar tão revirado era gratificante

porque, no final, realmente dava a impressão de se ter conseguido realizar alguma coisa.

Naquela noite, porém, não pude. O máximo que conseguia era manter os olhos abertos. Era como se tivesse passado o dia lutando contra algo invisível que agora estava ganhando a luta. Meu estômago parecia febril e empanzinado sob a minha mão. Imaginei o sangue se revolvendo ali dentro. E a minha pele estava *quente quente quente*.

Do outro lado da sala, vi Sam e Cole trabalhando numa silenciosa harmonia: Cole agachado com a pá e Sam varrendo os pedaços grandes demais para serem aspirados. Por alguma razão, fiquei satisfeita ao ver os dois trabalhando juntos. Mais uma vez, pensei que Beck devia ter achado alguma coisa em Cole. Não seria pura coincidência trazer para casa outro músico. Ele não teria feito algo tão arriscado como infectar um roqueiro famoso se não houvesse um bom motivo por trás disso. Talvez achasse que se Sam conseguisse permanecer humano, ele e Cole pudessem ser amigos.

Seria bom para Sam ter um amigo se eu...

Na minha cabeça, revi o rosto de Cole quando ele perguntou: *Você se sente trapaceada por não se transformar?*

Quando eu era mais nova, cheguei a me imaginar como loba. Fugindo com Sam, o lobo, para uma floresta dourada, longe dos meus pais distantes e da confusão da vida moderna. E depois mais uma vez, quando pensei que o perderia para o bosque, sonhei em me perder com ele. Sam ficara horrorizado. Mas agora, finalmente, Cole havia me mostrado o outro lado da moeda. *Tudo o que interessa é o momento, estar com os outros lobos e ser apenas um feixe de sentidos aguçados.*

Sim.

Não seria de todo ruim. Havia uma compensação. Sentir o solo do bosque sob as patas, enxergar e cheirar tudo com sentidos

novinhos em folha. Conhecer a sensação de fazer parte do bando, parte dos selvagens. Se eu perdesse essa batalha, talvez não fosse tão horrível. Viver na floresta que eu amava... Seria esse um sacrifício tão grande assim?

Irracionalmente, pensei na pilha de livros de mistério largados pela metade na estante do meu quarto. Pensei em deitar na minha cama, com as pernas vestidas de jeans enroscadas nas de Sam — ele lendo o seu romance e eu terminando o dever de casa. Ou em andar no carro dele com as janelas abertas. Nós dois de mãos dadas em um campus universitário. Em um apartamento cheio de quinquilharias, numa aliança na palma da mão dele, na vida depois de formada, na vida como Grace.

Fechei os olhos.

Como eu doía. Tudo em mim doía, e não havia nada a fazer. A promessa do bosque soava diferente quando não se tratava de uma escolha.

SAM

Achei que ela estava cansada. Tinha sido um dia longo. Não comentei nada até Cole reparar.

— Ela dormiu com o aspirador ligado? — perguntou ele, como se ela fosse um bebê ou um cachorro e esse, mais um de seus hábitos encantadores.

Fui assaltado por uma onda irracional de ansiedade ao ver seus olhos fechados, a respiração lenta e as bochechas coradas. Então, Grace ergueu a cabeça e meu coração voltou a bater.

Consultei o relógio. Os pais dela logo estariam de volta. Eu precisava levá-la para casa.

— Grace — chamei, porque tive a impressão de que ela adormeceria de novo.

— Hummm? — disse ela, que continuava enroscada de lado na poltrona, em cujo braço seu rosto descansava.

— A que horas você disse que seus pais mandaram você voltar?
— perguntei. Os olhos de Grace, repentinamente acordada, cravaram-se em mim. Vi, pela sua expressão, que ela não havia sido honesta comigo. Senti um aperto no peito. — Eles sabem que você saiu?

Grace desviou o olhar, enrubescida. Eu nunca a vira envergonhada, e por alguma razão aquilo aumentou sua aparência de mal-estar.

— Preciso estar em casa quando eles chegarem da exposição. À meia-noite.

— Agora, então — observou Cole.

Por um único, impotente e silencioso momento, achei que Grace e eu pensamos a mesma coisa: que não queríamos que aquele dia acabasse. Que não queríamos nos separar e deitar cada um numa cama fria, distantes um do outro. Mas não adiantava dizer isso em voz alta, por isso falei:

— Você parece realmente cansada. Acho que deve dormir um pouco.

Aquilo estava longe de ser o que eu queria dizer. Eu queria pegar sua mão, levá-la para o meu quarto lá em cima e sussurrar: *Fica, por favor, fica.*

Mas então eu seria a pessoa que o pai me julgava ser, não?

Ela suspirou.

— Não quero ir embora.

Ajoelhei-me diante de Grace para ficar com os olhos na altura dos dela. Seu rosto continuava apoiado no braço da poltrona. Sua aparência era jovem e desprotegida. Não me dei conta do quanto me habituara à sua expressão intensa até seu sumiço.

— Também não quero que você vá, mas ao mesmo tempo não quero que você arrume problemas. Você está bem... Está bem para dirigir?

— Tenho que estar — disse Grace. — Preciso do carro amanhã. Ah, é. Não tem aula amanhã; reunião de professores. Mas depois de amanhã, tem.

Ela se levantou devagar, cambaleando. Percebi que tanto Cole quanto eu apenas a observávamos enquanto ela encontrava a chave do carro e a segurava, parecendo indecisa quanto ao que fazer com ela.

Eu não queria que ela fosse embora; mais que isso, não queria que ela dirigisse.

— Eu levo o carro — sugeriu Cole.

Pisquei para ele.

Cole deu de ombros.

— Eu levo o carro dela e ela vai com você. Você pode me trazer de volta ou...

Ele deu de ombros de novo.

Grace me olhava de um jeito que parecia querer que eu concordasse, e por isso o fiz.

— Obrigada — agradeceu a Cole.

— De nada.

Estava sendo difícil acreditar na metamorfose de Cole em bom moço, mas, desde que ele não acabasse com o carro de Grace, eu agradeceria uns momentos extras com ela e a paz de espírito de saber que chegaria em casa sã e salva.

Então fomos embora, Cole uma figura solitária dirigindo o carro de Grace atrás de nós, e eu e Grace no meu, com a mão dela segura no meu colo. Quando chegamos à casa dos pais de Grace, Cole estacionou o veículo com destreza, de ré, enquanto ela se inclinava para me beijar. O beijo começou casto, até que a minha boca se abriu, os dedos dela me seguraram pela camisa e eu quis ficar — ai, meu Deus, como eu quis ficar...

... mas Cole bateu na janela. Ele tremia no vento frio, e eu obedientemente baixei a janela.

— Acho que você não vai querer prolongar esse beijo de língua. O pai dela está olhando da janela. Por outro lado, é melhor *você* se apressar — prosseguiu, olhando para Grace —, porque em dois segundos vou precisar que *você* — disse ele, agora olhando para mim — apanhe minhas roupas, e suponho que você não deseje um testemunho paterno disso.

Os olhos de Grace se esbugalharam.

— Eles estão em casa?

Cole apontou com o queixo o outro carro estacionado. Grace contemplou-o, confirmando minha suspeita anterior de que o nosso encontro não fora aprovado.

— Eles disseram que iam chegar tarde. Essa exposição nunca termina antes de meia-noite.

— Vou entrar com você — falei, embora realmente preferisse subir num cadafalso. Cole me olhava como se lesse meus pensamentos.

Grace balançou a cabeça.

— Não. Vai ser mais fácil sem você. Não quero que eles gritem com você.

— Grace — insisti.

— Não. Não vou mudar de ideia. Eu dou conta. Isso precisa acontecer.

E, trocando em miúdos, aquela era a minha vida. Dar um beijo de despedida apressado em Grace, desejar-lhe sorte, deixá-la entrar e depois abrir a porta do meu carro para esconder a transformação de Cole dos olhos curiosos da vizinhança.

Cole se agachou, tremendo e fixando os olhos em mim.

— Por que ela está de castigo? — indagou.

Olhei para ele e depois tornei a olhar para a casa, me assegurando de que ninguém nos observava.

— Porque seus pais omissos decidiram me odiar. Provavelmente porque me pegaram na cama dela.

Cole ergueu as sobrancelhas sem fazer comentários. Refletiu. Baixou a cabeça enquanto seus ombros estremeciam.

— É verdade que eles a deixaram trancada num carro, assando ao sol?

— É. Esse momento é uma metáfora para todo o relacionamento deles.

— Bacana — disse Cole. Passado um momento, acrescentou: — Por que será que está demorando tanto? Vai ver me enganei.

Ele já cheirava a lobo. Balancei a cabeça.

— É porque você está conversando comigo. Pare de lutar.

Ele agora estava abaixado tal qual um velocista, com os dedos abertos sobre o asfalto, um joelho dobrado, como se prestes a dar a partida. Então disse:

— Ontem à noite... Eu não achei...

Eu o interrompi. E disse o que já devia ter dito antes.

— Eu não era ninguém quando Beck me acolheu, Cole. Estava tão destruído que não conseguia funcionar. Mal conseguia comer, e costumava gritar quando ouvia água correndo. Não me lembro de nada disso. Tenho enormes buracos na memória. Ainda estou perdido, mas não tanto quanto antes. Quem sou eu para questionar o fato de Beck ter escolhido você? Ninguém.

Cole me lançou um olhar estranho e depois vomitou na rua. Contorcendo-se e tremendo, deixou sua forma humana, rasgando a camiseta enquanto se debatia contra a lateral do meu carro. Cole, agora lobo, estremeceu no concreto durante um bom tempo antes que eu conseguisse convencê-lo a seguir para o bosque atrás da casa de Grace.

Depois que ele partiu, fiquei ali, parado ao lado do carro, olhando para a casa de Grace, esperando que a luz do seu quarto se acendesse, me imaginando lá. Senti falta do barulho que ela fazia

preparando o dever de casa enquanto eu ouvia música deitado em sua cama. Senti falta dos seus pés gelados de encontro às minhas pernas quando ela se deitava. Senti falta da forma da sua sombra se projetando sobre a página do meu livro. Senti falta do cheiro do cabelo dela, do som da sua respiração, do meu Rilke na mesinha de cabeceira, da toalha molhada jogada nas costas da cadeira da escrivaninha. Talvez eu devesse estar saciado depois de passar um dia inteiro com ela, mas isso só me fazia sentir mais saudade.

CAPÍTULO 39

GRACE

Era estranhamente libertador saber que eu iria enfrentar problemas. Percebi que durante todo o dia eu imaginara se ia ou não ser pega, o que aconteceria se eles viessem a descobrir. Agora já não era preciso imaginar.

Eu sabia.

Fechei a porta da frente e entrei no corredor. No final dele, pude ver meu pai de pé com os braços cruzados sobre o peito. Minha mãe estava a uma certa distância, parcialmente escondida pela porta da cozinha, numa postura idêntica. Eles nada disseram, nem eu.

Eu quis que gritassem comigo. Estava pronta para os gritos. Meu corpo todo parecia tremer por dentro.

— E então? — perguntou meu pai quando cheguei à cozinha.

Só isso. Sem gritos. Apenas “E então?”, como se esperasse a confissão de vários pecados.

— Como foi a exposição? — perguntei.

Meu pai me encarava.

Minha mãe falou primeiro.

— Não finja que nada aconteceu, Grace!

— Não estou fingindo. Vou dizer em voz alta: vocês me proibiram de sair e eu saí.

As articulações dos dedos de mamãe estavam brancas nas mãos fechadas junto ao corpo.

— Você está agindo como se não tivesse feito nada de errado.

Estava sentindo uma calma mortal dentro de mim. Tinha sido bom dizer a Sam que não entrasse. Eu não seria capaz de me mostrar tão decidida com ele a meu lado.

— E não fiz. Fui a um estúdio em Duluth com meu namorado, jantei e depois voltei para casa antes de meia-noite.

— Nós dissemos para você não fazer isso — falou meu pai. — É isso o que torna tudo errado. Você está de castigo, e mesmo assim saiu. Não acredito que tenha traído a nossa confiança dessa forma.

— Vocês estão fazendo uma tempestade num copo d'água! — retorqui. Torci para que a minha voz saísse mais alta que a dele, mas isso não aconteceu. O fôlego extra ganho ao voltar para casa com Sam sumiu. Dava para sentir meu pulso no estômago e na garganta, quente e doente, mas ignorei e mantive a voz firme. — Não estou usando drogas, faltando à escola ou fazendo piercings em alguma parte escondida do corpo.

— E quanto a... — começou ele, mas não conseguiu terminar.

— Transar? — completou mamãe. — Na nossa casa? E quanto a faltar totalmente com o respeito? Demos a você espaço de manobra e...

Ali estava o combustível para subir o tom de voz.

— *Espaço de manobra?* Vocês me deram um planeta para viver! Fiquei sozinha nesta casa centenas e centenas de noites, esperando vocês dois chegarem. Atendi ao telefone um milhão de vezes para

ouvir: “Meu bem, vamos chegar tarde.” Me virei para voltar da escola sozinha mais de mil vezes. *Espaço de manobra*. Finalmente tenho alguém que escolhi e vocês dois não conseguem dar conta. Vocês...

— Você é uma adolescente — disse papai com um ar de superioridade. Como se eu não tivesse acabado de gritar.

Teria sido impossível altear a voz se meu sangue não estivesse trovejando em meus ouvidos, doendo como um castigo. Ele prosseguiu: — O que você sabe sobre um relacionamento responsável? Ele é seu primeiro namorado. Se quer que acreditemos que você é responsável, prove. E isso não tem nada a ver com fazer sexo antes da hora e desdenhar de uma ordem dada pelos pais. Que foi o que você fez.

— Fiz — afirmei. — Não me arrependo.

O rosto de papai ficou rubro, a cor subindo do colarinho até a raiz dos cabelos. Sob a luz da cozinha, isso lhe dava uma aparência muito, muito bronzeada.

— Que tal isto, Grace? Você nunca mais vai vê-lo. Será que se arrepende agora?

— Ora, me poupe — falei. Suas palavras começavam a soar distantes e sem importância. Eu precisava me sentar. Me deitar. Dormir. Precisava de alguma coisa.

As palavras do meu pai pareciam pregos nas minhas têmporas.

— Não, *você* me poupe. Não sou eu que ando vagando por aí. Não gosto da pessoa que você é com ele. Esse rapaz claramente não nos respeita como pais. Não vou deixar você arruinar sua vida por causa dele.

Cruzei os braços para disfarçar o fato de eles estarem tremendo. Parte de mim se encontrava na cozinha tendo aquela conversa, e parte de mim refletia. *O que há de errado comigo?* Minhas bochechas pinicavam, ardendo. Finalmente encontrei minha voz.

— Vocês não podem fazer isso. Não podem me impedir de vê-lo.

— Posso, sim — disse papai. — Você tem 17 anos e mora debaixo do meu teto, e enquanto essas duas coisas continuarem assim, com certeza eu posso. Quando fizer 18 anos e se formar, não vou poder mais lhe dizer o que fazer, mas neste exato momento, todo o estado de Minnesota está do meu lado.

Meu estômago fez algo estranho, tipo um nó, como se fosse de nervosismo. Ao mesmo tempo, minha cabeça latejava. Encostei o dedo no nariz e ele ficou manchado de vermelho. Eu não deixaria que eles vissem isso, não ficaria novamente na berlinda. Pegando um lenço de papel da mesa e apertando-o contra as narinas, eu disse:

— Ele não é só um rapaz.

Mamãe se virou, acenando contra o ar como se estivesse cansada da cena toda.

— Certo.

Naquele momento, eu a odiei.

Papai disse:

— Bom, durante os próximos meses é o que ele será. Você não vai vê-lo de novo enquanto eu tiver a última palavra. Não haverá mais noites como esta. E ponto final.

Eu não aguentava mais ficar no mesmo cômodo que eles. Não aguentava ver o jeito como minha mãe olhava para mim por sobre o ombro, a sobrancelha arqueada como se esperasse meu próximo movimento. E não aguentava mais a dor.

Corri para o meu quarto e bati a porta com força o suficiente para sentir tudo dentro de mim estremecer.

CAPÍTULO 40

GRACE

Morrer é uma noite louca e uma nova rota.

Eu tinha na cabeça palavras, e não uma canção. Não conseguia me lembrar de quem as escrevera, apenas de que havia ouvido Sam lê-las em voz alta, erguendo os olhos do livro e experimentando-as na boca para ver como soavam. Eu me lembrava até mesmo do momento: sentada no velho escritório de papai lá em casa, folheando notas para uma apresentação oral enquanto Sam, jogado no sofá, lia um livro. No conforto daquela sala, com a chuva gélida escorrendo pelas janelas, e ditas na voz suave de Sam, elas pareciam inocentes. Inteligentes, talvez.

Agora, no silêncio vazio e sombrio do meu quarto, as palavras febrilmente repetidas em minha cabeça pareciam aterradoras.

O mal-estar que eu sentia por dentro não podia ser ignorado. Esperei um bom tempo para que o meu nariz parasse de sangrar, usando papel higiênico para estancar o sangue depois que acabaram os lenços de papel. Aparentemente, aquela hemorragia

não pararia jamais. Minhas entranhas eram como um nó e minha pele escaldava.

Tudo o que eu desejava saber era o que realmente havia de errado comigo. Quanto tempo levaria. O que aconteceria no final. Se soubesse todas essas coisas, se tivesse algo concreto em que me agarrar no lugar da dor, eu conseguiria dar conta.

Mas eu não tinha resposta alguma.

Por isso, não conseguia dormir. Não conseguia me mexer.

Mantive os olhos fechados. O espaço ao meu lado, que pertencia a Sam, era enorme. Antes de tudo isso, quando eu o tinha comigo, dava simplesmente para eu me virar e afundar o rosto em suas costas quando acordava no meio da noite. Deixava sua respiração me embalar até dormir novamente. Mas Sam não estava ali, e o sono parecia longínquo e irrelevante diante do calor que me ardia por dentro.

Mentalmente, revi meu pai me proibindo de voltar a vê-lo. Minha respiração travou na garganta com a lembrança. Ele mudaria de ideia. Não podia estar falando sério. Desviei meus pensamentos para outra coisa. Minha cafeteira vermelha. Eu não sabia se isso existia de verdade, mas se existisse, eu compraria. Imediatamente. Parecia de suma importância transformar essa compra num objetivo. Arrumar dinheiro, comprar uma cafeteira vermelha, sair de casa. Encontrar um lugar novo para ligá-la.

Fiquei de barriga para cima e pousei a mão no estômago, tentando descobrir se de fato podia sentir sob os dedos o revirar do meu estômago. Eu voltara a arder de febre, e minha cabeça estava estranha e zozna, desconectada do corpo.

Senti gosto de metal na boca. Por mais que engolisse, não conseguia me livrar dele.

Me senti *errada*.

O que está acontecendo comigo?

Não havia ninguém a quem perguntar, por isso segui as pistas por conta própria. A dor de estômago. A febre. Hemorragias nasais. Cansaço. O cheiro de lobo. A maneira como os lobos haviam me olhado; a maneira como Isabel havia me olhado. Os dedos de Sam no meu braço antes que eu me afastasse, virando-se para me dar um último abraço. Pareciam tantas despedidas...

Finalmente, minha negação ruiu.

Ainda que pudesse se tratar apenas de um vírus, ainda que pudesse ser algo grave, mas remediável, ainda que eu não pudesse saber de fato...

Eu sabia.

A dor que eu estava sentindo — aquela dor era o meu futuro. Uma mudança incontrollável. Eu podia sonhar o quanto quisesse com cafeteiras vermelhas, mas meu corpo teria a palavra final.

Me sentei na cama na escuridão, lutando contra o lobo dentro de mim, puxando os cobertores para aninhá-los no colo. Eu queria estar com Sam. O ar frio pinicava meu rosto e meus ombros nus. Meu desejo era continuar na casa de Beck, na cama de Sam, debaixo do céu cheio de pássaros do seu quarto. Engoli a dor em seco, empurrei-a para longe. Se eu estivesse lá naquele momento, ele me envolveria nos braços e me diria que tudo daria certo, e ao menos por uma noite tudo *daria* certo.

Imaginei-me voltando para lá. Imaginei a expressão no rosto dele.

Esfreguei as solas nuas dos meus pés, uma contra a outra. Era uma bobagem, claro. Havia mil razões para ficar, mas...

Lutei contra a estática na minha cabeça. Concentrada. Fiz mentalmente uma lista do que precisava. Pegaria uma calça jeans na gaveta do meio da minha cômoda e enfiaria um suéter e algumas meias. Meus pais não ouviriam. O assoalho não costumava ranger muito. Era possível. Já fazia algum tempo que eu

não ouvia nenhum movimento lá em cima. Se não acendesse os faróis, talvez os dois não me vissem sair do estacionamento.

Meu coração batia forte agora com a ideia da fuga.

Eu sabia que não valia a pena arrumar mais confusão com meus pais, furiosos como estavam. Sabia que não ia ser fácil dirigir com o sangue fervilhando nos ouvidos, com a febre assaltando a minha pele.

Mas, na verdade, eu não podia *arranjar* mais problemas. Meus pais já haviam me proibido de vê-lo. O que mais, além disso, lhes restava fazer?

E eu não sabia quantas noites ainda teria pela frente.

Meus pensamentos se voltaram para mamãe, discorrendo sobre a diferença entre amor e desejo. O meu passeio na floresta, depois, tentando dragar a culpa por gritar com ela. Pensei no meu pai abrindo a porta do meu quarto em busca de Sam. Quanto tempo fazia que eles não perguntavam onde eu estivera, como eu ia, se precisava de alguma coisa.

Eu vira meus pais juntos; eles eram uma família. Cada um deles ainda se preocupava com os pequenos detalhes da vida do outro. Vi Beck também, e o jeito como ele *conhecia* Sam. O jeito como o amava. E como Sam ainda orbitava em torno da lembrança de Beck, como um satélite perdido. Aquilo era uma família. Meus pais e eu... Morávamos juntos, às vezes.

Seria possível amadurecer mais que os próprios pais?

Lembrei da maneira como os lobos haviam me olhado. Lembrei de pensar em quanto tempo eu tinha. Quantas noites me restavam com Sam, quantas noites eu estaria desperdiçando ali sozinha.

Eu ainda sentia o gosto de metal. A doença que me corroía por dentro não diminuía. Ela me devastava, mas eu era mais forte. Havia coisas que continuavam sob o meu controle.

Me levantei da cama.

Uma espécie de calma mortal me invadiu enquanto eu andava pelo quarto, pegando minha calça jeans, minha roupa de baixo, algumas camisas e dois pares extras de meias. O olho do furacão. Enfiei as roupas na mochila junto com o meu dever de casa e com o exemplar de Rilke que Sam amava e que ficara na mesinha de cabeceira. Toquei a beirada da cômoda, segurei meu travesseiro, cheguei à janela de onde certa vez encarara um lobo. Meu coração batia no peito, esperando que a qualquer momento meu pai ou minha mãe abrissem a porta e me encontrassem em meio aos preparativos. Decerto alguém perceberia a seriedade do que eu estava fazendo.

Porém, nada aconteceu. Antes de atravessarmos o corredor, peguei no banheiro a escova de dentes e a de cabelo, e a casa permaneceu em silêncio. Hesitei junto à porta da frente, com os sapatos nas mãos. Escutei.

Nada.

Eu estava mesmo fazendo aquilo?

— Adeus — sussurrei. Minhas mãos tremiam.

A porta roçou no capacho quando a fechei depois de sair.

Eu não sabia quando estaria de volta.

CAPÍTULO 41

SAM

Sem Grace, eu era um animal notívago. Persegui formigas na cozinha, aguardando junto à luz insuficiente das lâmpadas embutidas, com um copo e um pedaço de papel, de modo a transportá-las para fora. Peguei o violão empoeirado de Paul junto à lareira e o afinei. Primeiro na afinação padrão, depois com a sexta corda em ré, depois no esquema DADGAD e de volta à padrão. No porão, remexi nos livros de não ficção de Beck até encontrar um sobre impostos, outro ensinando a fazer amigos e influenciar pessoas e mais um sobre meditação. Empilhei-os junto a um montão de volumes que jamais pretendia ler. Lá em cima, no meu banheiro, sentei no chão ladrilhado e fiz experiências visando a melhor maneira de aparar as unhas dos pés. Pôr a mão em concha sob os pés só recolhia as unhas voadoras parcialmente, e se eu as deixasse voar para onde quisessem, só conseguia encontrar metade delas nos ladrilhos brancos. Por isso, aquela era uma batalha perdida, com 50% de baixas de um jeito ou de outro.

Em meio ao processo, ouvi os lobos começarem a uivar alto através da janela do quarto de Beck. O barulho diferia de noite para noite, dependendo de como eu me sentia. Podia ser sonoro, belo, um coro celestial de animais pesados, cheirando a selva. Ou então uma sinfonia sobrenatural, solitária, com notas despejadas na noite, umas contra as outras, jubilosas, voltadas para o céu e chamando a lua.

Naquela noite, o que ouvi foi uma cacofonia coletiva, uivos querendo chamar a atenção, latidos entremeados. Inquietação. Uma matilha dissonante. Uma matilha dispersa. Os lobos costumavam uivar assim nas noites em que Beck ou Paul vestiam sua pele humana, mas naquele momento ambos os líderes estavam com eles. Eu era o único ausente.

Me levantei, as tábuas do assoalho frias sob a sola dos meus pés humanos, e cheguei até o peitoril. Hesitei um instante e depois abri a tranca e a janela. O frígido ar noturno entrou a galope, mas não me afetou. Eu era humano. Era eu.

O uivo dos lobos também penetrou pela janela aberta, me envolvendo.

Vocês sentem falta de mim?

Os gritos desorganizados prosseguiram, protestando mais do que cantando.

Eu sinto falta de vocês.

E, com uma surpresa dormente, percebi que aquilo era tudo. Eu sentia saudade deles. Não sentia falta *daquilo*. Isso — essa pessoa debruçada à janela, cheia de lembranças, esperanças e medos humanos, essa pessoa que envelheceria — era a minha pessoa, e eu não queria perdê-la. Não sentia falta de estar no meio do bando, uivando, algo que jamais se compararia à sensação dos meus dedos nas cordas do violão. O canto potente dos lobos jamais seria tão triunfal quanto o som do nome de Grace na minha boca.

— Tem gente aqui querendo dormir! — gritei para a escuridão, que engoliu a mentira.

A noite se aquietou. O silêncio congelou a escuridão. Nenhum pio de ave ou sussurro de folhas naquela noite muda. Apenas o ruído distante de pneus numa estrada longínqua.

— *Uuuuuu!* — gritei da janela para chamar o meu bando, me sentindo um palhaço.

Houve uma pausa. Uma pausa tão comprida que me fez perceber como eu queria que eles precisassem de mim.

Então, todos começaram a uivar novamente, tão alto quanto antes, suas vozes se atropelando com uma determinação nova.

Sorri.

Uma voz familiar atrás de mim me sobressaltou. Parei já prestes a estender a mão por entre a tela da janela.

— Achei que você teria uma audição aguçada o bastante para escutar um alfinete cair a um quilômetro de distância.

Grace. A voz de Grace.

Quando me virei, ela estava de pé junto à porta, com uma mochila pendurada no ombro. Seu sorriso era... tímido.

— E aqui estou eu, chegando sorrateiramente, enquanto você... O que você estava fazendo, afinal?

Fechei a janela e dei meia-volta, piscando. Grace estava ali, na entrada do quarto de Beck. Grace, que deveria estar em casa, na própria cama. Grace, que assombrava meus pensamentos quando eu não conseguia sonhar. Senti como se não devesse estar surpreso. Afinal, eu não sabia o tempo todo que ela apareceria ali? Não estivera o tempo todo esperando encontrá-la à minha porta?

Finalmente recuperei o controle dos meus músculos e atravessei o cômodo para recebê-la. Aproximei-me o bastante para beijá-la, mas, em vez disso, estendi a mão para a alça frouxa da mochila e corri o polegar pela superfície irregular. A presença da mochila

respondia uma das perguntas que deixei de fazer. Outra delas foi respondida pelo odor de lobo ainda presente na respiração de Grace. E a série de dúvidas que me restavam, — *Sabe o que vai acontecer quando eles descobrirem? Você sabe que isso vai mudar tudo? Você não se importa com a imagem que terão de você? E com a imagem que terão de mim?* — já haviam sido respondidas afirmativamente, ou ela não estaria aqui. Ela não teria posto o pé fora do próprio quarto sem refletir sobre tudo isso.

O que significava que eu tinha apenas uma pergunta a fazer:

— Você tem certeza?

Grace assentiu.

E, de uma hora para outra, tudo mudou.

Puxei com delicadeza a alça da mochila e dei um suspiro.

— Ah, Grace.

— Você está zangado?

Peguei as mãos dela e balancei-as suavemente para frente e para trás, dançando sem tirar o pé do chão. Minha cabeça era uma mistura de Rilke — *Você que nunca chegou aos meus braços, Amada, que esteve perdida desde o início* — com a voz do pai dela — *Estou me esforçando ao máximo para não dizer algo de que me arrependa depois* — e a saudade personificada naquele ser físico ali, finalmente nas minhas mãos ansiosas.

— Estou com medo — falei.

Mas senti um sorriso no meu rosto. E quando ela o viu, uma nuvem de ansiedade que eu sequer havia reparado no dela se dispersou, deixando somente um céu azul e, finalmente, o sol.

— Oi — disse eu, abraçando-a. — Minha saudade era maior agora, quando eu a tinha, efetivamente, nos braços.

GRACE

Eu me sentia zozza e lenta, me movimentando num sonho.

Essa era a vida de outra pessoa, uma vida na qual a garota foge de casa ao encontro do namorado. Essa não era a Grace confiável, que jamais entregava um dever depois da data, ficava na rua até tarde da noite ou andava fora dos contornos. E, no entanto, lá estava eu, no corpo daquela garota rebelde, pousando cuidadosamente minha escova de dentes ao lado da escova de dentes novinha em folha de Sam, como se aquele fosse o meu lugar. Como se eu fosse passar algum tempo ali. Meus olhos doíam de cansaço, mas meu cérebro continuava a mil, totalmente desperto.

A dor estava mais fraca agora, mais calma. Eu sabia que havia apenas se escondido, afastada pela certeza da proximidade de Sam, mas agradei o alívio.

No chão do banheiro, vi a meia lua de uma unha do pé caída no ladrilho, junto ao pé da privada. Sua absoluta banalidade me fez perceber, com total isenção, que eu me encontrava no banheiro de Sam, na casa de Sam, planejando passar a noite no quarto de Sam com Sam.

Meus pais iam me matar. O que fariam primeiro, logo de manhã? Ligariam para o meu celular? Para ouvi-lo tocar no lugar onde o haviam escondido? Podiam ligar para a polícia, se quisessem. Como disse o meu pai, eu ainda era menor de idade. Fechei os olhos e imaginei o policial Koenig batendo à porta com meus pais atrás dele, esperando para me arrastar de volta para casa. Meu estômago se revirou.

Sam bateu de leve na porta do banheiro.

— Tudo bem?

Abri os olhos e o encarei, parado à porta. Ele trocara de roupa e agora usava uma calça de moletom e uma camiseta estampada com um polvo. Aquilo tudo, afinal, talvez fosse uma boa ideia.

— Tudo bem — respondi.

— Você fica uma gracinha de pijama — me elogiou, a voz hesitando como se admitisse algo que não pretendia admitir.

Estendi a mão e a pousei em seu peito, sentindo sua respiração através do tecido fino.

— Você também.

Sam abriu a boca, formando um sorriso triste. Em seguida, tirando a minha mão do seu peito, me guiou pelo corredor, tendo antes apagado a luz do banheiro, seus pés descalços batendo na tábua corrida.

A única iluminação em seu quarto vinha do corredor e do reflexo da claridade da varanda, que penetrava pela janela; eu mal distinguia a forma branca do cobertor cuidadosamente esticado na cama. Soltando minha mão, Sam disse:

— Apago a luz do corredor assim que você entrar, para evitar que saia trombando nos móveis.

Ele então desviou o rosto com uma expressão tímida, e vi, mais ou menos, como se sentia. Era como se estivéssemos nos encontrando novamente pela primeira vez, como se nunca tivéssemos trocado um beijo ou passado uma noite juntos. Tudo parecia novinho em folha, tinindo e aterrorizante.

Me enfiei na cama com os lençóis sob as mãos e me arrastei pelo colchão até a parede contra a qual ela estava encostada. O corredor ficou escuro, e ouvi Sam suspirar — um suspiro pesado e trêmulo — antes que as tábuas do assoalho ragessem sob seus passos. O quarto tinha claridade apenas para que eu distinguísse os contornos dos seus ombros à medida que ele se deitava ao meu lado.

Durante um instante, ficamos ali deitados, sem nos tocar, dois estranhos. Então Sam se aproximou de mim e deitou a cabeça no mesmo travesseiro.

Quando me beijou, seus lábios foram macios e cuidadosos, misturando a emoção do primeiro beijo à familiaridade praticada

da lembrança de todos os seguintes. Pude sentir a batida do seu coração através da camiseta, um rápido *bum* que se acelerou mais ainda quando entrelaçamos nossas pernas.

— Não sei o que vai acontecer — disse ele baixinho. Seu rosto estava junto ao meu pescoço, as palavras ditas diretamente na minha pele.

— Nem eu — falei. O nervosismo e a coisa dentro de mim me deram um aperto no estômago.

Lá fora, os lobos cantavam intermitentemente, seus gritos subindo e descendo, difíceis de ouvir agora. Sam, ao meu lado, ficou muito quieto.

— Você sente falta disso? — indaguei.

— Não — respondeu ele, tão rápido que não acreditei que tivesse realmente pensado na pergunta. Passado um momento, veio o complemento da resposta, trôpego e hesitante. — É isto o que eu quero. Quero saber o que estou fazendo. Quero me lembrar. Quero fazer diferença.

Ele estava errado, porém. Sam sempre havia feito diferença, mesmo quando era um lobo na floresta atrás da minha casa.

Virei rapidamente o rosto para enxugar o nariz num papel que trouxera do banheiro. Não precisei olhar para saber que ele ficara manchado de vermelho.

Sam respirou fundo e me envolveu em seus braços. Enterrou a cabeça em meu ombro e senti quando agarrou um pedaço da blusa do meu pijama, ao mesmo tempo em que inspirava meu aroma.

— Fique comigo, Grace — sussurrou ele, e eu encostei meu punho trêmulo de encontro a seu peito. — Por favor, fique comigo.

Senti o cheiro da minha própria pele, o cheiro de amêndoas excessivamente doce que exalava dela, e entendi que Sam não se referia àquela noite apenas.

*Aninhada em meus braços, você é uma borboleta ao contrário
abrindo mão de suas asas, herdando minha sina
desistindo de
mim
desistindo*

CAPÍTULO 42

SAM

O dia mais longo da minha vida começou e acabou com Grace fechando os olhos.

Na manhã seguinte, quando acordei, Grace não estava propriamente em meus braços, e sim espalhada sem cerimônia por cima de mim e do meu travesseiro, me imprensando contra a cama. A luz do sol emoldurava nós dois; o retângulo de claridade projetado através da janela delineava perfeitamente os nossos corpos. O dia havia avançado enquanto o gastávamos dormindo. Tive a impressão de nunca ter dormido assim, morto para o mundo, indiferente à claridade do dia. Me apoiando sobre os cotovelos, fui invadido por uma sensação estranha, de queda, com o peso de milhares de dias não vividos empilhados uns sobre os outros enquanto olhava para Grace. Ela resmungou ao acordar. Quando se virou para mim, vi algo vermelho antes que ela passasse a mão pelo rosto.

— Oi — disse ela, abrindo os olhos para olhar o pulso.

— Quer um lenço de papel? — perguntei.

— Eu pego — rosnou Grace.

— Não precisa. Já me levantei.

— Levantou uma ova.

— Levantei. Estou apoiado nos cotovelos, viu? Mil vezes mais acordado que você.

Normalmente, a essa altura, eu me inclinaria para ser beijado, para fazer um carinho nela, para passar a mão pela sua coxa ou para descansar minha cabeça em seu estômago. Naquele dia, porém, tive medo de quebrá-la.

Grace me olhou como se a ausência de contato fosse suspeita.

— Eu bem que podia enxugar meu nariz na sua camiseta.

— Saquei! — disse eu, levantando da cama para pegar um lenço de papel. Quando voltei, o cabelo dela se espalhava em torno do rosto, escondendo sua expressão. Sem comentários, Grace limpou o braço e amassou o lenço rapidamente, mas não com rapidez o suficiente para me impedir de reparar no sangue que nele se encontrava.

Fiquei tenso.

Entregando a ela um maço de lenços, falei:

— Acho melhor irmos ao médico.

— É inútil — contestou Grace. Ela enxugou o nariz, mas nada mais havia ali. Em vez disso, passou o lenço no braço.

— Quero ir mesmo assim — insisti. Alguma coisa tinha de aliviar aquela ansiedade em meu peito.

— Odeio médicos.

— Sei disso — concordei. Era verdade. Grace já divagara sobre isso antes. Pessoalmente, eu achava que tinha mais a ver com sua aversão a perder tempo, e não com medo de médicos e enfermeiros. Achei que o que a incomodava de verdade era uma aversão a salas de espera. — Vamos ao centro de saúde. Lá é mais rápido.

Grace fez uma careta e depois deu de ombros, concordando.

— Está bem.

— Obrigado — agradei, aliviado, quando ela *desabou* novamente sobre um travesseiro.

Grace fechou os olhos.

— Acho que não vão encontrar coisa alguma.

Supus que provavelmente ela tinha razão. Mas o que mais eu podia fazer?

GRACE

Parte de mim queria ir ao médico, caso ele pudesse ajudar. Mas uma parte maior tinha medo, caso ele não pudesse. Que opção me restaria se essa falhasse?

Visitar o centro médico contribuiu para o aspecto surreal do dia. Eu nunca estivera lá, embora Sam parecesse conhecer bastante o lugar. As paredes tinham um tom pútrido de verde, e a sala de exames ostentava um mural retratando quatro baleias assassinas maldesenhadas brincando em ondas esverdeadas. Todo o tempo em que a enfermeira e o médico me fizeram perguntas, Sam enfiava e tirava as mãos dos bolsos. Quando lhe lancei um olhar, ele parou por alguns instantes, e então começou a estalar as articulações com o polegar.

Minha cabeça estava zozna, o que eu disse ao médico, e meu nariz, felizmente, comprovou seu sangramento diante da enfermeira. A dor de estômago, porém, pude apenas descrever, e ambos me olharam aparvalhados quando tentei fazê-los cheirar a minha pele (o médico, no entanto, cheirou).

Noventa e cinco minutos depois, saí de lá com uma receita para remédios contra alergia sazonal; com a recomendação de comprar sem receita um suplemento de ferro e spray nasal salino; e com a lembrança de um sermão sobre adolescentes e falta de sono. Ah! E Sam saiu sessenta dólares mais pobre.

— Está se sentindo melhor agora? — perguntei a Sam quando abriu a porta do Volkswagen para mim. Ele parecia um pássaro curvado nesse clima de primavera, negro e despojado contra as nuvens plúmbeas. Não dava para dizer, olhando o céu carregado, se o dia estava começando ou terminando.

— É — disse ele, que continuava a ser um péssimo mentiroso.

— Ótimo — falei, sem deixar de ser uma mentirosa fantástica.

Então a coisa no interior dos meus músculos gemeu, se alongou e doeu.

Sam me levou para tomar um café, que não tomei. Enquanto estávamos sentados na Kenny's, o celular dele tocou. Sam virou o telefone para que eu visse o número de Rachel.

Voltando à posição anterior, ele me entregou o celular. Seu braço envolvia o meu pescoço por trás de um jeito bastante desconfortável, mas muito charmoso, de modo que eu não podia me mexer. Encostei o rosto em seu braço e abri o flip do telefone.

— Alô.

— Credo, Grace, você pirou?

Senti meu estômago se revirar.

— Você deve ter falado com meus pais.

— Eles ligaram para a minha casa. Provavelmente para a da Rainha de Gelo também. Queriam saber se você estava lá, porque: *aparentemente você não dormiu na sua cama a noite passada* e não estava com o seu celular hoje, e eles foram ficando cada vez mais preocupados, de um jeito bastante desagradável para a pobrezinha que vos fala!

Apertei a testa com uma das mãos e apoiei o cotovelo na mesa. Sam, educadamente, fingiu não estar escutando, embora a voz de Rachel pudesse ser claramente ouvida.

— Desculpe, Rachel. O que você disse a eles?

— Você sabe que não sou boa para mentir, Grace! Não consegui dizer que você estava na minha casa!

— Sei disso — falei.

— Então disse que você estava na casa de Isabel.

Pisquei.

— Você disse *isso*?

— O que você queria que eu dissesse? Que você estava na casa do Rapaz, para eles matarem vocês dois?

Minha voz saiu um pouco mais belicosa do que pretendi.

— Eles vão acabar descobrindo, de todo jeito.

— Como assim? Grace Brisbane, você não está dizendo que não vai voltar para casa, está? Fala pra mim que é só porque está furiosa por eles terem colocado você de castigo. Ou até mesmo porque não podia passar mais uma noite sequer sem os adereços fantásticos do Rapaz. Mas não me diga que é para sempre!

O rosto de Sam contorceu-se de forma estranha à menção dos adereços do Rapaz.

— Não sei. Não pensei tão pra frente. Mas não pretendo voltar tão cedo. Minha mãe me ajudou dizendo que achava que eu e Sam éramos só um caso de paixonite e que eu precisava aprender a diferença entre amor e desejo. E ontem à noite, meu pai me disse que eu estava proibida de encontrar com Sam até fazer 18 anos.

Sam pareceu abalado. Essa parte eu não lhe havia contado.

— Uau. A compreensão limitada do modelo parental jamais para de me surpreender. Principalmente porque o Rapaz é... Bom, o Rapaz nitidamente é incrível. Qual é o problema deles? De qualquer forma, o que você quer que eu faça? Você vai... Bom, o que vai acontecer?

— Vou acabar cansando de usar as mesmas duas camisas o tempo todo e voltando lá para enfrentá-los — respondi. — Mas até lá, acho... Acho que não vou falar com eles.

Soou estranhíssimo dizer isso. Eu estava furiosa com eles pelo que haviam dito, tudo bem. Mas sabia que essas coisas, por si só, não justificavam a minha fuga. Eram mais como a ponta do iceberg, e eu talvez não estivesse realmente fugindo, mas tornando oficial a distância emocional entre nós. Agora, os dois hoje não estavam mais distantes de mim do que na maioria dos dias da minha adolescência.

— Uau — exclamou Rachel. Dava para saber quando ela estava perplexa quando tudo que conseguia dizer era “Uau”.

— Cansei, chega — falei, e me surpreendi ao ouvir minha voz falsear de leve. Torci para Sam não ter notado. Fiz questão de manter a voz firme ao prosseguir. — Não vou mais fingir que somos uma família feliz. Para variar, vou cuidar de mim agora.

O momento soou repentinamente profundo comigo ali, sentada no sofá desbotado da Kenny’s, o porta-guardanapos de metal refletindo a imagem de Sam encostado em mim e a minha sensação de ser uma ilha se afastando cada vez mais da terra firme. Pude sentir meu cérebro fotografar a cena, a claridade desbotada, a beirada lascada dos pratos, a caneca de café ainda cheia à minha frente, as cores neutras das camisetas que Sam usava em camadas.

— Uau — repetiu Rachel. E depois de uma pausa acrescentou: — Você não está falando sério, Grace... Tome cuidado, viu? Quer dizer... não magoe o Rapaz. Essa parece ser o tipo de guerra que deixa muitos mortos e as aldeias próximas exauridas, depois de tanta pilhagem.

— Pode acreditar que o Rapaz é a única coisa nisso tudo que faço questão de conservar.

Rachel soltou um enorme suspiro.

— Está bem. Você sabe que faço tudo o que você precisar que eu faça. Talvez seja melhor você fazer contato com a dona das botas bicudas para avisar a ela o que está rolando.

— Obrigada — agradei, e Sam deitou a cabeça no meu ombro, como se de repente estivesse tão exausto quanto eu. — A gente se vê amanhã.

Rachel concordou e desligou. Pus de volta o celular no bolso da calça cargo de Sam antes de encostar a cabeça na dele. Fechei os olhos e, por um instante, simplesmente me permiti inalar o aroma do seu cabelo e fingir que já estávamos de volta à casa de Beck. Queria apenas poder me enroscar nele e dormir sem precisar me preocupar em enfrentar meus pais, Cole ou o cheiro de amêndoas e de lobo que começava a brotar novamente na minha pele.

— Acorde — disse Sam.

— Não estou dormindo — retruquei.

Sam apenas olhou para mim. Em seguida, voltou os olhos para o meu café.

— Você não bebeu nadinha da sua energia líquida, Grace.

Sem esperar pela minha resposta, simplesmente tirou algumas notas da carteira e as enfiou sob sua caneca vazia. Parecia cansado e mais velho, com círculos escuros sob os olhos, e de repente me enchi de culpa. Eu estava dificultando as coisas para ele.

Minha pele estava estranha e latejava. Mais uma vez, senti gosto de metal na boca.

— Vamos para casa — falei.

Sam não me perguntou a que casa eu me referia. A palavra agora significava um único lugar.

CAPÍTULO 43

SAM

Eu devia ter adivinhado que acabaria assim. E talvez, de alguma forma, tenha adivinhado mesmo, porque não me surpreendi quando vi uma caminhonete azul na entrada da casa de Beck, uma daquelas lustrosas e enormes, mais parecendo uma pequena loja de conveniência. Na placa estava escrito *CULPEPR*, e Tom Culpeper se encontrava em pé diante dele. Gesticulava ensandecido para Cole, que parecia profundamente indiferente.

Eu nada tinha contra Tom Culpeper, salvo a antipatia gerada pelo fato de ele ter liderado uma caçada aos lobos e me acertado um tiro no pescoço. Por isso meu estômago se contraiu ao vê-lo.

— Aquele é Tom Culpeper? — indagou Grace, numa voz que transmitia toda a falta de entusiasmo que eu sentia. — Você acha que ele veio por causa de Isabel?

Enquanto estacionava na rua, senti um latejar esquisito me descer pelas pernas.

— Não, acho que não.

COLE

Tom Culpeper era um sacana.

Por também ser, eu podia me permitir pensar assim. Ele já estava há cinco minutos tentando extrair de mim informações sobre o paradeiro de Beck quando o Volkswagen cinza de Sam parou junto ao meio-fio. Sam, no banco do motorista, desceu do carro com uma expressão carrancuda. Nitidamente ele e aquele babaca tinham suas diferenças.

Tom Culpeper calou a matraca quando Sam atravessou o gramado, sem projetar sombra alguma sob a luz da tarde sem sol.

— Posso ajudar? — indagou Sam.

Culpeper enfiou os polegares nos bolsos da calça de brim e examinou Sam. De repente, adotou uma expressão alegre, confiante.

— Você é o filho de Beck. O adotado, não?

O sorriso de Sam foi débil.

— Sou.

— Sabe se ele está por aí?

— Infelizmente, não — respondeu Sam. Grace se juntou a nós, ficando entre mim e ele. Seu rosto estampava uma expressão vaga, como se ouvisse, só ela, alguma música que não lhe agradava. A disposição amistosa de Culpeper se anuviou ao vê-la. — Vou avisar a ele que o senhor esteve aqui — completou Sam.

— Ele não volta hoje? — quis saber Culpeper.

— Não, senhor — respondeu Sam, conseguindo soar ao mesmo tempo educado e insolente, talvez sem querer.

— É uma pena, porque tenho algo que queria entregar pessoalmente a ele. Mas acho que você talvez possa receber em seu lugar. — Com o queixo, então, indicou a traseira do utilitário.

O rosto de Sam tinha o mesmo tom cinzento do céu quando ele e eu fomos em frente, seguidos por Grace.

— Você acha que isso pode ser do interesse do sr. Beck? — indagou Culpeper, abrindo a traseira do carro.

Aquele momento. Há momentos que nos transformam para sempre, e aquele foi um deles para mim.

Na traseira do carro, entre sacolas de plástico de supermercado e uma lata de gasolina, estava um lobo morto. Jazia de lado, com as pernas cruzadas umas sobre as outras, após ter sido empurrado para caber ali. O pelo estava manchado de sangue no pescoço e na barriga. Da mandíbula levemente aberta, pendia, inerte, a língua, entre os caninos.

Victor.

Sam levou as mãos à boca, baixando-a em seguida. Contemplei a cara cinza pálida de Victor, com suas manchas escuras e seus olhos castanhos, encarando, vazios, a lateral acarpetada do automóvel.

Cruzando os braços, fechei as mãos para impedi-las de tremer. Meu coração batia de um jeito frenético, desesperado. Eu precisava me afastar, mas não consegui.

— O que é isto? — indagou Sam com frieza.

Culpeper agarrou uma das patas traseiras do lobo e, com um único tranco, puxou o corpo por cima do para-choque, deixando-o cair com um baque doentio na entrada da casa. Grace gritou, a voz cheia do horror que começava a crescer dentro de mim.

Eu precisava me virar. Minhas entranhas pareciam estar se desfazendo.

— Diga o seguinte ao seu pai — rosnou Culpeper. — Diga e ele para parar de alimentar essas coisas. Se vir outro deles na minha propriedade, *vou* matá-lo. Vou matar todo e qualquer lobo em que puser os olhos. Isto aqui é Mercy Falls, não o National Geographic.

Olhando para Grace, que dava a impressão de estar tão enjoadada quanto eu, acrescentou:

— Achei que você sabia escolher melhor suas companhias, sendo o seu pai quem ele é.

— Melhor companhia que a sua filha? — conseguiu rebater Grace.

Culpeper lhe deu um sorriso constrangido.

Sam havia ficado muito, muito, quieto, mas a voz de Grace o trouxe novamente à vida.

— Sr. Culpeper, tenho certeza de que o senhor sabe qual é a profissão do meu pai adotivo.

— É verdade. Trata-se de uma das poucas coisas que temos em comum.

A voz de Sam mostrou-se perturbadoramente neutra.

— Garanto que existem implicações legais para o fato de despejar um animal selvagem morto numa propriedade privada. A caça da maioria dos animais é proibida nesta época, e, que eu saiba, os lobos estão incluídos. Imagino que se existe alguém que esteja a par dessas implicações, esse alguém é ele.

Tom balançou a cabeça e se dirigiu para a porta do motorista:

— Muito bem. Deseje boa sorte a ele por mim. É preciso passar mais da metade do ano em Mercy Falls para contar com o beneplácito do juiz.

Era tamanha a minha vontade de feri-lo que chegava a doer. Queria arrancar daquela boca aquele sorriso de cera.

Achei que não conseguiria me conter.

Senti um toque em meu braço e, baixando os olhos, vi os dedos de Grace envolvendo meu pulso acima do punho. Ela me olhou e mordeu o lábio. Pela sua expressão e pela posição dos seus ombros, pude ver que também ansiava por acabar com o cara, e foi isso que me freou.

— É melhor tirar esse troço do caminho, se não quiser que eu passe com o carro por cima dele — avisou Culpeper enquanto batia a porta do veículo.

Nós três corremos para afastar o corpo de Victor, enquanto o motor do utilitário era ligado e a marcha a ré, engatada.

Há séculos eu não me sentia tão infantil, tão impotente contra um adulto.

Assim que o carro sumiu de vista, Grace disse:

— Ele foi embora, o babaca.

Desabei no chão junto ao lobo e levantei seu focinho. Os olhos de Victor devolveram o meu olhar, opacos e sem vida, perdendo o significado a cada segundo daquele lado da morte.

Então, eu disse o que deveria ter dito muito tempo antes — “Desculpe, Victor. Sinto muito mesmo” — à última pessoa que eu destruiria na vida.

CAPÍTULO 44

SAM

Tive a sensação de já ter cavado covas demais naquele ano.

Juntos, Cole e eu pegamos a pá na garagem e nos revezamos para cavar o solo parcialmente congelado. Eu não sabia o que dizer a ele. Minha boca aparentemente se entupira com as palavras que eu devia ter dito a Tom Culpeper, e quando tentei encontrar alguma restante para Cole, não consegui.

Queria que Grace esperasse dentro de casa, mas ela insistiu em ficar conosco. Observou-nos do meio das árvores, com os braços firmemente cruzados e os olhos vermelhos.

Eu escolhera aquele lugar, íngreme e árido, por causa da sua beleza no verão. Quando chovia, as folhas se abriam, revelando o interior alvo e brilhante que se agitava ao vento. No entanto, eu jamais estivera ali na forma humana para apreciar o cenário igualmente belo naquela época do ano. Enquanto cavávamos, o cair da tarde transformou a floresta, espalhando raios de sol mornos no chão da floresta e pintando listras de sombras azuis em

nossos corpos. O conjunto de pinceladas amarelas e azuis resultava num quadro impressionista que retratava três adolescentes em um funeral vespertino.

Cole mais uma vez sofrera uma transformação em relação ao sujeito que eu vira da última vez. Quando passei a pá para ele, trocamos olhares. E, pela primeira vez desde que o conhecera, sua expressão não me pareceu vazia. Quando nossos olhares se encontraram, vi dor, culpa... e Cole.

Finalmente, vi Cole.

O corpo de Victor jazia a alguns metros de nós, parcialmente embrulhado num lençol. Enquanto cavava, compus em minha cabeça uma elegia para ele.

*Velejando para uma ilha ignorada
incapaz de encontrar o caminho para casa
você anda sob um oceano
léguas abaixo de nós*

Grace captou meu olhar, como se soubesse o que eu estava fazendo. A canção também podia dizer respeito a ela, por isso a espantei do meu pensamento. Cavando e esperando para cavar. Era nisso que eu pensava enquanto o sol se punha.

Quando a cova já estava suficientemente funda, nós dois hesitamos. Dali eu podia ver a barriga de Victor e o buraco da bala que o matara. No final, ele morreu como um animal.

Podia muito bem ter sido o corpo de Beck ou de Paul aquele que Culpeper tirara da traseira do carro. No ano anterior, poderia ter sido o meu. Por pouco não foi.

GRACE

Cole não conseguiu dar conta.

Quando a cova finalmente ficou pronta e ele finalmente se pôs ao lado de Sam, olhando para o corpo à beira dela, vi que Cole não daria conta. Reconheci a máscara de controle, a respiração entrecortada, irregular o bastante para fazer seu corpo balançar a cada expiração.

Já acontecera comigo.

— Cole — falei, e ambos olharam para mim. Tiveram de baixar os olhos, porque há muito eu não conseguia mais ficar em pé, tamanho o cansaço. Do lugar onde eu estava, em meio às folhas frias e secas, gesticulei na direção de Victor.

— Por que vocês não dizem algumas palavras? Para Victor.

Sam piscou para mim, surpreso. Acho que talvez tivesse se esquecido de que eu já lhe dera adeus uma vez. Aquela sensação não me era estranha.

Cole não olhou para nenhum de nós. Apertou as juntas dos dedos contra a testa e engoliu em seco.

— Não posso, eu...

Fez uma pausa, então, pois sua voz falhou. Vi sua garganta se mover enquanto engolia em seco novamente.

Estávamos deixando as coisas mais difíceis para ele. Estávamos obrigando-o a combater o luto e as lágrimas.

Sam pegou a deixa e disse:

— Podemos deixar você sozinho, se quiser privacidade.

— Não, por favor — sussurrou Cole.

Seu rosto continuava seco, mas uma lágrima, fria contra minha bochecha ardente, me desceu até o queixo.

Sam aguardou um bocado que Cole falasse, e quando isso não aconteceu, recitou um poema, numa voz grave e solene:

— *A morte chega em meio a todo esse alvoroço, como um sapato que não contém pé, como um terno que não contém homem algum...*

Observei a total inércia de Cole enquanto Sam recitava. Ele não se mexeu. Ele não respirou. Era um tipo de imobilidade tão

profundo que dava para perceber que chegava ao âmago do seu ser.

Sam deu um passo na direção de Cole e, então, pousou cuidadosamente a mão em seu ombro.

— Este não é Victor. É algo que ele vestiu durante um breve período e não veste mais.

Ambos olharam para o corpo do lobo na morte, enrijecido, pequeno e de aparência derrotada.

Cole desabou no chão.

COLE

Eu precisava encarar os olhos dele.

Tirei o lençol que envolvia o corpo para que não restasse nada entre mim e os olhos castanhos de Victor, vazios e distantes, meros fantasmas de seus olhos genuínos.

O frio estremeceu meus ombros, uma leve ameaça do que estava por vir, mas eu o afastei, tirei-o da cabeça. Olhei para o interior daqueles olhos e tentei fingir que não havia lobo algum a emoldurá-los.

Recordei o dia em que perguntei a Victor se ele queria criar uma banda comigo. Estávamos em seu quarto, do qual uma pequena parte era ocupada pela cama e o restante, por uma bateria na qual ele executava um solo. O eco era tão grande no cômodo apertado que dava a impressão de haver ali três bateristas. Os pôsteres emoldurados balançavam nas paredes e o relógio-despertador aos poucos se aproximava, sacolejando, da beirada da mesinha de cabeceira. Os olhos de Victor brilhavam com um fervor frenético, e cada vez que chutava o bumbo, ele acompanhava o gesto com uma careta dirigida a mim.

Mal pude ouvir Angie gritar do quarto ao lado.

— Vic, você está estourando meus tímpanos! Cole, fecha a droga dessa porta!

Fechei a porta do quarto.

— Parece legal — elogiei.

Victor jogou para mim uma das baquetas, que passaria voando sobre a minha cabeça se eu não me esticasse para agarrá-la. Tirei uma casquinha dos címbalos.

— *Victor!* — urrou Angie.

— Estas mãos são mágicas — gritou ele de volta.

— Um dia, vão *pagar* pelo privilégio de ouvi-las tocar! — gritei também.

Victor riu para mim e improvisou com uma única baqueta e o bumbo.

Ataquei o címbalo de novo para irritar Angie e me virei para Victor.

— O que foi? — indagou ele. Em seguida, acertou novamente o bumbo, batendo com a sua baqueta na que eu segurava em meio ao improviso.

— Você está mesmo pronto para isso? — perguntei.

Victor largou a baqueta. Seus olhos me fixaram sem pestanejar.

— O quê?

— NARKOTIKA — respondi.

Agora, naquele vento gélido, enquanto o sol desaparecia, estendi a mão e toquei o pelo do ombro de Victor. Então disse, numa voz grave e fora de tom:

— Vim para cá para fugir. Vim para cá para esquecer de tudo. Achei... achei que não tinha nada a perder.

O lobo jazia ali, pequeno, cinza e sombrio à luz mortiça. Morto. Eu precisava continuar olhando em seus olhos. Não me permitiria esquecer que aquele não era um lobo, era Victor.

— E funcionou, Victor, de verdade. — Balancei a cabeça. — Você sabe, não sabe? Tudo some quando se é lobo. É isso o que eu quero. É tão bom. O mais absoluto nada. Eu podia ser um lobo agorinha mesmo e não me lembrar deste momento. Como se

jamais tivesse acontecido. Eu não me importaria com a sua morte, porque nem me lembraria de quem você era.

Pelo canto do olho, vi Sam desviar o rosto. Eu estava totalmente ciente do seu esforço para não olhar para mim, para não olhar para Grace.

Fechei os olhos.

— Toda... esta... dor. Isto... — Minha voz começava a falhar de novo, perigosa e repentinamente hesitante. Mas eu não ia parar. Abri os olhos. — A culpa. Por causa do que fiz com você. Por causa do que sempre fiz com você. Isso... Isso sumiria. — Me calei e passei a mão no rosto. Minha voz era quase inaudível. — Mas é o que eu sempre faço, certo, Vic? Ferrar tudo e depois dar um jeito de sumir.

Estendi a mão e toquei numa das patas dianteiras do lobo; o pelo era áspero e frio sob a ponta dos meus dedos.

— Ah, Vic — falei, e a voz ficou atravessada na minha garganta. — Você era tão bom. *Mãos mágicas.*

Ele jamais teria mãos de novo.

O resto eu não disse em voz alta.

Nunca mais, Victor. Cansei de fugir. Lamento que isso precisasse acontecer para eu enxergar.

Pelo canto do olho, vi alguma coisa, a escuridão se transformando.

Lobos.

Como humano, eu nunca vira tantos, mas agora eles formigavam nos espaços sombrios entre as árvores. Dez? Doze? Estavam afastados o bastante para quase me fazer crer que aquelas formas difusas eram fruto da minha imaginação.

Os olhos de Grace também estavam fixos neles.

— Sam — sussurrou ela. — Beck.

— Eu sei — disse ele.

Ficamos os três paralisados, aguardando para ver quanto tempo eles ficariam ali e nos perguntando se se aproximariam mais. Agachado ao lado de Victor, tive consciência de que os olhos brilhantes significavam coisas diferentes para cada um de nós. O passado de Sam. O meu presente. O futuro de Grace.

— Eles estão aqui por causa de Victor? — indagou Sam, num tom suave.

Ninguém respondeu.

Me dei conta: eu era o único que pranteava Victor pelo que ele havia sido de verdade.

Os lobos permaneceram onde estavam, espectros na noite que caía. Finalmente, Sam virou-se para mim e perguntou:

— Você está pronto?

Achei que não se tratava de algo para o qual fosse possível estar pronto, mas cobri o rosto de Victor com o lençol. Juntos, Sam e eu erguemos seu peso — parecia nada entre nós dois — e, com delicadeza, o baixamos à sepultura, com Grace e a alcateia como plateia.

A floresta estava totalmente silenciosa.

Então, Grace finalmente se pôs de pé, instável sobre as pernas, uma das mãos apertando o estômago.

Sam levou um susto quando um dos lobos começou a uivar. Era um som grave, triste, muito mais parecido com uma voz humana do que imaginei ser possível.

Um por um, os outros lobos acrescentaram suas vozes. Conforme o dia escurecia, o canto cresceu, preenchendo cada fenda, cada barranco da floresta. Isso despertou alguma lembrança lupina profundamente enraizada na minha mente, a lembrança de inclinar a cabeça e olhar para o céu, chamando a primavera.

Mais do que qualquer outra coisa, o canto solitário tornou realidade a existência do corpo frio de Victor dentro da cova, e

percebi que meu rosto estava molhado quando o cobri com as mãos.

Baixando-as, vi Sam dar os poucos passos que o separavam de Grace e abraçar sua forma balouçante.

Abraçar forte, negando o fato de que, cedo ou tarde, nós todos teríamos que ceder.

CAPÍTULO 45

SAM

Quando tornamos a entrar em casa, foi difícil dizer quem estava com a pior aparência: Cole, destroçado pelo luto, ou Grace, os olhos enormes no rosto pálido como giz. Doía olhar para ambos.

Cole desabou numa das cadeiras que se encontrava em volta da mesa de jantar. Levei Grace até o sofá e me sentei a seu lado, com a intenção de ligar o rádio, conversar com ela, fazer alguma coisa, mas eu estava exaurido. Por isso ficamos em silêncio, cada um perdido nos próprios pensamentos.

Uma hora depois, quando ouvimos a porta do fundo se abrir, demos todos um pulo, relaxando apenas um pouco quando vimos que se tratava de Isabel, embrulhada em seu casaco branco forrado de pele e calçando as botas de sempre. Seus olhos viajaram de Cole, sentado à mesa com a cabeça deitada nos braços cruzados, para mim e, finalmente, para Grace, com a cabeça repousando em meu peito.

— Seu pai esteve aqui — falei tolamente, sem conseguir pensar em outra coisa para dizer.

— Eu sei. Eu vi, quando já era tarde demais. Não sabia que ele traria o corpo para cá — explicou ela, com os braços esticados ao longo do corpo. — Ainda bem que vocês não o ouviram se gabando quando voltou. Não consegui sair antes de terminar o jantar. Disse a ele que ia até a biblioteca, porque se tem uma coisa que aquele homem desconhece é o horário de funcionamento dela. — Fazendo uma pausa e virando parcialmente a cabeça na direção de um Cole ainda imóvel, ela prosseguiu, falando comigo de novo: — Quem era? O lobo? Quem era?

Dei uma olhada para a mesa da sala de jantar, a qual era quase impossível ver do sofá onde eu estava. Sabia que ele me ouviria falar.

— Victor. O amigo de Cole.

De imediato, Isabel voltou sua atenção para Cole.

— Eu não sabia que ele tinha algum... — Ela pareceu perceber a rudeza do comentário, pois acrescentou: — Aqui.

— É — enfatizei.

Isabel hesitou, voltando a olhar para Cole e, depois, novamente para nós. Por fim, falou:

— Vim aqui para saber qual é o plano.

— Plano? — indaguei. — Plano para quê?

Depois de lançar outro olhar para Cole, Isabel observou Grace com mais atenção e depois apontou um dedo para mim. Com um sorriso duro, perguntou:

— Podemos trocar uma palavrinha com você? Na cozinha?

Grace ergueu a cabeça obedientemente e franziu a testa ante o convite de Isabel, mas se afastou de mim para que eu pudesse seguir sua amiga até a cozinha.

Mal entrei na cozinha, Isabel disse num tom mordaz:

— Eu *avisei* a você que os lobos andavam rondando a nossa casa e que meu pai não era fã deles. O que você esperava?

Minhas sobrelanceiras se ergueram diante da acusação:

— O quê? O que o seu pai fez hoje? Cabia a mim impedir?

— *Você* é o responsável. Eles são seus lobos agora. Não dá pra ficar de braços cruzados.

— Não imaginei de fato que seu pai fosse sair por aí...

Isabel me cortou.

— Todo mundo sabe que o meu pai é capaz de atirar em qualquer coisa que não pode atirar de volta. Supus que você fosse fazer algo!

— Não imagino o que eu poderia fazer para manter os lobos longe da sua casa. Eles circulam ao redor do lago porque há comida ali. Não achei que o seu pai atirador iria violar descaradamente as leis sobre caçadas e armas de fogo.

A minha voz saiu acusadora, o que eu sabia não ser justo.

Isabel riu. Seu riso mais pareceu um latido, curto e sem graça.

— Você, mais do que ninguém, deveria saber do que ele é capaz, pelo amor de Deus. Falando nisso, por quanto tempo você pretende continuar fingindo que não há nada de errado com Grace?

Pisquei.

— Não me olhe com esses olhos de cordeirinho. Você está sentado ali com ela, que mais parece uma vítima do câncer. Ela está péssima e cheira exatamente como aquele lobo morto. O que está havendo, afinal?

Titubeei.

— Não sei, Isabel — respondi. Minha voz soou cansada, até mesmo aos meus ouvidos. — Fomos ao médico hoje. Nada.

— Bom, então leve Grace ao hospital!

— O que acha que vão fazer no hospital? Talvez, *talvez*, façam um exame de sangue. O que você acha que vão encontrar? Suponho

que não haja muita chance de a palavra “lobisomem” aparecer no resultado, e não existe diagnóstico para “odor de lobo doente”.

Eu não queria soar tão zangado. Não era com Isabel, era comigo que eu estava furioso.

— Quer dizer então que você vai ficar... O quê? Esperando que algo ruim aconteça?

— O que você quer que eu faça? Que chegue com ela no hospital e exija que eles resolvam um problema que na verdade ainda não apareceu? Que não consta do *Manual Merck*? Você acha que não passei o dia todo preocupado com isso? A semana toda? Você acha que não está me matando ficar sem saber o que está acontecendo? Não é como se soubéssemos a resposta. Não há precedentes. Nunca aconteceu desse jeito. Estou perdido no escuro, Isabel!

Isabel me encarou. Reparei que seus olhos estavam meio vermelhos por trás da maquiagem negra que usara na região.

— *Pense*. Seja proativo ao invés de reativo. Você devia estar pesquisando o que matou aquele primeiro lobo em vez de ficar olhando para Grace todo derretido. E o que você tem na cabeça para permitir que ela fique aqui? Os pais dela deixaram mensagens no celular capazes de fritar bacon. O que acontece se eles descobrirem onde você mora e aparecerem justo quando Cole estiver se transformando? *Esse* seria um excelente tema para conversas, não? E por falar em Cole... Você sabe quem ele é? Que diabos você está fazendo, Sam? Que diabos você está esperando que aconteça?

Dei as costas a ela e entrelacei as mãos atrás da cabeça.

— Nossa, Isabel. O que você quer de mim? O quê?

— Quero que você cresça — rebateu. — Você achou que podia trabalhar naquela livraria para sempre e viver num mundo encantado com Grace? Beck já era. Você é ele agora. Comece a agir como adulto, ou vai perder tudo. Você acha que o meu pai vai

parar por aí? Porque vou logo avisando, ele ainda não acabou. E o que você acha que vai acontecer quando o pessoal aparecer procurando Cole? Quando o que quer que tenha matado aquele lobo matar Grace? Você esteve *realmente* num estúdio de gravação ontem? Surreal!

Virei-me para encará-la. Suas mãos eram punhos metidos nas axilas e sua boca estava fechada, numa expressão belicosa. Quis lhe perguntar se fazia isso porque Jack morrera e ela não aguentava ver o mesmo acontecer com outra pessoa. Ou se o motivo era eu ter sobrevivido e Jack não. Ou porque ela fazia parte de nós agora, inextricavelmente ligada a mim, a Grace, a Cole e aos demais.

No final das contas, não importava de fato o motivo de ela estar ali ou de dizer tudo isso. Porque eu sabia que Isabel tinha razão.

COLE

Ergui os olhos quando ouvi as vozes exaltadas na cozinha. Grace e eu trocamos olhares. Ela se levantou e veio se sentar diante de mim à mesa, segurando um copo d'água e alguns comprimidos. Engoliu os medicamentos e pousou o copo. O processo inteiro aparentemente lhe exigia um bocado de esforço, mas nada comentei porque ela nada disse. Tinha olheiras escuras sob os olhos e as bochechas estavam rubras por causa da febre. Parecia exausta.

No outro cômodo, as vozes de Sam e Isabel continuavam exaltadas. Senti a tensão no ar, esticada entre todos nós como se fosse arame.

— Não acredito que isto está acontecendo — falei.

— Cole, você sabe o que vai acontecer quando descobrirem que você está aqui? Se importa se eu perguntar?

O jeito como ela perguntou era totalmente franco e simples, sem qualquer julgamento acerca da minha fama.

Balancei a cabeça.

— Não sei. A minha família não vai ligar. Eles desistiram de mim faz tempo. Mas a mídia, sim. — Pensei naquelas garotas tirando fotos minhas com o celular. — A mídia vai adorar. Mercy Falls vai atrair um bocado de atenção.

Grace soltou um suspiro e pousou com cuidado a mão no estômago, como se tivesse medo de esmagar a pele. Ela já estava com aquela aparência antes?

— Você quer ser encontrado? — perguntou.

Ergui uma sobrancelha.

— Ah — disse ela. E refletiu sobre isso. — Imagino que Beck tenha achado que você seria um lobo a mais.

— Beck achou que eu ia me matar — falei. — Provavelmente não pensou mais que isso. Ele tentou me salvar.

Na cozinha, Sam disse alguma coisa inaudível. Isabel retrucou:

— Pensei que você e Grace falassem sobre tudo. Por que não sobre isso?

O jeito como ela falou aquilo naquele momento, como se a constatação fosse dolorosa, deu a impressão de que Isabel sentia alguma coisa por Sam. Essa possibilidade me deixou estranhamente anestesiado.

Grace apenas olhou para mim. Certamente também ouvira aquilo, mas guardou para si a própria reação.

Isabel e Sam voltaram para a sala, Sam com cara de desânimo e Isabel parecendo frustrada. Sam chegou por trás da cadeira de Grace e passou uma das mãos pelo seu pescoço. Foi um gesto simples, que não indicava *posse*, mas *laço*. Os olhos de Isabel se fixaram naquela mão, do mesmo jeito que imagino terem se fixado os meus.

Fechei e abri os olhos. Nesse ínterim, vislumbrei Victor. E percebi que não conseguia suportar, continuar consciente.

— Vou dormir — falei.

Isabel e Sam voltaram a se entreolhar, com uma briga silenciosa ainda em curso. Em seguida, ela disse:

— Já estou indo. Grace, Rachel disse que você está na minha casa. Eu confirmei para seus pais, mas sei que eles não acreditaram. Você vai mesmo passar a noite aqui?

Grace apenas estendeu a mão e segurou o pulso de Sam.

— No final, a minha é que é a voz da razão — vociferou Isabel. — Quanta ironia. A voz da razão que ninguém escuta.

Ela saiu zangada. Esperei um segundo e a segui na noite escura, alcançando-a junto à porta do utilitário branco, o ar noturno suficientemente frio para queimar minha garganta.

— O que foi? — indagou ela. — O que foi *agora*, Cole?

Acho que eu ainda estava sensível depois de ouvi-la falando com Sam.

— Por que está fazendo isso com ele? — perguntei.

— Com Sam? Ele precisa. Ninguém está dizendo a verdade a ele.

Ela ficou ali, furiosa, e agora que eu já a tinha visto chorar em sua cama, foi fácil notar que a mesma emoção a corroía naquele momento, embora Isabel jamais a expusesse.

— E quem está dizendo a verdade a você? — indaguei.

Isabel apenas olhou para mim.

— Acredite, eu faço isso a mim mesma o tempo todo.

— Acredito — falei.

Durante um segundo, tive a impressão de que ela fosse chorar de novo. Então, entrando no carro, Isabel bateu a porta. Não olhou na minha direção enquanto saía de marcha a ré. Fiquei ali de pé, depois que ela se foi, o vento frio me açoitando sem força o bastante para me transformar.

Tudo estava arruinado, tudo estava errado, e o fato de não conseguir me transformar deveria ser o fim do mundo. Em vez disso, para variar, eu me senti bem.

CAPÍTULO 46

SAM

Lá estávamos nós de novo, sempre dizendo adeus.

Grace deitada de costas na minha cama, os joelhos flexionados. A camiseta havia subido um tantinho, revelando alguns centímetros da barriga pálida. O cabelo louro se espalhava de um lado, como se ela estivesse voando ou flutuando na água. Ao lado do interruptor eu olhava para ela e apenas... desejava.

— Não apague — pediu Grace, numa voz meio estranha. — Venha ficar comigo um pouquinho. Não quero dormir agora.

Apaguei a luz, de qualquer forma — na escuridão súbita, Grace fez um muxoxo de irritação —, e depois me abaixei para apertar um botão, acendendo uma carreira de luzinhas de Natal presas ao teto. As luzinhas cintilaram em meio às formas estranhas dos meus pássaros giratórios e, no rosto de Grace, projetaram sombras móveis, como o clarão de uma fogueira. Seu muxoxo se transformou numa exclamação admirada.

— É como... — começou ela, mas não terminou.

Fui até a cama e, em vez de me deitar, sentei de pernas cruzadas ao seu lado.

— Parece o quê? — perguntei, passando as costas dos meus dedos em seu estômago.

— Humm — murmurou Grace, fechando parcialmente os olhos.

— É como o quê? — repeti.

— É como olhar as estrelas — disse ela. — Com um gigantesco bando de passarinhos voando na frente.

Suspirei.

— Sam, eu quero mesmo comprar uma cafeteira vermelha, se elas existirem — disse Grace.

— Eu acho uma para você — prometi, pousando então a mão em seu estômago. A pele ardeu sob a minha mão. Isabel me falara para perguntar a Grace se ela estava bem, para não esperar que reclamasse, porque ela só faria isso quando fosse tarde demais. Afinal, não queria me fazer sofrer.

— Grace? — falei, tirando a mão, com medo.

Os olhos dela se desviaram dos pássaros em espiral acima de nós e se fixaram em meu rosto. Ela pegou meu punho e o puxou para que formássemos uma concha com as mãos, seus dedos na minha linha da vida e os meus, na dela.

— O quê? — perguntou ela. Seu hálito cheirava a metal e a remédio: sangue e acetaminofeno.

Eu sabia que devia lhe perguntar o que estava acontecendo, mas só queria mais um minutinho de paz. Mais um momento antes de encararmos a verdade. Por isso fiz uma pergunta para a qual sabia que, naquele momento, não havia resposta correta. Uma pergunta que pertencia a um casal diferente, com um futuro diferente.

— Quando a gente se casar, podemos ver o mar? Eu nunca vi.

— Quando a gente se casar — respondeu ela, sem parecer mentira, embora sua voz fosse suave e triste —, vamos ver todos os mares. Só para dizer que fomos.

Fiquei deitado ao seu lado, nossas mãos enlaçadas sobre o estômago dela, ombro com ombro, e junto observamos, acima de nós, o bando de lembranças felizes guardadas naquele quarto. As luzinhas de Natal piscavam lá em cima. Quando as asas balouçantes obscureciam as lâmpadas, eu me sentia mexer, balançar num barco gigante, contemplando constelações desconhecidas.

Estava na hora.

Fechei os olhos.

— O que está acontecendo com você?

Grace ficou calada durante tanto tempo que comecei a desconfiar de não ter feito a pergunta em voz alta. Por fim, ela disse:

— Não quero dormir. Tenho medo de dormir.

Meu coração não apenas não acelerou, como desacelerou de repente.

— Qual é a sensação?

— Falar dói — sussurrou ela. — E o meu estômago... Ele realmente... — Pus a mão em seu estômago e depois pus a dela sobre a minha. — Sam, estou com medo.

Falar doía demais depois da confissão de Grace. Falei baixinho, porque era tudo o que dava para fazer:

— Acho que vem dos lobos. Você acha que pegou alguma coisa daquele lobo, sabe-se lá como?

— Acho que é um lobo — respondeu Grace. — O lobo que nunca fui. É essa a sensação, como se eu quisesse me transformar e jamais me transformasse.

Minha mente revisou rapidamente tudo o que eu já ouvira sobre os lobos e sobre a nossa doença brilhantemente destrutiva, mas para aquilo não havia precedentes. Grace era única.

— Me diga, você ainda sente? Sente o lobo dentro de você? Ou ele não existe mais? — indagou ela.

Suspirei e pousei minha testa de encontro ao seu rosto. Claro que o lobo continuava lá. Claro.

— Grace, vou levar você para o hospital. Vamos fazer com que descubram o que há de errado. Não me importo de contar o que for preciso para que acreditem.

— Não quero morrer num hospital — disse ela.

— Você não vai morrer — garanti, erguendo a cabeça para encará-la. — Ainda não estou disposto a parar de compor músicas sobre você.

Grace esboçou um sorriso torto e depois me obrigou a deitar, para que pudesse pousar a cabeça em meu peito. Fechou os olhos.

Eu não fechei os meus. Observei-a e observei as sombras dos pássaros atravessarem seu rosto e... desejei. Desejei mais lembranças felizes para pendurar no teto, tantas lembranças felizes com aquela garota que elas não mais caberiam no teto e sairiam voando pelo corredor e casa afora.

Uma hora depois, Grace começou a vomitar sangue.

Eu não podia ligar para a emergência e ajudá-la ao mesmo tempo, por isso deixei-a encostada contra a parede do corredor, uma trilha fina do seu sangue indicando o caminho feito por nós desde o quarto, enquanto eu falava ao telefone sem jamais tirar os olhos dela.

Cole — eu não me lembrava de tê-lo chamado — surgiu no alto da escada e, silenciosamente, nos trouxe toalhas.

— Sam — disse Grace, numa vozinha fina e desolada —, meu cabelo.

Era a menor coisa do mundo o sangue nas pontas do seu cabelo. Era a maior coisa do mundo o fato de Grace ter perdido o controle. Enquanto Cole a ajudava a apertar uma toalha de encontro à boca e ao nariz, desajeitadamente preendi seu cabelo num rabo de cavalo, longe do rosto. Então, ouvimos a ambulância entrar, ajudamos Grace a ficar de pé e tentamos fazê-la descer as escadas sem voltar

a vomitar. Os pássaros estremeciam e balançavam à nossa volta enquanto saíamos apressados, como se quisessem nos seguir. Porém, seus barbantes curtos demais não permitiam.

CAPÍTULO 47

GRACE

Era uma vez uma garota chamada Grace Brisbane. Nada havia de muito especial ao seu respeito, salvo ser ótima com números, muito boa mentirosa e sentir-se em casa dentro das páginas de um livro. Ela amava todos os lobos que viviam atrás da sua casa, mas amava um deles mais que todos.

Esse lobo a amava também. Ele a amava tanto que mesmo as coisas que não eram especiais a seu respeito tornaram-se especiais: o jeito como ela batia o lápis nos dentes, sua voz desafinada cantando no chuveiro, a maneira como seu beijo fazia com que ele soubesse que era para sempre.

A lembrança dela era feita de imagens avulsas: ser arrastada pela neve por um bando de lobos, o primeiro beijo com sabor de laranja, o adeus através de um para-brisa estilhaçado.

Uma vida feita de promessas do que podia ser: as possibilidades contidas em um maço de formulários universitários, a excitação de

dormir sob um teto desconhecido, o futuro que morava no sorriso de Sam.

Era uma vida que eu não queria abandonar.

Era uma vida que eu não queria esquecer.

Eu não havia terminado ainda. Tinha muito mais a dizer.

CAPÍTULO 48

S_{AM}

*Luzes piscando
portas anônimas
meu coração fugindo em gotas
ainda estou acordando
mas ela continua dormindo
este CTI é
um hotel para os mortos*

CAPÍTULO 49

COLE

Não sei por que fui com Sam para o hospital. Sabia que podiam me reconhecer — embora parecesse remota a possibilidade de alguém me identificar com a barba por fazer e as olheiras escuras. Também sabia que podia me transformar se meu corpo resolvesse sucumbir aos caprichos do frio. Porém, quando enfiou a chave na porta do automóvel para seguir a ambulância, Sam olhou demoradamente para a própria mão ensanguentada e precisou tentar duas vezes até acertar o buraco da fechadura.

Eu ficara para trás, pronto para sumir se sentisse que o frio da madrugada me faria virar um lobo, mas quando vi a mão dele, dei um passo à frente e peguei a chave.

— Entre — falei, apontando com a cabeça o banco do carona.

E foi o que ele fez.

Por isso, lá estava eu, de pé no quarto de hospital de uma garota que mal conhecia, com um rapaz que conhecia apenas um pouco melhor, sem saber ao certo por que me dava esse trabalho. O

quarto estava cheio — dois médicos, um sujeito que achei ser um cirurgião e um verdadeiro exército de enfermeiras. Houve um bocado de conversas abafadas, com termos técnicos suficientes para fazer qualquer um vomitar, mas peguei o espírito da coisa. Eles não faziam ideia do que havia de errado, e Grace estava morrendo.

Não permitiram que Sam ficasse a seu lado, o que o fez se sentar numa cadeira no canto, os cotovelos apoiados nos joelhos e o rosto coberto por uma das mãos.

Eu também não sabia o que fazer, por isso fiquei a seu lado, me perguntando se, antes de ser mordido, eu teria sido capaz de captar o odor da morte que pairava no ar do CTI.

Um celular tocou aos meus pés, um toque ríspido e profissional que percebi vir do bolso de Sam. Em câmera lenta, ele o tirou do bolso e olhou para o visor.

— É Isabel — disse numa voz rouca. — Não posso falar com ela. Peguei o telefone de suas mãos indiferentes e atendi.

— Isabel.

— Cole? — indagou ela. — É o Cole?

— Sim.

Em seguida, vieram as palavras mais sinceras que eu já ouvira da boca de Isabel:

— Ah, não.

Não falei nada, mas o barulho ao fundo deve ter denunciado tudo.

— Vocês estão no hospital?

— Estamos.

— O que disseram?

— O mesmo que você. Eles não fazem ideia.

Isabel repetiu várias vezes, baixinho, o mesmo palavrão.

— Ela está muito mal, Cole? Você tem como dizer?

— Sam está bem aqui.

— Ótimo — comentou ela num tom duro. — Que ótimo!

De repente, uma das enfermeiras disse:

— Cuidado!

Grace meio se ergueu um pouco e voltou a vomitar sangue sobre a enfermeira, que se afastou sem alarde para lavar as mãos enquanto outra enfermeira tomava seu lugar, estendendo para Grace uma toalha.

Grace voltou a desabar na cama. Disse algo que as enfermeiras não conseguiram entender.

— O que foi, meu bem?

— *Sam* — ganiu Grace. Foi um som horrível, ao mesmo tempo animal e humano, assustadoramente semelhante ao grito do cervo. Sam se pôs de pé de um salto, justo quando um casal entrou decidido no quarto já lotado.

Vi uma das enfermeiras protestar contra a intrusão de ambos enquanto eles se dirigiam direto a nós, mas ela não teve tempo de dizer coisa alguma.

— Filho da mãe! — exclamou o homem, dando um murro na boca de Sam.

CAPÍTULO 50

SAM

O murro de Lewis Brisbane demorou para começar a doer, como se meu corpo não pudesse crer no que acabara de acontecer com ele. Quando a dor finalmente começou a me dominar, passei a ouvir um zumbido no ouvido esquerdo e tive que me agarrar à parede para não cair de costas em cima de uma cadeira. Eu ainda estava enjoado com o som da voz de Grace.

Por um átimo de segundo, vislumbrei uma imagem absolutamente clara da mãe de Grace observando a cena, o rosto vazio como se esperasse que uma expressão se instalasse ali, impassível, antes que o pai de Grace me atingisse de novo.

— Eu mato você! — disse.

Apenas olhei aparvalhado para seu punho, com os ouvidos ainda zumbindo por causa do primeiro soco. A maior parte da minha mente continuava com Grace, na cama do hospital, e o pouco que me sobrara para dedicar a Lewis Brisbane não conseguiu acreditar que ele fosse me acertar outra vez. Sequer pisquei.

Antes que seu punho voltasse a colidir com meu rosto, Brisbane vacilou, lutando para manter o equilíbrio. À medida que minha visão clareava e a audição retornava, tudo de uma só vez, vi Cole puxá-lo para trás, como se o pai de Grace não passasse de um saco de batatas.

— Calminha, grandalhão — disse Cole. E depois, voltando-se para as enfermeiras, continuou: — Estão olhando o quê? Ajudem o sujeito que acabou de ser agredido.

Balancei a cabeça recusando o saco de gelo oferecido pelas enfermeiras, mas aceitei uma toalha para a minha testa ferida. Enquanto isso, ouvi Cole dizer ao sr. Brisbane:

— Vou deixar passar. Não me faça obrigar o hospital a nos expulsar daqui.

Fiquei ali, vendo os pais de Grace abrirem caminho até a cama da filha, e não me ocorreu o que fazer. Tudo de concreto em minha vida estava se esfarelando, e eu não sabia qual era o meu lugar naquele exato momento.

Vi Cole me observando, e, sei lá por quê, seu olhar me lembrou da toalha na minha mão e do lento correr do sangue, conforme ele brotava na minha pele. Levei a toalha à testa. Levantar o braço me fez ver pontinhos coloridos dançantes.

A meu lado, uma enfermeira falou:

— Com licença... Sam? Como você não é parente, não pode permanecer aqui. Eles nos pediram para mandar você sair.

Limitei-me a olhá-la, sentindo um vazio absoluto. Não sabia o que esperavam que eu dissesse. *A minha vida está naquela cama. Por favor, me deixem ficar.*

A enfermeira fez uma careta.

— Sinto muito *mesmo* — desculpou-se, olhando de esguelha para os pais de Grace. Você fez muito bem trazendo-a para cá.

Fechei os olhos. Podia ver os pontinhos coloridos mesmo de olhos fechados. Tive a impressão de que, se não me sentasse logo, meu corpo faria isso por mim.

— Posso dizer a ela que vou sair?

— Não acho uma boa ideia — contestou uma das outras enfermeiras, passando apressada com alguma coisa nos braços. — Melhor deixá-la pensando que ele ainda está aqui. Ele pode voltar se... — Ela hesitou antes de acrescentar: — Peça que fique por perto.

Por um segundo, me esqueci de respirar.

— Vamos — disse Cole, olhando por cima do ombro para o sr. Brisbane, que me observava com uma expressão complicada. Cole apontou para ele e disse: — *Você é que é um babaca.* Ele tem mais direito de ficar aqui do que você.

Porém, amor não é algo quantificável, e por isso precisei abandonar Grace.

COLE

Quando Isabel chegou ao hospital, o dia começava a raiar do outro lado do vidro canelado das janelas da cantina.

Grace estava morrendo. Esse tanto eu depreendi da conversa das enfermeiras antes de sair do quarto. Ela estava vomitando todo o sangue do corpo, recebendo vitamina K e transfusões para retardar o processo, mas a morte acabaria chegando.

Eu ainda não havia dito isso a Sam, mas achei que ele sabia.

À minha frente, Isabel bateu com um guardanapo na mesa, junto à toalha manchada de Sam. Levei um momento para reconhecer no guardanapo o fluxograma que eu rabiscara na lanchonete. Nele se lia META, me levando a recordar quanta coisa eu revelara a Isabel. Ela desabou na cadeira de plástico à minha frente. Tudo nela expressava *raiva raiva raiva*. Estava totalmente sem maquiagem,

salvo vestígios borrados de rímel nos dois olhos, que pareciam residir ali há algum tempo.

— Cadê o Sam?

Gesticulei na direção das janelas da cantina. Sam era uma mancha mais escura de encontro ao céu ainda escuro. Com os braços entrelaçados atrás da cabeça, ele olhava para o nada. Tudo o mais havia se mexido naquela sala com o passar do tempo: a luz projetada nas tenebrosas paredes cor de laranja, conforme o sol lentamente nascia; as cadeiras ocupadas e desocupadas à medida que os funcionários do hospital entravam e saíam na hora do café; o servente com seu escovão e a placa de PISO MOLHADO. Sam era o pivô em torno do qual tudo girava.

Isabel disparou mais uma pergunta:

— Por que você veio?

Eu mesmo ainda não sabia.

— Para ajudar — respondi, dando de ombros.

— Então ajude — disse ela, empurrando o guardanapo mais para perto de mim. E, num tom mais alto, chamou: — Sam.

Ele baixou as mãos, mas não se virou. Honestamente, fiquei surpreso por ter se mexido.

— *Sam* — repetiu Isabel, e dessa vez ele se virou para nós. Ela apontou para o balcão self-service e para o caixa do outro lado da cantina. — Pegue um café para nós.

Eu não soube dizer o que mais me espantou: se o fato de Isabel mandá-lo pegar um café ou o de ele obedecer, embora sem expressão alguma. Voltei minha atenção para ela.

— Uau. Logo quando eu pensava que já tinha visto sua maior demonstração de frieza.

— Essa foi uma demonstração de bondade — retorquiu Isabel. — De que adianta ele ficar olhando lá para fora?

— Sei lá. Vai ver está se lembrando de todos os dias que ele e a namorada tiveram, antes que ela morra.

Isabel me encarou.

— Você acha que isso vai ajudar você com Victor? Porque a mim não ajuda quando penso em Jack — disse, afundando um dedo no guardanapo. — Fale comigo. Disto aqui.

— Não vejo o que isto tem a ver com Grace.

Sam pousou os dois copinhos de café na mesa, um na minha frente, outro na frente de Isabel. Para ele, nada.

— Ela está sofrendo da mesma coisa que matou aquele lobo que você e Grace encontraram — disse Sam, numa voz débil, como se há muito não a usasse. — Aquele cheiro é peculiar demais. É a mesma coisa.

E ficou ali, em pé, como se sentar implicasse em concordar com alguma coisa.

Olhei para Isabel:

— O que leva você a pensar que posso fazer algo que os médicos não podem?

— Você é um gênio — respondeu Isabel.

— Essa gente toda é — rebati.

— Porque você sabe — disse Sam.

Isabel empurrou novamente o guardanapo na minha direção. Mais uma vez, me vi com meu pai à mesa da sala de jantar, ele me confrontando com um problema. Ou então sentado, ouvindo uma de suas aulas na faculdade aos 16 anos, com ele olhando para as minhas divagações escritas nos trabalhos, buscando indícios de que o filho seguiria suas pegadas. Ou me vi numa das premiações presididas por ele, cercado de camisas engomadas e gravatas acadêmicas antigas, ouvindo-o dizer a todos, numa voz que não admitia contradição, que eu seria o máximo.

Pensei apenas naquele gesto simples de algumas horas antes, quando Sam pôs a mão no pescoço de Grace.

Pensei em Victor.

Peguei o guardanapo.

— Vou precisar de mais papel.

CAPÍTULO 51

SAM

Nunca houve noite mais longa que aquela: Cole e eu na cantina, revisando cada detalhe da metamorfose até que o cérebro dele estivesse cheio e Isabel e eu fôssemos mandados embora. Ele continuou sentado com a cabeça entre as mãos e um papel à frente. Para mim, era incrível pensar que tudo o que eu queria, tudo o que eu sempre quis, estivesse sobre os ombros de Cole St. Clair, sentado diante de uma mesa de plástico olhando para um guardanapo rabiscado. Mas que outra alternativa me restava?

Fugi da cantina para me sentar do lado de fora do quarto dela, com as costas encostadas à parede e a cabeça entre as mãos. Contra a vontade, minha mente gravava cada detalhe daquelas paredes, daquele lugar, daquela noite.

Eu não tinha esperança de que me permitissem vê-la.

Por isso, rezei apenas para que não saíssem do quarto para me avisar que ela partira. Rezei para que a porta não se abrisse. *Fique viva.*

CAPÍTULO 52

SAM

Isabel apareceu e me arrastou pelos corredores cheios de atividade matutina até uma escada vazia onde Cole me aguardava. Ele esbanjava uma energia inquieta, as mãos fechadas em punho batendo de leve uma contra a outra, uma sobre a outra.

— Muito bem, não posso prometer nada — disse ele. — Não passa de suposição, mas tenho... Tenho uma teoria. A questão é que, mesmo que funcione, não há como comprovar se estou certo, apenas que estou errado. — Como eu não disse nada, prosseguiu: — Qual é a maior semelhança entre Grace e aquele lobo? — Ele aguardou. Supus que esperasse uma resposta minha.

— O cheiro.

Isabel acrescentou:

— Foi o que eu pensei também. Embora seja bastante óbvio, agora que Cole mencionou.

— A transformação — interveio Cole. — Tanto o lobo quanto Grace não passavam por uma transformação desde... O quê? Uns

dez anos ou mais? Esse é o tempo que leva para os lobos que pararam de se transformar morrerem, certo? Sei que você disse que esse era o ciclo natural de vida de um lobo, mas acho que não é assim. Acho que todo lobo que morreu sem se transformar morreu como aquele lobo: *de* alguma coisa. Não de velhice. E acho que é isso o que está matando Grace.

— O lobo que ela nunca foi — falei, me lembrando repentinamente de algo que ela dissera na noite anterior.

— Exatamente — concordou Cole. — Acho que eles morrem porque não estão mais se transformando. Não acho que a transformação seja a maldição. Acho que o que quer que esteja obrigando nossos corpos a se transformar é que é o bandido.

Pisquei.

— Não é a mesma coisa — insistiu Cole. — Uma coisa é a transformação ser a doença; outra, totalmente diferente, é a transformação ser causada pela doença. É essa a minha teoria, que, em termos de ciência, nem preciso dizer, não passa de bosta. É ciência sem microscópios, sem exames de sangue, sem realidade. De qualquer forma, Grace foi mordida. Quando isso aconteceu, foi injetado o que chamaremos de toxina lupina, por falta de outro termo. Seja o que for, esse cuspe de lobo realmente faz mal. Digamos que a transformação é o mocinho e que alguma coisa no cuspe desse lobo dê início a uma reação defensiva por parte do corpo, que a transformação purgue a toxina. Toda vez que a transformação acontece, o corpo se livra da toxina. E, por algum motivo, essas transformações coincidem com o clima. A menos, é claro...

— Que você pare de se transformar — completou Isabel.

— É. — Cole lançou um olhar para a escada que levava ao andar de Grace. — Se você por acaso destrói a capacidade do seu corpo de usar o calor e o frio como agente causador, a primeira impressão é

a de que se está curado, mas não está. Você está... cultivando a infecção.

Além do cansaço, eu não era cientista. Àquela altura, se Cole me dissesse que a toxina lupina fazia a gente botar ovo, e eu acharia razoável.

— Muito bem. Parece bom, apesar de vago. Qual é a conclusão? O que você está sugerindo?

— Acho que ela precisa se transformar — respondeu Cole.

Levei tempo demais para me dar conta do que ouvira.

— Se transformar em lobo?

— Se eu estiver certo — disse Cole, dando de ombros.

— Você está certo?

— Não sei.

Fechei os olhos. Sem abri-los, acrescentei:

— E suponho que você tenha uma teoria de como forçar a transformação dela.

Meu Deus, Grace. Eu não acreditava no que havia dito.

— O mais simples é o mais fácil — falou Cole.

De repente, imaginei os olhos castanhos de Grace numa cara de lobo. Cruzei os braços, tentando me acalmar.

— Ela precisa ser mordida novamente.

Meus olhos se abriram de estalo, e encarei Cole.

— Mordida.

Cole fez uma careta.

— É uma suposição embasada. Algo interferiu na cadeia que comanda a transformação, e se o detonador original for repetido, talvez o processo volte ao início. Só que desta vez ela não vai assar no carro.

Tudo em mim protestava contra a ideia. De perder Grace, de perder o que a tornava Grace. De atacá-la quando ela estava

morrendo. De tomar decisões como aquela, nas coxas, por não haver tempo.

— Mas leva semanas ou meses para alguém se transformar depois de mordido.

— Acho que é o tempo necessário para que a toxina se instale — disse Cole. — Mas Grace, obviamente, já a tem. Se eu estiver correto, ela se transformará imediatamente.

Entrelacei os braços atrás da cabeça e virei as costas a Cole e Isabel, encarando a parede de concreto azul clara.

— E se você estiver errado?

— Saliva de lobo numa ferida aberta provavelmente vai matá-la de hemorragia na hora, porque aparentemente a toxina está destruindo sua capacidade de coagulação.

Os dois me deixaram andar para lá e para cá um bom tempo, e então Isabel, numa voz grave em meio ao silêncio, disse:

— Se você estiver certo, Sam também vai morrer.

— Vai — confirmou Cole, numa voz tão fria que indicava que aquilo já lhe passara pela cabeça. — Se eu estiver certo, daqui a uns dez ou doze anos, a cura dele também deixará de ser cura.

Dava para acreditar numa teoria científica elaborada na cantina de um hospital, em meio a cafés mornos e guardanapos amassados?

Era tudo o que eu tinha.

Finalmente me virei e olhei para Isabel. Com a maquiagem borrada, o cabelo desarrumado e os ombros pendendo sob o peso da incerteza, ela parecia uma garota totalmente diferente tentando se disfarçar de Isabel.

— Como vamos entrar naquele quarto? — indaguei.

CAPÍTULO 53

ISABEL

Sobrou para mim tirar os pais de Grace do quarto. Os dois odiavam Sam, e por isso não podia ser ele. Da mesma forma, a força física de Cole seria necessária em outro lugar, o que o descartava. Me ocorreu, enquanto eu atravessava o corredor a caminho do quarto de Grace, que estávamos contando com o fracasso da solução de Cole, porque do contrário todos iríamos enfrentar um problemaço.

Esperei que uma enfermeira saísse do quarto e depois entreabri a porta. Dei sorte. Só a mãe estava sentada ao lado da cama, olhando pela janela e não para Grace. Tentei não olhar para ela, deitada ali, muda e branca, a cabeça caída para um dos lados.

— Sra. Brisbane — chamei no meu tom mais colegial.

Ela ergueu os olhos e reparei, com uma certa satisfação em nome de Grace, que seus olhos estavam vermelhos.

— Isabel...

— Vim assim que soube. Posso... Posso falar com a senhora um minuto?

Ela me encarou durante um instante e só depois pareceu se dar conta do que eu pedira.

— Claro.

Hesitei à porta. *Anda, Isabel.*

— Hã... Não na frente de Grace, sabe, ela vai... — aponte para o meu ouvido.

— Ah, sim — disse a mãe dela. — Tudo bem.

Ela provavelmente estava curiosa sobre o que eu tinha a dizer. Honestamente, eu também estava. Minhas mãos suavam de nervosismo.

Ela deu uma palmadinha na perna de Grace e ficou de pé. Quando saiu no corredor, apontei disfarçadamente para Sam, que, como havíamos combinado, estava de pé a alguns metros, do outro lado da porta. Assim como eu, parecia prestes a vomitar.

— Perto dele também não — sussurrei.

Recordei, de repente, ter dito a Sam que ele não levava jeito para enganar. Enquanto meu estômago se revirava e eu planejava o que confessar à mãe de Grace, pensei que carma era algo terrível.

COLE

Assim que Isabel arrancou a sra. Brisbane do quarto — será que só ela estava lá dentro? Só tinha um jeito de descobrir, afinal — chegou a minha vez. Enquanto Sam vigiava para que nenhuma enfermeira me flagrasse, entrei sorrateiramente. O quarto cheirava a sangue, podridão e medo, e meu instinto lupino despertou dentro de mim, sussurrando para eu sair dali.

Ignorei-o e fui direto até Grace. Ela parecia feita de peças separadas que haviam sido colocadas na cama e montadas em ângulos estranhos. Eu sabia que meu tempo era curto.

Fiquei surpreso quando me ajoelhei ao lado do seu rosto e vi seus olhos abertos, embora as pálpebras estivessem pesadas.

— Cole — disse ela no timbre longo e grave de uma garotinha sonolenta, alguém que não aguentaria muito mais tempo acordada.

— Cadê o Sam?

— Está aqui — menti. — Não tenta olhar.

— Estou morrendo, não é? — murmurou Grace.

— Não tenha medo — respondi, mas não ao que ela havia dito. Abri as gavetas do carrinho ao lado da cama até encontrar o que procurava: um conjunto de coisas afiadas e brilhantes. Escolhi uma que me pareceu mais lógica e peguei a mão de Grace.

— O que você está fazendo? — indagou ela, apesar de alheia o bastante para não se incomodar.

— Transformando você em lobo — respondi. Ela não piscou, nem mesmo demonstrou curiosidade. Respirei fundo, estiquei sua pele e fiz um minúsculo corte em sua mão. Novamente, ela não se mexeu. A ferida sangrava demais. — Desculpe, isso vai ser nojento, mas infelizmente sou o único que pode realizar a tarefa.

Os olhos de Grace se abriram um pouco mais enquanto eu enchia a boca de cuspe. Não sabia sequer o volume de saliva necessário para infectá-la novamente. Beck havia reduzido o processo a algo elegantemente científico; ele pensava em tudo, até mesmo em uma seringa que conservava num refrigerador.

— Acredite, é menos assustador assim — havia me dito.

Minha boca começou a secar só de pensar em Isabel perdendo o controle da mãe de Grace. O sangue jorrava do minúsculo corte, como se eu tivesse aberto uma veia.

Os olhos de Grace iam se fechando, embora eu pudesse ver que ela lutava para mantê-los abertos. O sangue empoçava no chão sob a mão dela. Se estivesse errado, eu havia acabado de matá-la.

SAM

Cole veio até a porta, tocou meu cotovelo e me puxou para dentro. Em seguida, trancou a porta e empurrou uma mesinha cirúrgica de

encontro a ela, como se isso fosse capaz de impedir a entrada do quem quer que fosse.

— Este é o momento da verdade — disse ele numa voz pouco firme. — Se não funcionar, ela vai embora, mas você tem ainda um instante com ela. Se funcionar... bem, vamos ter que tirá-la daqui às pressas. Quero que você se prepare porque...

Passei por ele e minha visão vacilou. Eu já havia visto aquela quantidade de sangue quando os lobos matavam uma presa, e o sangue era tanto que coloria de escarlata vários metros de neve. E já tinha visto aquela quantidade do sangue de Grace antes, anos antes, quando eu era apenas um lobo e ela, apenas uma menina que estava morrendo. Porém, eu não me preparara realmente para vê-lo de novo.

Minha boca formou a palavra *Grace*, que não soou nem mesmo como um sussurro. Eu estava a seu lado, mas também a milhas de distância.

Agora ela começava a tremer e a tossir, e suas mãos agarravam as barras da cama do hospital.

Do outro lado do quarto, Cole vigiava a porta. A maçaneta girava.

— A janela — indicou ele.

Encarei-o.

— Ela não está morrendo — disse Cole com os olhos esbugalhados. — Está se transformando.

Voltei a olhar para a garota na cama, e ela me retribuiu o olhar.

— Sam...

Grace estremecia e seus ombros se encolhiam. Não fui capaz de observá-la sofrendo a agonia da transformação. Grace virando lobo. Grace, como Beck, Ulrik e todos os lobos antes dela, sumindo na floresta.

Eu ia perdê-la.

Cole correu até a janela e abriu o ferrolho.

— Sinto muito, telas — desculpou-se, arrancando-as com o pé. Eu continuei imóvel. — Sam, você quer que a encontrem desse jeito?

Aproximou-se então da cama, e juntos levantamos Grace.

Ouvi a porta sendo arrombada e gente chamando do outro lado.

Era uma queda de mais de um metro da janela do hospital. A manhã ensolarada de verão parecia absolutamente normal, mas não era. Cole saltou primeiro, praguejando ao cair sobre os arbustos rasteiros, enquanto eu equilibrava Grace no parapeito. Cada vez menos ela era Grace nos meus braços, e quando Cole a aparou no chão, ela vomitou na grama.

— Grace — falei, com a visão vacilante por causa do sangue que manchava meus pulsos. — Está me ouvindo?

Ela assentiu e depois caiu de joelhos. Ajoelhei-me a seu lado. Seus olhos enormes estampavam medo, e meu coração se partiu.

— Eu vou encontrar você, prometo que o farei. Não me esqueça. Não... não se perca.

Grace estendeu a mão para pegar a minha e se desequilibrou, evitando por pouco sua queda.

Então ela gritou, e a garota que eu conhecia se foi, deixando apenas um lobo de olhos castanhos em seu lugar.

Não consegui me pôr de pé. Ajoelhado, perdido, vi o lobo cinza-escuro se afastar de mim e de Cole lentamente. Da nossa condição humana. Achei impossível respirar.

Grace.

— Sam — disse Cole —, posso mandar você com ela. Posso forçar a sua transformação.

Por um breve instante, eu vi. Me vi estremecendo novamente e virando lobo, vi as minhas primaveras, me vi temendo as correntes de ar, ouvi o som que eu fazia ao me perder de mim mesmo. Lembrei do momento em que me dei conta de que seria o meu

último ano e que pelo resto da vida estaria aprisionado num corpo que não era o meu.

Me lembrei de ficar no meio da rua em frente à livraria The Crooked Bookshelf, plenamente certo de um futuro. Eu ouvira os lobos uivando atrás da casa e me lembrei de como era bom ser humano.

Eu não podia. Grace teria que entender. Eu não podia.

— Cole — pedi. — Saia logo daqui. Não lhes dê mais motivos para olhar para você. Por favor...

Aos poucos me pus de pé, passei pelas portas automáticas de vidro, voltei para a emergência e, coberto de sangue, o sangue da minha namorada, menti divinamente pela primeira vez na vida.

— Eu tentei impedi-la.

CAPÍTULO 54

SAM

Em resumo é isto: eu a teria perdido de um jeito ou de outro.

Se Cole não a infectasse novamente, eu a teria perdido na cama do hospital. Agora a toxina lupina dele corre nas veias dela, e eu a perdi para o bosque, como costumo perder tudo que amo.

Então aqui estou. Sou um garoto vigiado — pelos olhos desconfiados dos pais dela, pois eles não podem provar que raptei Grace, ainda que acreditem nisso —, um garoto vigilante — pois a amargura de Tom Culpeper é cada vez mais palpável nesta cidade minúscula, e eu *não vou* enterrar o corpo de Grace — e um garoto que espera — pelo calor e pela abundância do verão, para ver quem virá da floresta em busca de mim. Espero pela minha linda namorada estival.

Em algum lugar distante o destino ri, pois agora sou eu o humano e é Grace que vou perder mais e mais, *immer wieder*, sempre igual, todo inverno, perdendo mais a cada ano, até ser

capaz de encontrar uma cura. Uma cura genuína, desta vez, e não um truque.

Claro que não se trata apenas da cura de Grace. Daqui a quinze anos, será a minha cura e a cura de Cole, a cura de Olívia. E quanto a Beck? Será que sua mente *ainda* dorme dentro daquele corpo de lobo?

Continuo a observá-la como sempre observei, e ela me observa com aqueles olhos castanhos na cara de um.

Esta é a história de um garoto que era um lobo e de uma garota que se tornou um.

Não permitirei que este seja o meu adeus. Transformei em mil pássaros de papel as lembranças de nós dois e formulei um desejo.

Vou encontrar uma cura. E, então, hei de encontrar Grace.

PUBLISHER

Kaike Nanne

EDITORA EXECUTIVA

Carolina Chagas

EDITORA DE AQUISIÇÃO

Renata Sturm

EDITORA AGIR NOW

Giuliana Alonso

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Thalita Aragão Ramalho

REVISÃO DE TRADUÇÃO

Hugo Langone

REVISÃO

Eni Valentim Torres

Taynée Mendes

DIAGRAMAÇÃO

Filigrana

CAPA

Nathalia Barone

IMAGENS DE CAPA

Yuta Onoda e IStock